

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

João Paulo Mariano Domingues

**INSURGÊNCIAS JUVENIS NO CARNAVAL DE RUA EM BELO HORIZONTE:
O BLOCO SEU VIZINHO E A LUTA PELA AFIRMAÇÃO DO TERRITÓRIO**

Belo Horizonte/MG

2019

JOÃO PAULO MARIANO DOMINGUES

**INSURGÊNCIAS JUVENIS NO CARNAVAL DE RUA EM BELO HORIZONTE:
O BLOCO SEU VIZINHO E A LUTA PELA AFIRMAÇÃO DO TERRITÓRIO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas.

Orientador: Geraldo Magela Pereira Leão

**Belo Horizonte/MG
2019**

D671i
T Domingues, João Paulo Mariano, 1987-
Insurgências juvenis no carnaval de rua em Belo Horizonte [manuscrito] : o
bloco Seu Vizinho e a luta pela afirmação do território / João Paulo Mariano
Domingues. - Belo Horizonte, 2019.
199 f. : enc, il.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.
Orientador: Geraldo Magela Pereira
Leão. Bibliografia: f. 186-199.

1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Aspectos sociais -- Teses.
Juventude -- Teses. 4. Juventude -- Cultura -- Teses. 5. Carnaval -- Belo
Horizonte (MG) -- Teses. 6. Movimentos sociais -- Aspectos educacionais -- Belo
Horizonte (MG) -- Teses. 7. Movimentos sociais urbanos -- Belo Horizonte (MG)
-- Teses. 8. Movimentos antiimperialistas -- Teses. 9. Negros -- Identidade racial
-- Teses. 10. Educação -- Finalidades e objetivos -- Teses. 11. Aglomerado da
Serra (Belo Horizonte, MG) -- Cultura -- Teses. 12. Aglomerado da Serra (Belo
Horizonte, MG) -- Movimentos sociais -- Teses.
Título. II. Leão. Geraldo Macela Pereira. III. Universidade
CDD- 303.484

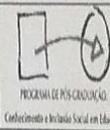
**Catálogo da Fonte* : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de
referência)**

Bibliotecário†: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O
(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma
e na diagramação gráfica da ficha catalográfica‡.)

* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º – "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



FOLHA DE APROVAÇÃO

**INSURGÊNCIAS JUVENIS NO CARNAVAL DE RUA EM BELO HORIZONTE: O
BLOCO SEU VIZINHO E A LUTA PELA AFIRMAÇÃO DO TERRITÓRIO**

JOÃO PAULO MARIANO DOMINGUES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 31 de maio de 2019, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Geraldo Magela Pereira Leão - Orientador
UFMG

Prof(a). José Eustáquio de Brito
UEMG

Prof(a). Lúcia Helena Alvarez Leite
UFMG

Prof(a). Walter Ernesto Ude Marques
UFMG

Belo Horizonte, 2 de março de 2020.

Prof. Andrea Moreno
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social
FAE/UFMG

Dedico este estudo a minha mãe, Sueli,
e ao meu pai, Antônio (*em memória*)

AGRADECIMENTOS

Ao Seu Vizinho, coletivo que me acolheu como gente, como educador e como pesquisador. A cada um/uma que pude compartilhar momentos únicos, especialmente, aos seis jovens sujeitos dessa pesquisa, Paulo Vitor Ribeiro (PV), Diego Henrique Ribeiro (Chassi), Bárbara Luísa Ribeiro (Babi), Núbia Aparecida Ribeiro (Nunú), Matheus Nunes Lobo (Bené) e Marina Lauar Dutra (Marinoca), pela generosidade em compartilhar suas ideias e também histórias de vida.

Ao amigo, parceiro e orientador Geraldo M. P. Leão, pela acolhida cuidadosa e pelo trabalho excepcional de orientação, permeado por palavras e leituras tão pontuais, atenciosas e sábias, o que me incentivou a continuar na busca pelo conhecimento. Sua implicação enquanto orientador e educador permitiram meu crescimento intelectual, profissional e também, o pessoal. Te admiro muito. Você é um exemplo!

Ana Maria Galvão, Lucinha H. Alvarez, Leôncio Soares, Analise da Silva, Paco Soares, Rodrigo E. de Jesus, Shirley Miranda, Rogério C. Cunha, aos mestres/as e educadores/as da FaE/UFMG, que compartilharam comigo suas experiências de vida e conhecimento.

Aos funcionários do Colegiado de Pós-graduação, o cuidado e precisão em atender às demandas possibilitaram que questões burocráticas se resolvessem de modo mais simples.

Aos amigos e parceiros, professores e integrantes, do Observatório da Juventude pela convivência que possibilitou grande aprendizagem. Agradeço muito àqueles que contribuíram com leituras e sugestões para o trabalho. Agradeço, especialmente, aos amigos Juarez, Licínia, Rômulo, Helen, Gabriel, Symaira e Luísa.

À minha família, por me incentivar a percorrer o caminho da pesquisa com tanto entusiasmo e alegria. Especialmente, à minha mãe Sueli, ao meu Pai Antônio e minha irmã Vanessa.

Aos amigos e companheiros desta caminhada de pesquisa, Danilo, Tawani, Heloísa, Mariane, Gustavo, Matheus, Sullivan, Paulo Felipe, Lisa, Bárbara Ramalho, especialmente, Nat, minha companheira de vida e Lucas, meu querido amigo, que compartilharam junto a mim, ótimos momentos desde o início dessa trajetória, além de alguns pequenos momentos de angústias, ansiedade e tensão.

Enfim, a tantas outras pessoas queridas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa.

Serra Resiste

*Fazia tempo que a Serra desse jeito não comemorava.
Fazia tempo que a Serra desse jeito não se misturava.
Tendo direito a uma alegria fugaz, numa ofegante epidemia chamada carnaval.
Logo a favela que sem “f”, festa e funk morre ou passa mal.
Fazia tempo que a Serra desse jeito não comemorava.
Fazia tempo que a Serra desse jeito não se misturava.
Mas resistência é uma coisa que vem de berço pra gente sobreviver nesse sistema visceral.
Ô abram alas! Não embaça! Eu vou curtir! Não peço seu aval!*

*A Serra resiste!
Meu povão jogado às margens
Aqui foi se aglomerando.
A Serra resiste!
E eles lá fazem reforma,
Sempre nos prejudicando.
A Serra resiste!
Morro hoje parece moda.
Pensem em como estão me olhando.
A Serra resiste!
São 100 anos de história!
E o show só tá começando!*

*Agora escute o som do tamborzão que vem lá do Serrão,
Repare na beleza desse meu povão!
Sou bloco de favela, sou perifa sim!
Agora escute o som do tamborzão que vem lá do Serrão,
Olhe pro seu vizinho e abra o coração,
Porque juntos somos fortes! Ninguém tá sozinho!*

*Eu vou descendo a ladeira, fazendo zuera, eu quero é embrazar!
Respeite a nossa cultura. Nossa carne é dura de colonizar.*

(Letra e melodia, Paulo Vitor Ribeiro / Arranjo harmônico, Matheus Lobo)

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa realizada com jovens participantes de um bloco de carnaval de rua constituído no Aglomerado da Serra, na cidade de Belo Horizonte. O presente estudo buscou compreender as experiências vivenciadas por esses jovens a partir dessa ação coletiva. Partiu-se da perspectiva de que, na interlocução com ações coletivas, movimentos sociais e sujeitos políticos diversos, esses jovens produziam práticas de resistências, individuais e coletivas, que questionavam estratégias de manutenção de lógicas dominantes e extrapolavam o caráter de reação e autodefesa, passando a ser criadoras e produtoras de uma cultura educativa e política própria. Para isso, no plano metodológico, a partir de uma abordagem qualitativa realizou-se a integração entre algumas estratégias de coleta de dados, como: a observação participante durante doze meses e a realização de entrevistas com seis jovens idealizadores e organizadores da ação. Do ponto de vista teórico, a pesquisa buscou dialogar com estudos sobre educação, juventude e ações coletivas, bem como preservou um “olhar epistemológico” anticolonial. Esses estudos e olhares permitiram compreender e problematizar, limites, desafios e potencialidades das experiências juvenis relacionados ao campo social, político e cultural. A análise dos dados possibilitou perceber que longe de se subordinar a hegemonia moderna/colonial, a experiência do Seu Vizinho se mostrou uma forma de existência, resistência e afirmação cultural e política de grupos sociais excluídos socialmente, marginalizados culturalmente e explorados economicamente, com seus corpos, territórios e modos de vida. As experiências de vida dos jovens, das crianças, das mulheres e mães, o processo de construção, organização e transformação da ação coletiva, o território e as constantes reflexões sobre as práticas e temas que faziam parte do seu cotidiano, produziram uma outra experiência social, política e cultural. Pode-se dizer que o rico encontro cultural proporcionado pelo Seu Vizinho com uma forte base cultural negra, desde sua idealização possuía um modo de organização próprio, que se moldava e se transformava no encontro e no compartilhamento de saberes e conhecimentos de cada um.

Palavras-chave: juventude, ações coletivas, carnaval de rua, práticas de resistência, processos educativos, movimento educador

RESÚMEN

Esta disertación es el resultado de una investigación realizada con jóvenes participantes de un bloque de carnaval callejero constituido en el Aglomerado da Serra, en la ciudad de Belo Horizonte. El presente estudio buscó comprender las experiencias vivenciadas por esos jóvenes desde esa acción colectiva. Se partió de la perspectiva de que, en la interlocución con acciones colectivas, movimientos sociales y sujetos políticos distintos, esos jóvenes producían prácticas de resistencias, individuales y colectivas, que cuestionaban estrategias de mantenimiento de lógicas dominantes y extrapolaban el carácter de reacción y autodefensa, pasando a ser creadoras y productoras de una cultura educativa y política propia. Para eso, en el plan metodológico, a partir de un abordaje cualitativo se realizó la integración entre algunas estrategias de recolección de datos, como: la observación participante durante doce meses y la realización de entrevistas con seis jóvenes idealizadores y organizadores de la acción. Desde el punto de vista teórico, la investigación buscó dialogar con estudios sobre educación, juventud y acciones colectivas, así como preservó una "mirada epistemológica" anticolonial. Estos estudios y miradas permitieron comprender y problematizar, límites, desafíos y potencialidades de las experiencias juveniles relacionadas al campo social, político y cultural. El análisis de los datos permitió percibir que lejos de subordinarse a la hegemonía moderna/colonial, la experiencia de Seu Vizinho/Su Vecino se mostró una forma de existencia, resistencia y afirmación cultural y política de grupos sociales excluidos socialmente, marginados culturalmente y explotados económicamente, con sus cuerpos, territorios y modos de vida. Las experiencias de vida de los jóvenes, de los niños, de las mujeres y madres, el proceso de construcción, organización y transformación de la acción colectiva, el territorio y las constantes reflexiones sobre las prácticas y temas que formaban parte de su cotidiano, produjeron otra experiencia social política y cultural. Se puede decir que el rico encuentro cultural proporcionado por Seu Vizinho/Su Vecino con una fuerte base cultural negra, desde su idealización poseía un modo de organización propio, que se moldeaba y se transformaba en el encuentro y en el intercambio de saberes y conocimientos de cada uno.

Palabras-clave: juventud, acciones colectivas, carnaval callejero, prácticas de resistencia, procesos educativos, movimiento educador

LISTA DE FIGURAS/ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Desfile de Carnaval 2015	51
Figura 2: Primeira logomarca com nome e lema	53
Figura 3: Mapa do Aglomerado da Serra	90
Figura 4: Centro Cultural Vila Marçola - CCVM	112
Figura 5: Kombi utilizada para transporte de instrumentos e outros	114
Figura 6: Casinha 1 (Portão branco e paredes verdes)	116
Figura 7: Casinha 2	117
Figura 8: Reunião de Papo Reto	125
Figura 9: Lanche após a oficina de percussão	131
Figura 10: Oficina de Percussão - Teoria	133
Figura 11: Oficina de Percussão - Prática	133
Figura 12: Primeiro ensaio de carnaval para o desfile de 2018	135
Figura 13: Pós cortejo realizado na Vila Marçola - região do "Pocinho"	140
Figura 14: Abertura do desfile de carnaval de 2018	142
Figura 15: Abertura do desfile 2019 com a "Benção" das Vizinhas das Cantigas	143
Figura 16: Desfile de carnaval de 2019	145
Figura 17: Participação das crianças do Seu Vizinho em um cortejo	166

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Autodeclaração e experiências comuns dos jovens	82
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACES – Associação Cultural da Serra
APCBH – Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte
B1 – Brigada 1 de combate a Incêndios Florestais
BHTrans - Empresa de transportes e Trânsito de Belo Horizonte
CCVM – Centro Cultural Vila Marçola
CEPEP – Centro Educacional Professor Estevão Pinto
COPOM – Central de Operações Policiais Militares
CRT – Centro de treinamento e Referência em Doenças Infecciosas e Parasitárias
ELA – Escola Livre de Artes
FaE – Faculdade de Educação
FAN – Festival de Arte Negra
FGTS – Fundo de Garantia de Tempo de Serviço
FIES – Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
FMC – Fundação Municipal de Cultura
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES – Instituição de Ensino Superior
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBTQI+ - Lésbicas, Gay, Bissexuais, Transsexuais, Queers, intersexuais
LMIC – Lei Municipal de Incentivo a Cultura
ONG – Organização não Governamental
OSC – Organização da Sociedade Civil
PMBH – Prefeitura Municipal de Belo Horizonte
PNEM – Pacto Nacional pelo fortalecimento do Ensino Médio
PROUNI – Programa Universidade para todos
PSoL – Partido Socialismo e Liberdade
PUC/MG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
REUNI – Reestruturação e expansão das Universidades Federais
SEB/MEC – Secretaria de Educação Básica / Ministério da Educação e Cultura
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEE – Secretarias Estaduais de Educação
TCC – Trabalho de conclusão de curso
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. “CORTEJOS” METODOLÓGICOS	19
2. “TENDO DIREITO A UMA ALEGRIA FUGAZ, NUMA OFEGANTE EPIDEMIA CHAMADA CARNAVAL”: DE ONDE PARTE O SEU VIZINHO? 27	
2.1. APONTAMENTOS SOBRE O CARNAVAL DE RUA DA CAPITAL MINEIRA	28
2.1.1. A história do carnaval na cidade: entre o “Corso” e os “Blocos”	30
2.1.2. Uma ocupação insurgente: o atual carnaval de rua de Belo Horizonte.....	34
2.2. OS JOVENS E	
1. INTRODUÇÃO	14
1.1. “CORTEJOS” METODOLÓGICOS	19
2. “TENDO DIREITO A UMA ALEGRIA FUGAZ, NUMA OFEGANTE EPIDEMIA CHAMADA CARNAVAL”: DE ONDE PARTE O SEU VIZINHO? 27	
2.1. APONTAMENTOS SOBRE O CARNAVAL DE RUA DA CAPITAL MINEIRA	28
2.1.1. A história do carnaval na cidade: entre o “Corso” e os “Blocos”	30
2.1.2. Uma ocupação insurgente: o atual carnaval de rua de Belo Horizonte.....	34
2.2. OS JOVENS E A PRODUÇÃO DE “OUTRAS PEDAGOGIAS”	41
2.2.1. Práticas de resistência: processo de afirmação de sujeitos de direitos	45
2.3. “Ô ABRAM ALAS! NÃO EMBAÇA! EU VOU CURTIR! NÃO PEÇO SEU AVAL!”: AS ORIGENS DO SEU VIZINHO	48
3. “SOU BLOCO DE FAVELA, SOU PERIFA SIM”: SUJEITOS/AS E CONTEXTO DA AÇÃO	58
3.1. “MAS RESISTÊNCIA É UMA COISA QUE VEM DE BERÇO PRA GENTE SOBREVIVER NESSE SISTEMA VISCERAL”: EXPERIÊNCIAS DA FAMÍLIA RIBEIRO E AMIGOS	58
3.1.1. Experiências compartilhadas entre os/as jovens do Seu Vizinho	83
3.2. “A SERRA RESISTE! MEU POVÃO JOGADO ÀS MARGENS, AQUI FOI SE AGLOMERANDO”: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS DO TERRITÓRIO	90
3.2.1. Aglomerado da Serra: imagens cotidianas de uma comunidade em movimento	91
3.2.2. Território compartilhado: os grupos e sujeitos sociais, o tráfico, a igreja e o Seu Vizinho.....	96
4. “PORQUE JUNTOS SOMOS FORTES, NINGUÉM TÁ SOZINHO”: ESTRUTURA, COTIDIANO E AÇÕES DO SEU VIZINHO	110
4.1. ESPAÇO E TEMPO: APROXIMAÇÕES COM OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO SV ...	110
4.1.1. Estrutura física, manutenção financeira e institucionalização	113
4.1.2. Planejamento, organização e tomadas de decisões	124
4.2. O COTIDIANO E AS AÇÕES: UM UNIVERSO DE DIÁLOGO E RECONHECIMENTO	131
4.2.1. Acolher e conhecer: a conversa e o lanche no cotidiano.....	131
4.2.2. A oficina de percussão, ensaio “aberto”, rolês e o desfile de carnaval	134

5.	O SEU VIZINHO: UM MOVIMENTO EDUCADOR DE FAVELA.....	148
5.1.	RAÇA, GÊNERO E CONTEXTO POLÍTICO: REPERCUSSÕES DA EXPERIÊNCIA	148
5.2.	<i>“MOVIMENTO E BLOCO DE FAVELA”</i> : TODO MUNDO JUNTO E AGLOMERADO?.....	159
5.3.	EM DIÁLOGO: A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS E DAS <i>“MÃES DO BLOCO”</i>	165
5.4.	A PERSPECTIVA DE SER UMA ESCOLA DE ARTE: RISCOS E POTENCIALIDADES	173
6.	<i>“RESPEITE A NOSSA CULTURA, NOSSA CARNE É DURA DE COLONIZAR!”</i>: PALAVRAS FINAIS	181
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	188

1. INTRODUÇÃO

A associação entre juventude e ações coletivas é um tema que vem sendo discutido desde a década de 1990 devido à grande mobilização e participação de jovens em diversos grupos e coletivos que se reúnem em torno de suas práticas sociais, políticas e culturais. Os estudos produzidos que fazem interlocução entre as áreas apresentam descrições e análises com ênfase na mudança social. Se implicaram menos com a passividade e/ou inércia e mais com a capacidade dos jovens em se organizar para a contestação, combate e resistência, mesmo quando essa capacidade parecia refletir estratégias modernas/coloniais para a manutenção da ordem vigente (ALMEIDA, 2009; OLIVEIRA, 2012; 2017; MARTINS, 2016; SEPÚLVEDA, 2017).

Esta produção acadêmica aponta a grande capacidade educativa construída a partir das formações coletivas de jovens. Em sua heterogeneidade, os/as jovens produzem modos específicos de viverem essa fase da vida, bem como de se apropriam de diferentes territórios por onde passam (ALMEIDA, 2009).

Entre as várias experiências nesse campo, recentemente vimos emergir iniciativas que agregam jovens em torno de blocos carnavalescos. Além da preparação para a festividade, algumas dessas ações envolvem atividades de mobilização em torno de demandas coletivas e questões específicas dos seus participantes ao longo de todo o ano, tais como território, mobilidade urbana, políticas sociais, relações raciais e de gênero etc. Esse cenário nos permite analisar o carnaval como um campo de experiências juvenis ainda pouco explorado, que é o da sua ação social, política e cultural. Desta forma, ao longo da pesquisa busco¹ compreender as experiências vivenciadas por jovens em um bloco de carnaval de rua da cidade de Belo Horizonte.

Levanto como hipótese² que alguns blocos de carnaval de rua da capital mineira, na interlocução com ações coletivas, movimentos sociais e sujeitos políticos diversos, produzem

¹ Foi utilizado durante toda a pesquisa os verbos na primeira pessoa do singular, de forma que evidenciasse a não neutralidade do pesquisador diante do tema pesquisado. Contudo, afirmo que este estudo não seria possível se não houvesse a participação direta e indireta de diversos sujeitos.

² A inclusão de hipóteses no campo da pesquisa social, pode ser interpretada como um comportamento positivista, onde as conclusões das pesquisas derivam de “respostas objetivas” construídas ao longo da pesquisa. No entanto, para esta pesquisa compreendemos a hipótese como uma tentativa de criar indagações a serem compreendidas ao longo da investigação. Consideramos que este aspecto pode ser entendido como um diálogo que se estabelece entre o olhar do pesquisador e a realidade a ser investigada (MINAYO, 2001).

práticas de resistência, individuais e coletivas, que questionam estratégias de manutenção de uma lógica dominante e extrapolam o caráter de reação e autodefesa, passando a ser criadoras e produtoras de uma cultura educativa e política própria.

Para isso, é pretendido por essa pesquisa compreender, a partir da perspectiva dos/as jovens que vivem essa prática, como se constituiu o recente carnaval de blocos de rua da cidade de Belo Horizonte, as motivações que levaram os/as jovens a participarem, os modos de organização e funcionamento dessa ação coletiva, as formas de participação dos sujeitos envolvidos, os saberes/valores construídos nas suas práticas de participação, bem como as representações e significados educativos que os/as jovens constroem sobre a experiência no bloco.

Para isso, foi feita uma aproximação com um bloco de carnaval de rua da cidade de Belo Horizonte, o “Bloco Seu Vizinho”, que se constituiu no Aglomerado da Serra composto por jovens, em sua maioria negros/as e moradores/as do próprio território.

A escolha do coletivo e dos temas que perpassam a pesquisa estão distantes de ser algo aleatório, mas são fruto das minhas inserções na realidade social. Desta forma, apresento, a princípio, alguns elementos que me aproximaram desta pesquisa.

A minha aproximação com a cultura e as festas populares, estão relacionadas à cultura familiar em que fui socializado. Meus familiares, incluindo pai e mãe, são oriundos do campo, ao sul de Minas Gerais. Na região existem grandes fazendas produtoras de café, em algumas delas estavam meus pais e familiares trabalhando na “Pãinha de café”. Além do trabalho para os grandes fazendeiros produtores, as famílias tinham em um pequeno pedaço de terra, hortas cultivadas em comunidade, em que plantavam o alimento cotidiano, bem como ervas que serviam para o tratamento de enfermidades diversas. Nesse cotidiano, permeado especialmente pelo trabalho, havia as festas da comunidade. A maioria delas oriundas da cultura religiosa, organizadas pela própria comunidade, como: a Folia de Reis; as Festas de São João, Santo Antônio, São Pedro e São Benedito; os bailes de casamento; e, as festas em comemoração à colheita, organizadas pelos donos das fazendas e restritas aos homens.

Porque é importante resgatar essa história? Essa trajetória familiar marcou e marca meu percurso de vida. Sou da primeira geração da família a nascer em uma região urbana, na cidade de Poços de Caldas. Todavia fui criado tomando chás, sendo levado em benzedeiros/ores para o tratamento de enfermidades, em festas populares, bem como, em um ambiente comunitário, onde era necessário saber trabalhar, dividir e festejar.

Minha família sempre teve uma relação próxima com a cultura religiosa católica, por isso, a influência tão grande nas festividades. Dessa forma, me aproximei ainda adolescente de atividades com religiosos orientados pela Teologia da Libertação³, que me auxiliaram a construir um caminho como educador social e me aproximar de outras diversas ações coletivas.

Nesse percurso me aproximei de ações e atividades⁴ sempre relacionadas à educação, ou seja, nos processos de reflexão e ação social através de projetos paroquiais, associações comunitárias e outros projetos sociais. Nesse contexto de práticas sociais baseadas na educação popular e social, que se fundamenta no reconhecimento das diferenças, na economia popular, no desenvolvimento da autonomia de pessoas, grupos, instituições e na promoção da cidadania. Bem como, se preocupam com os setores e sujeitos subalternizados dos processos sociais em busca de outras formas de organização social mais justas e dignas, fui me formando educador social.

Por isso, escolhi como graduação a Pedagogia, por se aproximar de todo meu contexto e propósito de vida. Na trajetória acadêmica pude me aprofundar em alguns temas importantes e ao mesmo tempo descobrir que boa parte do que se produz de conhecimento neste espaço ainda está distante da realidade vivida pela maior parte das pessoas. Nessa trajetória acadêmica amadureci muito e pude avaliar meu próprio percurso formativo, não apenas no momento das aulas, mas também no encontro com colegas de turma, professores, funcionários diversos, nos projetos de extensão e de pesquisa.

A partir dessas experiências como educador social e minha vivência na universidade comecei a compreender que as existiam diferentes experiências sociais, políticas e culturais que deslocavam, questionavam e desestabilizavam regimes totalitários, autoritários, de práticas

³ A Teologia da Libertação é uma corrente cristã nascida na América Latina, parte da premissa de que o Evangelho exige a opção preferencial pelos pobres e oprimidos. Compreendo a teologia da libertação como um movimento que parte da experiência social e se apropria dos ensinamentos de Jesus Cristo para a construção de ambiente social e cristão que se preocupa com setores e sujeitos marginalizados por processos sociais em busca de uma sociedade mais justa e digna para todos (BOFF, 2003).

⁴ Trabalhei como educador dois anos na Paróquia São Sebastião, em Poços de Caldas, na oficina de “Filosofia de Vida” oferecida para adolescentes e jovens entre 13 e 17 da comunidade. A Oficina pretendia auxiliar os sujeitos a compreenderem os seus lugares sociais e a construir projetos de vida. Trabalhei também seis anos com as Filhas de Maria Auxiliadora, religiosas que seguem o carisma Salesiano e o sistema preventivo de Dom Bosco, grande educador social. Nesse trabalho pude acompanhar e agregar ao trabalho em diferentes territórios em que existiam religiosas imersas. Os trabalhos estavam relacionados às demandas locais, desde participação em projetos da comunidade em andamento, proposição de rodas de conversas sobre educação social e popular, diálogo, Vida e Obra de Paulo Freire, economia solidaria, bem como oferecendo oficinas diversas para geração de renda – planejamento, produção, organização administrativa-financeira dos produtos e venda.

hierarquizadas e decisões individuais distantes da realidade dos sujeitos, como é comum em grande parte das instituições.

O interesse pelo trabalho com jovens ocorreu devido a minha atuação como educador social, mas, especialmente, após a inserção no Observatório da Juventude⁵ da FaE – Faculdade de Educação da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, especificamente no projeto PNEM⁶ - Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, no ano de 2014. O PNEM, como uma proposta de formação continuada de professores, abordava discussões relativas aos jovens e às formas de organização escolar, as quais me trouxeram uma perspectiva mais ampla sobre a realidade das escolas estaduais de Minas Gerais.

Por último, em 2015/2016 desenvolvi uma pesquisa para a conclusão do curso de Pedagogia, intitulada: Juventude, Escola e Democracia: alguns indicadores para a construção de uma prática educativa libertadora⁷. No contexto desta pesquisa, problematizei que as diversas tensões existentes no contexto escolar pesquisado revelavam as contradições do projeto de sociedade atual que prescreve onde e como o jovem será inserido nos diversos espaços de socialização e sociabilidade, sem considerar a participação deles e a indignação dessa população diante de diversas imposições sociais que lhes afetavam. Ao final pude constatar que a escola estava distante de materializar as prescrições teóricas e legais que auxiliavam e garantiam àquele espaço a utilização dos princípios democráticos. Todavia, dialogando com pesquisas anteriores (CORTI; SOUZA, 2005; DAYRELL, 2007; DAYRELL; CARRANO, 2014) realizadas dentro e fora do contexto escolar, pude perceber a não linearidade

⁵ O programa Observatório da Juventude, da Faculdade de Educação da UFMG, iniciado em 2002, é um programa de ensino, pesquisa e extensão, inserido no contexto das políticas de ações afirmativas em torno da temática da “educação, cultura e juventude”, tendo como eixos norteadores a condição juvenil, as políticas públicas, as políticas culturais e as ações coletivas da juventude. Busca desenvolver atividades de investigação, levantamento e divulgação de informações sobre a situação dos jovens da região metropolitana de Belo Horizonte/MG, além de promover a capacitação de jovens, educadores e estudantes da graduação interessados na temática da Juventude.

⁶ O projeto de Formação continua PNEM, é uma proposta da SEB/MEC - Secretaria de Educação Básica / Ministério da Educação e Cultura e FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação em parceria com as SEEs - Secretarias Estaduais de Educação e as Instituições de Ensino Superior – IES (Instituições de Ensino Superior Públicas). O projeto buscou promover um processo formativo que valorizasse e envolvesse os professores da Rede Estadual do Ensino Médio em Minas Gerais, além de gestores e equipes pedagógicas da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. O principal objetivo do projeto foi, pois, contribuir para a melhoria de qualidade deste etapa de ensino. Além de, proporcionar aos professores um modo de desnaturalizar o olhar sobre o próprio fazer pedagógico, como também em relação à escola e aos jovens que nela estudam.

⁷ Ver em Domingues (2016).

do espaço escolar a partir de algumas atitudes e atividades propostas por diversos sujeitos, especialmente os/as jovens.

Entre diversos aspectos, um deles me chamou muito a atenção. Diz respeito à atitude de alguns jovens junto aos outros atores da comunidade educativa, que pareciam ser bastante participativos e mais conscientes desta participação. Mais tarde, soube que este aspecto era reflexo da participação dos sujeitos em atividades fora do contexto escolar, a maioria delas relacionadas ao campo do lazer e da cultura. Desta maneira, surgiu o desejo de compreender experiências de participação ligadas ao campo da cultura fora do contexto escolar organizadas por jovens, que pareciam questionar as determinações estruturais e discursivas presentes no ambiente escolar e não escolar.

A articulação entre minha experiência familiar, como educador social e minha trajetória acadêmica desencadearam a construção desta temática de pesquisa. Os sujeitos jovens, bem como o contexto em que viviam me impulsionaram a compreender as possibilidades e desafios dessas outras formas de organização pautadas no diálogo e na implicação dos mesmos nos processos de construção.

Além destas aproximações, tendo em vista meu interesse em pesquisar a experiência de jovens negros em uma ação coletiva produzida e significada a partir e sobre um território marginalizado, considero importante localizar meu lugar de fala⁸. Acredito que, apresentar o lugar de onde falo é, sobretudo, uma postura ético-política que assumo, pois “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias” (RIBEIRO, 2017, p.84)

Com afirma Freire (1996, p. 15) “Quem observa o faz de certo ponto de vista”, ou seja, o olhar sobre este estudo está influenciado historicamente pela minha posição social, política e cultural, bem como moldado pelo meu local de moradia, gênero, classe social e pertencimento étnico-racial. Nessa perspectiva, assumo minha parcialidade e incompletude na produção do texto, ao mesmo tempo sem me afastar do meu compromisso ético na pesquisa.

Compreendo ser fundamental fazer esse exercício de reflexividade sobre minha experiência como pesquisador, tendo em vista que a construção de conhecimento não é neutra (FREIRE, 1996). Nessa perspectiva localizada de conhecimento, brancos e negros, moradores de favelas ou não podem dizer sobre temas comuns, contudo “falarão de lugares distintos”

⁸ O lugar de fala, refere-se diretamente a um lugar social, uma localização de poder dentro de uma estrutura que é branca, masculina e heterossexual. Trata-se de uma localização dentro das hierarquias sociais e como/onde cada sujeito se localiza nessa estrutura. Pensar e agir a partir da constante reflexão sobre privilégios e/ou opressões (RIBEIRO, 2017).

(RIBEIRO, 2017, p. 86). Nesse sentido, embora tenha feito um exercício contínuo de aproximação com a experiência pesquisada, reconheço meu lugar privilegiado de fala e o desafio de construir uma pesquisa deslocada, bem como, as implicações de ser um pesquisador branco, não morador do Aglomerado da Serra, escrevendo sobre experiências de jovens com outras condições. Pois, “por mais que pessoas pertencentes a grupos privilegiados sejam conscientes e combatam arduamente as opressões, elas não deixarão de ser beneficiadas, estruturalmente falando, pelas opressões que infligem a outros grupos” (RIBEIRO, 2017, p.68). Nesse sentido, reconheço que minha leitura do mundo e, portanto, dos dados recolhidos no encontro com os sujeitos da pesquisa, ainda possam estar carregadas e atravessadas por meus privilégios de homem branco.

Assim, assumo o compromisso de continuar admitindo, reconhecendo e interrogando o meu privilégio racial, de gênero e territorial, para a compreensão das persistentes relações de desigualdades que afligem diversos grupos sociais. Pois, acredito, que apenas a partir desse reconhecimento do meu lugar de fala será possível agregar minhas contribuições às lutas antirracistas, antipatriarcais, anticapitalistas, seja na militância, na produção acadêmica ou na intersecção destas. E é a partir desse lugar, de homem branco e aliado à luta antirracista, antipatriarcal e anticapitalista que eu trilhei os caminhos dessa pesquisa.

Sucintamente apresento a organização geral da dissertação. No capítulo um, Introdução e “Cortejos Metodológicos” busco fazer uma breve justificativa, situar a motivação para a pesquisa e meu lugar de fala, em seguida busco evidenciar as escolhas teórico/metodológicas feitas, algumas situações de campo vividas e, por fim, o processo de análise dos dados desenvolvidos. No segundo capítulo apresento um ponto de partida da ação coletiva, bem como parte do referencial teórico e dos conceitos que orientaram essa pesquisa. No terceiro capítulo, apresento os/as jovens sujeitos e o contexto da pesquisa. No capítulo quatro, busco apresentar os espaços e tempos utilizados para planejamento, organização e ações que davam corpo ao coletivo. No capítulo cinco busco refletir sobre alguns dados apresentados ao longo da pesquisa e compreender o coletivo como um movimento educador. Por último, as palavras finais, resalto alguns indicativos, algumas questões e indagações, que não esgotam ou geram conclusões definitivas sobre o tema, bem como lacunas e possibilidades de aprofundamento desse trabalho.

1.1. “CORTEJOS” METODOLÓGICOS

Os “cortejos” feitos nesse estudo me levaram a compreender a pesquisa como a constante construção de um quebra-cabeça, em que era necessário construir e reconstruir os caminhos teóricos e metodológicos a cada “tempo” e no “ritmo” proposto pela experiência concreta dos jovens. Nesse percurso, não havia apenas os atravessamentos vindos do coletivo pesquisado. A escrita foi afetada também por um contexto de intenso retrocesso social e político vivenciado no Brasil, com uma ameaça iminente à nossa democracia e aos nossos direitos civis, políticos e sociais, afetando gravemente as políticas, sociais e educacionais. Por vezes, a escrita foi interrompida por momentos de desânimo e cansaço, ao perceber que diversos direitos conquistados estavam sendo retirados um a um. Mas, ao mesmo tempo, muitos outros momentos de afetos, de esperança, luta e desejo de continuar resistindo por uma sociedade mais democrática, comunitária e popular me mobilizaram a continuar a escrita.

Diante de um contexto débil e de retrocessos acredito que registrar essa experiência juvenil insurgente e irreverente é também uma forma de resistir e lutar, bem como auxiliar na produção de um “conhecimento radical” (ARROYO, 2012; 2018) baseado na experiência concreta dos jovens, que produzem outros saberes e conhecimentos. Antes de me mover como pesquisador, me movo como educador, com pessoa, como gente (FREIRE, 1996), por isso, por meio das minhas experiências sociais, políticas e culturais privilegio para este estudo um “olhar epistemológico” anticolonial. Esse olhar, anticolonial, possui múltiplos significados e formas de compreensão da experiência social, consistindo em um conjunto de sentimentos, reflexões, posturas, atitudes que envolvem os sujeitos interessados em estudar, relativizar, questionar, agir e, especialmente, resistir aos códigos coloniais, tendo em vista determinados territórios, grupos e povos, localizados histórica e espacialmente. O termo “anticolonial” indica uma postura contrária a certas imposições sociais, políticas e culturais ainda correntes nos dias atuais que buscam enquadrar a realidade de outras sociedades aos padrões de análise elaborados em contextos dos “grandes centros” produtores e controladores da produção científica moderna (CHAUVIN, 2015). Atualmente, no campo das pesquisas acadêmicas, é possível enquadrar, os estudos decoloniais, culturais e pós-coloniais, a esta perspectiva – com seus distanciamentos e aproximações.

Nesse contexto e considerando que o objetivo era compreender as experiências de jovens vivenciadas em um bloco de carnaval de rua da cidade de Belo Horizonte, optei por uma abordagem qualitativa, articulando instrumentos metodológicos de observação participante e entrevistas.

A abordagem qualitativa pode garantir a percepção do que é importante para esse grupo específico e dos significados que essa experiência tem para eles. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa:

trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21).

Para a autora, a pesquisa qualitativa permite chegar em níveis difíceis de serem tocados, pois referem-se a questões muito particulares e/ou subjetivas de indivíduos e coletivos. Não se trata de um processo de quantificação e nem de descrição das ações e relações, mas de um caminho mais sensível às nuances subjetivas, ligadas aos sentimentos e aos significados atribuídos às ações.

Sobre essa ação coletiva organizada por jovens cabe ressaltar alguns elementos fundamentais para compreender a metodologia proposta. O bloco não foi pesquisado a partir apenas do feriado destinado a festa, mas sim em todo seu processo de construção ao longo do ano – oficinas, apresentações, reuniões-, até a chegada da festa, bem como, nos momentos de avaliação posteriores ao carnaval. Desta forma, esse aspecto foi um critério de seleção do bloco, já que nem todos os blocos de rua têm outras atividades, ações e encontros regulares durante o ano.

Mas, como cheguei ao Seu Vizinho e como foram os primeiros encontros?

Ao me propor a estudar um bloco de carnaval de rua da cidade de Belo Horizonte, me deparei com uma quantidade grande de iniciativas, como o Bloco do Padreco, Bloco da Língua, Bloco Lavô, tá novo, Bloco Asa de Banana, Bloco Seu Vizinho, Roda de Timbau, Bloco do Caranguejo, Bloco Angola Janga, Bloco Sapa Janga, Bloco Garotas Solteiras, Bloco Bruta Flor, entre outros que contam com uma participação massiva de jovens e alguns com atividades ao longo do ano.

Entretanto, por meio de um levantamento bibliográfico sobre a produção acadêmica nacional, percebi uma lacuna na realização de pesquisas que tinham como tema central o carnaval. A princípio, as pesquisas relacionadas ao tema se concentravam nas áreas da História e da Música, portanto, com objetivos distintos para a pesquisa. A área da Educação com ênfase em ações coletivas explorava pouco esse contexto, apesar de ter pesquisas relacionadas a outros

coletivos ligados ao campo da cultura, como os Saraus Marginais, os coletivos de Hip Hop, o Samba, a Capoeira etc.

Entre as poucas pesquisas recentes existentes sobre o carnaval, apenas a pesquisa de Paola Lisboa Codo Dias (2015) se aproximou da perspectiva da experiência juvenil na cidade de Belo Horizonte. Essa pesquisa apresentou como eixo central de análise, “a apropriação das ruas pelos blocos de carnaval na Belo Horizonte contemporânea” e no decorrer da produção apresentou uma lacuna que dizia respeito ao território em que os blocos estavam inseridos. De acordo com Dias (2015) uma parte significativa dos blocos de rua da cidade, eram compostos majoritariamente por jovens de classe média e não necessariamente se apropriavam dos territórios/bairros/regiões em que viviam. As favelas⁹, vilas, ocupações, aglomerados, ainda não tinham um bloco próprio e, sobretudo, não estavam sendo representados necessariamente pelos blocos que ocupavam os espaços públicos de parte da cidade.

Desta maneira, o Bloco Seu Vizinho representava uma possibilidade de compreensão de outras formas de ver e viver o carnaval de rua da cidade, já que se constituiu no Aglomerado da Serra e a partir de jovens moradores. Conheci o bloco em 2016, através do Movimento Tarifa Zero, que junto com moradores lutavam por uma linha de ônibus que melhor atendesse o Aglomerado da Serra. No carnaval de 2017 estive presente como folião, quando o Seu Vizinho desfilou junto com o bloco Pula Catraca. Minha aproximação definitiva foi através de uma companheira do Observatório da Juventude – OJ, que era moradora do Aglomerado da Serra e conhecia os jovens organizadores do Bloco Seu Vizinho.

Em julho de 2017, num primeiro momento conversei através de *Whatsapp* e *Facebook* com Chassi (Diego Henrique Ribeiro) um dos integrantes e, sem delongas, ele achou bem interessante a proposta da pesquisa e disse que conversaria com o restante do grupo. Ao mesmo tempo ele me convidou para participar de uma oficina de percussão que ocorreria no mês seguinte, no Centro Cultural Vila Marçola – CCVM, no Aglomerado da Serra.

Neste dia, fui acompanhado por Luísa Nonato, companheira do OJ que conhecia os jovens do Bloco. A presença dela me auxiliou a chegar ao Centro Cultural com mais facilidade e também me deixar mais tranquilo para o primeiro encontro com os participantes do Seu

⁹ Ao longo da dissertação opto por usar os termos “Aglomerado”, “favela” e “morro”. Reconheço o fato de essas noções remeterem a divisões estanques entre “morro” e “asfalto” ou mesmo reforçarem estigmas sociais. Entretanto, essas são nomeações usuais entre os jovens do Aglomerado da Serra. O uso de tais palavras deve ser compreendido como forma de reconhecer certas semelhanças com outros territórios, mas, as mesmo tempo, sem deslembrar as configurações plurais e heterogêneas dos territórios e seus moradores.

Vizinho. Cheguei ao local por volta de 14h, mas Chassi, com quem havia conversado, não estava, então conheci seus irmãos, Barbara Luísa Ribeiro (Babi) e Paulo Vitor Ribeiro (PV) que me receberam muito bem. Em seguida, conheci Matheus Nunes Lobo, outro integrante do Seu Vizinho. Nesse dia, como cheguei na hora da oficina, não consegui conversar muito com os/as jovens. Mas, pude me apresentar e dizer sobre minha intenção de fazer uma pesquisa com o coletivo. Após esse primeiro momento, marcamos um outro encontro para conversar sobre a pesquisa com mais profundidade e debater se seria interessante ou não que esta pesquisa acontecesse junto ao Seu Vizinho.

O segundo encontro aconteceu alguns dias depois. Marcamos as quinze horas no centro da cidade, no edifício Maleta, em um bar no primeiro andar. Neste encontro, estiveram presentes PV e Matheus. Os dois estavam em uma reunião próxima ao local e aproveitaram para me encontrar. Expliquei com detalhes o tema e o interesse em fazer a pesquisa e os dois se interessaram bastante em “abrir as portas” do coletivo para a pesquisa. No entanto, eles estavam preocupados com a forma como a pesquisa seria desenvolvida, pois, já tinham tido uma experiência negativa com duas pesquisadoras. Segundo relataram, essa primeira experiência foi muito breve, consistindo apenas na visita a uma oficina do grupo. Como resultado, o conteúdo final do trabalho, as descrições e as análises produzidas estavam distantes da realidade do Seu Vizinho e do Aglomerado. Desta forma, me questionaram imediatamente sobre o tempo e forma de envolvimento para a construção da pesquisa.

Ao final da conversa, em um tom de muita descontração, me disseram que antes de dizer que a pesquisa poderia acontecer, eles teriam que conversar com outras pessoas do grupo para dizer se era possível. Em menos de duas semanas me responderam positivamente, mas que seria muito importante conversar com o restante do grupo para “formalizar” o princípio da pesquisa.

Desta forma, comecei a frequentar as oficinas de percussão, que até então, aconteciam aos sábados à tarde. Pouco tempo depois pude começar a acompanhar as reuniões semanais entre os jovens organizadores, o Papo Reto, os grupos de *whatsapp*¹⁰, entre outros espaços e tempos de planejamento, organização e tomadas de decisões, que me permitiram acumular muitas experiências potentes para a construção desta pesquisa.

Com algum tempo de participação no coletivo, pude perceber que as atividades, temas e experiências do Seu Vizinho já faziam parte do meu cotidiano. Ao longo das semanas, não

¹⁰ Todos estes tempos e espaços serão descritos e analisados no capítulo intitulado: “Porque juntos somos fortes, ninguém tá sozinho”: estrutura, cotidiano e ações do Seu Vizinho.

raras vezes, me pegava pensando sobre alguns temas que havíamos conversado em um dos encontros, sobre os instrumentos utilizados (formas de afinação, sonoridade, entre outras coisas), sobre os ritmos que ensaiávamos. A pesquisa, embora me auxiliasse a exercitar constantemente a escuta, não representava uma atitude passiva, pois não me isentava das responsabilidades e compromissos junto ao coletivo, que já fazia parte da minha vida, como pessoa, como educador/professor e como pesquisador.

Para a realização dessa pesquisa, inicialmente, foi necessário a aproximação com os/as jovens que participavam do bloco e para tal, foi utilizada a metodologia de observação participante. Minayo (2001) aponta que a observação participante, além de proporcionar uma aproximação essencial para a compreensão do cotidiano, as suas formas de interação, os papéis sociais e os distintos modos de participação num diálogo com a compreensão das lógicas de organização do espaço e dos seus sujeitos, ela considera o observador, enquanto parte do contexto de observação, de forma que, pode ao mesmo tempo modificar e ser modificado pelo contexto. Sendo assim, a partir da observação foi possível mapear as diversas experiências vivenciadas pelos jovens que compõem o bloco.

A partir desse momento, foi necessário fazer uma imersão em alguns aspectos que se destacaram no processo de observação e para isso optei por fazer entrevistas semiestruturadas com seis jovens idealizadores e organizadores da ação coletiva. A entrevista, nesse momento, foi fundamental para compreender com profundidade o significado de algumas experiências vivenciadas por esses sujeitos (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 2002).

As entrevistas me permitiram tratar de temas bem específicos levantados durante a observação participante, o que auxiliou na real compreensão das ações, diminuindo interpretações superficiais e/ou equivocadas. A entrevista se mostrou como uma importante estratégia para obter informações mais completas e detalhadas e auxiliaram a compreensão de aspectos ligados ao campo subjetivo, como: sentimentos e valores. Isso significou ver além do olhar restrito do pesquisador e mergulhar na subjetividade dos jovens nas relações com o coletivo (RIBEIRO, 2008, P. 141).

Para a escolha dos jovens, foi levado em conta, especialmente, a profundidade da participação. Quer dizer, os jovens que participaram da idealização e concretização da ação coletiva, que desprendem uma parte significativa do seu tempo para produzir material para as oficinas de percussão, para as relações do grupo, para as redes sociais. Nesse percurso de escolha dos entrevistados havia uma preocupação intensa com a diversidade de gênero, de raça,

de classe, trajetórias de vida (educação, trabalho e família). Essa preocupação não exigiu de mim um esforço, pois nessa ação coletiva existia um reconhecimento da diversidade e, com isso, diferentes sujeitos participam ativamente dos processos de planejamento, elaboração e avaliação.

Entre os jovens entrevistados, quatro são irmãos, dois homens, Paulo Vitor Ribeiro (PV) e Diego Henrique Ribeiro (Chassi) e duas mulheres, Bárbara Luísa Ribeiro e Núbia Aparecida Ribeiro, jovens negros e cisgênero héteros (auto declaração), moradores do Aglomerado da Serra. O outro, Matheus Nunes Lobo, era um jovem negro e cisgênero hétero e amigo de infância dos irmãos, não morador do Aglomerado da Serra. Estes cinco estiveram presentes, de formas diferentes, na idealização e concretização da ação coletiva. Por fim, uma outra, Marina Luar Dutra, era uma jovem mulher branca e cisgênero hétero, não moradora do Aglomerado, que conheceu o grupo a partir do carnaval e se engajou nas atividades propostas¹¹. Os nomes e apelidos utilizados para a pesquisa não são fictícios, utilizados a partir do desejo dos sujeitos e com devida autorização legal¹².

A partir de uma intensa observação, optei pela entrevista semiestruturada, pois esse instrumento possibilitaria compor de forma aprofundada o repertório de dados levantados por meio da revisão bibliográfica e da observação. Dessa forma, foi elaborado um roteiro¹³ para a condução do diálogo com os/as entrevistados/as. Esse roteiro foi flexível de acordo com o andamento da conversa, de maneira que algumas perguntas foram inseridas e outras retiradas (OLIVEIRA, FONSECA E SANTOS, 2010). A entrevista ainda contribuiu muito para a compreensão e organização de eixos de interpretação e análise.

É importante ressaltar que, apesar das vantagens apresentadas, a entrevista, por si só, não garantiria a fidelidade dos dados e informações coletadas. Ela deve ser utilizada em conjunto com outros métodos de coleta de dados para que os resultados qualitativos esperados possam ser fidedignos e retratarem realmente o universo no qual está inserido a pesquisa.

Desta forma, a abordagem qualitativa com a articulação dos instrumentos metodológicos de observação participante e entrevistas semiestruturadas, foram escolhidas por se

¹¹ A apresentação e descrição da experiência desses jovens será elaborada no tópico intitulado: *“Mas resistência é uma coisa que vem de berço pra gente sobreviver nesse sistema visceral”*: a experiência da família Ribeiro e amigos.

¹²

Apêndice A.

¹³

Apêndice B.

adequarem melhor ao contexto da pesquisa e também por possibilitarem a melhor compreensão do campo com a utilização de mais de um instrumento, tratando-se de procurar compreender um problema de pesquisa partindo de mais de um ponto.

2. “TENDO DIREITO A UMA ALEGRIA FUGAZ, NUMA OFEGANTE EPIDEMIA CHAMADA CARNAVAL”: DE ONDE PARTE O SEU VIZINHO?

Neste capítulo apresento o contexto do carnaval no qual o Seu Vizinho está inserido. Em seguida, conto um pouco da história do carnaval de Belo Horizonte, desde sua fundação até os dias atuais, quando nos encontramos com blocos de rua que influenciaram a constituição do Seu Vizinho. Trago ainda a perspectiva teórica na qual baseamos a pesquisa, iniciando por uma elaboração sobre o conceito de juventude. Articulada a essa discussão, busco refletir como os jovens, em suas múltiplas experiências de socialização e sociabilidade, produzem “outras pedagogias” no contexto social. Em seguida, tendo em vista a interlocução entre os blocos de carnaval de rua da cidade, ações coletivas, movimentos sociais e sujeitos políticos diversos, abarcaremos uma reflexão sobre práticas de resistências, bem como um sentido sobre tal concepção. Ao final deste capítulo, faremos ainda a primeira imersão na ação coletiva pesquisada, apresentando alguns aspectos interessantes da idealização do bloco até os seus primeiros passos práticos.

O título deste capítulo carrega uma frase da música “Serra Resiste”, composta por PV, um dos sujeitos da pesquisa. A frase tem inspiração na letra da música “Vai Passar”, de Chico Buarque. A letra reflete o processo de construção do Seu Vizinho e representa um ponto de partida para a constituição da ação. A ação coletiva se constituiu a partir da influência de um novo ciclo carnavalesco da cidade, composto majoritariamente por jovens e em um contexto político emergente, como um bloco de carnaval com a *“intenção de trazer não só a alegria do carnaval, que já se fazia presente em outras partes da cidade, mas todo o poder de mobilização e conscientização dessa manifestação cultural para a comunidade”*¹⁴. Ou seja, se constituiu a partir do desejo e consciência do seu direito a esta *“epidemia chamada carnaval”*. Buscaremos ao longo do capítulo trazer as nuances apontadas especialmente nesse trecho. Por fim, consideramos que a organização do capítulo pode potencializar a compreensão sobre essa ação coletiva uma vez que parte dos sujeitos envolvidos e do contexto.

¹⁴ Texto produzido pelos jovens para o Edital de chamamento público para a concessão de auxílio financeiro aos blocos de rua do Carnaval Belo Horizonte 2019 - Chamamento público N° 005/2018. Cedido para a pesquisa em 19/12/2018.

2.1. APONTAMENTOS SOBRE O CARNAVAL DE RUA DA CAPITAL MINEIRA

Antes de entrar na história do carnaval da capital mineira, é necessário fazer uma breve contextualização em relação às festas carnavalescas. O carnaval é uma festa popular no Brasil. Em um país de dimensões continentais, a festa possui muitas versões, intencionalidades, pertencimentos, identidades, características. Do sul ao norte do país, onde quer que ela aconteça se constitui a partir da sua multiplicidade de experiências inscritas na história de cada território e seus habitantes. As pesquisas sobre o carnaval, devido a essa grande variedade, podem gerar inúmeras análises sociais, políticas, filosóficas e culturais. Dessa forma, qualquer definição universalista ou essencialista da festa é equivocada.

A literatura produzida (HEERS, 1987; BURKE, 1989; PIMENTEL, 2002; FERREIRA, 2004; GALVÃO, 2009) tem contribuído muito para naturalizar uma visão única da festa. Uma parte significativa da bibliografia apresenta uma história linear da festa, com um lugar de origem definido (a Europa), um desenvolvimento histórico rígido e uma forma padronizada de representação (contraposição à igreja e as práticas controladas do cotidiano, os personagens, as fantasias, os lugares em que aconteceram e acontecem). Não se trata de desprezar o que já foi produzido, pois existem importantes contribuições descritivas e analíticas sobre o tema, mas é dominante o estabelecimento de regras e padrões rígidos e definitivos nas abordagens. Ao mesmo tempo, é importante pensar que essa leitura ordinária do carnaval ainda negligencia aspectos importantes de análise. Embora alguns elementos de classe apareçam, os sujeitos ainda são universais, sem raça, sem etnia, sem gênero, sem pertencimentos sociais, políticos e culturais e isso camufla a pluralidade envolvida nessa festa.

O debate em torno da “origem” ou da “essência” do carnaval é improdutivo, parecendo levar sempre para um caminho de legitimação de uma ou outra tendência, sujeito ou ideologia. Tais perspectivas terminam por estabelecer uma relação de poder existente entre lados opostos, reforçando uma oposição binária que contribui para gerar um esquecimento dos processos, das lógicas, dos sujeitos, dos conflitos sob os quais as experiências carnavalescas se constroem.

A festa como a conhecemos hoje é fruto de um encontro “transnacional” de sujeitos históricos, com saberes culturais, políticos e sociais distintos (GILROY, 2012). Trata-se de uma construção em que sistemas de valores diferentes – significados e códigos de diversas sociedades, povos, sujeitos, culturas -, se relacionam, se questionam, se interpelam, se sobrepõem, produzindo outros sentidos e significados, outras interpretações, outras

representações, permanentemente em jogo (HALL, 2013). O hibridismo que se estabelece é responsável pela construção de um caminho de comunicação que permite o intercâmbio e trocas culturais que resultam nas mais diversas experiências da festa que encontramos no Brasil, tornando impossível encontrar uma “pureza cultural” (GILROY, 2012; HALL, 2013).

Em cada lugar existe um modo de praticar a festa, em que diferentes formas de vivê-la são permanentemente produzidas e significadas. Ela possui um grande número de experiências construídas a partir dos seus diversos pertencimentos, do território em que acontece (no campo, na cidade, nas regiões centrais ou periféricas), do espaço público ou privado, a partir da condição sócio econômica, étnica, de raça, de gênero dos sujeitos participantes, a partir da influência da mídia, do estado, do mercado, da indústria cultural, da arte independente, do turismo ou da cultura religiosa.

As experiências do carnaval ganham contornos específicos a partir das relações que se estabelecem entre o contexto, os sujeitos, as instituições e os coletivos. Trata-se de uma experiência produzida a partir das ações, dos saberes, das visões de mundo, dos valores e dos significados envolvidos e, com isso, das tensões, dos conflitos e das potencialidades de cada contexto. Dessa forma, não é possível dizer sobre uma condição única de ver, viver e compreender o carnaval.

A reflexão sobre o traço do hibridismo, os encontros e trocas culturais existentes na festa, não pode se dar de forma ingênua, já que o carnaval no Brasil, assim como outras práticas culturais, é atravessado pela violência provocada pelo projeto de civilização moderno/colonial¹⁵. Ou seja, nem toda ação cultural se organiza e produz lógicas que confrontem a lógica dominante. No entanto, o contrário é verdadeiro, nem toda ação cultural está subordinada totalmente à lógica dominante. A dinâmica do carnaval, assim como a sociedade em que vivemos, é tecida entre mecanismos de dominação e práticas de resistência frente às investidas de diferentes formas de aprisionamento e limitação das experiências da festa (GILROY, 2012; HALL, 2013).

¹⁵ Moderno/colonial é um tempo histórico e um projeto de sociedade/civilização cunhado na emergência do método científico experimental e do empreendimento das grandes navegações, em meados do século XVI. Trata de uma série de relações de poder e maneiras de pensar e viver o cotidiano que legitimam determinados sujeitos, territórios, linguagens, maneiras de cultivar a fé. Um projeto de sociedade/civilização que aborda uma cultura do moderno/novo em detrimento do tradicional/velho, da racionalidade jurídica e ética em detrimento das mediações das comunidades religiosas, a crença na ciência e no desenvolvimento por meio do trabalho especializado, entre outros aspectos (FREIRE, 1987; RESTRESPO; ROJAS, 2010). Esse ideal de civilização só foi possível por meio de relações sociais, políticas e culturais de dominação, conflito e exploração, nas quais se vincularam as experiências do colonialismo e da colonialidade, com as necessidades do capitalismo (QUIJANO, 2005; 2009).

Assim, para compreender as experiências do Seu Vizinho, foi necessário estar atento às relações de dominação, de exploração e de discriminação, bem como as lógicas alternativas de ação que atravessavam as atividades propostas.

Como foi possível perceber, o carnaval possui uma multiplicidade de experiências que são atravessadas por ideais civilizatórios modernos/coloniais, mas também por outras maneiras de compreender o mundo e vivê-lo. Os encontros são produtores de experiências dinâmicas que ora reproduzem lógicas de dominação e ora produzem lógicas alternativas.

Existem muitas interações e trocas culturais que produzem as diversas experiências do carnaval e que circundam as práticas durante o feriado destinado à festa. No entanto, diversas outras ações são desencadeadas por meio e a partir da festa popular. Existem inúmeras ações que fogem aos tradicionais dias de feriado nacional, são ações geradas nas entranhas do carnaval da cidade e atravessadas por diversas lógicas sociais, políticas e culturais. Compreender essas ações é também mergulhar em águas mais profundas, que carregam nuances que não são facilmente percebidas durante o curto período do feriado. Dessa maneira, nossas análises pretendem se acercar do coletivo pesquisado apresentando, os conflitos e as conquistas existentes na constituição do carnaval da capital mineira, da sua fundação até os dias atuais.

2.1.1. A história do carnaval na cidade: entre o “Curso” e os “Blocos”

O carnaval - embora inibido por pressupostos moralizantes e agredido por um ideal de civilização - refere-se a uma festa de excessos, de impunidade, de liberdade, de alegria e de contradição. Por essa dinâmica diversa, ganha contornos específicos em cada estado brasileiro, em cada cidade e até mesmo dentro da mesma cidade, nos bairros, vilas, ruas e casas. Por esse motivo, farei aqui uma aproximação com o contexto de Belo Horizonte.

Antes de adentrar na cultura carnavalesca da capital mineira, um dado sobre o planejamento da cidade parece ser importante para essa pesquisa. Belo Horizonte é uma cidade planejada e construída sob a marca de um ideário utilitarista e funcionalista do espaço, que privilegia a circulação de automóveis, estacionamento e carga e descarga em detrimento à apropriação para eventos, manifestações culturais, lazer. Essa marca afirma o favorecimento econômico em detrimento do social, político e cultural, a intencionalidade de controle, da ausência de perturbações e conflitos sociais, bem como da inibição da convivência plural dos sujeitos (GUIMARÃES, 1992).

A cidade planejada, que almejava um status de civilização moderna, não previu área de alocação e acolhimento aos trabalhadores da construção civil que trabalhavam em sua urbanização, tampouco para populações mais pobres que vinham do interior em busca de melhores condições de vida. Com o valor dos terrenos e moradias inacessíveis para os mais pobres, esses trabalhadores acabaram por ocupar as zonas suburbanas da cidade, sem infraestrutura adequada de água, saneamento básico, energia e transporte. Dessa forma, os aglomerados, as vilas, as favelas, foram se constituindo em Belo Horizonte, desde sua fundação (GUIMARÃES, 1992).

Esses elementos parecem marcar um plano de ação, uma necessidade de controle e regulação das classes mais pobres vistas como pessoas que carregam traços da “incivilidade”, da “ignorância” e da “barbárie”. A marca do progresso sob a qual a cidade foi construída influenciou diretamente a forma como ocorreriam as festividades no território belo-horizontino (PEREIRA FILHO, 2006, p. 50-51).

Já no ano de sua fundação em 1897, são feitos os primeiros registros de festividades carnavalescas (BELO HORIZONTE, 2015) e em 1899 surge o primeiro clube carnavalesco, Diabos da Luneta, composto majoritariamente, por pessoas de classes altas e brancos. Nos anos seguintes, com o surgimento de outros clubes carnavalescos, foi possível perceber que, no caso da capital mineira, eles perderam seu caráter de crítica social e política, como acontecia nas grandes sociedades fundadas no Rio de Janeiro na década de 50 do século XIX, passando a ter um caráter informativo, no intuito de transmitir os ideais modernos/coloniais (PEREIRA FILHO, 2006).

A elite mineira, representada por famílias tradicionais, também expunha sua riqueza e privilégio por meio de um desfile de carros enfeitados, nas principais avenidas da cidade. O Corso, como era conhecido o desfile, preparava a cidade para receber as festividades carnavalescas, e, era restrito às famílias mais endinheiradas e de “boa índole”, já que havia um controle de acesso feito pelas autoridades competentes às ruas onde ocorriam os cortejos (PEREIRA FILHO, 2006, p. 127-128).

O medo dos protestos sociais provocados pela “liberdade de expressão” proposta pela festa sempre foi permeado pela ambição de controle social das camadas dirigentes, e na capital mineira não foi diferente. Pereira Filho (2006, p. 132) em sua pesquisa sobre os embates, as tensões e os acordos que se estabeleciam entre o modelo de carnaval almejado e a multiplicidade de sentidos que emergiam da festa na cidade de Belo Horizonte entre os anos de

1899 a 1936, identificou medidas que suspendiam e/ou limitavam a utilização de espaços públicos da cidade no período da festa, bem como a distribuição de panfletos com “críticas dirigidas às autoridades políticas, militares e religiosas”, durante todo o ano.

A perspectiva de inferiorização e controle das camadas mais pobres ou incivilizadas permanecia nas alianças formadas pelos clubes carnavalescos e pelo poder público, que empurravam as manifestações populares para a Praça da Estação, para a Avenida dos Andradas e para a Rua Guaicurus – região central da cidade, marcada pela presença de trabalhadores assalariados, andarilhos e pessoas em situação de rua-, ou para as periferias da cidade (PEREIRA FILHO, 2006).

Mas, como em todo seu processo histórico, o carnaval também foi permeado por um caráter de contestação da ordem vigente. Logo, as festividades populares, nas regiões deslegitimadas pelo poder público e pelas classes altas, expressavam outras visões de mundo e/ou contavam outra história do carnaval. A partir das formas de brincar o carnaval os foliões apresentavam críticas às injustiças cotidianas (PEREIRA FILHO, 2006). Isso representava um processo político e de resistência de denúncia dos privilégios da elite belo-horizontina e das discriminações de classe, raça e gênero, a partir dos modos de organização, das fantasias, das máscaras, das músicas, dos instrumentos, dos gestos, das danças utilizadas durante a festa.

O que acontecia na capital mineira não era novo no contexto do carnaval. As múltiplas versões dos carnavais da cidade eram reduzidas novamente a duas faces opostas. A das elites “civilizadas”, representadas pelos clubes carnavalescos e o curso, e a dos pobres “bárbaros”, representados pelos ranchos¹⁶, cordões¹⁷ e os blocos (PEREIRA FILHO, 2006, p. 87).

As classes altas da cidade, assim como em outros territórios do país, parecem sempre

¹⁶ “Ranchos eram grupos que organizavam cortejos no carnaval e tinham como elementos de destaque reis e rainhas, provavelmente, devido a influências da cultura africana, notadamente as congadas e as festas do divino. Surgiram por volta de 1870 e os seus integrantes pertenciam às classes populares. José Ramos Tinhorão, em *Pequena história da música popular*, afirma que os Ranchos apareceram no fim do século XIX entre os núcleos de moradores nordestinos da zona portuária do Rio de Janeiro, todos ligados a uma origem rural. A proposta de desfilarem com os Ranchos no Carnaval veio dos baianos migrados para o Rio de Janeiro”, “os primeiros ranchos cariocas saíam cantando pelas ruas as marchas e loas do repertório tradicional do ciclo das festas folclóricas de dezembro” (GONÇALVES, 2016, p. 41).

¹⁷ “Os cordões, criados na segunda metade do século XIX, eram compostos por foliões que desfilavam um atrás do outro, geralmente fantasiados e mascarados, sem se preocupar com a uniformidade. Havia uma diversidade de alegorias e representações como reis, rainhas, palhaços, velhos, diabos, baianas, dentre outros. Os foliões eram guiados por um mestre, um líder que os comandava por um apito. Sodré assegura que nos cordões a afirmação cultural não era definida por meras representações de gestos e de cantos, por exemplo, mas de inclusão de um movimento “selvagem” de reterritorialização que rompia os limites topográficos impostos aos negros por meio da divisão do espaço urbano” (GONÇALVES, 2016, p. 39).

criar modos de legitimar sua forma de viver a festa, bem como restringir o acesso aos sujeitos incultos e insubordinados. Nesse sentido, o privado, a casa e os clubes, passaram a representar esse grupo e a maneira civilizada como o carnaval deveria ocorrer. Ao contrário, a rua, de maneira geral, estava destinada às práticas mundanas, dos sujeitos incultos, mas também da oposição, do sarcasmo, da criatividade (DIAS, 2015).

Até a década de 30, os carnavais da cidade eram movimentados pelos clubes, pelos ranchos, cordões e blocos (PEREIRA FILHO, 2006). No entanto, a partir desse período passa a ser visível a decadência das diferentes formas de pular o carnaval na cidade, decorrentes da falta de investimento do poder público na festividade, bem como das diversas formas de proibição e perseguição das manifestações (PEREIRA FILHO, 2006).

Embora, a festividade na cidade tenha sido inibida, ela não morreu e tampouco se esvaziou de sentidos e significados. Algumas escolas de samba permaneciam construindo a festa na cidade, como a “Escola de Samba Pedreira Unida” fundada na comunidade Pedreira Prado Lopes, no final dos anos 30 e a “Escola de Samba Unidos do Monte Castelo”, fundada em meados da década de 40 (MAPA DA FOLIA, 2014). Outra importante manifestação que permaneceu nesse intervalo nebuloso, da qual existem poucos registros e fontes para consulta, foram os blocos caricatos que fazem parte da festa oficial organizada pela Prefeitura do Município até hoje. No final da década de quarenta e na década de 50 existem registros do bloco “Bocas Brancas da Floresta” e do bloco “Mulatos do Carlos Prates”. O segundo ficou ativo durante longo período, quando se juntou com “Demônios do Santo André” e a partir dos anos 2000, tornou-se “Mulatos do Samba” (BELO HORIZONTE, 2015).

Na década de 60, surge a tradicional “Escola de Samba Cidade Jardim”, que já recebeu 20 títulos de vencedora do carnaval oficial da cidade (BELO HORIZONTE, 2015). Na mesma década outros blocos caricatos desfilavam nas ruas da capital, como “Corsários do Samba”, “Aflitos do Anchieta” e “Bacharéis do Samba” (MAPA DA FOLIA, 2014; BELO HORIZONTE, 2015).

Já na década de 80 e 90 é possível dizer sobre a existência de alguns blocos de carnaval, como o Bloco Oficina Tambolelê, que surge nas ruas da periferia como experiência de resistência que confronta e propõe uma nova perspectiva frente às relações autoritárias estabelecidas na sociedade brasileira, sobretudo as relações raciais, ao afirmarem práticas culturais de reconhecimento e valorização desses sujeitos (SANTOS, 2003). Essa experiência gerou a formação do Centro Cultural Tambolelê, “um bloco de percussão formado pelos

integrantes (fundadores) do grupo Tambolelê com intuito de proporcionar artes no bairro de origem Novo Glória onde, desde o ano 2000, até hoje acontecem os encontros semanais com ensaios abertos e gratuitos, shows e oficinas sobre coordenação do Bloco Oficina Tambolelê”¹⁸.

Embora haja uma multiplicidade das experiências na cidade, tanto dos espaços, quanto das intencionalidades de cada prática, há uma evidência na presença dos sujeitos pobres e negros que, não por acaso, subvertiam as lógicas de apagamento e inibição da cultura carnavalesca.

No decorrer da década de 80, havia na cidade, entre as escolas de samba e os blocos caricatos, mais 30 experiências carnavalescas que aconteciam em diversos pontos da cidade e, arrastavam para as ruas muitas pessoas. Já em meados da década de 90, com menos apoio governamental, o carnaval perdeu as dimensões que havia conquistado nos últimos anos (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2014).

Já no início do século XXI, há uma efervescência política na cidade e com isso um florescimento e disseminação de blocos de carnaval de rua na cidade. Eles foram criados independentemente de qualquer apoio do poder público e, muitas vezes, apesar dos empecilhos impostos por ele, foi um modo de protestar contra sua forma de governar. Assim, os blocos de rua multiplicam-se a cada ano, tornando-se um fenômeno que vem atraindo não só foliões belo-horizontinos e turistas de outros lugares, como também interesses institucionais, políticos e econômicos (DIAS, 2015).

Nesse percurso é possível verificar que o carnaval produz vários significados. Ele não é uma prática histórica linear, construída de maneira pura e harmoniosa. O carnaval é cenário de disputa na ação direta e simbólica. Mesmo que atualmente saibamos que a racionalidade moderna, europeia, cristã e branca tenha se sobreposto às diversas formas de ver, pensar e viver o mundo, ela é permeada por resistências culturais, subjetivas e cotidianas de povos, saberes e conhecimentos outros.

2.1.2. Uma ocupação insurgente: o atual carnaval de rua de Belo Horizonte

18

Informações disponíveis na página do grupo no Facebook, acessível em https://www.facebook.com/pg/tambolele/about/?ref=page_internal, acesso em 31/10/2017.

Os carnavais de rua da cidade estão permanentemente em processo de transformação, pelo caráter dinâmico e múltiplo da vida social, política e cultural, em decorrência do contexto dos sujeitos envolvidos; pelas fortes intervenções do mercado e, em especial, pelo poder público. É possível perceber no percurso histórico que a festa esteve presente desde a fundação da cidade, mesmo com seu declínio progressivo, principalmente da década de 90. No entanto, a partir dos anos 2000, quando os carnavais de rua pareciam sucumbir, a capital mineira entra em um novo ciclo de transformações da festa.

A partir desse período novos blocos surgem de forma independente, pintando a cidade novamente com as suas cores. Formado majoritariamente por jovens amigos e familiares residentes da cidade, passaram, pouco a pouco, a ocupar algumas ruas e bairros. No início, os blocos eram tímidos e poucas pessoas os seguiam, no entanto, começou a tomar contornos cada vez maiores e multidões passaram a acompanhar os blocos, nas mais diversas regiões da cidade. Nesse mesmo tempo, representando os diversos atravessamentos e pertencimentos de experiências do carnaval, surgiam blocos com posições mais conservadoras em relação à festa e alinhamento político com a atual gestão municipal, bem como blocos com posições mais progressistas em relação à festa e ao alinhamento com as práticas independentes e autônomas (DIAS, 2015).

Essa ampliação do carnaval de rua da capital, além de refletir a resistência de sujeitos negros e pobres, que asseguraram a manifestação cultural carnavalesca por longo período na capital mineira, reflete também um diálogo histórico entre ações coletivas, movimentos sociais, coletivos culturais de cunho contestatório da cidade em um mundo globalizado¹⁹. Ações mobilizadas e compostas majoritariamente por jovens e que propõem a abertura para diferentes modos de fazer política (OLIVEIRA, 2012).

¹⁹ O mundo contemporâneo assistiu à eclosão de diversas movimentações sociais protagonizadas por jovens. Desde pelo menos o final do século XX à primeira década dos anos 2000, com os chamados movimentos antiglobalização, surgiram em todo o globo múltiplas formas de agenciamento juvenil contestadores da ordem social. Nesse contexto, considero que o novo ciclo carnavalesco da cidade foi uma movimentação diretamente conectada ao contexto global contemporâneo das movimentações sociais protagonizadas por jovens, por um lado, e, por outro, diretamente conectada ao contexto local, no caso a cidade de Belo Horizonte, relativamente a questões urbanas e a questões do poder municipal. Este novo ciclo carnavalesco apresentou características específicas das formas contemporâneas de ativismo e participação social - presentes ao menos desde as movimentações de finais dos anos 1990 e início dos anos 2000, que ficaram conhecidas como “Movimentos Antiglobalização” ou “Movimentos Anticapitalistas”: busca pela horizontalidade, ação direta, carnavalização do protesto, diversificação das formas de ação, ciberativismo e uso intensivo das novas mídias, relevância do papel dos indivíduos, desvinculação das formas tradicionais de participação, como partidos, sindicatos etc., bem como trouxe à tona as problemáticas da cidade e do poder municipal como preocupações centrais (OLIVEIRA, 2012). Para saber mais sobre os movimentos antiglobalização e anticapitalistas, ver em (OLIVEIRA, 2012; 2017)

Com esse processo de ocupação insurgente dos espaços públicos da cidade, a manifestação popular atraiu, além de uma multidão de foliões, o olhar divergente dos órgãos de controle da cidade - a história se repetia na cidade. Esses órgãos, em uma tentativa explícita de controle, recorriam às leis rígidas, utilitaristas e funcionalistas do espaço, para frear e inibir as manifestações carnavalescas (DIAS, 2015).

No entanto, ao contrário do que os órgãos competentes esperavam, os sujeitos que compunham os blocos, aliados às mais diversas práticas de contestação da cidade assumiram uma postura contrária às normas impostas pelo poder público que dificultava significativamente a construção e efetivação dos desfiles e cortejos pelas ruas. Os blocos resistiam às medidas excessivas de controle que, além de promover um desmonte das manifestações, aliciava os blocos para a criação de laços de dependência com a gestão municipal e para a institucionalização. Na ânsia pela regulação das práticas independentes e irreverentes dos blocos, a prefeitura ameaçava com medidas punitivas, tanto os comércios locais, quanto os integrantes dos blocos que persistiam nas ruas (DIAS, 2015).

Essas medidas (muitas para os comerciantes locais e foliões responsáveis pelos blocos) não foram suficientes para inibir e desmontar o carnaval da cidade. Pelo contrário, as medidas autoritárias tomadas pela administração da cidade colaboraram para que as experiências crescessem dia após dia. Se no início os residentes locais eram os principais participantes da folia, à medida que a festa tomava contornos cada vez maiores, pessoas de outras cidades eram atraídas para a capital mineira que, até então amargava um status de pacata e sem inclinação para a festa (DIAS, 2015).

Nos últimos anos, o carnaval de rua da cidade foi se consolidando e outras experiências da festa foram se constituindo e atraindo cada vez mais pessoas, tanto no pré-carnaval²⁰ como no feriado destinado a festa. Nesse ponto, as experiências independentes e autônomas dos blocos de rua eram tamanhas que a prefeitura adotou outra estratégia e procurou dialogar com a manifestação plural que já ocorria. A estratégia passa de inibição e desmonte para promoção da economia local (DIAS, 2015).

Tal mudança de estratégia passa a atrair interesses políticos partidários e econômicos.

²⁰ O pré-carnaval se configura como um espaço/tempo que antecipa o carnaval, funcionando muitas vezes como um pré-ensaio para alguns blocos e/ou uma possibilidade de ocupar as ruas para outros que ainda não compõem a cena do carnaval. Ademais, o pré-carnaval possibilita o acesso a trabalhadores/as que durante o feriado destinado à festa, estão trabalhando.

Nesse sentido, há um investimento grande em infraestrutura por parte da Prefeitura para garantir que a cidade tenha uma programação atraente e confortável para pessoas de outras cidades. Simultaneamente, o poder público estabelece parcerias com grandes empresas para a produção, organização e operação do evento, bem como do ramo de bebidas para patrocinar a festa da cidade. Os investimentos e as parcerias foram tão satisfatórios, que a prefeitura passa a reconhecer o evento **familiar, democrático e gratuito**, como o maior da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 2015).

A Prefeitura de Belo Horizonte oportunista²¹, vinculou esse novo ciclo de crescimento e transformações da festividade na capital à sua própria gestão. Mas, vários blocos²² da cidade se juntaram e construíram um manifesto²³, denunciando tal tentativa de manipulação política e anunciando as verdadeiras faces dessa construção, com suas potencialidades e os conflitos. Na sequência, esses blocos se manifestaram publicamente contra o rumo mercadológico²⁴ que a festa estava tomando devido às parcerias com grandes empresas, bem como se manifestaram contra a “camarotização”²⁵ do carnaval, em uma alusão aos palcos e camarotes do carnaval “oficial”, denunciando a segregação dos sujeitos da cidade e anunciando a identidade inclusiva

²¹ Trata-se dos mandatos de 2009/2012 e 2013/2016 do Prefeito Márcio Araújo de Lacerda, à época, do Partido Socialista Brasileiro – PSB.

²² Bloco do Padreco, Bloco da Língua, Quando Come Se Lambuza, Bloco Unidos Pela Cerveja, #NadaMudou, Bloco Lavô, tá novo, Asa de Banana, Bloco Beaga, Bloco Garota eu vou pro Califórnia, QUE MARIO?, Bloco Seu Vizinho, Bloco Aki Cê Dança, Bloco da Ci, Chama o Síndico, Roda de Timbau, L'Italia Mascherata, Bloco Us Beethoven, Bloco Beijo do Wando, Bloco Sbc Samba Bobagem E Cerveja, Sagrada Profana, Bloco Acorda Amor, Então Brilha!, Pó de sim, Unidos do Samba Queixinho, Filhos de Tcha tcha, Bloco da Esquina, Bloco Gato Escaldado, Bloco do Bigode, Bloco Fúnebre, Bloco Pula Catraca! - Associação Carnavalesca Antitarifária, Juventude Bronzeada, Bloco Porque JA, Bloco Queima o Filme, Bloco da Praia, Bloco Manjerição, Bloco De Seu Bento a Dona Lucia, Nada Santa, Bloco da Calixto, Bloco Bom Bloquiui, Bloco Miolo Mole, Bloco WS Eletrico, Bloco de Belô, Alô Abacaxi, Bloco Angola Janga, Bloco Sapa Janga, Bloco Garotas Solteiras, Bloco Corte Devassa, Bloco Haja Amor, Bloco Bruta Flor, Bloco Almas Empenadas, Bloco Com Sagrados, Bloco do Pijama, Sexta Ninguém Sabe! Podia ser Pior, Mamá na Vaca, Bloco do Angu, Bloco da Tetê, a Santa, Bloco da Cidade, Bloco do Moreré, Escola Grêmio Recreativo Unidos da Guignard, Bloco Cães de Alfama, Cafetina de Qué-Qué, Bloco da Praia da Estação, Bloco do Approach, Bloco Cacete de Agulha, Bloco das MISSes, Tico Tico Serra Copo, Alcova Libertina, Bloco do Grito, Bloco Coletivo do Delírio, Unidos do Barro Preto, Bloco do Peixoto, ViUvas do Carnaval, Vira o Santo, Toca Raul Agremiação Psicodélica.

²³ <https://www.facebook.com/notes/carnaval-de-rua-bh/nota-de-rep%C3%BAdio-dos-blocos-de-rua-do-carnaval-de-bh-ao-candidato-marcio-lacerda/415176745212202/> - Acesso em 08/10/2018.

²⁴ <https://www.uai.com.br/app/noticia/carnaval/2015/02/24/noticias-carnaval,165002/blocos-de-rua-de-bh-divulgam-manifesto-de-repudio-contr-a-skol.shtml> - Acesso em 08/10/2018.

²⁵

<https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2015/11/24/noticias-musica,174456/blocos-de-carnaval-divulgam-nota-de-repudio-a-camarotizacao-e-a-pbh.shtml> - Acesso em 08/10/2018.

e múltipla do carnaval independente dos blocos de rua.

Nesse contexto político efervescente, nasce um número enorme de experiências carnavalescas. Existem atualmente mais de 500 blocos, que desfilam nas mais diversas regiões e ruas da cidade. Marcada por múltiplas experiências, dizer sobre uma origem desse processo ou de um essencialismo político e de resistência presente na festa, é equivocado e pretencioso. No entanto, essa característica política e de resistência é o foco desta pesquisa. E, no que se refere ao carnaval da capital mineira, uma parte desses blocos se notabilizou por reunirem uma variedade de bandeiras sociais, políticas e culturais que repercutem em suas ações para além do feriado carnavalesco.

Sobre os blocos de rua da capital mineira, Paola Dias, em pesquisa realizada em 2015, intitulada “Sob a lente do espaço vivido: a apropriação das ruas pelos blocos de carnaval na Belo Horizonte contemporânea”, afirma que uma parte significativa dos blocos que figuram politicamente nas ruas da capital é formada “por jovens de classe média, altamente escolarizados, formadores de opinião e com algum poder político, podendo ser socialmente reconhecidos como “jovens de boa família” ou “gente bonita” (p. 158). Não se trata de deslegitimar as ações promovidas pelos blocos que propuseram de maneira crítica e reflexiva uma série de práticas em favor de uma cidade mais democrática. O destaque que a autora dá para essa constatação é de que, com esse perfil, mesmo com as boas intenções nas relações, pode ocorrer a adoção de um papel paternalista, levando sua própria cultura e idealizações para territórios e contexto “vulneráveis”. Essa relação paternalista e esporádica, não adere a luta em sua forma mais ampla, no cotidiano. A autora afirma que é necessário ter um cuidado para que não sejam afirmadas sob o manto da resistência, as relações de poder, de domínio e exploração que ocorrem com o contexto e sujeitos marginalizados (DIAS, 2015). Embora, essa constatação ainda possa retratar a realidade das experiências do carnaval da cidade, ela é fortemente provocada pela presença de blocos compostos por sujeitos de outras classes, raças, etnias, gêneros.

O bloco Tamborins tãntãs, é um dos que provoca uma reflexão acerca dos sujeitos do carnaval, pois traz a pauta da saúde mental para as ruas. Para além, da denúncia da precariedade dos centros de acolhimento, tratamento e dos estigmas que sofrem os pacientes com transtornos mentais, anunciam outro modo de ver e viver o cotidiano, outro modo de sociabilidade, diferente e irreverente.

O Bloco Pula Catraca e Bloco da Bicicletinha, trazem para a cena pública a precariedade

do transporte público, os verdadeiros prejudicados com as políticas de transporte no país e os interesses dominantes sobre a tema da mobilidade urbana, bem como anunciam outras possibilidades de transporte e mobilidade urbana.

O Bloco Bruta Flor, o Bloco Clandes Tinas, o Bloco Baque de Mina e o Bloco Sagrada Profana denunciam o machismo, as desigualdades de gênero nas mais diversas áreas, os feminicídios e, anunciam alternativas, como a criação de políticas para combate ao abuso contra a mulher, grupos de apoio e construção de alianças entre as próprias mulheres, a legalização do aborto. Dessa forma desestabilizam as hierarquias e os estigmas existentes sobre a mulher.

Os blocos Garotas Solteiras e Truck do Desejo, descortinam as diversas violências, físicas e morais, com a população LGBTQI+, as relações desiguais entre os gêneros, bem como anunciam, através de releituras das Divas Pop's²⁶ em ritmo de Axé, práticas sociais de respeito, políticas públicas de combate à violência contra essa população.

Os Blocos Magia Negra, Afoxé Bandarerê, Bloco Oficina Tambolelê, Angola Janga, pautam com uma força estrondosa o racismo e suas várias facetas, os privilégios da branquitude e as desigualdades raciais, ao mesmo tempo em que anunciam sua ancestralidade e religiosidade com vigor cultural e humanidade. O Bloco Angola Janga, o mais novo entre os blocos citados, surge em 2015 com a denúncia do branqueamento do carnaval de rua de Belo Horizonte e o lugar subalterno do negro, especialmente no feriado destinado à festa – vendedor ambulante de bebidas e comidas, catador de lixo e latas de alumínio, segurança²⁷. Embora a população negra e os blocos compostos por essa população tenham resistido desde a fundação da capital, o atual carnaval de rua da cidade era marcado pela forte presença da população branca. O Bloco Angola Janga, não propunha apenas o reconhecimento da cultura negra, mas também a participação da população negra na cultura que é Afro-brasileira.

O bloco do Caranguejo, o Bloco Arrasta a favela e o Bloco Seu Vizinho, esse último parceiro desta dissertação, são blocos de favela, formados por moradores e amigos de outras regiões, que denunciam os estigmas e os estereótipos que a favela e os sujeitos moradores carregam e a não participação dos moradores da favela no carnaval da cidade, bem como anunciam às mais diversas práticas e espaços de sociabilidade e solidariedade existentes no território, que desestabilizam a visão restrita ao qual estão submetidos.

²⁶ Lady Gaga, Beyonce, Valesca Popozuda, Rihanna, Pablo Vitar, Sandy, Madonna, Shakira, Katy Parry.

²⁷ Não se trata de desmerecer ou minimizar a importâncias das profissões, no entanto, no feriado era um lugar marcado, onde por exemplo, não havia a presença de brancos.

São inúmeras as bandeiras políticas que os blocos de rua da capital levantam e sustentam durante todo o ano. Em 2018, próximo às eleições, no dia 29 de setembro, as mulheres e seus mais diversos grupos de apoio se organizaram e mobilizaram uma grande manifestação nacional contra um dos candidatos à presidência. A marcha intitulada #EleNão²⁸ denunciava a junção dos ideais fascistas com os ideais neoliberais, que a partir do discurso autoriza ações violentas contra as mulheres, os pobres, a população negra e LGBTQI+.

A marcha teve bateria formada exclusivamente por mulheres que compõem e constroem outros blocos da cidade e, no chamamento para a participação, vários blocos da capital apoiaram explicitamente o ato.

Desse modo, uma parte das experiências do carnaval de blocos da cidade, assim como o movimento da Praia da Estação²⁹, podem ser compreendidos como catalizadores de pautas, coletivas e individuais, em benefício da cidade, no seu sentido mais amplo, de usufruto dos espaços públicos, de mobilidade, de fruição cultural, de acolhimento e compartilhamento de experiências dos diversos sujeitos que a constroem (OLIVEIRA, 2012; 2017), ao mesmo tempo em que é profundamente afetada pela perversidade dos interesses econômicos e institucionais.

Assim, é possível dizer que no caso da capital mineira, para além da visão restrita do carnaval como momento de descontração e descanso, a festa carrega um potencial político e de resistência que provoca questionamentos às estruturas excludentes construídas pelo modelo social moderno/colonial. Os blocos de rua se organizam não apenas para o desfile durante o feriado destinado à festa, mas se mobilizam em vários outros períodos do ano em uma ação constante de provocação e mudança, de reflexão e ação, de ressignificação e transformação das relações de poder existentes no cotidiano da cidade.

A reflexão acerca dos blocos e do carnaval de maneira geral nos convoca a falarmos de carnavais, no plural, pois expressa a multiplicidade de experiências que combinam festas, denúncias e lutas, bem como uma heterogeneidade de sujeitos. É possível afirmar que a diversidade do carnaval se manteve latente ao longo da história da capital mineira e foi passando por transformações a partir de influências sociais, políticas e culturais diversas. Essa

28

Manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil em inúmeras cidades. A manifestação “EleNão” representava um repúdio direto ao candidato a presidência Jair Bolsonaro.

²⁹ O movimento da “Praia da Estação” surge a partir da proibição, por parte da prefeitura municipal, da realização de eventos de qualquer natureza na “Praça da Estação”, região central. O movimento, influenciado por outros coletivos de cunho contestatório e com sujeitos que faziam partes desses outros coletivos, propõe uma outra forma de contestar, através da ocupação criativa, festiva e performática do espaço (OLIVEIRA, 2012).

característica política que os sujeitos e os grupos sociais adquirem nesse contexto da festa tem potencial de alargar tanto os dias do feriado, quanto as visões restritas sobre a festa, pois apresentam relações diretas com tensões e conflitos da vida cotidiana. Esse engajamento político comporta uma dimensão social do carnaval, que traz à tona uma série de atravessamentos cotidianos importantes de serem compreendidos.

O Seu Vizinho nasce do entrelaçamento de uma sucessão de manifestações e experiências sociais, políticas e culturais que se comunicam, se relacionam, se interpelam, de modo que, para compreendê-lo melhor é necessário fazer um mergulho nesse universo de possibilidades.

No próximo trecho, apresento a perspectiva teórica na qual a pesquisa se baseia. Inicialmente, será feita uma breve elaboração sobre o conceito de juventude. Articulada a essa discussão, busco refletir sobre como os jovens em suas múltiplas experiências de socialização e sociabilidade, produzem “outras pedagogias” no contexto social. Em seguida, tendo em vista a interlocução entre os blocos de carnaval de rua da cidade, ações coletivas, movimentos sociais e sujeitos políticos diversos, abarcaremos uma reflexão sobre práticas de resistências, bem como um sentido sobre tal concepção, de modo que, algumas perguntas possam ser desenvolvidas com maior descrição e rigor analítico.

2.2.OS JOVENS E A PRODUÇÃO DE “OUTRAS PEDAGOGIAS”

Ao falar de juventude, entendo que não se trata apenas de uma etapa da vida exclusivamente relacionada à faixa etária, reduzida a aspectos cronológicos, embora seja importante reconhecer as diferenciações relacionadas ao desenvolvimento fisiológico, psíquico e social para a construção de políticas públicas, bem como para as variações de situações vividas por jovens de 15 anos e/ou de jovens com 25 anos, por exemplo (CORTI e SOUZA, 2004; DAYRELL, 2017). Tampouco se trata apenas de uma fase de transição. Pelo contrário, estamos lidando com uma categoria produzida simbolicamente e condicionada por fatores históricos, políticos e materiais (MARGULLIS; URRESTI, 1998).

Corti e Souza (2004, p. 5), afirmam que a “juventude é uma fase da vida que tem sentido em si mesma”. Assim, a juventude não deve ser vista apenas como uma passagem entre a infância e a vida adulta, mas como um processo em que os jovens estão num exercício de inserção social. Nesta fase se desenvolvem modos específicos de ser e de agir frente às

demandas sociais, em que possibilidades e limites se confrontam em todas as instâncias da vida, considerando que cada jovem possui uma multiplicidade de experiências construídas a partir dos seus diversos pertencimentos, o local de moradia (rural, urbano), a classe social, sua condição étnica, de raça e de gênero, a presença ou não no mundo do trabalho e em processos educativos, a orientação religiosa, a situação familiar, etc. (DAYRELL, 2005). É nesse contexto que a utilização da palavra juventude - no plural, juventudes - se fundamenta, como uma maneira de enfatizar os diversos modos de ser jovem.

Todavia, historicamente, o conceito de juventude foi construído baseado na ideia de transição, tornando difícil a desconstrução dessa ideia. Corti e Souza (2004) apresentam um percurso histórico do conceito com o intuito de abordar a condição juvenil atual. Essa trajetória se inicia no período medieval quando a transição da juventude para a fase adulta se dava após a inserção do jovem na vida política, que se restringia aos homens das camadas dirigentes. Mais à frente, a inserção na carreira militar também demarcava esse deslocamento de uma fase para outra. E, na atualidade, as autoras afirmam que os principais marcos de transição seriam a “inserção no mercado de trabalho, o casamento, a constituição de um núcleo familiar e procriação” (p. 15).

Mesmo existindo marcos de transição, consideramos importantes entre as idades da vida a “fluidez e a complexidade” - marcas características da experiência social no século XX - tornam a fase de transição da juventude para a fase adulta um trajeto não linear, ou “trajetórias ioiô”, marcadas pelas imprevisibilidades e reversibilidades (PAIS, 2001). Nesse sentido, não é possível definir a juventude como uma faixa etária reduzida a aspectos cronológicos e tampouco apenas como uma fase de transição, em que todos esses marcos estariam superados.

É importante apontar que, historicamente, eram caracterizados como jovens aqueles indivíduos que participavam das classes média e alta. Segundo Corti e Souza (2004, p. 15) “daí o estranhamento e a incompreensão das sociedades diante das novas juventudes, vindas de classes populares, que passam a ocupar a cidade com novas questões e problemas que já não dizem respeito ao modelo de juventude vigente”. As autoras afirmam, portanto, que “juventude é uma construção social e não um processo natural. Ser jovem implica possuir determinadas características e exercer certos papéis sociais” (CORTI e SOUZA, 2004, p. 18).

Durante o século XX, a visibilidade dos jovens como grupo social dissociado de outras etapas da vida, assumiu muitas vezes uma tonalidade negativa, abordados a partir dos “riscos” e “ameaças” que representavam para a coesão social. Dayrell e Carrano (2014, p. 107), em

artigo escrito para o livro “Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo”, afirmam que “enxergar o jovem pela ótica dos problemas é reduzir a complexidade desse momento da vida. É preciso cuidar para não transformar a juventude em idade problemática, confundindo-a com as dificuldades que possam afligi-la”. Tampouco é possível apresentar uma imagem romantizada da juventude, associada à liberdade e ao prazer sem fronteiras.

Não é incomum serem reconhecidos por sua energia, vitalidade, atitude de inovação e renovação, estética e despojamento. Ao mesmo tempo, não deixam de ser identificados como problema social, no contexto de altos índices de violência, consumo de álcool e drogas, irresponsabilidade (PAIS, 1990; DAYRELL, 2017).

Dayrell (2005) a partir de reflexões acerca do livro de Morin intitulado “Meus Demônios” salienta que ser jovem e/ou a juventude não é apenas um dado da natureza, mas possui uma dimensão simbólica, de construção social. As experiências das diferentes gerações se relacionam, de forma que uma idade não exclua ou determine a outra, mas trata de uma experiência compartilhada. Não se pode, portanto, aprisionar a etapa da vida em si mesma. Ao contrário, cada ciclo etário contém todos os outros.

Os jovens a partir do seu meio social possuem múltiplas experiências de socialização, sociabilidade e formas de interação, o que permite o desenvolvimento de lógicas alternativas de ações no contexto social. Os jovens, em seus diversos modos de ser, apresentam em comum a busca por um sentido de “pertencimento e diferenciação” (CORTI E SOUZA, 2004), o que fomenta a formação de grupos, alguns deles com um caráter cultural e crítico em muitas de suas ações (SOUZA, 2005).

Nesse contexto, é possível perceber ao longo da história, que os jovens têm participado ativamente em várias manifestações sociais, políticas e culturais através de ações coletivas e práticas de resistência demonstrando ampla participação e mobilização política, muito além dos estereótipos assinalados atualmente.

No Brasil, os jovens têm se destacado na proposição e participação em grande parte das manifestações por mudanças na realidade social, política e econômica. Atualmente, além dos grandes marcos, como as jornadas de junho de 2013³⁰, diversos grupos atuam de forma organizada contra uma ordem social imposta por uma sociedade capitalista. Como ação mais recente é possível citar as ocupações das escolas da rede pública de São Paulo em novembro de

³⁰ Para saber mais sobre as jornadas de junho de 2013, ver em Maricato [et al.] (2013).

2015 e a ocupação de escolas e universidades no Brasil em defesa da educação pública em 2016, bem como a atuação em diversas outras áreas, como os movimentos Negro, LGBTQI+, de Mulheres, do Campo e Indígenas. Ou seja, jovens participam de diversos movimentos sociais e ações coletivas de maneira mais ampla e não restrita apenas aos próprios jovens (GOHN, 2017).

Estes jovens inseridos dentro dos diversos coletivos são mobilizados por ideais comuns de luta e de justiça social e constantemente apresentam lógicas próprias de organização, bem como criam e recriam sentidos sobre o “estar junto” e sobre o espaço público (DAYRELL, 2007, p. 8), no sentido de torná-lo um território vivo, criativo, dinâmico, expressivo, interativo. A partir das interações sociais construídas de forma dinâmica e coletiva nesses espaços, os jovens produzem experiências organizacionais, educacionais, culturais e políticas próprias e de resistência a um contexto de produção de desigualdade. É possível dizer que os jovens produzem “outras pedagogias”³¹ (ARROYO, 2012; DAYRELL, 2017).

O campo cultural tem sido um terreno fértil para a produção dessas “Outras pedagogias” de jovens brasileiros. Podemos citar os grupos, como o *Break, Soul, Samba*; o *Hip-Hop*, o *Maracatu*; os duelos de *Vogue*³², o campeonato interdrag de *Gaymada*³³; o *Grafite* e o *Pixo*. Os jovens desses grupos têm diferentes pertencimentos de classe, de raça, etnia e de gênero. O engajamento em coletivos culturais diversos torna-se uma oportunidade de ação política, a partir da qual podem vislumbrar novas possibilidades de mudança e de construções compartilhadas (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005). Nesse contexto é possível situar alguns blocos de carnaval de rua da cidade de Belo Horizonte.

³¹ O termo é utilizado como parte do título do livro de Miguel Arroyo publicado em 2012, “Outros Sujeitos, Outras Pedagogias”. Refere-se aos princípios ou pressupostos que informam práticas educativas de sujeitos, geralmente, marginalizados e inferiorizados nos diversos contextos sociais. Tratam de ações que deslocam, criam fissura, provocam, questionam, interpelam a lógica moderna/colonial, que impõe padrões violentos, manipula, domestica, desumaniza, exclui e marginaliza estes “Outros Sujeitos”.

³² Duelo de *Vogue* é um duelo de dança inspirado em um movimento dos anos 1980, quando homossexuais e travestis fomentavam um movimento de contracultura nas periferias norte-americanas. Em BH, o movimento se consagrou em 2014, e trata de um movimento de afirmação de mulheres e da população LGBTQI+. <https://bhaz.com.br/2017/05/15/duelo-de-vogue/> acesso em 31/10/2018.

³³ Trata-se de um Campeonato do tradicional jogo de queimada, em que um grupo de gays e transsexuais convida o público para participar de um jogo, animado por música e líderes de torcida, que atuam sobre o apito de uma juíza. Nos intervalos dos jogos o coletivo *Toda Deseo*, relembra casos de agressão e mortes por discriminação. É uma ação performática urbana que cria espaços de convivência e manifestação política a partir da diferença. <http://bienaldedanca.sescsp.org.br/2017/programacao/campeonato-interdrag-de-gaymada/> acesso em 31/10/2018.

A relação entre os jovens e a cultura tende a ser vista a partir de uma visão reducionista que aborda as culturas juvenis como momentos de divertimento, prazer e, conseqüentemente, o afastamento do mundo do trabalho e das responsabilidades de preparação para a vida adulta. Para além desta perspectiva, no tempo livre e nas experiências culturais os jovens desenvolvem suas próprias lógicas de ações e, assim, suas expressões culturais, seus modos de agir e ser no mundo a partir do qual assumem compromissos e responsabilidades. No diálogo com os outros, nas experiências entre as diferentes gerações, os jovens atribuem sentidos e significados próprios às suas práticas políticas e culturais (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005) de caráter educativo, político e de transformação local, a partir da vivência em experiências culturais potencialmente democráticas.

As experiências culturais são compreendidas aqui como algo que vai além da definição de um tempo de não trabalho, do acesso democrático ao tempo livre, de um tempo de repouso e descanso e do momento mais propício para consumir os bens produzidos. As experiências culturais passam a ter sentido em si, confrontados com suas próprias existências, com importância e singularidade na vida dos indivíduos através das expressões simbólicas, valores culturais e linguagens (CARRANO, 2012).

Em suma, as diversas ações juvenis em diferentes espaços sociais podem ser consideradas como um campo fértil em que se processam experiências sociais, educativas e políticas que transformam o cotidiano dos sujeitos (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005).

Diante desse cenário, voltamos o olhar desta pesquisa para a compreensão de um bloco de carnaval, enquanto ação coletiva, tendo algumas questões como orientadoras: Toda experiência do bloco pode ser vista como resistência contra uma cultura hegemônica? Toda experiência do bloco é transformadora? Existem tensões na construção dessas experiências? Essas questões serão abordadas ao longo da pesquisa.

2.2.1. Práticas de resistência: processo de afirmação de sujeitos de direitos

As práticas de resistência, as movimentações reivindicatórias, as lutas sociais, as expressões políticas e contestatórias são mutáveis, são fruto dos processos de ação e reflexão, coletivas e individuais, do caráter dinâmico e múltiplo da vida social e das reações às intervenções violentas e discriminatórias da sociedade contemporânea.

Tais práticas de resistência estão diretamente associadas à forma como diferentes atores sociais se afirmam, individual e coletivamente, como sujeitos de direitos, no enfrentamento de determinadas práticas e discursos de discriminação, exploração e dominação presentes na sociedade. Desta forma, crianças, jovens, adultos e idosos, de raças e etnias, de gêneros e de classes distintas estão envolvidos nas mais variadas formas de resistência.

As práticas de resistência, de caráter autônomo e emancipatório, são heterogêneas. Em algumas delas os atores e grupos sociais se expressam fortemente pela linguagem artística, da música, do cinema, da dança, da moda e da arte, constituindo assim um campo de lutas em torno de determinados conflitos sociais. Os participantes em tais práticas, muitas vezes vinculados profissionalmente ao campo da cultura e das artes, percorrem, simultaneamente, por variadas ações coletivas e/ou movimentações sociais. Os sujeitos se mobilizam de forma autônoma e se constituem de múltiplas identidades contestatórias.

Os modos e as vias de contestação são múltiplos, assim como o meio que os constitui. Algo que se evidencia é que não existe uma forma única de ação social, política, cultural e que todas as diferentes maneiras de manifestação estão suscetíveis a contradições, nem todas compartilham o mesmo ideal de liberdade social, política e cultural (BORELLI, 2009; ARROYO, 2012).

Na realidade da América Latina contemporânea, podemos dizer que existem múltiplos movimentos de contestação e formas de engajamento político. Entretanto, de forma combinada, interpelada, sobreposta, também existem muitos movimentos civis que buscam a construção de outra realidade, sem que se enquadrem, necessariamente, em uma leitura ocidental sobre os movimentos sociais e ações coletivas. Muitas práticas de resistência são compostas por pessoas e grupos que se mobilizam para construção de outras formas de organização social e resistem sem estarem vinculados a coletivos nomeados (ZIBECHI, 2012; 2015; 2017). O Seu Vizinho, por exemplo, uma ação coletiva de afirmação da favela e das práticas culturais e modos de vida dos moradores, era interpelado diretamente por mães da comunidade, por crianças, por outros sujeitos e movimentos que não eram ou estavam vinculados a qualquer coletivo de cunho contestatório.

Enquadrar essas movimentações independentes ou essas outras experiências políticas em um conceito – que tem utilidade descritiva e analítica-, pode reduzir a compreensão de certas nuances e singularidades. Essas construções referem-se a práticas de resistências cotidianas dos sujeitos, de setores populares, grupos e pessoas marginalizadas e coletivos culturais, que em

uma perspectiva mais ampla podem ser caracterizados como anticoloniais (ZIBECHI, 2012; 2015; 2017).

Desse modo, mais que definir um conceito, é necessário estar atento às diversas práticas de resistência que se entrelaçam. O movimento anticolonial, busca compreender elaborações sociais de contestação e resistência que combinam as ações coletivas e individuais, os afetos, as emoções, com o objetivo maior de reconhecimento dos sujeitos e comunidades de onde foram construídas essas formas de ser, para além dos referenciais da modernidade global vista a partir de padrões estabelecidos desde o Norte Ocidental (ARROYO, 2012; ZIBECHI, 2012; 2017).

Nesse sentido, entendo práticas de resistência ou as ações e expressões políticas e culturais contra hegemônicas como um processo de compreensão individual ou coletiva, das ações de dominação, exploração e discriminação, advindos do projeto civilizatório moderno/colonial, bem como no seu movimento para a transformação social. Esta compreensão está totalmente imbricada e conectada com a compreensão Paulo Freireana de Educação. A compreensão da realidade que, individual ou coletiva, possibilita aos sujeitos sua inserção no processo histórico de construção social e os inscreve na busca permanente por sua afirmação e, em consequência, abre caminhos para práticas de resistência, de liberdade e mobilizações contra situações de opressão. Trata-se de um processo de denúncia das desigualdades, bem como de anúncios de práticas alternativas que promovam outras relações sociais, políticas e culturais (FREIRE, 1982; 1987; 1996; 1989; 2012).

Não se trata apenas de reconhecer os processos de exclusão em que estão inseridos os blocos e os sujeitos do carnaval de Belo Horizonte. Os seus participantes a partir das práticas de resistência, constroem a ação política que se fundamenta nas diferenças e no desejo de mudança social (FREIRE, 1982; 1987; 2012).

É possível ver isso a partir de suas estratégias e formas de organização, dinâmicas e potencialmente democráticas, além do amplo repertório de questões e demandas que compõem suas pautas, tais como mobilidade urbana, ocupação dos espaços públicos, o reconhecimento dos diversos sujeitos subalternizados (população negra, LGBTQI+, mulheres, indígenas, mães, crianças), entre tantos outros temas abordados por blocos de carnaval.

Eles sugerem um choque com as pautas rígidas e seletivas da sociedade contemporânea. Ou seja, através das suas formas de organização, do seu fazer político por meio da festa, do desvio do caráter utilitarista dos espaços públicos e dos territórios marginalizados e do

reconhecimento de sujeitos subalternizados, propõe outras formas de ver e viver o mundo, provocando os sujeitos a experimentar outras possibilidades de vida.

Nesse movimento, os blocos de rua da cidade através de suas práticas irreverentes e insurgentes imprimem outras representações, outras formas criativas de se viver, criam e experimentam uma trama que vislumbram outras lógicas de ver e ser no mundo.

As práticas de resistência dos blocos e dos sujeitos que deles participam, portanto, é e está contida no processo político e educativo não linear das relações humanas que desloca, cria fissura, provoca, questiona, interpela a lógica moderna/colonial, que impõe padrões violentos, manipula, domestica, desumaniza, exclui e marginaliza alguns sujeitos históricos.

Nesse cenário múltiplo de práticas de resistência, o olhar da pesquisa recai sobre esses sujeitos que compõem as estratégias de resistência da ação coletiva (a experiência de vida dos jovens, o Aglomerado da Serra, as formas de organização), bem como sobre algumas pautas específicas, próprias dos movimentos sociais e ações coletivas organizadas de cunho contestatório como: autonomia e independência do estado e de outras instituições, reconhecimento cultural e identitário do grupo, sujeitos e setores populares, formação continuada dos participantes e certa horizontalidade nas relações de poder e processos decisórios (ZIBECHI, 2012; 2015; 2017).

Dessa forma, é importante pensar: Como o Seu Vizinho se constituiu? Como se organiza? Quais são as lógicas de ação desse coletivo? Como se dão as relações de poder nesse espaço? Que saberes são construídos na prática de participação? Como é constituída a sociabilidade dentro do grupo? Como se concretiza como um espaço participativo? Ao longo da pesquisa, busco abordar a ação coletiva investigada em seus limites e potencialidades.

No próximo trecho, será feita a primeira imersão na ação coletiva pesquisada, apresentando alguns aspectos interessantes da idealização do bloco até os seus primeiros passos práticos.

2.3. “Ô ABRAM ALAS! NÃO EMBAÇA! EU VOU CURTIR! NÃO PEÇO SEU AVAL!” : AS ORIGENS DO SEU VIZINHO

O marco temporal de constituição e concretização do Bloco Seu Vizinho é novembro de 2014, quando então começaram os ensaios da bateria para o desfile no carnaval de 2015. A ideia de montar um bloco de carnaval aconteceu a partir da vivência no próprio carnaval de rua

da cidade. O primeiro contato deles com o carnaval de rua da capital mineira foi em 2011, como foliões, em seguida passaram a compor a bateria de um bloco de amigos da faculdade, participando como regentes e percussionistas. Passados alguns anos de curtição e de prazer como foliões e instrumentistas foram desenvolvendo certo senso crítico em relação à música e o compromisso musical dos participantes da bateria da qual faziam parte. Nesse momento, como afirma PV (26/05/2018) “[...] eu tive certeza que eu não queria mais aquilo ali, sabe! *Tocar o que não queria, eu queria fazer música direito. E se for pra tocar de graça, vamos tocar no Morro, Velho!*”.

A partir das experiências vividas como instrumentistas foi possível perceber também a viabilidade de criar um bloco próprio de carnaval e no Aglomerado da Serra, onde até então não havia um bloco de carnaval de rua. Diante disso, PV (26/05/2018) diz: “*Olhei para o lado e vi quem tava segurando o ritmo, eu, Matheus, Aninha³⁴ e Chassi, de novo, velho! Quem tá segurando isso aqui é a gente. Daí vamos fazer um bloco?!*”.

A partir das experiências vividas no próprio carnaval de rua da cidade os jovens se viram diante de uma possibilidade de criação de um bloco próprio. Ao mesmo tempo isso trouxe algumas inquietações, como é possível perceber através do relato de Chassi: “*A gente achou isso, inegável, cê ia nos blocos, curtia o som, mas pouco preto, pobre e favelado, sendo que a população do Brasil que mais existe, mais numerosa*”. Perceber a não presença desses sujeitos – seus pares-, gerava um desconforto, pois uma parte significativa da cidade não estava participando da festa carnavalesca. Da mesma forma, como diz PV “*Enquanto a cidade pulsava o carnaval, o morro permanecia em silêncio!³⁵*”, ou seja, não se via a presença dos sujeitos negros, pobres e favelados no carnaval de blocos da cidade e ao mesmo tempo a festa não acontecia no Aglomerado. A inquietação dizia respeito a um processo de dupla exclusão, em que esses sujeitos foram inibidos e impedidos tanto de participar, quanto de produzir a própria festa carnavalesca.

Dessa maneira, a partir da experiência como instrumentistas de um bloco que emergiu do novo ciclo carnavalesco da cidade, eles viram uma possibilidade concreta de construir um

³⁴ Ana Luiza Menezes ou Aninha, como é carinhosamente chamada entre os amigos, é companheira de Matheus. Esteve presente e participou de todo o percurso de construção do SV desde a idealização. No momento da pesquisa, ainda participava das ações, mas havia se afastado das reuniões de planejamento e organização devido ao seu trabalho como terapeuta Ocupacional.

³⁵ No meu primeiro encontro com o Seu Vizinho, PV fez essa afirmação enquanto me apresentava o bloco, Caderno de Campo (06/08/2017).

bloco próprio e, a partir do desconforto da não participação de determinados sujeitos, vislumbraram a possibilidade de mudar uma das lógicas de exclusão do carnaval.

É interessante dizer que, inicialmente, não havia nenhuma conotação social ou política na iniciativa. De acordo com eles a intencionalidade primeira era fazer uma festa com música de qualidade para curtir o Aglomerado da Serra. Essa afirmação é de alguma maneira controversa, pois diante da declaração “*se for pra tocar de graça, vamos tocar no Morro*”, da percepção da exclusão existente no carnaval, da escolha e significação do nome e do lema, era possível perceber um caráter crítico e político. Esses aspectos estavam intimamente conectados com um movimento social e político de afirmação de identidades historicamente excluídas e subalternizadas, de territorialização das práticas sociais e de rompimento com paradigmas sociais (FREIRE, 1982; 1987; ARROYO, 2012; ZIBECCHI, 2012; 2017). Embora os jovens assegurassem que não havia uma justificativa política evidente na criação do bloco, era possível afirmar que deslocaram a experiência social do carnaval que haviam experimentado para um território próprio, iniciando um processo que se abriria para sentidos mais amplos.

Não é possível dizer que a politização da ação tenha acontecido de maneira inconsciente ou ingênua por parte dos jovens, uma vez que, como diz Chassi (07/05/2018) “*Já tinha trocado essa ideia aqui em casa, nas nossas conversas, com minha mãe, PV, Babi, Nubia. A gente conversando, tipo, de querer trazer acesso as coisas. Com o tempo, cê repara tanto, que cê diz que tem que ter coisa aqui bicho. É, alguma atividade aqui*”. A partir da vivência dos jovens em outros espaços e por influência da mãe, a conversa sobre construir uma ação que possibilitasse acesso à cultura já havia circulado entre eles, antes mesmo de ver no carnaval de blocos uma possibilidade. Trata-se de uma preocupação por ampliação da cultura do Aglomerado e não uma negação da cultura já existente na comunidade.

No entanto, podemos dizer que as motivações iniciais eram distintas entre os integrantes, como diz Matheus (08/05/2018) “*Talvez pro PV [e família], o Social tava mais forte, enquanto pra mim, fazer um bloco e mexer com música ainda tava mais forte. Como não havia vivenciado o Aglomerado da mesma forma que a família Ribeiro, para ele a relação do bloco com a comunidade não era algo central. Aos poucos essa noção iria se transformar para ele: “Quando a gente montou o bloco e foi lá pra dentro conhecer o morro. Conhecer a galera lá, conhecendo os vizinhos do PV ali, mudou essa concepção de curtição, fazer só música. Foi, quando eu vi a grandiosidade do morro e o tanto de gente massa que tem lá*”. Nesse trecho, Matheus reafirma sua intencionalidade de celebrar a música no carnaval, mas por influência de

vivências na comunidade e junto à família Ribeiro, compreendeu que deveria haver outro compromisso que não só o de fazer música de qualidade, mas de agregar aos laços sociais, políticos e culturais já existentes no território.

Sobre a intencionalidade sob a qual o Seu Vizinho foi idealizado, é possível dizer que a ação permitiu desenvolver uma consciência social maior por parte dos moradores e uma consciência assimilada por parte de um não morador. Territorializar a ação revelava um movimento de afirmação do território, de reconhecimento por parte dos moradores e, em consequência, de provocação, de descontentamento em relação aos estigmas e estereótipos impostos a esses sujeitos, que requeriam deslocamento por parte dos não moradores (ARROYO, 2012; ZIBECHI, 2012; 2017).

O primeiro movimento concreto para a criação do bloco foi a construção de uma página no *facebook*, como uma forma de expor os sujeitos e impulsioná-los para a concretização da ação. Após a criação da página, passaram a pensar em como desenvolver a ação, e o desafio era, então, conseguir os instrumentos que seriam utilizados no bloco. No período em que começaram a tocar na bateria do bloco dos amigos, haviam conseguido doações da família Ribeiro, outros instrumentos foram doados em uma situação inusitada. No feriado de carnaval de 2014, em meio à folia, sempre “estendiam” as noites tocando em algum lugar da cidade. Em uma dessas “estendidas” da noite encontraram um parceiro para a doação de outros instrumentos, o pai desse sujeito estava com alguns instrumentos parados, de um bloco antigo do qual havia participado, precisando apenas de alguns reparos. Os primeiros instrumentos para a bateria do Seu Vizinho vieram através de doações, outros os próprios foliões levavam. Dessa forma deram mais um passo em direção a concretização da ideia de montar um bloco de carnaval no Aglomerado da Serra.

Nota-se que, desde o princípio os jovens do Seu Vizinho viam a necessidade de ter os instrumentos para a composição da bateria, algo incomum para a cultura carnavalesca da cidade. O novo ciclo carnavalesco da cidade instituiu a lógica de que cada sujeito que demonstrasse interesse em tocar, deveria adquirir seu próprio instrumento, prática que continua para a maior parte dos blocos de rua da capital mineira. No entanto, no caso do Seu Vizinho, essa forma de se organizar inviabilizaria a presença de grande parte dos moradores uma vez que, parte significativa deles, não possuía renda suficiente para tal aquisição. De acordo com os jovens, “*Vale destacar que uma caixa malacacheta [marcas tradicionais], por exemplo,*

*custa cerca de R\$290,00 em lojas online*³⁶. *Esse valor corresponde a 30% do salário mínimo, o qual foi ajustado para R\$954,00 em 2018*³⁷.

Nesse trecho, podemos ver que os jovens mais uma vez se preocuparam com a construção do bloco levando em conta a situação das pessoas do Aglomerado e como seria inviável a participação desses sujeitos se não houvesse os instrumentos. Ao mesmo tempo era possível perceber que mesmo com uma pré-disposição para a inclusão por parte dos blocos e dos sujeitos dos blocos de rua de Belo Horizonte, ainda havia uma certa exclusão, que deixava de lado, especialmente, os sujeitos *pretos, pobres e favelados*. No processo de idealização e concretização do bloco, esses foram alguns desafios enfrentados, o que não impediu que a ação prosseguisse.

Simultaneamente, foram feitos convites para compor a bateria do bloco, no boca-a-boca, nas ruas do Aglomerado, entre amigos e conhecidos, distribuindo alguns panfletos dentro e fora da comunidade, além da divulgação pelas redes sociais. Assim, em novembro de 2014 começaram os primeiros ensaios da bateria que desfilaria no carnaval de 2015. Os ensaios aconteciam no Centro Cultural Vila Marçola - CCVM, na Associação Cultural da Serra - ACES e em praças públicas da cidade.

Os ensaios foram conduzidos musicalmente pelos próprios sujeitos que se formaram de diferentes maneiras e com distintos tempos de dedicação, participando em escolas de percussão, em oficinas e workshops pontuais para percussionistas, sempre gratuitos, bem como, treinando em casa, ouvindo músicas e vendo vídeos de regências. Ou seja, sem formação acadêmica em música, se formaram através de cursos, oficinas e na prática. De uma maneira intuitiva, eles copiavam e criavam sinais, em um jogo de acertos e erros nas primeiras regências.

O primeiro desfile de carnaval, em 2015, foi improvisado. Após muita insistência conseguiram duas Kombis e uma carretinha. Nas Kombis foram os equipamentos de som e algumas bebidas e, na carretinha, Babi cantando e Chassi no cavaquinho. A concentração do bloco foi na Praça do Cardoso, no Aglomerado da Serra e a dispersão na Praça Floriano Peixoto, no bairro Santa Efigênia, ou seja, o percurso teve início no morro e o seu final foi no asfalto. Estimaram a participação de cerca de 500 pessoas, incluindo a bateria, foliões, amigos e alguns curiosos que saíam nas portas das casas. Segundo o relato de Chassi (07/05/2018) “*A festa, o*

³⁶ <https://lista.mercadolivre.com.br/baterias-percussao/caixa-malacacheta>

³⁷ Trecho extraído do projeto escrito pelos jovens do Seu Vizinho, para o “Edital de Chamamento Público para a concessão de auxílio Financeiro aos Blocos de rua do Carnaval de Belo Horizonte 2018”.

bloco foi aqui, girou aqui e várias pessoas acompanharam o bloco, senhorinha saindo das casas. Foi lindo, maravilhoso, revolucionário aqui na Serra. Mas algumas pessoas que ainda não estavam, não tiveram a oportunidade de conhecer o bloco e saber que ele é aberto e todo mundo pode participar.

Figura 1: Desfile de Carnaval 2015



Fonte: Seu Vizinho

Após o primeiro desfile de carnaval, que segundo os jovens superou as expectativas iniciais, o bloco passou a ser indagado por moradores. De acordo com PV (31/08/2018) “[...] tiveram muitos comentários, tipo esse aqui óh: “bloco de playboy” e gente muito foda do morro falando isso. Gente combatente da cultura falando isso aí. E isso fez a gente refletir. O que que é um bloco de playboy?³⁸. O rótulo foi colocado após a primeira formação da bateria, composta majoritariamente por jovens de fora do Aglomerado da Serra.

³⁸ Caderno de Campo (10/09/2017) - Esta informação remete a uma fala de PV, em um evento “Bate Papo com o Morro – Ocupações”, realizado em 31/08/2017, quinta-feira, na Benfeitoria, um bar localizado na rua Sapucaí, centro.

Formar uma bateria com um número maior de pessoas de fora do Aglomerado tinha uma relação direta com a trajetória dos jovens que circularam por meio do escotismo, do judô, da escola, da universidade para além dos limites do Aglomerado e construíram muitos vínculos com sujeitos de fora da comunidade. Os moradores e ativistas da comunidade que fizeram a crítica se referiam, especialmente, à não adesão da comunidade, como se os próprios jovens desejassem essa configuração. No entanto, para além de um desejo inicial, foi a circulação dos jovens que idealizaram e estavam concretizando a ação em espaços em que havia pessoas tidas como *playboys* que resultou nessa primeira configuração. Além disso, o “protagonismo” dos *playboys* remete ao privilégio das classes altas, das pessoas brancas, dos homens, de ter maior acesso e pertencimento à cultura, à informação, à participação seja ela qual for, ao contrário dos sujeitos *pretos, pobres e favelados* que tendem a ser impedidos de participar, devido entre outras questões, à disponibilidade temporal, por exemplo. A não adesão da comunidade era reflexo da negação de direitos a esses sujeitos, violentados, inibidos e impedidos de pertencer e de participar das ações da sua própria cultura e território.

A crítica sobre ser um bloco de *playboy* teve significados diferentes para os moradores e não moradores. Matheus afirma que “*veio a questão do bloco de playboy, eu disse, porra. Foi a primeira vez que doeu muito, quando falou isso, eu era o playboy que eles tavam falando.*” Nesse trecho, Matheus expressa o seu incômodo em ser representado como *playboy*. Embora não se identificasse com a representação construída sobre ele, isso o desestabilizou, se sentindo provocado pela afirmação. Essa provocação parece ter sido essencial para a construção de diálogos mais profundos contrários aos discursos coloniais. Por vezes naturalizamos tanto o cotidiano e as relações sociais, que já não percebemos nossa condição social – de privilégio ou não. Nesse caso, as provocações permitiram a Matheus problematizar certas posições rígidas e tomar consciência do seu lugar social, político e cultural, a partir do diálogo de certos estereótipos e estigmas (FREIRE, 1987; BHABHA, 2013).

Esse fato, fez com que o coletivo refletisse sobre o que o bloco estava construindo. As críticas, as provocações feitas pelos próprios moradores do Aglomerado surtiram um efeito positivo, de constante avaliação, um movimento contínuo de ação e reflexão (FREIRE, 1987; 1996). Nesse primeiro momento, a reflexão produziu uma oficina de percussão permanente, que agregou sujeitos moradores do Aglomerado da Serra e, os primeiros sujeitos a aparecerem foram as crianças, em seguida, as mães dessas crianças³⁹. Segundo Chassi (07/05/2018) “a

³⁹ Reflexões sobre a oficina de percussão, as crianças e as mães serão feitas nos tópicos seguintes.

gente teve que pensar muito, a gente pensa até hoje [...] o que vamos fazer pra ter mais morador no bloco? Ai veio a ideia de montar a oficina de percussão que ia durar o ano todo. [...] muita gente colou, primeiro as crianças, alguns adultos e depois começou a colar alguns pais, mães das crianças”.

Havia desde o início, por parte dos jovens, o desejo de juntar sujeitos de dentro e de fora da comunidade, já que entre os próprios jovens havia sujeitos de dentro e de fora do Aglomerado. Mas, sobretudo por parte dos integrantes residentes no Aglomerado, havia uma compreensão da existência de uma barreira invisível entre o morro e o asfalto que deveria ser fissurada. Para eles era necessário que as pessoas de ambos os lugares se conhecessem, pudessem compartilhar experiências e, pouco a pouco, deixar de lado seus preconceitos. Dessa forma, surgiu o nome e o lema, Seu Vizinho: #TodoMundoJuntoEAglomerado.

Figura 2: Primeira logomarca com nome e lema



Fonte: Seu Vizinho

Ao nome do bloco sugerido por PV, foram agregados alguns outros significados. O nome “Seu Vizinho”, representa uma proximidade mesmo com quem não está perto, com quem não é vizinho de muro, de vila ou mesmo de bairro. É uma forma de aproximação, uma maneira de dizer que não há barreiras para a participação e que não deveria haver limites rígidos entre

os territórios e sujeitos de toda a cidade. Representa também uma abertura ao pertencimento do outro, porque ele é “seu”. Demonstra acolhimento e a abertura para a co-construção, a co-presença e para o compartilhamento de experiências. Essa característica é própria da comunidade onde nasce o bloco, em que vínculos fortes e de solidariedade são construídos entre os sujeitos, evidenciando assim, um senso comunitário forte e agregador.

O lema é fruto dessa mesma reflexão. “*Todo Mundo Junto*” sugere o desejo de ter uma cidade sem barreiras, em que todos estejam dispostos a compartilhar e construir novas experiências, sem discriminações, explorações e violências. O termo *Aglomerado* carrega o mesmo significado, reforçando a ideia de compartilhamento. E, ao mesmo tempo, representa uma raiz, uma matriz cultural, uma afirmação do contexto em que o Seu Vizinho está inserido, o Aglomerado da Serra.

Como foi possível perceber, os primeiros passos da ação não foram simples e tranquilos. Pelo contrário, foram carregados de surpresas, aprendizados, questionamentos e contradições. Embora repleto de nuances, os primeiros passos dados pela ação coletiva gerada por esses jovens produziram mudanças nos sujeitos envolvidos na sua idealização e concretização, como o aprendizado técnico e a produção de novas relações sociais, culturais e políticas com os sujeitos do Aglomerado, bem como produziram mudanças na própria comunidade, que foi também provocada por esses sujeitos. Alguns assuntos, como o bloco de *playboy*, só surgiram porque alguns sujeitos da comunidade foram tocados também pela iniciativa improvisada desses jovens. Nesse sentido, é possível dizer que na relação inicial entre os jovens do Seu Vizinho e a comunidade, foi produzida uma ação alternativa da realidade vivida, uma construção inicial de resistência que se constituiu a partir do contexto, do tempo e dos sujeitos envolvidos (FREIRE, 1987; 1996; 2012).

Dessa forma, é possível dizer que o Seu Vizinho se desenvolve a partir da intersecção de vários elementos. Um deles é a influência do novo ciclo do carnaval de rua da cidade, uma espécie de chamamento autônomo para a ocupação dos espaços públicos, especialmente daqueles blocos com pautas sociais, políticas e culturais, como vimos no trecho anterior. Outra característica é sua relação com movimentos sociais contemporâneos e sujeitos diversos que vêm se movimentando, incomodando e resistindo frente aos processos de exploração, violação, discriminação, desde a violenta experiência de colonização do território brasileiro (ARROYO, 2012; ZIBECCHI, 2012; 2015; 2017).

No próximo trecho, conheceremos os sujeitos que se tornaram referência do Seu Vizinho e faremos uma relação entre as experiências vivenciadas por eles que os impulsionaram para o desenvolvimento da ação, tais como o escotismo e a universidade.

3. “*SOU BLOCO DE FAVELA, SOU PERIFA SIM*”: SUJEITOS/AS E CONTEXTO DA AÇÃO

Como já refletimos, o Seu Vizinho é fruto de um encontro de sujeitos que produziram esta ação. Dessa forma, é importante destacar e analisar aspectos relevantes da trajetória de cada um deles para a construção do movimento. Embora seja importante esse debate, escapa aos objetivos desta pesquisa analisar com maior profundidade a trajetória de vida dos participantes. Nos limites, pode-se considerar que há uma relação entre a condição etária - majoritariamente jovens-, a condição racial - majoritariamente negros-, condição social e de moradia – no caso dos moradores de Aglomerado. Mesmo entre os dois participantes que não residem no Aglomerado há aspectos em suas trajetórias que os vinculam a este espaço.

Dessa maneira, no primeiro momento desse capítulo será feita uma aproximação com a experiência compartilhada da família Ribeiro – quatro irmãos moradores do Aglomerado da Serra, tratando a forte presença da mãe e alguns aspectos singulares nas suas trajetórias individuais. Em seguida, será feita uma aproximação com mais dois sujeitos importantes no desenvolvimento das práticas do Seu Vizinho. O primeiro, um amigo de infância da família Ribeiro presente no processo de idealização, chamado Matheus. A segunda é Marina, agregada ao Seu Vizinho após o começo das oficinas de percussão. Ambos não moradores do Aglomerado.

No segundo momento desse capítulo será feita uma aproximação com o contexto em que a ação se desenvolveu. A princípio será apresentada uma breve história de constituição e a configuração territorial da localidade. Em seguida, o contexto e outros sujeitos – ativistas, do tráfico e da igreja – serão abordados na relação com o Seu Vizinho.

3.1. “*MAS RESISTÊNCIA É UMA COISA QUE VEM DE BERÇO PRA GENTE SOBREVIVER NESSE SISTEMA VISCERAL*”: EXPERIÊNCIAS DA FAMÍLIA RIBEIRO E AMIGOS

PV, Chassi, Babi e Núbia são irmãos. Participaram juntos da idealização, concretização e desenvolvimento do Seu Vizinho. Jovens negros que viveram desde que nasceram na mesma casa no Aglomerado da Serra, com a mãe e o pai. Sua mãe, também negra, era nascida em Belo horizonte e foi criada no Aglomerado da Serra. Os avós dos quatro irmãos, por parte de mãe, eram oriundos do interior de Minas Gerais. Vieram para a capital na década de 60, em busca de

trabalho, melhores oportunidades e condições de vida, especialmente, para os filhos. A mãe fez magistério e, mais tarde, fez um curso de pedagogia semipresencial em uma faculdade privada. Ela fez o curso após um decreto do presidente Itamar Franco, que exigia uma formação superior para professores da educação básica, o que ocasionou uma demissão em massa das professoras magistradas. Foi professora alfabetizadora da rede pública por mais de vinte anos, sempre como designada e atuou durante toda sua carreira, nas escolas do Aglomerado da Serra. Ela era casada com o pai dos quatro irmãos. Homem branco que nasceu no campo, no interior de Minas Gerais, veio para Belo Horizonte na década de 70, com os mesmos objetivos da família da esposa. Trabalhou a maior parte da vida como pintor e sofreu com o desemprego. O pai, após algum tempo na cidade comprou uma casa no Aglomerado da Serra, casa em que vivia a família.

Em relação à família, a mãe tem centralidade nas relações e nas experiências dos quatro irmãos. Eles vêm a mãe como uma referência de mulher, de negra, de esposa, de moradora de favela, de professora e de trabalhadora. Os jovens a reconheciam como a referência familiar e atribuíam a ela uma grande importância na formação de cada um deles.

A mãe, como afirma Núbia (07/05/2018), *“criou os quatro (filhos) na favela”* e apresentou, em sua relação de afeto e diálogo, outros modos de ver e viver o cotidiano. PV (26/05/2018) diz, *“É, então, eu viajo muito numa coisa que ela fala “a gente é rico, a gente só não tem dinheiro”[...] a gente fez várias coisas que teoricamente são coisas de rico né”*. Dessa forma, a mãe incentivava os filhos a não se sentirem menores por sua condição financeira, bem como, buscava inserir os filhos em atividades que não faziam parte do contexto sociocultural do Aglomerado.

Não apenas nas falas, mas na própria ação a mãe revelava esses valores, especialmente, no que se refere à educação. Segundo Babi (16/05/2018) *“Ela é muito guerreira, acho que todo mundo lá em casa puxou isso dela e de sempre trilhar o caminho certo, correr atrás. Ela criou os quatro na favela e sempre tentou dar oportunidade pra gente, que ela via que outras crianças lá não tinham”*. A mãe correu atrás de inúmeras atividades, como veremos nas trajetórias de vida dos jovens, como o escotismo, o judô, o balé, a escola, o cursinho, numa tentativa de inserir os filhos em experiências alternativas às do tráfico de drogas, do consumo de drogas, de educação e trabalho precários. Ela sabia da importância desses lugares para a formação dos filhos.

Ainda em relação à mãe, segundo PV (26/05/2018), sobressaia *“[...] a questão da partilha, da gente pensar no outro, ela fala assim que quando ela ganhar na loteria, ela vai*

comprar um caminhão de melancia, tá ligado? Pra dar para Serra toda (risos). Porque ela gosta de melancia para caramba, aí ela quer que todo mundo na Serra coma melancia”.

A mãe se afirmava como mulher, negra, moradora de favela e pobre. Dessa forma, ela rejeitava os estigmas, os estereótipos, as naturalizações que existem sobre seu lugar de fala e sobre seu território de moradia. Ela representava, nas suas experiências cotidianas a própria resistência.

Já em relação ao pai, existia até nas falas dos irmãos certa limitação. O pai sempre esteve presente, mas, ao mesmo tempo, representava alguma ausência no discurso dos filhos sobre o contexto familiar. Os filhos o viam com grande respeito, mas ainda assim, era uma aparição tímida.

Os quatro irmãos tinham uma pequena diferença de idade, por esse motivo e por influência da mãe, os irmãos, na infância, faziam muitas coisas juntos.

Os quatro, na infância, estudaram no Centro Educacional Professor Estevão Pinto - CEPEP⁴⁰. O centro educacional ficava em uma área que não era considerada “*morro*”, mas a maior parte dos estudantes de lá eram do Aglomerado da Serra. O centro educacional à época, contava com a Educação Infantil, com o Ensino Fundamental e com atividades complementares, como: oficinas de artesanato, pintura, capoeira, coral, etc.

Nos momentos em que não estavam na escola os irmãos compartilhavam brincadeiras no quintal de casa, de acordo com PV (26/05/2018) “*a gente voltava, a gente não ficava muito na rua, minha mãe sempre gostou que a gente trouxesse os amigos aqui pra cá, aqui em casa, tipo assim, aqui na frente era tudo terra, tinha mato alto, tipo assim, braquiara⁴¹ e tal”.*

A mãe, como uma alternativa à escola e ao quintal de casa, sempre levava as crianças para o Parque Municipal da cidade para um momento de lazer e de diversão, com o objetivo de sair um pouco do espaço que estavam acostumados a ver e viver. Como eram cinco pessoas (a mãe e os quatro irmãos) e não tinham dinheiro suficiente para consumir e brincar à vontade, conforme PV, a alternativa era levar um lanche e aproveitar os brinquedos gratuitos.

⁴⁰ O CEPEP nasceu em 1956, através da família do Professor Estevão Pinto, que sensível à causa social doou parte da chácara onde residia para fundar, no local, uma Instituição de amparo à criança proveniente do Aglomerado da Serra. Foi inaugurada em 03 de Agosto de 1961 e atende atualmente 363 crianças na faixa etária de 1 ano a 5 anos e 6 meses, de ambos os sexos, em horário integral. O CEPEP é uma entidade civil sem fins lucrativos, registrada no Conselho Nacional de Assistência Social e portadora do Certificado de Entidade de fins Filantrópicos. É conveniada com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – PMBH. Disponível em <http://www.cepep.org.br/a-historia>. Acesso em 15/10/2018.

⁴¹ Braquiária é um tipo de pastagem, de planta.

Pelo fato da família ter uma relação próxima com o campo, com o interior de Minas, a infância dos quatro irmãos foi regada de influências da “roça”. De acordo com PV (26/05/2018) “*tinha muito contato, com assim, com natureza, tipo: de tirar leite, andar de cavalo, de ralar no mato, na roça também com meus avós, buscar lenha, fazer rango*”.

Outro fato que perpassou a trajetória dos quatro irmãos, por influência da mãe, é a “visão de ser independente”. De acordo com PV (26/05/2018) “*minha mãe não queria filho nenhum dependente de esposa ou marido, por isso aprendemos muito cedo a lavar, passar, cozinhar*”. Essa visão de ser independente ou a divisão das tarefas e práticas domésticas tende a ser comum nas famílias dos meios populares, não apenas para fugir da dependência de outra pessoa, mas também como uma necessidade para a reprodução social do grupo familiar ou como um valor moral e prática de disciplinamento.

PAULO VITOR RIBEIRO - PV

PV tinha 31 anos, estava solteiro, se autodeclarava preto e homem cisgênero hétero. Ele morava com a mãe, o pai e os três irmãos. PV concluiu o Ensino Médio no Colégio Santo Antônio, na região centro-sul da cidade e interrompeu o curso de Engenharia de Produção na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, faltando a segunda parte do trabalho para a conclusão do curso – TCC. Ao final do percurso da pesquisa, PV havia solicitado ao colegiado do curso a continuidade do TCC para a conclusão. Ele participou por longa data do Movimento Escoteiro, trabalhou com aulas particulares, na biblioteca e como oficinheiro em um projeto social no Aglomerado da Serra, como analista em uma empresa de engenharia de produção e como educador em uma Escola Integrada da Prefeitura de Belo Horizonte, com a oficina de percussão. Profissionalmente, no momento da pesquisa, PV se dedicava ao Seu Vizinho, recebendo uma pequena quantia em dinheiro. No Seu Vizinho, ele era uma das principais referências do coletivo, atuava como compositor e regente da bateria e participava diretamente de todas as atividades desenvolvidas, desde às reuniões de planejamento até a execução das atividades.

Em relação à família, PV era o mais velho entre os irmãos e isso tinha significados muito específicos para a vida dele. Como afirma a seguir:

Ainda na infância uma coisa que foi marcante pra mim, é que por ser irmão mais velho, eu acho que eu sempre olhei muito prum cuidar dos outros e ficar responsável por levar na escola, essas coisas assim: leva no judô, busca no balé. E teve uma época também que eu lembro, que minha mãe, conversava várias coisas comigo que era

meio punk! Tipo assim, ela saía da escola e tinha rolado uns stress lá e ela queria me falar. Ou então tipo, um muleque aprendeu a ler, porque ela sempre gostou muito disso. Aí ela tipo dividia as coisas boas e ruins, e eu lembro que principalmente em relação ao meu pai assim[...], tinha umas barras assim, que a gente tinha que dividir, assim, era uma coisa meio punk.

No depoimento é possível ver que por ser o filho mais velho, PV assumiu responsabilidades em relação aos irmãos mais novos, em função da necessidade de a mãe e o pai trabalharem. Parece que isso contribuiu para que ele desenvolvesse um olhar sensível para o outro, “*prum cuidar dos outros*”. Ao mesmo tempo, em função da presença-ausente do pai, se tornou um parceiro do cotidiano, uma referência de escuta da mãe, que “*dividia as coisas boas e ruins*” do seu dia a dia do trabalho como professora alfabetizadora e os problemas, preocupações, dificuldades da relação com a família e a vida em geral.

Em relação aos estudos, após concluir os primeiros anos do Ensino Fundamental, foi estudar no Colégio Santo Antônio. A possibilidade de ingresso nesse colégio se deu através da irmã de uma professora da escola em que estudava. A irmã dessa professora interveio para que ele pudesse concorrer, através de uma prova, a uma bolsa integral de estudos, já que só assim seria possível estudar nessa escola. O Colégio era considerado “um dos melhores” da cidade. Estava localizado na região centro-sul de Belo Horizonte e acolhia, em sua maioria, famílias de classe média alta e branca. Ele conseguiu a bolsa integral e estudou da 5ª série⁴² do Ensino Fundamental, até o 3º ano do Ensino Médio.

Sobre essa fase no Colégio Santo Antônio ele afirmou, “*Naquela época eu não aceitava matar um dia de aula véi e tal. [...] Eu era muito nerdão também. Então eu andava pouco, ficava pouco na rua assim e fui perdendo um pouco o contato com meus amigos de escola, mas ao mesmo tempo eu fui fazendo outros*”.

A partir do depoimento é possível perceber uma grande dedicação à escola. Essa dedicação era também fruto das responsabilidades que ele assumia desde a infância em relação aos irmãos. Assim, desde cedo, PV parece ter desenvolvido um aguçado senso de responsabilidade. Ele ressaltava a importância de aproveitar com responsabilidade esse caminho, especialmente, porque carregava certa esperança da família e das pessoas que o auxiliaram para chegar naquele lugar. Estudar em uma escola fora do Aglomerado da Serra - com outros tempos e perspectivas -, o afastou de seus amigos da sua primeira escola e de amigos do Aglomerado da Serra. Ao mesmo tempo, percebeu a oportunidade de fazer novos amigos.

⁴² À época não havia sido incluso o nono ano no Ensino Fundamental, que alterava também a nomenclatura de série, para ano.

O fato de ser “*Nerdão*” e de demonstrar extremo comprometimento teve mais de um significado na vida dele. Entrar em um Colégio de “excelência”, que hipervalorizava a cultura do conteúdo, exigiu grande disciplina, responsabilidade e dedicação. No entanto, sair de uma escola “mais fraca” em conteúdos e se deparar com uma cobrança incomum, gerou sofrimento. Segundo PV [...] *eu tava com dificuldade, principalmente, no inglês [...] eu entendia a gramática sabe, eu entendia a lógica, véi! Mas, tava numa frase que eu não entendia o vocabulário, entendeu?! Eu lembro que eu chorava quando eu ia fazer o “para casa” em inglês na quinta série. Depois eu superei isso.*

Em outro depoimento, PV afirma que depois de anos e de certas vivências conseguiu entender algumas coisas que aconteciam “[...] *tinha um outro aluno negro, aí ele formou e saiu da escola e eu fiquei sendo o único aluno negro na escola. Um cara me chamou de macaco uma vez, mas eu dei um soco na cara dele. [...] Eu fiquei morrendo de medo de perder a minha bolsa, mas foi a única vez*”.

Além, de ser submetido ao episódio de racismo, ele também sofreu com a possibilidade de perder a bolsa de estudos que havia conquistado. A bolsa era a única forma de permanecer ali. Concluir essa etapa significava para ele e para a família uma forma de superação dos estigmas que foram destinados/impostos a eles. Portanto, perdê-la seria um retrocesso, mas para isso estaria exposto a certos preconceitos e ações discriminatórias.

Ser o único aluno negro da escola não diz respeito apenas à realidade dele, é fruto da colonialidade, ou seja, faz parte do imaginário que se perpetuou em que o sujeito negro ocupa o lugar de marginal e é inibido, impedido de frequentar determinados lugares (QUIJANO, 2009). Ele foi atravessado pelo racismo e sentiu o peso de frequentar um espaço composto majoritariamente por pessoas brancas.

Se já não bastasse o episódio de racismo, PV ainda tinha que lutar contra episódios que diminuía seu local de nascimento e moradia. “*Um outro menino uma vez, eu lembro, falou assim: Você sobe no morro? Você sobe no morro? Não fez sentido pra mim o que ele perguntou. Aí ele falou que era porque meu tênis tava sujo de terra, assim sabe?! E aí depois que eu fui atinar pra isso*”. Morar no Aglomerado da Serra não tinha a mesma representação para os seus novos amigos e para ele, por isso ele não entendia a pergunta. A brincadeira do “amigo” sugeriu uma representação, um estigma, um estereótipo acerca do território, que o situava no lugar da pobreza econômica, social, política e cultural. Um lugar destinado a sujeitos servís, inferiores e dignos de piada. Esse atravessamento pode ser interpretado como racismo, já que a maior

parte da população do Aglomerado da Serra é negra. No entanto, pode também ser compreendido como um atravessamento de classe, pois a favela ainda carrega a marca da pobreza, um lugar anunciado aos sujeitos das classes mais baixas. Apesar desses episódios, ele mantinha bons relacionamentos no colégio, com amigos e colegas de sala e do futebol. No entanto, hoje PV já não tem mais tanto contato com eles.

Em relação à Universidade, assim como uma parte significativa dos jovens, ele tinha dúvidas em relação ao curso em que ingressaria. Depois de idas e vindas ele optou por fazer o curso de Engenharia de Produção, uma área em que ele acreditava que teria melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Embora ele tenha ingressado em um curso de prestígio na UFMG e se envolvido durante todo o curso, na reta final se deparou com um desafio. Ele cumpriu todas as disciplinas do curso, mas um trabalho para conclusão do curso distante do seu interesse o desmotivou e o fez abandonar seu percurso, faltando apenas a segunda parte do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC.

Embora sua formação universitária não esteja diretamente relacionada às práticas do Seu Vizinho, ela, sem dúvida influenciou a forma com que ele atuava no coletivo. PV otimizava as diversas tarefas da equipe de referência – oficinas, shows, calendário, serviços, financeiro - através de planilhas organizativas; auxiliava as tomadas de decisões através de seu raciocínio lógico, prático e funcional; coordenava com certa facilidade as ações que envolviam outros sujeitos, entre outras coisas.

Em relação ao trabalho, seu primeiro emprego remunerado foi por meio de um Projeto Social em que participava no Aglomerado da Serra. Tratava-se do Projeto “Educação para a Vida”, que atendia crianças, adolescentes e jovens da comunidade. PV participou como educando durante um tempo no projeto até que se afastou quando completou 16 anos. No entanto, após esse afastamento, houve, por parte do projeto, um convite para trabalhar na biblioteca do projeto. PV se interessou, pois *“tinha uma graninha também, muito baixa, mas tinha uma graninha”*. A partir desse trabalho, surgiu a possibilidade de dar aulas particulares - para pessoas da comunidade, para adultos que estavam estudando para provas ou pessoas que queriam voltar a estudar-, o que gerava uma renda alternativa. Após um tempo na biblioteca, foi convidado a trabalhar como oficinairo de informática, artesanato, etc.

Ser oficinairo do projeto o colocou de frente a algumas experiências vividas por educadores. Lidar com a realidade alheia o tocou de forma que reconheceu nesse momento sua

inserção no campo social. “[...] *isso de sair do ser atendido para atender, conhecer o processo todo [...] virar amigo das pessoas que eu tinha como referência, ter outras experiências, foi onde eu comecei próximo dessa questão de atuar na parte educacional com crianças e jovens.*

Após essa experiência remunerada no Projeto Social Educação para a Vida, diante da necessidade de se manter economicamente, fez “bicos” em um *buffet* infantil, com arvorismo e tirolesa. Tratava-se de um trabalho informal, sem vínculo empregatício, mas que garantia a ele uma renda mínima para sua rotina. Nesse *buffet*, ele conheceu um dos fundadores da Organização não governamental- ONG Brigada 1 de combate a incêndios florestais – B1, que o convidou mais de uma vez para participar. Após a insistência, ele resolveu “*sair da zona de conforto*” e fazer o treinamento exigido para tornar-se parte da equipe da brigada. PV se engajou durante algum tempo nessa atividade e se tornou diretor financeiro da ONG.

Entre os bicos e o trabalho com a brigada, ele conseguiu um emprego em uma empresa de consultoria. Fazia estágio nessa empresa, sendo contratado posteriormente como analista de projetos. Quando se referia a essa experiência, PV não dava muita ênfase no que de fato fazia na empresa, mas sim ao salário que representava pra ele e pra família um valor significativo. O fato de se tratar de um emprego formal, com bom salário e na sua área de formação o atraiu. Apesar disso não se sentia realizado nessa atividade.

Com as oficinas de percussão do Seu Vizinho acontecendo e com certa visibilidade na comunidade, PV recebeu um convite para atuar como educador, em uma das Escolas Integradas do Aglomerado da Serra, com a oficina de percussão. Dessa forma, resolveu sair do seu emprego como analista. Segundo ele, [...] *na escola integrada, [...] tô dando aula de percussão pros meninos lá no morro e conhecendo mais gente. É maior orgulho porque, é minha escolha sacou?! E tô feliz que duas escolas do morro chamaram os dois regentes do seu vizinho.*

Outra atividade marcante na vida dele foi o escotismo. Entrar para o escoteiro foi a junção de um desejo de criança de desfilar na Avenida Afonso Pena, no dia 07 de setembro e do empenho da mãe em procurar inseri-lo em atividades que auxiliassem na formação do filho. O grupo de escoteiro se encontrava no Parque Mangabeiras, bem próxima à residência dele. A mãe conseguiu uma bolsa parcial para os filhos entrarem para o escotismo. Ele entrou pro movimento escoteiro aos 10 anos e permaneceu até os 24 anos. Ele afirma “*foi meu primeiro contato com a galera que tinha grana*”.

Após a entrada, ele se envolveu muito com o grupo, as atividades e o modo de vida dos escoteiros. Conforme ele “*Sempre teve essa questão de competitividade, espírito de liderança*

trabalhado ali, aprender a ganhar e perder, trabalhar. Valorizo muito o movimento escoteiro porque trabalha e complementa a educação familiar, religiosa e acadêmica, acho legal o movimento, lugar legal pelo qual eu passei”.

São muitos significados guardados na experiência do escotismo. Além do primeiro contato com pessoas de outras realidades econômicas e culturais, a experiência parece ter contribuído, para a construção de certa autonomia de vida, bem como contribuiu para o desenvolvimento de valores da convivência em grupo.

Ele guardava um sentido especial em relação ao movimento escoteiro, porque foi lá que se desenvolveram seus laços mais fortes de amizade e onde encontrou pela primeira vez com Matheus, seu amigo e grande parceiro do Seu Vizinho. Os laços de amizade construídos no movimento escoteiro ultrapassavam os momentos de trabalho no escotismo, se estendendo para grupos de lazer e sociabilidade.

Outra atividade importante na vida dele foi o judô. Como era responsável por buscar seu irmão mais novo no Judô, terminava por se encontrar com o professor que insistia para que ele também fizesse aulas. Depois de muita insistência, ele decidiu entrar para a academia, que era no Aglomerado da Serra. Como também era da equipe de futsal do colégio, PV teve que optar por deixar o futsal.

Assim como o escotismo e a escola, o judô proporcionou a ele um encontro com sujeitos diferentes, vindos de classes médias e brancos, com formas diferentes de ver e compreender o cotidiano.

Em relação à música, PV ressaltava uma certa influência da família “[...] *meus tios, os sete irmãos (de nove) da minha mãe. Os sete homens, eles tinham um time de futebol, ia para quadra assim com instrumento fazer Charanga e tal*”. A escola também parece ter tido um papel importante nesse sentido, pois de acordo com ele “*na creche até a quarta série a gente ficou no coral, então a gente participou de coral lá.*”. E, novamente, um projeto social fez parte da trajetória de vida dele “[...] *rolou um cortejo velho, o povo cantando, tocando aqui no Morro. Aqui, por causa de um projeto aqui do morro que eu tocava, chamado “Redemoim” que teve parte cultural. Aí que eu aprendi quem que era Maurício Tizumba, Tambolelê, sabe?! O Santoni, Sérgio Pererê, sabe?! Festival de Arte Negra*”.

Por influência especialmente da mãe, PV circulou em ambientes distintos, conviveu com pessoas diversas, teve acesso a conhecimentos diferentes e parece ter aproveitado cada um desses momentos. Ele se reconhece como um sujeito capaz de transitar em muitos lugares. Esse

aspecto é uma marca de sua formação e parece ter uma relação direta com seu engajamento no Seu Vizinho. Segundo ele reconhece:

“Eu tenho facilidade com qualquer ser humano, tem lugar que eu fico deslocado né. Mas assim, eu acho que eu tenho uma facilidade de conversar com gente rica e gente pobre, em ambientes caros e ambientes baratos também. Eu já fui, tipo assim, em casa cabulosa no Alphaville e já fui em barraco que não tem reboco, caindo aos pedaços, que tava sujo e com mau cheiro. E precisei conversar com polícia, precisei conversar com político, conversar com uma sogra rica racista, já conversei com sogro rico racista, você fraga?”

DIEGO HENRIQUE RIBEIRO - CHASSI

Chassi, tinha 29 anos, era solteiro, se autodeclarava preto e homem cisgênero hétero. Irmão de PV, ele morava com a família no Aglomerado da Serra. Concluiu o Ensino Médio em uma escola pública e fez até o 7º período do curso de Educação Física em uma instituição privada, incentivado pela carreira como atleta de judô no Minas Tênis Clube⁴³. Fez parte também do movimento escoteiro durante uma longa parte de sua vida. Após a carreira de atleta atuou como professor de judô através do mesmo clube. No momento da pesquisa, se dedicava à música, como: estudante, na Escola livre de Arte⁴⁴, localizada no bairro Serra; cavaquinhista e vocalista, do Seu Vizinho e outras bandas; e, professor, de musicalização e cavaco. No momento da pesquisa, Chassi não participava da maior parte das reuniões de planejamento organizadas pelo Seu Vizinho, atuava especialmente nos ensaios abertos para desfile de carnaval e em shows.

Em relação à família, da mesma forma que seus irmãos, a mãe tinha centralidade. Para ele, sua formação enquanto cidadão estava diretamente relacionada ao empenho da mãe ao inseri-lo em atividades educativas que potencializaram sua forma de ser no mundo. Ele, ao falar da família, lembra a figura do pai, mas sem detalhes. É possível perceber que o pai está por perto. Mesmo que de forma tímida ele ainda figura nas relações afetivas da família, mas ainda

⁴³ O Minas Tênis Clube é um empreendimento privado sócio desportivo, sediado em Belo Horizonte. Possui infraestrutura para associados e atletas profissionais de diferentes esportes. Disponível em: <https://www.minastenisclube.com.br/governanca/institucional/historia>. Acesso em: 01/02/2019.

⁴⁴ A Escola Livre de Artes - Arena da Cultura (ELA) foi criada pelo decreto municipal 15.775/2014 e está inserida na política de formação e descentralização da Fundação Municipal de Cultura - FMC, ao oferecer cursos e oficinas artísticas nas nove regiões da cidade. A ELA representa um grande avanço no momento em que a FMC, junto ao seu Conselho de Políticas Culturais, busca a consolidação de políticas públicas em que o cidadão esteja no centro das ações, sobretudo, os menos atendidos pelos processos e programas culturais existentes. Disponível em: http://www.bhfazcultura.pbh.gov.br/ela_painel, acesso em 20/11/2018.

distante do alto reconhecimento da mãe. *“É isso, acho que a vivência passa por muitas coisas, João. Acho que minha mãe mesmo e meu pai também. Mas, principalmente minha mãe”*.

Em relação a sua formação e a mãe, ele aponta: *“Eu acho que eu peguei dela o amor pela vida. Sonho, sonhar e trabalhar, realizar, ser correria pra poder desembolar e conquistar coisas boas. Buscar coisas boas. Viver de forma simples, mas sendo correria, fazendo coisas boas cada dia”*. No depoimento, fica evidente a influência da mãe em sua vida.

Nas relações familiares, o irmão mais velho também aparece como um ator presente. PV, assim como vimos anteriormente, era responsável por levar e buscar os irmãos em várias atividades. Para Chassi, o irmão sempre esteve presente, como um companheiro, alguém que ele tinha como referência. A mãe depositava muita confiança em PV, o que era assimilado por Chassi.

Em relação à escola, Chassi, ressaltava especialmente sua participação em um coral e as interações com os amigos. A escola o insere dentro de um contexto musical, por meio do coral que passa a ter um significado enorme para ele. Além disso, a sua experiência no judô foi possível, porque a escola mantinha uma parceria com uma academia, que dava desconto para estudantes que queriam praticar o esporte. Diferentemente de PV, sua trajetória escolar foi marcada pela insubordinação às regras da instituição. A escola para ele era, sobretudo, um espaço de encontro, de socialização e sociabilidade, que o auxiliava a construir sua identidade. Portanto, mais do que aspectos negativos, a escola tinha um caráter agregador para ele. Foi na escola que conheceu muitos dos seus amigos, que o influenciaram na sua formação. Nesse contexto de sociabilidade, ele apresenta o recreio em que a turma *“tocava um pagode”* como aspecto relevante da sua formação, o que possibilitou seu desejo pela música, pela arte.

O judô, foi a atividade que Chassi mais detalhou, mais teve apreço nas falas. Isso não é por acaso. Chassi permaneceu no judô dos 9 anos até os 25 anos, como atleta e durante a pesquisa acabava de deixar a carreira como professor de judô para se dedicar à música.

Como era um garoto agitado, a mãe como alternativa o colocou em algumas atividades que o ajudassem a aprender e a gastar energia. A academia de judô ficava no Aglomerado da Serra e mantinha uma parceria com a escola em que ele estudou. Essa parceria possibilitou o primeiro contato dele com o judô. Embora houvesse a parceria com a escola, havia uma mensalidade a ser paga, como a família não podia arcar com os custos da academia, foi quando o professor o convidou para permanecer com bolsa integral.

O judô teve um papel importante em sua vida, como atividade que lhe permitia desenvolver disciplina, sendo o professor uma referência com a qual se identificava. Disciplina que Chassi aplicava aos estudos teóricos e práticos do cavaco e que, influenciava diretamente sua atuação no Seu Vizinho.

A partir da sua entrada no judô, o treinador convidou a ele e a PV para um teste no Minas Tênis Clube, segundo o seu relato:

Ai fizemos um teste, eu e PV, pra entrar no Minas Tennis Clube. O André levou a gente pra fazer um teste. Quando eu cheguei lá, eu já era faixa laranja, a carne já tava dura do judô sabe. Meu irmão também carne dura. A gente chegou lá, contar assim fica até sem graça – sendo gravado-, pô bicho, a gente carne dura, muita paulada da vida, a gente preto, pobre, favelado, feliz, mas recebe muita carga da sociedade, que vem de anos atrás, da escravidão, e da escravidão de hoje que é silenciada, sutil, sabe?! Através da não informação.

No depoimento acima, Chassi demonstra uma grande sensibilidade na análise da sua trajetória. Faz uma relação direta entre a histórica violência contra a população negra, pobre e favelada e sua postura no judô. Sugere que através do preconceito, discriminação que recebe da sociedade gerada através da exploração e inferiorização dos sujeitos negros e que se perpetua através do silenciamento e do ocultamento das pautas do racismo e das relações raciais, seu corpo já estaria preparado para o que poderia enfrentar no judô. Em seguida, ele diz:

A gente chegou lá, fazer um teste no Minas, pô, só boy la! Nó, vamo quebrar todo mundo, nós vamo passar nesse teste ai e vamo continuar treinando. Vai ser uma forma da gente continuar crescendo no judô. Passamos os dois no teste e treinamos muitos anos. Meu irmão teve que sair, por causa dos estudos. Eu continuei treinando, fui atleta do Minas⁴⁵ durante 11 anos consecutivos, tive muitas felicidades, lembranças boas demais e amigos que até quebrou um pouco esse negocio de “Os boy” “Só tem boy”. Tem demais também, mas tem pessoas que são massa demais. Outros se acham melhores mesmo, cê via isso, não no judô em si, sim no ambiente do Minas.. Mas, se achava melhor, porque era rico, branco. Mas assim, nada que me diminua, mas eu enxergo isso.

No depoimento é possível perceber um vislumbre da possibilidade de construir uma carreira no esporte. O que é confirmado logo após, quando afirma ter ficado 11 anos como atleta do clube. Esse tempo enquanto atleta o fez refletir sobre a sua relação com “os boy” que frequentavam o clube. Quando afirma “tem demais também” está dizendo que muitos deles

⁴⁵ Como atleta, ele foi campeão mineiro várias vezes, já foi campeão da etapa regional do campeonato brasileiro. Já foi campeão do troféu Brasil a nível nacional. Embora, tenha tido uma carreira vitoriosa, ele também foi afetado por lesões, que garantiram um percurso não linear da sua carreira.

usufruíam do seu privilégio de branco e rico para perpetuar os preconceitos e discriminações sobre o sujeito negro, pobre e favelado, mas ao mesmo tempo, constata que “*tem pessoas que são massa demais*”, que sugere um deslocamento de uma postura arrogante e discriminatória.

O judô é muita coisa também né. Boa parte da minha vida eu vivi treinando judô. Foi um esporte por prazer, amei o judô. Depois como atleta. Meu primeiro contato me abriu uma porta pra o conhecimento, pra lidar com as diferenças de vivências sabe. Eu com a minha vivência simples aqui do Aglomerado, fui pra um lugar que as pessoas eram de outras vivências, as vezes, ricos, outras formas de levar a vida. Mas me trouxe esse lugar de conhecer ali o outro, outras experiências, mas me trouxe também, a educação física, o curso. Como forma de pagar pelo meu trabalho, o clube. Eu tive bolsa na faculdade, estudei [em uma instituição privada] até o sétimo período. Com o judô eu tive acesso, fui pra vários estados. O judô me deu uma abertura pro mundo que, pro meu tempo, eu achei meio nova assim. É, pessoal me via descendo pra treinar e ir pra outros estados, poucas pessoas tinham a oportunidade de ir fazer isso aqui na Serra, aqui no aglomerado. Hoje já é uma realidade, tem muito pra melhor, desigualdade tá aí, mas a gente tem mais acesso as coisas. Achei que foi uma quebra, um aprendizado de mundo. Abriu varias portas, não foi só uma, foram varias. Aprendizados de vida mesmo, né. Tipo cair e levantar no judô, cê cai um milhão de vezes e tem que tá forte pra levantar, o judô tem isso e a gente carrega.

É possível ver acima no depoimento, como ele reconhece no judô a possibilidade de encontro com o outro, mas também é possível ver sua abertura para a própria transformação no encontro com o outro. Ao mesmo tempo, acessou um curso de nível superior através da sua carreira de atleta e pode percorrer vários estados, coisa que achava incomum para seu tempo e para um sujeito do Aglomerado da Serra. O judô o auxiliou a construir parte dos seus valores que são agregados à sua vida até os dias atuais.

Em relação ao trabalho, Chassi se limitou a falar das suas experiências enquanto professor. Em sua carreira de atleta no Minas Tênis Clube⁴⁶, teve a oportunidade de fazer estágio como professor de judô. Fez estágio durante dois anos e posteriormente, começou a dar aulas em duas escolas da rede privada. Para Chassi, essa “*era uma forma de me manter no judô, no período de transição de atleta competidor, para professor*”. Era uma maneira que via de seguir em uma paixão. Mas, ser professor de judô era também uma maneira de gerar renda e construir uma carreira profissional.

Outra atividade importante para ele foi o escotismo. Ele permaneceu durante um bom tempo no movimento e acreditava que essa vivência era relevante para sua formação. Assim

⁴⁶ O Minas Tênis Clube, a fim de expandir suas áreas de atuação, com intenção financeira, mas também de encontrar novos atletas, faz parcerias com Escolas da rede privada. Monta centrais do clube dentro das escolas, na parceria, o Minas oferece aulas de esportes variados dentro das escolas e cobra de forma separada ou combinada nas mensalidades.

como PV, as atividades no escotismo tiveram impactos próprios, como a ampliação das suas redes de relações para além do Aglomerado e de aprendizados práticos que proporcionava.

Em relação à música, assim como seus irmãos, como foi narrado, ele participou do coral ainda criança. Ele resgata essa experiência com maior riqueza de detalhes do que o irmão mais velho, lembrando-se inclusive do nome do maestro responsável. Isso pode estar relacionado à sua formação musical continuada, em outros contextos, que o auxiliaram a resgatar e/ou revisitar seu percurso de formação musical.

Seu interesse pela música foi também influenciado por um momento de descontração no contexto escolar. No recreio *“o povo reunia e ficava tocando um pagode, ai eu já fiquei interessado no cavaquinho, eu achava bonito demais”*. Esse momento de socialização proposto pelos próprios estudantes no ambiente escolar, o incentivou a querer mais e o impulsionou a ingressar em uma formação musical mais densa.

No momento da pesquisa, além da sua participação como cavaquinhista e vocalista do Seu Vizinho e outras bandas, por indicação de Matheus, também integrante do bloco, estava matriculado na Escola livre de Arte – Arena da Cultura - ELA e se dedicava aos estudos teóricos e práticos para instrumentos harmônicos, se empenhava especialmente no cavaco, bem como começava a atuar como professor de musicalização e cavaco, por meio de aulas particulares. Estes aspectos contribuíam para sua interação mais direta com o Seu Vizinho.

BÁRBARA LUÍSA RIBEIRO - BABI

Babi, tinha 27 anos, estava solteira, se autodeclarava preta, mulher cisgênero hétero. Também morava com a família no Aglomerado da Serra. Concluiu o Ensino Médio em uma escola pública, na região centro-sul. Era formada em Farmácia, pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Trabalhou no serviço doméstico em casa, trabalhou informalmente como empregada doméstica. No momento da pesquisa, trabalhava na sua área de formação, no Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecciosas e Parasitárias – CTR. No momento da pesquisa, Babi não participava esporadicamente das reuniões de planejamento organizadas pelo coletivo. Atuava especialmente nos ensaios abertos e nas reuniões de planejamento para o desfile de carnaval. Babi era a principal vocalista do Seu Vizinho e outras bandas.

Babi era a terceira entre os irmãos e a primeira mulher entre eles. Ela era a mais parecida fisicamente com a mãe. Em relação à família, Babi acentuava a relação com os irmãos. Segundo Babi “*A criação que minha mãe deu pra gente, a gente, os quatro, a gente briga, mas a gente tem uma certa dependência um do outro, quando um não tá parece que não tá completo, tem alguma coisa errada. [...] isso eu acho muito bom, isso até fortalece a amizade que a gente tem, cada um sabe respeitar o espaço do outro*”. Esse aspecto parece ser também importante para atuação dos quatro dentro do Seu Vizinho.

Em relação à escola, ela estudou toda sua vida em escola pública. No Ensino Médio, estudou na Escola Estadual Pedro Aleixo que fica na Avenida Bandeirantes, no bairro Mangabeiras. A escola, embora seja fora do Aglomerado, atende quase exclusivamente moradores do Aglomerado. A escola, de maneira geral, para ela, não teve o mesmo significado que teve para PV. Na fala, ela apenas afirma que “*foi uma fase boa*”, sem delongas. Na limitação da fala parece não dar grande importância para a escola. Afirma, em seguida, que a escola era muito violenta, com muitos problemas, mas da mesma forma não se detém nos detalhes. Afirma ter sofrido *bullying* nesse período, o que marcou sua trajetória escolar e com isso, reflete sobre considerar hoje uma “*falta de respeito*” o que passou. A escola compõe, sem dúvida, uma instância importante na vida de cada sujeito submetido a ela, mas na trajetória de cada um ela tem mais ou menos significado. Para Babi, a educação, sem dúvida era algo importante e necessário, até por influência da mãe. No entanto, parece, no momento, não atribuir a mesma importância à educação escolar, como atribui à família e à universidade.

Babi, ainda caracteriza a precariedade da instituição em que estava inserida, bem como uma desigualdade gerada por essa precariedade, que tem raízes mais profundas

Ai sai do colégio não tava nem um pouco preparada pro vestibular, eu queria fazer vestibular porque eu via que PV tinha feito e via que era uma coisa diferente e ai lembro que quando eu tava no terceiro ano, o PV comentou comigo assim: “Cê chegou a ler os livros que vão cair na prova”, e eu falei assim: “Quais livros?”, ele respondeu: “Não é possível que sua professora não comentou que cai, cê tem que ler cinco livros que caem na prova”. Ali eu percebi que minha escola não tá me formando pra competir com o resto da galera que vai fazer vestibular, se eu quiser vou ter que arrumar outra forma. Tentei vestibular esse ano e não passei. Depois fiz um ano de cursinho.

Passada a temporada intensa de estudos em cursinho pré-vestibular, enfim, ela ingressa no curso de Farmácia da UFMG. Uma alegria imensa para ela e os familiares. A universidade pública para ela e o irmão (PV) não significava apenas a continuidade de estudos, mas o

rompimento de um ciclo de distanciamento entre a universidade pública e sujeitos negros, pobres e moradores de periferia. A universidade tem sentido de reconhecimento, autoafirmação e superação.

As experiências dentro da universidade auxiliaram a construção de outro sentido para a vida dela.

Quando eu entrei na faculdade eu já mudei minha cabeça. Minha amiga fala que eu ainda justificava muito, quando eu entrei na faculdade. Que eu falava assim: “vamo lá em casa? Mas, lá em casa é assim, assim, e tem isso e isso!” e ela falava assim: “Babi, para de justificar, a gente é sua amiga, a gente vai na sua casa de qualquer jeito. Ai eu comecei a perceber, que quem gostava de mim, gostava de mim de qualquer jeito, por que isso não é motivo pra você deixar de gostar de alguém.

No depoimento, Babi se referia a ser moradora de um Aglomerado e como sua casa poderia ser diferente das casas em que suas amigas estavam acostumadas a frequentar. Estava em jogo não apenas a sua casa, mas a sua relação com o território. Ser moradora de favela, assim como para os irmãos, tinha um significado na construção de sua identidade.

Em relação ao trabalho, ela afirma ter passado parte da sua vida, fazendo o trabalho doméstico da sua própria casa. Compartilhou esse trabalho, especialmente com a mãe e a irmã mais nova. Antes do seu ingresso na universidade trabalhou informalmente como cuidadora de criança, babá, para garantir uma renda mínima para o seu cotidiano. Sua formação acadêmica, mais tarde lhe garantiu outras possibilidades de trabalho. Até o momento da pesquisa como discutido anteriormente, ela trabalhava como farmacêutica em um Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecciosas e Parasitárias – CTR.

A experiência do escotismo também teve muito significado e importância para a vida de Babi, talvez não com a mesma intensidade que tem para PV e Bené. Mas, ainda assim, Babi atribuía uma série de sentidos à sua trajetória no escotismo. Ela entrou para o escotismo com sete anos de idade e saiu aos dezenove, em função, especialmente, das demandas da universidade.

Babi, da mesma forma que PV e Chassi, ressaltava o aprendizado de valores aos quais atribui grande importância, “*Lá a gente aprendia muito o trabalho em equipe, tínhamos umas leis lá de respeitar a natureza, os animais, as outras pessoas, de conseguir conviver com o outro e saber o seu lugar, até onde cê pode ir, sem ultrapassar o direito do outro*”. Para ela são valores marcantes que dizem respeito à vida em comunidade. O respeito às pessoas nas suas diferenças, o respeito e trato com a natureza.

Ela ressaltava, “*é um movimento majoritariamente composto por crianças, jovens e adultos de classe média, classe média alta. Só que a gente participou porque era no Parque das Mangabeiras que é perto ali da Serra e de casa*”. No depoimento, é possível ver que, para ela, assim como para os irmãos, o contato com pessoas de outros níveis econômicos foi marcante.

Outra atividade importante para ela foi o coral. Embora tenha sido uma prática na infância, algo que para alguns pode parecer distante, ela reconhecia como muito importante para sua vida, tanto social, quanto como vocalista. Ela entrou no coral com 8 anos e permaneceu até os 12 anos. Essa experiência será recuperada posteriormente na época dos estudos na universidade e nas suas atividades no Seu Vizinho.

NÚBIA APARECIDA RIBEIRO - NUNÚ

Núbia tinha 26 anos, estava solteira, se auto declarava parda e mulher cisgênero hétero. Morava na mesma casa com os irmãos. Concluiu o Ensino Médio em uma escola pública, na região da Serra e se formou em Engenharia Ambiental em uma instituição privada. Trabalhou no serviço doméstico em casa e garantia uma renda fixa através do trabalho informal. No momento da pesquisa, continuava com o trabalho informal e se preparava para concursos públicos. No Seu Vizinho, atuava como responsável pela organização financeira, o que gerava uma pequena renda mensal. Assim como Babi, ela participava esporadicamente das reuniões de planejamento das atividades na equipe de referência, atuava principalmente nos ensaios abertos e nas reuniões de planejamento para o desfile de carnaval. Núbia atuava na bateria do bloco como líder de um grupo de instrumento, o tamborim.

A mais nova entre os irmãos, ela era a mais reservada, mas, assim como eles valorizava a família e tinha a mãe como referência. A presença da mãe para ela era fundamental.

Como a gente cresceu aqui na Serra, eu costumo falar que é um outro mundo, subir o morro, é diferente. Ce tá lá embaixo é uma coisa e aqui é outra, ela sabia enxergar essas coisas e queria que a gente não entrasse nas coisas erradas, nas coisas que tem por aqui. Como ela deu aula muito tempo nas escolas daqui, ela viu muita coisa. Eu acho que por isso ela sempre tentou, fazer com que a gente fosse diferente. Eu acho que a maioria das pessoas daqui são diferentes, mas tem uma minoria que, eu acho, tem que mudar. Quando era pequena ela não deixava a gente ficar brincando na rua, porque o povo brincava muito. As vezes a gente brincava. Quando a gente foi crescendo ela não deixava a gente sair direito e ai agora, as vezes, a gente vê que foi pro nosso bem. Mas, o principal pra mim é minha mãe. Meus irmãos também nos damos muito bem apesar de tudo. No geral é minha mãe!

Acima, é possível perceber a compreensão dela sobre as atitudes tomadas pela mãe em relação à criação dos filhos. Crescer no Aglomerado exigiu da mãe um esforço para que os filhos não percorressem caminhos “errados”, especialmente, do tráfico de drogas. Restringir o acesso à rua e buscar atividades, como o escotismo, o judô, o balé, entre outras, era uma forma de proteção dos filhos e de investimento em suas formações. As atividades eram uma forma de fazer com que os filhos fossem *diferentes*, assim como a maioria dos sujeitos da Serra.

Embora estivessem sempre em atividades, a mãe sempre teve uma prioridade, como diz Núbia: “*Minha mãe sempre quis que a gente estudasse, não gostava que a gente ficasse na rua*”.

Em relação à escola, ela ressalta alguns significados.

Escola, eu falo que não tinha muito opção. Eu formei no Pedro Aleixo, que é a escola que todo mundo que é aqui do Aglomerado estuda ou estudou (e no Augusto de Lima). As duas são escolas péssimas, então falando de educação não aprendi praticamente nada, minha base é péssima. Ai por contatos da minha mãe o PV foi o único que conseguiu estudar em escola particular e teve o contato com o Unimaster. Ele fez cursinho e minha mãe conseguiu pra mim e para Babi também. Falo minha mãe, mas é porque até os contatos de educação, do escoteiro, balé, foi tudo minha mãe que correu atrás pra gente. Porque eu não conheço muita coisa, e minha mãe todo lugar ela vai falando.

Ela, assim como a irmã, carregava um sentimento negativo em relação à escola, em função de ter tido um atendimento precário em termos de conteúdo. Ela afirmava que a escola por onde passou era *péssima* e por isso não aprendia *praticamente nada*. No trecho e durante a entrevista ela não mencionou outras relações com a escola que potencializassem essa instituição. Dessa forma, parece que a escola foi apenas um lugar de passagem, que deixou marcas negativas em sua trajetória. No mesmo trecho ressaltava o esforço da mãe, em encontrar possibilidade de estudos para os filhos e, entre eles, fala sobre um cursinho que, aparentemente, auxiliou a se preparar para concorrer ao ensino superior.

Ela reforçava a imagem do irmão mais velho como referência. PV não era apenas uma referência para a casa, mas também nos estudos. Ele não era referência apenas por ser o mais velho, mas por ter percorrido caminhos que refletiam o desejo dos mais novos. Ela também ressaltava que a escola não havia contribuído para sua formação no que se refere a conteúdos escolares e, ao mesmo tempo, reconhecia e apontava a diferença entre ela, que percorreu toda a educação básica em escola pública e *gente que estudou a vida inteira em escola particular*. Desta forma, ela ressaltava: “*Acho que pra gente, cê fica muito atrás, cê tem capacidade, mas*

seu tempo vai demorar muito mais, sua base é diferente, você não aprendeu a estudar, aprendemos a decorar, a fazer prova. Não tem professor direito. Mesmo com tudo isso, minha mãe falou pra tentar e tentar ter uma vida diferente”. Nesse trecho, ela se reconhecia um passo atrás de muitos sujeitos que tiveram oportunidades diferentes das dela. Tratava-se novamente de uma imposição social, um legado colonial que prescreve o percurso de sujeitos empobrecidos, moradores de favela e negros, especialmente. Ao final, acentuava o esforço da mãe que, descrente dos estigmas, dos estereótipos, prescritos historicamente para sua família, buscou dar acesso a outras possibilidades para os filhos.

Outra atividade destacada por ela foi o escotismo. No entanto, para ela a atividade gerou significados distintos do que experimentaram os irmãos.

No começo eu achava muito diferente, para o PV nem tanto, porque o PV, Chassi também, PV estudava em escola particular então ele tinha contato com outras pessoas de fora do aglomerado e Chassi fazia judô no Minas, acho que os dois tiveram contato com uma galera, que a gente não tinha esse contato. Quando eu entrei no escoteiro eu pensei: “Gente, só tem riquinho aqui”, mas comecei a gostar. Mas, também tinha uma questão que era perto do meu colégio. Então, as vezes, quando tinha aula sábado eles passavam e viam a gente e ficavam zuando. E tinham umas coisas assim que quando você é mais novo você preocupa mais. Mas foi bom participar do escoteiro. Quando eu comecei a ficar mais adolescente eu parei de gostar justamente por conta disso. Porque meus amigos começaram a me zuar. Eu devia ter uns 15 anos. E eu tinha essa coisa de achar que você é diferente da galera sabe! Você não se enquadra ali, porque amizade, minhas melhores amizades são aqui da Serra. São pessoas daqui. A gente, não é que a gente não se mistura, eu converso com todo mundo, vou pra todos os lugares, mas tem lugares que eu não me sinto a vontade. Até hoje.

No depoimento acima, ela faz uma marcação importante. Diferente dos dois irmãos mais velhos, ela e Babi, tiveram menor acesso a atividades fora do Aglomerado. Dessa forma, estiveram restritas do contato com sujeitos com concepções diferentes de mundo. Aqui, parece haver um atravessamento de gênero acentuado. Ela e a irmã, embora tenham sobreposto essa barreira após o ingresso na universidade, durante o período da educação básica, estiveram restritas ao Aglomerado, ao trabalho doméstico da casa, ao contrário dos dois irmãos que ultrapassaram as barreiras do Aglomerado, foram ao encontro de outros sujeitos e desafios. Nesse trecho é ressaltado, o lugar da mulher marcado no imaginário social, a casa, o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos, ao contrário do homem que está no lugar de desbravador, de fora de casa, de provedor.

No mesmo trecho, ao falar do escotismo, diz sobre esse primeiro contato com os *riquinhos*, pessoas de outras classes sociais, com outras formas de viver o cotidiano. Embora, o primeiro momento tenha sido de repulsa, ao longo do processo de participação reconheceu a

importância de estar ali. Sua saída do escoteiro estava relacionada às suas amizades, que “*zuavam*” por ela participar e, como ela não queria *ser diferente da galera* preferiu se afastar. Ao final, afirma que suas amizades são todas de pessoas do Aglomerado e que há lugares em que ela não se sente à vontade.

O fato de ser reservada parecia marcar também sua atuação no Seu Vizinho. Núbia parecia não apreciar atividades que a deixavam em foco, por isso preferia atuar nos bastidores. Nesse lugar, Núbia se envolvia na coordenação de tarefas como alimentação e cuidado com as crianças, para o desfile de carnaval atuava na decoração, no figurino, na captação de recursos, entre outros, bem como era responsável pela organização financeira do Seu Vizinho. Esse aspecto carrega também um pequeno traço da sua formação em Engenharia Florestal – aspecto pouquíssimo detalhado durante a entrevista-, que garantia a ela uma formação básica em conhecimentos específicos das ciências exatas. Por isso, tinha certa facilidade em organizar número e fazer cálculos.

ENCONTROS DE PERCURSO: AMIGOS DA FAMÍLIA

No percurso de produção das práticas do Seu Vizinho, além da família Ribeiro outros sujeitos participaram ativamente desse processo. Foram encontros marcantes na vida do grupo, um desde a infância e outro após o início das práticas. Ambos agregadores de valores e competências distintas na produção da ação.

MATHEUS NUNES LOBO - BENÉ

Matheus tinha 32 anos, se autodeclarava pardo, homem cisgênero hétero. Morou a maior parte da vida com a família, na região Centro-Sul de Belo Horizonte e, no momento da pesquisa, morava com sua companheira, na mesma região. Fez todo o ensino básico em escolas públicas. cursou Engenharia Ambiental em uma faculdade privada, utilizando o FIES parcial. Participou do movimento escoteiro durante parte significativa da sua vida, quando conheceu os irmãos da família Ribeiro. Havia trabalhado na área de engenharia como analista de projetos e professor de percussão, na Escola Integrada, no Aglomerado da Serra. Nos momentos finais da pesquisa, ele solicitou junto à escola sua saída, para se dedicar exclusivamente as ações do Seu Vizinho. Matheus foi o primeiro regente do bloco Seu Vizinho e, assim como PV, era uma das principais

referências e participava diretamente de todas as atividades desenvolvidas, desde às reuniões de planejamento até a execução das atividades. Além disso, era compositor, violonista e guitarrista do bloco Seu Vizinho e outras bandas.

Matheus viveu a maior parte da vida com a família, duas irmãs, a mãe e o pai. A mãe faleceu quando ele tinha 28 anos e marcou a vida dele. O pai, diferente dos outros entrevistados, era uma figura presente e importante na formação do filho. Não parecia haver uma centralidade maior do pai ou da mãe, ambos pareceram exercer bem as funções que lhes cabiam. A mãe, mulher preta, com ensino básico completo, veio do campo, interior de Minas Gerais para trabalhar no setor administrativo de uma empresa de telefonia. Após a aposentadoria conseguiu com o seu Fundo de Garantia de Tempo de Serviço - FGTS comprar uma casa em um lote com mais outras 7 casas, na região centro-sul da cidade. Ele acreditava que a mãe por ser do interior *“sempre trouxe a gente pra essa simplicidade, não querer demais, ter o necessário”*.

Ele carregava sentidos diferentes em relação a mãe e o pai. De acordo com ele, *“A minha mãe sempre me prendeu muito, eu lembro que minha mãe só me deixou sair pra boate, esses trem depois de 18 anos, depois dos 21 que tive uma emancipação mais pesada assim. Comecei a beber mesmo cerveja, tomar golo, com 25 anos. Eu não bebia”*. A mãe carregava a marca tanto da simplicidade, quanto de uma hiperproteção.

Já o pai, homem branco, nascido em Belo Horizonte, atuou principalmente no setor de “Recursos Humanos”, área na qual se formou. O pai tinha o hábito de levar os filhos para eventos gratuitos, especialmente, atividades culturais, o que fez com que Bené, pudesse viver o cotidiano da cidade de outra forma. O que o estimulou a apreciar e frequentar outros eventos de rua, como o próprio carnaval da cidade, na sua juventude.

Matheus sempre viveu em um ambiente de classe média, segundo ele, sua família *“nunca teve muita grana, era de classe média baixa”*. Ele teve a infância marcada pela obesidade e com isso, sofreu um processo de exclusão. De acordo com ele, *“Eu lembro que era meio chato assim, no escotismo porque eu era excluído. E não gostava, na escola também era meio excluído”*. Ele considerava que isso impactou muito na sua formação, pois acreditava que tinha sensibilidade para esse tipo de situação no seu trato com as pessoas, não querendo reproduzir no outro o que sofreu na pele. Na adolescência, ele emagreceu, e isso deixou de ser um problema para ele.

Em relação à escola, ele narra que estudou toda a vida em escola pública. Matheus foi um aluno estudioso na maior parte do seu percurso, no entanto, não conseguiu ingressar em

uma Universidade Pública. Assim, uma faculdade privada se tornou uma possibilidade, mas após algum tempo de curso, por falta de recurso teve que recorrer ao FIES, o que possibilitou concluir seu curso de Engenharia Ambiental, escolhido especialmente por influência de sua participação no movimento escoteiro. No momento da pesquisa ele ainda estava atrelado às mensalidades do FIES e isso trazia um pequeno sentimento de perda, pois estava pagando por algo que não exercia. Mas, esse sentimento parecia ser passageiro, ao avaliar a importância de ter acessado e concluído a graduação e usufruído dos conhecimentos adquiridos no curso para sua carreira atual.

Embora sua formação não estivesse diretamente atrelada às práticas do Seu Vizinho, ela, sem dúvida agregou a forma com que ele atuava no coletivo. Assim como PV, Bené tinha certa facilidade no manejo das planilhas organizativas das atividades e coordenava com certa facilidade as ações que envolviam outros sujeitos, entre outras coisas.

Em relação ao trabalho, ele já trabalhou de *Office Boy*, na região próxima à sua residência. Essa experiência de primeiro emprego foi importante para ele, no entanto, tratava-se de um trabalho mal remunerado.

Ele também trabalhou na sua área de formação, na Engenharia Ambiental, dando suporte em planejamento, controle e execução de projetos. De acordo com ele, “*Ganhava relativamente bem, tranquilo, tinha possibilidade de crescer, eu não tava muito feliz, eu sempre tive uma insegurança de não entregar bons resultados, não sei se eu não era realmente feito pra fazer aquilo, por mais que eu tentava assim, então me deixava incomodado*”. O trabalho competitivo o deixava incomodado e inseguro o que o levou a pensar se ele era capaz de trabalhar nessa área.

Após algum tempo de empresa houve a demissão, o que, devido à maior disponibilidade de tempo, o levou a se empenhar bastante nas práticas do Seu Vizinho. O descontentamento com a carreira o impulsionou para assumir um compromisso com uma atividade que estava lhe oportunizando prazer, aprendizado e grande satisfação. Com algum tempo de atividades do Seu Vizinho, como já informado anteriormente, Bené e PV foram convidados para trabalharem como educadores na escola integrada, com a oficina de percussão. Bené estava vinculado à escola até o momento da pesquisa.

O fato, de atuar no Seu Vizinho e trabalhar na escola integrada do Aglomerado da Serra, agregou muito à vinculação de Matheus com a comunidade. Com as atividades, teve a oportunidade de criar e fortalecer vínculos com as famílias, especialmente, com as crianças e

as mães. Dessa forma, a comunidade parece passar a percebê-lo de outra maneira, não como um estrangeiro ou “*playboy*”, mas como alguém que participava, mesmo não sendo morador da comunidade.

Outra atividade relevante para ele foi o escotismo, ele permaneceu no movimento dos doze aos vinte e cinco anos. De acordo com ele “*na infância eu entrei pro escotismo e pra mim é um momento que eu tive na vida muito importante, com formação educacional, de cidadão, de amigo, de família, de um monte de coisa. [...] se constrói muito a formação da criança, trabalha com honra, com lealdade, com virtudes muito importantes que a gente não vê no mundão*”.

Ele assimila valores a partir da sua experiência no escotismo, que para ele são incomuns no *mundão*. Ou seja, sua passagem pelo escotismo foi importante pois lhe concedeu a oportunidade de ter acesso a determinadas coisas, valores, conhecimentos, incomuns, especialmente, nas instituições em que somos socializados, famílias, escolas, igrejas.

Seus vínculos de amizade mais fortes foram construídos nesse contexto e, da mesma forma, sua relação com o pai, que também fazia parte do movimento escoteiro, foi fortalecida. Ele ressaltava ainda que, participar dessa ação o auxiliou a ser mais comunicativo, a saber atuar em grupos e a se colocar num lugar de referência.

Além dos escoteiros, ainda teve a música como um forte fator formativo. Ele vem de uma família sem tradição musical, o que dificultava o acesso. De acordo com ele, a sua formação artística e musical não era reconhecida pela família como um trabalho digno, apenas como *hobby*. Por isso, não almejou uma formação acadêmica em música, embora fosse um desejo. Para comprar seu primeiro instrumento usou o seguro desemprego do seu primeiro emprego.

Bené participou durante um período de um grupo de jovens ligados à Igreja Católica, o que favoreceu a sua aprendizagem de violão. O grupo de jovens teve para ele uma grande importância no seu processo de aprendizagem do violão, bem como na criação de vínculos de amizades. Tocar na igreja e encontrar com outros jovens que tocam melhor que ele o auxiliou a desenvolver melhor sua técnica de violão. Nesse mesmo período percebeu que o violão o tornava mais sociável, o que remetia a um sentimento maior de pertencimento do grupo.

A maior parte dos seus estudos musicais foram autônomos e práticos, através de revistinhas, amigos e conhecidos que o auxiliavam. No entanto recorreu por um pequeno

período a professores e a escolas de formação em música. Já envolvido com o carnaval de rua da cidade, recorreu também a algumas formações específicas, mas gratuitas e bastante práticas.

O envolvimento com a música foi o principal argumento de Bené para a empreitada inicial de construção do Seu Vizinho. Sua intencionalidade primeira era fazer música de qualidade. Atualmente, Bené é o principal responsável pela qualidade técnica e pelo manuseio com os equipamentos do som.

MARINA LAUAR DUTRA - MARINOCA

Marina, era uma jovem de 24 anos, solteira, que se autodeclarava branca e mulher cisgênero hétero. Nasceu em Belo Horizonte, mas mudou-se para a cidade de Teixeira de Freitas, Bahia, aos 4 anos, onde viveu até seu ingresso na Universidade, aos 17 anos. Estudou toda sua vida em escolas particulares, onde sua mãe lecionava. Ela concluiu o curso de Relações Internacionais em uma instituição privada, também utilizando o FIES. Fez estágio na área desde os primeiros períodos da faculdade e se efetivou em uma das empresas onde fez estágio. Em 2019, durante a pesquisa, optou por sair da corretora de câmbio em que trabalhava, para atuar com produção cultural e se dedicar mais ao Seu Vizinho. Marina, assim como PV e Matheus, era uma das principais referências do Seu Vizinho. Embora atuasse com maior intensidade na parte de comunicação, ela se envolvia diretamente em todas às atividades desenvolvidas, desde as reuniões de planejamento até a execução das atividades, especialmente, após sair da corretora de câmbio.

Marina tinha a mãe como referência, em função do falecimento do pai. A mãe formada em letras lecionava em escolas particulares, onde Marina pôde estudar. O fato de a mãe ser professora a levou a ter contato com algumas práticas escolares como *“fazer prova pra minha mãe, corrigir prova, corrigir trabalho, montar aula e sempre fui muito próxima disso, a ponto de sonhar com a profissão”*. No entanto, a mãe conhecendo a precariedade da profissão não desejava esse legado para filha.

Marina era muito comunicativa e tinha, segundo ela *“um espírito de reunir gente. Eu sempre fui Líder assim da classe ou eu era Líder ou a vice-líder, sempre”*.

Assim como a mãe, Marina *“se virava”*, de acordo com ela *“[...]eu vendia Cd pirata na escola, baixava música na internet e gravava no CD, aí eles me pegaram e mandaram parar. E eu perguntei, por quê? Onde que está escrito na escola que eu não posso vender CD pirata?”*

Tudo eu questionava”. Se virava para conseguir uma renda e ao mesmo tempo questionava, gostava de saber os motivos que levavam as pessoas, no caso a escola, a tomar determinadas decisões. Segundo ela *“Fazia assembleia na hora do Recreio. Tocava o sinal do recreio, fechava as portas (da sala de aula) e falava pra ninguém lanchar, pra reunir aqui porque aquela professora não podia dar aquele trabalho, tanto de matéria assim, a gente tinha que reivindicar, fazer abaixo assinado*”. Com esse jeito de reunir gente e a sua postura questionadora, se tornava uma referência, alguém que não se satisfazia com imposições, com ordens. De acordo com ela, *“Eu sempre fui muito ‘Vai lá e faz’*”. *Na escola onde eu estudava, eu era técnica do time de futsal e handball, de 12 anos. E eu estava no Ensino Médio. E aí, eu era técnica das meninas, por ser mesmo. Queria ensinar elas a jogarem, eu jogava também. Fui técnica delas por uns dois anos.*

Essas características marcantes parecem ter levado Marina ao encontro do Seu Vizinho. Já presente no carnaval de Belo Horizonte, acompanhou o bloco no seu primeiro desfile e se juntou à ação de maneira mais próxima após um encontro inesperado com Chassi em uma cachoeira, que em uma conversa a convidou. Seu *“espírito de reunir gente”*, sua liderança, sua postura crítica e prática de *“Vai lá e faz”*, dialogam diretamente com as práticas e posturas do Seu Vizinho, que reuniam gente através da música, das oficinas de percussão, dos lanches coletivos, bem como, questionam o caráter excludente do carnaval de rua da cidade e os estigmas sobre o Aglomerado da Serra e os sujeitos que ali vivem. Nesse sentido, Marina se identificou prontamente com a proposta do Seu Vizinho.

Em relação à escola, não se definia como uma boa aluna, *“eu nunca fui muito de estudar não, sabe? Tipo assim, eu estudava o que eu gostava. Então eu nunca fui muito esforçada, dedicada não. Eu tinha bolsa na escola porque minha mãe dava aula na escola”*.

Nesse contexto escolar, Marina ingressou no curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG, com financiamento integral do FIES. O curso para ela contribuiu para *“formar pensamento crítico, pra saber dar opinião, pra ler, pra me formar, entrei em contato com coisas que eu não tinha contato. Mas eu não acho que o curso foi feito pra mim, sabe! Se eu fosse escolher hoje, eu teria feito comunicação. Óbvio que teria feito comunicação”*. Assim como os outros jovens, sua formação acadêmica não dialogava diretamente com as práticas do Seu Vizinho, mas também agregou à sua forma de atuação do Seu Vizinho. Como afirma ela, sabia se posicionar criticamente em diversos assuntos, ao mesmo tempo em que escutava e acolhia as demandas e as opiniões dos outros

participantes, especialmente, aqueles que viviam no Aglomerado. Sua referência ao curso de comunicação parece se relacionar com a sua atual prática no Seu Vizinho e seu desejo de carreira profissional.

Em relação ao trabalho, ela fez estágio na sua área desde o início da graduação. Dessa forma, logo se efetivou em uma das empresas em que atuou. Em uma dessas empresas que trabalhou ela teve relações de trabalho abusivas com um de seus chefes: *“Ele era muito abusivo, é muito grosso, ele não sabia ser chefe, ele não tinha gestão. Então ele gritava comigo no telefone, ele não sabia orientar, ele não era líder sabe”*. Essa relação abusiva pode ser interpretada pelo despreparo do profissional em lidar com grupos e coletivos de trabalho, mas também pode ter um caráter de discriminação de gênero. O fato de ela ser mulher pode ter sido fundamental para essa relação, mas é difícil fazer essa afirmação a partir dos dados colhidos.

Outros desejos inquietavam o cotidiano dela. Já no Seu Vizinho, ela percebia dia a dia que não estava contente com sua atividade profissional, o que acarretou a sua saída da corretora de Câmbio em que atuava há alguns anos, para se dedicar ao Seu Vizinho e à carreira de produtora cultural.

Outra atividade que Marina considera relevante pra sua formação era a sua relação com a música. *“Eu sempre fui muito ligada à música, muito mesmo, na minha casa era música o dia inteiro. [...] meus tios (por parte de mãe) são todos músicos. Eu tenho um tio que toca (Violão) 7 cordas, outro que toca bandolim. E eu sempre ficava vidrada, ficava olhando o povo tocar, paralisada assim”*.

O desejo e relação com a música parecem ter motivado todos eles, e com Marina não era diferente. Sua relação familiar com a música a impulsionou para o carnaval de rua da cidade e seu encontro, mais tarde, com o Seu Vizinho.

3.1.1. Experiências compartilhadas entre os/as jovens do Seu Vizinho

Nesse caminho através da trajetória de vida dos jovens, algumas experiências saltavam aos olhos por serem comuns entre eles. Dessa forma, como uma maneira de mergulhar um pouco mais fundo nessa análise, apresento alguns eixos comuns de apreciação entre eles.

Tabela 1: Autodeclaração e experiências comuns dos jovens

	PV	Chassi	Babi	Núbia	Matheus	Marina
Morador do Aglomerado	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não
Escotismo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Educação Básica	Ensino privado	Ensino público	Ensino público	Ensino público	Ensino público	Ensino privado
Universidade / Faculdade	Superior Incompleto (Público)	Superior Incompleto (Privado/BOLSA)	Superior Completo (Público/BÔNUS)	Superior Completo (Privado/PROUNI)	Superior Completo (Privado/FIES)	Superior Completo (Privado/FIES)
Gênero/ Opção sexual	Homem Cishétero	Homem Cishétero	Mulher Cishétero	Mulher Cishétero	Homem Cishétero	Mulher Cishétero
Raça⁴⁷/Cor	Preto	Preto	Preta	Parda	Pardo	Branca

Fonte: Produzido pelo autor

Quando do surgimento, em meio a um novo ciclo do carnaval de rua da cidade, o Seu Vizinho era composto por um conjunto de sujeitos descritos no quadro acima, exceto Marina que agregou as atividades após um tempo de formação e construção da ação.

A princípio, é possível dizer que os sujeitos que compunham o Seu Vizinho no momento de sua origem, eram jovens, que por atravessamentos da vida cotidiana, se deixaram engajar em lutas sociais, políticas e culturais próprias do território em que estavam imersos. A forma de ser do Seu Vizinho - formas de organização e ações - refere-se a estes sujeitos e outros que entraram e se engajaram posteriormente.

Dentro desse contexto, consideramos pertinente compreender alguns desses atravessamentos que perpassaram a vida desses sujeitos, que os auxiliaram a trilhar um caminho para a idealização e desenvolvimento dessa ação coletiva.

O primeiro aspecto importante de ser ressaltado é o escotismo, comum a cinco dos seis sujeitos. Entre os espaços de circulação dos jovens, parece que a experiência do escotismo narrada se revelou como um espaço privilegiado de participação e construção coletiva. Dessa

⁴⁷ A experiência do Seu Vizinho, foi circunscrita tendo a dimensão racial como um elemento importante. Portanto, apontar a noção de raça utilizada na pesquisa é necessário. A princípio, reconheço que este conceito está em constante disputa e tensão. Assim, o conceito “raça” é polifônico, carregado de significados e atravessado por relações de poder e dominação, sendo imbricado por conteúdo político-ideológicos (MUNANGA, 2003). Nesta pesquisa compreendo a raça a partir de uma perspectiva sociológica, política e crítica, sem nenhuma referência à dimensão biológica. Assim, compreendo raça, deslocada dos determinismos biológicos e o direcionamento para uma perspectiva social, crítica e política. Trata-se de “um conceito relacional, que se constituiu histórica e culturalmente, a partir de relações concretas entre grupos sociais em cada sociedade (GOMES, 2011; 2017)

forma, os jovens tiveram acesso a uma experiência coletiva educativa e formativa de valores possíveis em relações grupais, como respeito e diálogo. Essa experiência possibilitou a eles vivenciarem, reflexiva e praticamente, o planejamento, a construção de pautas e projetos coletivos de trabalho, bem como, as experiências coletivas do escotismo permitiram a eles o encontro com outros sujeitos, de diferentes faixas etárias, classes sociais, raças e gêneros, o que potencializou o aprendizado do reconhecimento das diferenças e da alteridade. Em uma sociedade que tende ao individualismo, o escotismo auxiliou o aprendizado e a produção de relações coletivas, bem como através das práticas de “sobrevivência” na natureza, desenvolveram certa autonomia na construção da ação concreta, o cuidado com o espaço utilizado e diminuição da produção de lixo. Acredito que os aspectos citados foram importantes para a idealização, especialmente a autonomia para a concretização das ações. No desenvolvimento das ações propostas, uma série de estratégias de organização do Seu Vizinho já fazia parte do repertório social dos sujeitos.

Em relação à trajetória escolar, quatro deles estudaram em escolas públicas, entre eles duas mencionaram o caráter precário do ensino público, no que diz respeito a preparação para as provas de ingresso ao ensino superior. Dois deles estudaram em escolas particulares, PV e Marina, reconhecem a importância desse caminho para sua trajetória acadêmica. Nenhum deles mencionou a escola como espaço privilegiado para participação em algum movimento de dimensão política ou social, embora, ela tenha sido mencionada enquanto espaço de socialização para música e a criação de vínculos fortes de amizade, por exemplo. Marina, não por incentivo da escola, mas por sua forma de ser, inquieta e questionadora, utilizava o espaço da escola para discutir aspectos da própria instituição através de reuniões e assembleias.

Em relação à universidade, foi possível perceber que algumas competências e habilidades, como o gerenciamento das atividades administrativas e das práticas propostas, raciocínio lógico, facilidade em organizar números e fazer cálculos, posicionamento crítico frente a algumas demandas, praticidade nas tomadas de decisões e no enfrentamento de desafios, desenvolvidas na formação superior, agregaram às práticas do Seu Vizinho. É importante destacar que, a formação acadêmica, independente da área, por si só pode potencializar o acesso à informação, à formação do pensamento crítico e especializado em determinadas áreas importantes para o reconhecimento profissional, o encontro e compartilhamento de experiências com sujeitos de diferentes origens sociais, raciais e de gênero, bem como de acesso a uma linguagem e um discurso científico de legitimação de

práticas sociais, políticas e culturais. Embora os cursos não tenham uma relação direta com as práticas do Seu Vizinho, pode-se dizer que potencializavam as ações dos jovens no coletivo.

Ainda sobre os dados da escolarização dos sujeitos do Seu Vizinho, é possível pensar que nenhum deles teria acesso ao ensino superior como consequência natural da sua trajetória. Os sujeitos foram indagados sobre a existência e a possibilidade de ingresso na educação superior ao longo de suas vidas. Eles vislumbraram a possibilidade de fazer parte desse contexto, através do ingresso em instituições privadas, de políticas sociais e afirmativas com recorte racial e de renda⁴⁸, como o Programa Universidade para todos (PROUNI), o Programa de Financiamento Estudantil (FIES), o Programa de Apoio a Planos de reestruturação e expansão das Universidades Federais (REUNI), às ações afirmativas de reserva de vagas nas universidades.

Em relação ao trabalho e renda, a princípio foi possível verificar a baixa renda da família em que os quatro irmãos estiveram inseridos. Os outros dois, que são também de fora do Aglomerado, foram socializados em famílias de classe média. No entanto, todos tiveram em comum em sua trajetória, sempre a conciliação entre o trabalho e os estudos. Nenhum deles optou ou teve a possibilidade de eleger entre um ou outro. Sobre esse aspecto parece existir uma condição social que ultrapassa as representações do lugar físico. Embora existam privilégios em não ser morador do Aglomerado, é possível dizer que esses jovens tiveram experiências semelhantes em torno do trabalho.

Sobre o sentido do trabalho para eles é possível destacar a condição para uma vida mais independente. Assim, o trabalho aparece para os sujeitos, como condição de subsistência no compartilhamento da renda para as demandas do lar (morando sozinho, com família ou pares) e para demandas pessoais do cotidiano. É importante destacar, que pela necessidade do trabalho, os jovens desde a idealização da ação tiveram que conciliar algum trabalho remunerado com as atividades propostas, o que por sua vez, repercutia na maior ou menor disponibilidade de participação.

A formação acadêmica em áreas não relacionadas diretamente com a atuação do Seu Vizinho, também produziu a possibilidade de atuação profissional em áreas distantes da ação

⁴⁸ É importante destacar que a expansão do acesso ao ensino superior se dá, em parte significativa, por meio da transferência de recursos públicos para instituições privadas, o que gera um substancial aumento do poder econômico dessas instituições e, em consequência disto, a precarização e desconstrução do ensino público e gratuito. Esse debate extrapola o objetivo central desse trecho, no entanto, é importante marcar tal ponto de vista, mesmo que de forma sucinta e superficial.

proposta. Dessa forma, não houve intencionalidade ou relação entre o trabalho dos jovens e a constituição da ação.

Os trabalhos como condição para subsistência não tiveram relação direta com o desejo de criação e constituição da ação coletiva, embora seja possível dizer que o descontentamento com as carreiras impulsionou, após a idealização da ação, o desejo dos jovens de se especializarem como profissionais da cultura através do Seu Vizinho.

Sobre a condição familiar, é importante destacar a referência materna. É possível dizer que todos eles tiveram como referência familiar a mãe. As mães com forte vínculo com os filhos se anunciavam enquanto principais provedoras da renda familiar, como padrão ético nas relações sociais, como referência de mulher, de negra e outros valores que formaram o caráter e a personalidade dos filhos. Dessa maneira, elas passaram a ser figuras centrais no processo de formação social, política e cultural dos jovens.

Como sugere PV, “*Resistência é uma coisa que vem de berço, pra gente sobreviver nesse sistema visceral*”⁴⁹. Ou seja, os jovens desde pequenos tiveram acesso a referências maternas, que representavam nas suas experiências cotidianas a própria resistência. Dessa maneira, é possível dizer que a referência materna potencializou a ação dos filhos e a criação do Seu Vizinho, bem como sugeriu um acúmulo de valores aos quais recorriam constantemente para o desenvolvimento das ações como, *ser correria*, empenho, *amor pela vida*, simplicidade, ter o necessário, partilha, bem como, referências no campo da educação em dois casos, o da família Ribeiro e de Marina, de pedagoga e professora. Aparentemente, afirmando sua própria identidade e resistindo a padrões de inferiorização, as mães impulsionaram os filhos para a produção de relações mais humanas e sustentáveis.

Essa característica coloca em evidência a figura da mulher e acaba por desnaturalizar um sistema que privilegia a figura do homem. Sugere uma pequena fissura com um padrão moderno/colonial que se perpetuou, garantindo ao homem certa centralidade e poder nas relações sociais e familiares. As mães, ao ocuparem esse lugar desestabilizaram uma ordem histórica e social imposta. Dessa maneira, elas passaram a ser figuras centrais no processo de formação social, política e cultural dos jovens (ZIBECHI, 2017). Tal contexto ratifica a maior presença das mulheres no processo de criação dos filhos das camadas populares, em que muitas vezes existe uma presença ausente dos pais.

⁴⁹ Trecho da música “Serra Resiste”, composição de PV.

Cabe fazer uma pequena ressalva sobre o pai de Matheus, que em sua atuação presente em relação ao filho pôde também potencializar suas ações futuras, mas deve ser visto como uma exceção.

A centralidade da mãe ainda auxiliou as mulheres da equipe a se deslocarem e se reconhecerem enquanto participantes, proponentes e executoras de todas as atividades. Sobre esse aspecto destaque, uma fissura produzida pelas mulheres que compõem essa equipe, especialmente, Babi e Núbia. O fato, das irmãs estarem durante a infância, a adolescência e parte da juventude restritas ao Aglomerado e ao lar era reflexo de um processo de subalternização histórico que sem reflexão, pode ser reproduzido e perpetuado (GONZALES, 1984). Dessa maneira, as duas fissuraram um padrão que se perpetuava dentro da própria casa. Enquanto seus irmãos, PV e Chassi, saíram para atividades fora do Aglomerado, elas estiveram restritas ao trabalho do lar⁵⁰ e às relações próprias do Aglomerado e imediações, até o ingresso na universidade, quando tiveram a oportunidade de ultrapassar os limites do Aglomerado.

É possível dizer que as transformações sociais operadas nas relações de gênero nas sociedades contemporâneas permitiram-lhes um empoderamento para se engajarem no Seu Vizinho. Embora não seja uma relação direta, é possível dizer que o movimento de mulheres em suas lutas cotidianas por equidade de gênero, influenciou e influencia as mulheres a se inserirem e a se afirmarem dentro dos movimentos, desde sua idealização, bem como no desenvolvimento das ações ao proporem pautas próprias às relações de gênero dentro dos movimentos (GONZALES, 1984; LUGONES, 2012).

Outro aspecto que destaque é o da identificação racial. Dos seis integrantes, cinco são negros, sendo três pretos e dois pardos. A presença majoritária de negros na equipe remete a um processo de construção histórica do movimento negro. No Brasil, desde a abolição da escravidão, o movimento negro e os negros em movimento vêm indagando, ressignificando e politizando as relações sociais e raciais (GOMES, 2017). Essas indagações trouxeram a discussão sobre o racismo, relações raciais, sobre práticas culturais e religiosas da população negra, a transformação das “ações afirmativas em questões sociais, políticas, acadêmicas e jurídicas”, bem como pautou a arte, a identidade e a cultura negra (GOMES, 2017, p. 18). Esse percurso educador do movimento negro incentivou, reconheceu e legitimou a criação e atuação de negros e negras em outros movimentos. Nesse sentido, é possível dizer que o Seu Vizinho é

⁵⁰ Não se trata de reduzir ou inferiorizar a importância do trabalho doméstico. O trecho pretende apenas apontar as diferentes vivências entre os irmãos.

fruto de um processo histórico que legitimou e assegurou aos negros e negras a constituírem novos movimentos, mesmo que estes não tenham um caráter explicitamente de afirmação da identidade, da cultura, da ancestralidade negra, mas necessariamente antirracistas (GONZALES, 1984; GOMES, 2011; 2017).

É possível dizer que os jovens negros do Seu Vizinho, embora não tenham uma relação direta com o movimento negro, usufruíram das conquistas obtidas através das lutas cotidianas desse movimento para se afirmarem nos contextos onde estiveram inseridos, bem como para produzirem e desenvolverem as práticas do Seu Vizinho.

Os jovens, como foi possível perceber, foram atravessados em suas trajetórias por discriminação racial, de moradia, de gênero e de classe. Ou seja, todos os sujeitos entrevistados foram atravessados por uma ou mais dimensão de discriminação. No entanto, diante das trajetórias, foi possível perceber que os jovens não se reconheceram nos estereótipos e nos estigmas destinados a eles, de inferiores ou incapazes. Ao contrário, se afirmaram em cada espaço em que passaram, na escola, por meio das assembleias na hora do recreio, no escotismo, no judô, na universidade, mostraram-se sujeitos produtores de cultura, carregados de conhecimentos e outros modos de pensar o cotidiano (ARROYO, 2012).

Nesse sentido, acredito que os jovens se formaram em cada atravessamento, seja como uma forma de afirmação identitária racial, de classe, de local de moradia, de gênero, ou até mesmo como reflexão de vida, para não reproduzir o mesmo que passaram. Esse processo de afirmação, reconhecimento e legitimação de práticas subalternizadas é reflexo de um processo histórico de lutas de ações coletivas, movimentos sociais e de outros sujeitos, que em seu cotidiano reagem às mais diversas formas de exploração, discriminação e preconceito.

É possível dizer, no caso do Seu Vizinho, que houve um agrupamento de sujeitos que se formou por meio de uma série de atravessamentos e, dessa maneira, produziram a ação coletiva, desde sua idealização até o desenrolar das suas atividades. Foram influenciados em diversas experiências vivenciadas ao longo de suas trajetórias que os levaram à idealização, construção e desenvolvimento da ação que conhecemos como Seu Vizinho.

De maneira geral, é possível dizer que, além do novo ciclo de movimentação carnavalesca na cidade e a influência de uma parte dos blocos que se notabilizou por sua agenda política, as experiências e atravessamentos sociais, políticos e culturais dos jovens em suas trajetórias pessoais podem ser pensados como um reservatório de intensos e profundos aprendizados. A produção de relações coletivas, valores democráticos e reconhecimento das

diferenças, autonomia para a concretização do planejamento, da construção e da avaliação de ações concretas, o pensamento crítico e a relação com diferentes instituições, o tensionamento com o padrão moderno/colonial através da afirmação das identidades de gênero, raciais e de classe, sem dúvida tiveram relação com a idealização e desenvolvimento das ações. É possível dizer que as experiências vivenciadas pelos jovens foram laboratórios de formação para ação coletiva e as pautas políticas que surgiram no processo de constituição foram muito mais pela presença de seus corpos nas ruas do Aglomerado e pelas redes tecidas com o território, do que por uma pauta explícita em torno desse tema.

3.2. “A SERRA RESISTE! MEU POVÃO JOGADO ÀS MARGENS, AQUI FOI SE AGLOMERANDO”: HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS DO TERRITÓRIO

Compreender o contexto social, político e cultural do Aglomerado da Serra é importante e necessário para entender a experiência do Seu Vizinho como uma ação coletiva. Dessa forma, cabe fazer um levantamento da configuração territorial desta localidade, considerando alguns aspectos observados em campo e através das entrevistas realizadas.

A história do Aglomerado da Serra remonta à história de formação social do Brasil, marcada por um processo de exclusão, segregação e de desterritorialização de sujeitos inferiorizados – traços característicos das dispersões diaspóricas contemporâneas (PORTO-GONÇALVES, 2012). Dessa forma, compreendo o contexto social, político e cultural do Aglomerado conectado com uma disputa por reconhecimento e representação do território, em que do lado de “fora” predomina a projeção de um território carente, marcado pela violência e criminalidade e, do lado de “dentro” predomina a projeção de um território marcado pela afirmação cultural, pela criatividade, pela coletividade e resistência (SANTOS, 2005).

Embora, o lado de “fora” envolva e atravesse diretamente as práticas produzidas na comunidade, nos interessa mais a perspectiva do lado de “dentro”, em que há a possibilidade de compreender com maior profundidade as relações construídas entre o Seu Vizinho e o contexto, com suas tensões, desafios, conflitos e potencialidades.

Para isso, em princípio será apresentado um breve panorama do Aglomerado da Serra, que abordará aspectos gerais relacionados à demografia e o contexto sócio histórico desse território.

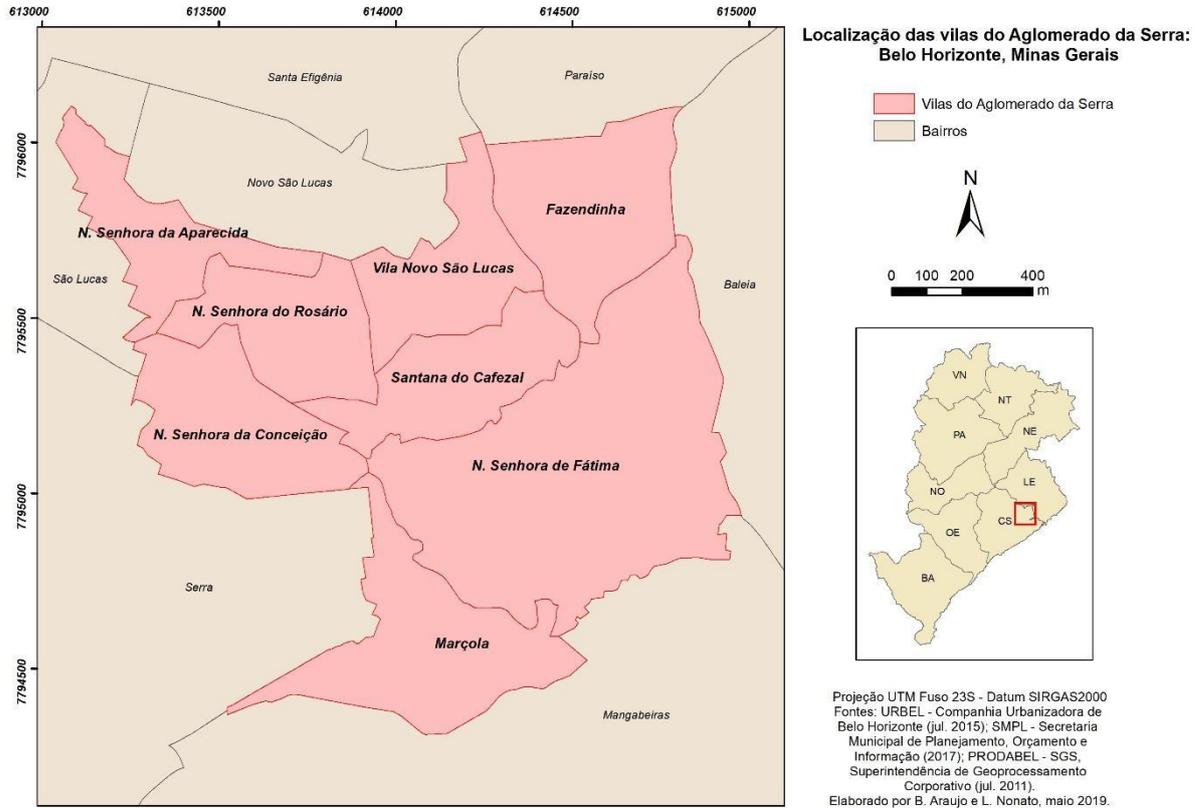
3.2.1. Aglomerado da Serra: imagens cotidianas de uma comunidade em movimento

O Aglomerado da Serra está localizado na região centro-sul da capital mineira, na encosta da Serra do Curral e é vizinho dos bairros: Mangabeiras, Serra, Paraíso, Santa Efigênia e São Lucas. Ou seja, o Aglomerado não está distante das áreas mais centrais e comerciais da cidade. Pelo contrário, está inserido em uma região de bairros de classe média e bem próximo ao centro comercial de Belo Horizonte. Nesse sentido, no percurso para o Aglomerado, passando pelos bairros, é possível perceber uma alteração grande no cenário e na cultura entre os territórios vizinhos. Esse contraste produziu a separação entre o Bairro Serra e o Aglomerado da Serra. A diferença entre eles é visual, mas também é social e persiste no imaginário social. Enquanto de um lado o Bairro Serra usufrui de uma imagem positiva, do outro lado, o Aglomerado, sofre com estigmas e representações negativas (GUIA AFETIVO DO AGLOMERADO DA SERRA, 2018).

De acordo com dados da prefeitura de Belo Horizonte⁵¹, cerca de 50 mil habitantes vivem no território distribuídos em oito vilas: Nossa Senhora da Aparecida, Nossa Senhora do Rosário, Santana do Cafezal, Marçola – Vila de origem e principal referência para o desenvolvimento das ações do SV-, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora da Conceição, Novo São Lucas e Fazendinha.

⁵¹ <https://prefeitura.pbh.gov.br/urbel>

Figura 3: Mapa do Aglomerado da Serra



Fonte: B. Araújo e L. Nonato⁵²

Estima-se que as primeiras ocupações do Aglomerado da Serra começaram a aparecer entre as décadas de 1910 e 1920, na Região Centro-Sul da capital, com a construção de casas por parte dos trabalhadores e diversos sujeitos vindos do interior de Minas Gerais e Bahia, em busca de melhores condições de vida, “para além das chácaras dos funcionários públicos graduados e integrantes da elite belo-horizontina” (BEIRÃO, 2012, p. 17). Portanto, o Aglomerado da Serra tem uma história de mais ou menos 100 anos. Quase 40 anos dessa história é negligenciada por parte do poder público municipal, que oculta a história de formação anterior à década de 50. É possível constatar essa afirmação através do documento “Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: regional Centro-sul”, organizado pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte – APCBH, (ARREGUY, 2008).

O Aglomerado surge logo nos primeiros anos de construção da cidade. A nova capital

⁵² B. Araújo e Luísa C. Nonato, estudantes de Geografia à época, produziram este mapa para este estudo e para outros usos futuros.

de Minas Gerais, planejada e construída sob a marca de um ideário utilitarista e funcionalista do espaço, que almejava um status de civilização moderna, não previu área de alocação e acolhimento dos sujeitos da construção civil que trabalhavam em sua urbanização, tampouco para populações mais pobres que vinham do interior, em busca de melhores condições de vida. Com o valor dos terrenos e moradias inacessíveis para os mais pobres, esses trabalhadores acabaram por ocupar as zonas suburbanas da cidade, sem infraestrutura adequada de água, saneamento básico, energia e transporte. Dessa forma, os aglomerados, as vilas, as favelas, foram se constituindo em Belo Horizonte, desde sua fundação (DIAS, 2015; LIBÂNEO, 2016).

O Aglomerado da Serra nasce de um processo de exclusão, segregação e de desterritorialização de sujeitos, conhecidos na nossa história social - traços característicos das dispersões diaspóricas contemporâneas (PORTO-GONÇALVES, 2012). Dessa maneira, o território ocupado se constrói e se constitui com sujeitos de baixa renda, em grande parte por negros (IBGE, 2016; IPEA, 2016) e sob o estigma da pobreza, da carência e da falta, da ilegalidade, da marginalidade, da violência que se perpetua e marca a vida dos jovens moradores e idealizadores do Seu Vizinho.

De acordo com Babi (16/05/2018) o Aglomerado tem esse estigma *“por causa da mídia que divulga praticamente só crimes, só assassinatos. Então tem gente que tem medo por não conhecer também”*. É possível perceber através do relato da jovem que a continuidade do estigma se dá em parte significativa, pela imagem projetada pela mídia, que anuncia quase que exclusivamente a violência e a criminalidade como a referência e representação sobre esse território. A outra parte se dá pela naturalização desses estigmas por parte das pessoas, geralmente de fora do Aglomerado, que acolhem os estereótipos projetados e os internalizam sem qualquer reflexão.

É possível confirmar essa perspectiva de continuidade através do relato de Matheus (08/05/2018), que diz: *“Eu tinha uma visão, a visão comum de quem não mora, a visão de preconceito realmente, no sentido de tipo assim, de imaginar o que você vê no jornal, na mídia”*. Ele, por meio da participação nas atividades do Seu Vizinho, do seu trabalho como professor de percussão em uma das escolas do Aglomerado e de reflexões, coletivas e individuais, teve a oportunidade de vivenciar e compreender o Aglomerado de outra maneira, mais profunda e de acordo com a realidade local. A partir desse deslocamento de ponto de vista, agora de “dentro”, pôde perceber outra realidade e afirmou: *“Eu vejo o Aglomerado da Serra como um lugar muito bonito e de muito aprendizado, de muita coisa forte acontecendo toda*

hora”. Quando fala da beleza do Aglomerado não está se referindo, necessariamente, à arquitetura, mas às relações sociais e culturais que existem ali e por isso, um lugar de muito aprendizado. As *coisas fortes* se referem ao sentimento construído por ele mesmo sobre a simplicidade, humildade, hospitalidade, o cotidiano afetivo, que parecem causar a todo instante um impacto sobre ele.

Ao longo dos 100 anos, diversas vilas foram se desenvolvendo, de maneira autônoma, pelos próprios moradores, com auxílio de amigos, parentes e vizinhos, geralmente sem projetos e projeções pré-estabelecidas. Em geral, as casas, estão em processo permanente de construção e de mudança (JACQUES, 2011; PORTO-GONÇALVES, 2012). As ruas são estreitas e existem inúmeros becos e vielas, por onde os sujeitos caminham ou percorrem de moto. Nesse labirinto, as relações vão se desenvolvendo, sendo potencializadas e, desta maneira, o Aglomerado da Serra vai se constituindo social, política e culturalmente.

Segundo Chassi (07/05/2018), “*A minha vivência é aqui no Aglomerado da Serra, com muito orgulho. É um lugar simples e humilde, bom de se morar. A gente se cumprimenta, conversa, sabe da vida um do outro assim, em relação a fortalecer a comunidade mesmo*”. O estilo de vida descrito pode ser interpretado através do próprio processo de construção e constituição do Aglomerado. Os moradores são, em grande parte, oriundos do interior, cidades menores e, por vezes, do campo, onde é comum um estilo de vida simples, em que as pessoas se cumprimentam e conversam. Ao mesmo tempo, as casas muito próximas, a estreiteza das vias, criam e produzem relações de proximidade, em que os encontros são oportunizados. A proximidade e vínculos produzidos se materializam nas construções coletivas de casas, nas rodas de conversas com vizinhos nas calçadas, nos churrascos nas lajes e nas mais diversas produções sociais da comunidade (JACQUES, 2011; PORTO-GONÇALVES, 2012).

Nas andanças que fiz pela comunidade junto ao coletivo e aos sujeitos do Seu Vizinho, em conversas nos bares, almoçando nas casas, tomando uma cerveja ou um café, não era difícil perceber a musicalidade que envolvia o Aglomerado. Por onde quer que você caminhe, é possível escutar uma música, os ritmos são variados e vão desde o tradicional funk, pagode e o samba, passando pelo sertanejo e o gospel, seguindo em direção ao forró e o Axé. Em comum, o alto volume das músicas. Essa pode ser outra maneira de interpretar a construção social, política e cultural próprias do Aglomerado.

Historicamente, a favela é fonte e abrigo de inúmeras manifestações populares, entre elas o samba e o próprio carnaval (JACQUES, 2011; BRASIL, 2017). No Aglomerado da Serra,

além do Seu Vizinho, outros coletivos ligados à música e à cultura movimentam e sustentam essa musicalidade desde sua fundação. Por exemplo: Cia dos Anjos, grupo cultural referência em danças urbanas; Desajustados, banda que realiza atividades de cunho religioso na comunidade; Grupo de Artes da Comunidade Evangélica da Serra, que realiza atividades na Igreja por meio da dança, música e artes cênicas; Grupo Identidade, que promove a cultura das favelas por meio das danças urbanas e artes cênicas; Lá da Favelinha, um ponto de resistência, criatividade e empreendedorismo, que realiza oficinas de poesia, dança, aulas e eventos; Morro Encena, grupo de teatro composto majoritariamente por mulheres e pessoas negras da comunidade; Passistas Dancy, grupo de dança funk, passinho foda, house, dance hall, vogue, afro house, axé, entre outros; Spyce Dance, grupo de dança pop contemporânea, bem como, diversos terreiros de Candomblé e grupos de samba e capoeira (GUIA AFETIVO DO AGLOMERADO DA SERRA, 2018).

Nesse sentido, o Aglomerado da Serra é fonte e abrigo de diversas práticas socioculturais que envolvem ritmo, corporeidade, coletividade, dramaturgia. São expressões coletivas de outras formas de viver em sociedade, em comunidade, em movimento, fruto de ações projetadas e produzidas pelos próprios sujeitos moradores (JACQUES, 2011). Esse movimento musical, coletivo e muitas vezes improvisado, dita o ritmo de construção das casas, do estilo de vida mais livre e menos individualista dos sujeitos, que produzem um forte senso de comunidade (JACQUES, 2011). Ou seja, a cultura produzida pelos sujeitos que vivem o território, produz a arquitetura local e produz outras relações, ao mesmo tempo em que são influenciados por elas.

A partir desse contexto de formação do Aglomerado, o Seu Vizinho parece ser idealizado, concretizado e potencializado pela cultura do Aglomerado da Serra. Ou seja, os jovens influenciados também pela cultura do território produziram a ação coletiva, bem como parte significativa dos valores que circulam nas práticas do Seu Vizinho e são absorvidas pela própria cultura da comunidade (PORTO-GONÇALVES, 2012), como a autonomia, a musicalidade, a coletividade, o respeito pelas diferenças, a proximidade, as conversas, o tempo.

Atualmente, a partir das narrativas sobre o Aglomerado, é possível dizer que há uma ambivalência de significados. Ao mesmo tempo em que o lado de “fora” produz uma imagem estereotipada da comunidade, em que predomina a violência e a marginalidade, o lado de “dentro” produz uma resistência a partir dos sujeitos, que desestabiliza a visão reducionista, os estigmas e os discursos vazios sobre do Aglomerado da Serra (SANTOS, 2005; PORTO-

GONÇALVES, 2012). Essa ambivalência de significados não deve ser lida de maneira rígida, os de “dentro e de fora” podem se relacionar e se expressar de maneiras distintas sobre o território. No entanto, há certo contraste na produção de imagens sobre o território.

É fundamental retomar a história do Aglomerado da Serra, bem como os grupos e sujeitos sociais, do tráfico e das igrejas, que representam, simbólica e materialmente, a construção do Seu Vizinho, ação coletiva que se constituiu a partir de um território estigmatizado pelas imagens de violência e marginalidade. Nesse sentido, a história do Seu Vizinho se mistura à história do Aglomerado da Serra, tornando-se indissociáveis, pois, o Seu Vizinho é fruto e reflexo das relações desiguais, lutas travadas, práticas de resistências e aspirações dos sujeitos do Aglomerado da Serra. Assim, compreendo esse território não apenas como um conjunto de ruas, vilas, limites e fronteiras, mas como um *território usado*, não o território em si. “O território usado é chão mais identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é fundamento do trabalho, o lugar da resistência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2011, p. 14).

3.2.2. Território compartilhado: os grupos e sujeitos sociais, o tráfico, a igreja e o Seu Vizinho

Os coletivos, grupos e ativistas sociais, políticos e culturais também compõem o cenário do Aglomerado da Serra e representam uma parte muito significativa das relações sociais produzidas no Aglomerado.

Caminhando pelas ruas e becos do Aglomerado, era possível ver referências a projetos sociais, grupos ocupando as ruas, eventos de dança, de música, de teatro, coletivos de *rap* e *hip-hop*, rodas de samba e pagode e diversas expressões de festas populares.

Esses coletivos, grupos e ativistas promoviam uma intensa circulação de pessoas no Aglomerado, que era produto das atividades diversas que aconteciam dentro das casas, nos galpões, nos centros culturais, nas ruas e nas praças. Os sujeitos que participavam destes grupos ou atuavam de forma independente, eram diversos e diferentes entre si. As atividades desenvolvidas eram compostas por crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres de diferentes classes sociais, raça e gênero. Ou seja, havia grande representatividade nas atividades propostas e produzidas no território. Embora, houvesse essa variedade, os jovens se destacavam frente a esses outros grupos etários. Parecia haver uma paridade na participação

entre mulheres e homens que participam dos coletivos, mas, aparentemente, em menor número a comunidade LGBTQI+.

Havia grande número de coletivos, grupos e ativistas que circulavam na comunidade e na cidade como um todo, ora com maior visibilidade, ora de modo latente que resultavam na construção social, política e cultural do Aglomerado. Por exemplo, em meados de 2018 foi organizado um evento chamado “100 anos da Serra”, em que os próprios moradores do Aglomerado cediam objetos relativos às memórias da sua vida na comunidade – fotos, livros, objetos de uso pessoal etc.- para construir um museu da história da Serra. O Seu Vizinho também no final de 2018, decidiu em reunião, que o tema do carnaval de 2019 seria a história da Serra. Nesse projeto, foram produzidos vídeos com moradores mais antigos, para contarem memórias da sua vida no aglomerado e também, através das redes sociais, foram divulgadas notas com curiosidades demográficas, perfil dos sujeitos da Serra, história de construção do Aglomerado, entre outros. Ou seja, em mais de uma ocasião alguns moradores do Aglomerado se organizavam para produzir relatos e reunir materiais que retratassem a história local.

É importante registrar que essas ações não ocorriam a partir de um único sujeito, mas de grupos e pessoas que atuavam tendo o reconhecimento e valorização do território como foco.

Na história do Aglomerado existiram outras pessoas que auxiliaram na construção social, política e cultural da comunidade, mesmo com os impedimentos do poder público e econômico, como é o caso: do mutirão que reuniu mais ou menos 180 moradores para a construção, na década de 70, de uma rua, anteriormente utilizada como passagem de animais, na Vila Nossa Senhora de Fátima; das mulheres que garantiam o abastecimento de água nas casas, buscando nas nascentes e fontes de abastecimentos até três quilômetros de distância das casas, em baldes, desde as primeiras ocupações na década de 1910 e 1920, até meados da década de 1980; do abaixo assinado organizado por moradores e líderes locais que deram origem, no final da década de 70, na Vila Nossa Senhora de Fátima, à primeira rádio comunitária da cidade, a Favela FM; da produção e criação cultural por parte de moradores das diversas vilas, que propagaram festas populares no Aglomerado, como as quadrilhas de festa junina – Del Rey e Sacramento-, as folias Reis, especialmente, no dia 06 de janeiro, além de alguns cortejos carnavalescos nas ruas. São nomes, como: Dona Horizontina, Irene Bittencurt, Dona Lica, Maria Ermelinda, Senhor Antônio Lúcio, Senhor Reservindo Isidoro Marcelino, Terezinha de Lourdes Amaral, José Cândido Gonçalves, Valdemar Reis, Sô Justino, Izolina Gomes, “Duzangela”, Dona Nadir, Floricena Silva, Luisa Nonato, Sheilinha entre tantos outros nomes,

que marcaram e marcam a história de conquista, lutas e resistência da comunidade (COSTA, 2008; GUIA AFETIVO DO AGLOMERADO DA SERRA, 2018).

Assim, é possível vincular a história do Seu Vizinho a experiências e práticas ocorridas anteriormente à sua fundação em novembro de 2014. Essas práticas, assim como outras que ocorrem no Aglomerado, são reflexo de um processo histórico de lutas travadas, especialmente, por sujeitos moradores, que de diferentes modos se articularam e construíram a identidade social, política e cultural do Aglomerado da Serra.

Reconhecer tanto as práticas ocorridas no passado, quanto práticas que ocorrem atualmente de maneira nem tão visíveis, é uma maneira de afirmar a comunidade a partir de um olhar político, em que o passado e o presente se conectam a partir de elementos aparentemente dispersos que se tornam tradição e cultura local (ZIBECHI, 2015; 2017).

O Seu Vizinho, fazia parte da história recente do Aglomerado da Serra, mas, sem dúvida, carregava as marcas de tantas práticas de resistências travadas no Aglomerado da Serra. O Seu Vizinho, carregava consigo as formas de ser e se organizar desses grupos e sujeitos que vieram antes e os que caminhavam lado a lado (SANTOS, 2005; PORTO-GONÇALVES, 2012).

Nesse movimento não linear de construção de comunidade, uma rede se constituiu entre os mais diversos sujeitos, grupos e coletivos presentes no Aglomerado. Essa rede parecia produzir um senso de comunidade próprio da construção social do Aglomerado. O Seu Vizinho, por exemplo, em uma discussão em uma reunião aberta à comunidade realizada no dia 03/10/2018, no bar do Caçapa, no bairro Serra, conversava sobre a não competitividade com outros grupos, coletivos e sujeitos do Aglomerado. Nessa discussão, em que destaco a centralidade de PV, debatiam a importância de pensar no Aglomerado antes de qualquer competição. De acordo com PV (03/10/2018) *”Se está acontecendo algum evento no Aglomerado e o Seu Vizinho não está organizando, mas está sendo bom pra Serra. Ótimo. Que aconteça”*. Outro exemplo ocorreu no final do ano de 2018, quando o Seu Vizinho começou a receber muitos convites para shows, apresentações, entrevistas, eventos, o que, diretamente trouxe retorno econômico e visibilidade para o projeto com um todo. Nesse processo, pude perceber como vinculavam esse fato a possibilidade de criar oportunidade também para outros grupos e coletivos do Aglomerado da Serra. Eles sempre se referiam a isso com a ideia de que *“se der certo para o Seu Vizinho, vai dar também para parcerias da cultura do morro e da comunidade”*. Estes exemplos demonstram o forte senso de comunidade que havia na prática e

no discurso do Seu Vizinho, o que podemos associar às redes que se constituíam no Aglomerado por meio de construções coletivas, reconhecimento cultural e identitário.

Esse aspecto comunitário do Aglomerado que reflete diretamente nas práticas do Seu Vizinho, parece estar em consonância com inúmeras práticas que se estabelecem na América Latina, que tomam o território como principal pilar de construção cultural e identitário. Trata-se de reconhecer a organização a partir do território, uma das principais estratégias dos setores populares para uma luta contra os poderes hegemônicos de classe, raça e gênero e contra a implementação de políticas públicas nos territórios que desmobilizem ou controlem as áreas. Trata-se de uma apropriação social, política e cultural dos territórios, ressignificando positivamente espaços e sujeitos coletivos que vivenciam processos de deslegitimação e inferiorização por grupos sociais dominantes. Pode-se dizer que, no caso do Aglomerado da Serra, essa ocupação não é feita por um movimento único e organizado, mas por inúmeros sujeitos, grupos e coletivos, que territorializam a comunidade, ou seja, a tomam para si, constroem redes e compartilham o espaço (FEIRE, 1987; PORTO-GONÇALVES, 2012; ZIBECHI, 2012; 2017).

Outro aspecto importante a ser destacado sobre essa rede comunitária que se constituiu no Aglomerado é a relação com os comércios e comerciantes locais. O Seu Vizinho, fazia reunião em bares da comunidade, indicava e levava junto para eventos comerciantes de produtos caseiros como, bolos, tortas e pães; divulgava os nomes dos comércios e dos donos dos comércios que emprestavam banheiros durante o desfile de carnaval; indicava sujeitos da comunidade que prestavam serviços de diferentes ordens e incentivava a criação de novos negócios e comércios. Enfim, os participantes faziam questão de promover também os comércios locais, que em sua grande maioria, eram de moradores do Aglomerado da Serra.

O Seu Vizinho, nessa malha colaborativa que constrói o Aglomerado, pode ser visto como um coletivo que re(territorializa), ressignifica, significa o real, o território de modo próprio, como uma reinvenção da imagem projetada pela mídia. O Seu Vizinho, como “*Movimento e Bloco de favela*” se afirmava a partir de uma prática insurgente, que emergia no contexto moderno/colonial. Nesse sentido, além do direito de circulação pela cidade, o Seu Vizinho, inserido nessa rede, recorria também ao direito de permanecer no território, de ter orgulho do Aglomerado, de não ser, novamente, desterritorializado, seja pela retirada de sujeitos ou pela deslegitimação (PORTO-GONÇALVES, 2012).

A rede que se constrói no Aglomerado, como foi citado ao longo do texto, se constitui majoritariamente por pessoas negras. Essa característica revela em parte significativa, as experiências que vêm se constituindo no Aglomerado da Serra, com forte potencial emancipatório, que emanam de conflituosas e violentas práticas racistas que marcam a nossa formação social (PORTO-GONÇALVES, 2012). É possível dizer que o Seu Vizinho faz parte de uma vasta rede construída pelo movimento negro e por negros em movimento, obviamente atravessados por outros sujeitos, que através da politização da raça e do território, deslocam visões equivocadas e naturalizadas sobre os negros e sobre o Aglomerado (GOMES, 2011; 2017). Essa afirmação racial e territorial é fruto de um encontro de sujeitos que se reconhecem como moradores do Aglomerado, desta forma, criam e constroem maneiras de se afirmarem nesse e sobre esse território. Assim, surgem inúmeros grupos culturais, políticos, sociais dentro do Aglomerado, que não se esgotam em si mesmos. Aparentemente, os sujeitos reunidos em coletivos constroem uma rede de atuação dentro e fora da comunidade.

O Seu Vizinho, ao reconhecer, legitimar e se conectar com esses sujeitos, grupos e coletivos que compõem a longa história de resistência do Aglomerado da Serra, afirmam uma história de práticas insurgentes, não necessariamente reconhecidas, mas persistentes. Afirmam outros modos de ser e se organizar frente às relações sociais de dominação e subordinação. Desestabilizam a visão única, universal e neutra de ser e viver o cotidiano e afirmam que através das redes de experiências produzidas a partir do território, constroem “concepções e práticas educativas diversas e contraditórias” (ARROYO, 2011; 2012, p. 31; 2015).

Não se trata de uma construção identitária ingênua por parte dos sujeitos locais, como se houvesse uma venda nos olhos de cada um que os impossibilitasse de enxergar os conflitos existentes na comunidade, como o tráfico de drogas, a polícia, as igrejas e até mesmo as relações comunitárias - como se todos os sujeitos do morro participassem dessa rede colaborativa de construção de favela. No entanto, a afirmação desse território garante um deslocamento das imagens projetadas, especialmente, pela mídia comercial, que atende a um projeto moderno-colonial, que por natureza, pretende subjugar o território para a manutenção de privilégios (PORTO-GONÇALVES, 2012). O Seu Vizinho, imerso nesse contexto de afirmação, contribui para a provocação de outra imagem, tanto para sujeitos de fora do Aglomerado, quanto para a construção identitária dos próprios sujeitos da comunidade. A luta por afirmação da cultura local, promovida pelos próprios sujeitos moradores do Aglomerado é uma luta comum nos centros urbanos, que incide sobre todos os bairros.

Dessa forma, é possível dizer que os jovens que participam do Seu Vizinho, são diretamente influenciados pela cultura do Aglomerado da Serra, tanto para a idealização da ação coletiva, como para as suas práticas cotidianas. Circular, estar e vivenciar o Aglomerado parece provocar e formar os jovens, na mesma medida em que eles fazem parte do processo de formação do Aglomerado.

O TRÁFICO DE DROGAS, OS JOVENS DO TRÁFICO E O SEU VIZINHO

O tráfico de drogas e os jovens vinculados a esse universo fazem parte do cenário do Aglomerado da Serra. Os pontos de venda de drogas estão em face numérica com as igrejas e os bares. Ou seja, estão presentes na mesma proporção esses três espaços de socialização. Não é difícil perceber isso caminhando pelas ruas, becos e vielas da comunidade. Os sujeitos do tráfico, as Igrejas - especialmente, evangélicas pentecostais (PINTO, 2012) -, e os bares estão presentes desde as Avenidas mais largas até os becos mais estreitos e em pequenas esquinas, cômodos e garagens das casas.

Nesse sentido, em diversos momentos é natural que esses espaços de socialização se encontrem no cenário da comunidade. O Seu Vizinho a todo instante é atravessado pelo tráfico e pelos jovens do tráfico, pela igreja e pelos sujeitos da Igreja, bem como, por outros coletivos culturais da comunidade. Portanto, consideramos relevante compreender a relação que se estabelece entre o Seu Vizinho e esses outros espaços e sujeitos sociais que atuam no Aglomerado da Serra.

Aparentemente, o tráfico no Aglomerado da Serra é formado, em sua grande maioria, por jovens homens, negros e oriundos de famílias de mais baixa renda do próprio Aglomerado da Serra. O fato de serem negros e pobres pode ser justificado pelos índices alarmantes do IBGE (2016) sobre a população negra, que identificam uma maior taxa de analfabetismo, menores índices de escolaridade, menor acesso ao sistema de saúde, menores salários, maiores índices de desemprego (IBGE, 2016) e maiores índices de mortalidade (IPEA, 2017). Esses aspectos têm contribuído para que os jovens negros e pobres se associem a experiências como a do tráfico. Ao mesmo tempo, o fato de serem homens vincula-se a um *ethos* de virilidade, masculinidade, heteronormatividade, produzido historicamente, em que o homem toma a frente em espaços de guerra e violência (ZALUAR, 2004; MALDONADO-TORRES, 2018).

O tráfico, visivelmente, promove grande circulação de sujeitos na comunidade. As movimentações, em grande parte, são de pessoas de fora do Aglomerado, que circulam em carros caros, taxis e/ou carros que prestam serviço de transporte particular. Essa movimentação que ocorre em função do consumo de drogas gera um enorme volume de dinheiro, que por sua vez, gera um conflito por pontos de venda entre facções locais e, tragicamente, uma divisão espacial/territorial na comunidade. Essa divisão inibe, por vezes, a circulação de sujeitos não envolvidos com o tráfico dentro da própria comunidade. O receio que há entre os moradores na circulação entre territórios de diferentes facções é uma estratégia de preservação da sua integridade física.

O desfile do Seu Vizinho, no carnaval de 2016, não ocorreu dentro do Aglomerado da Serra, em função de um conflito latente no período entre duas facções locais. No planejamento para o desfile de carnaval do ano de 2018, houve grande discussão sobre o local de dispersão da bateria e dos foliões. Os jovens organizadores haviam sugerido um lugar para a dispersão da bateria em uma praça, que representava a linha divisória entre os territórios de duas facções locais. A discussão produzida durante o processo de planejamento do carnaval de 2018 se dava, a partir do desejo de se aproximar e gerar nesses pontos de conflitos outros imaginários sobre o direito ao território e a não submissão às regras do tráfico. Nesse debate, de grande aprendizado para todos os sujeitos, influenciado especialmente pelas “*mães do bloco*”⁵³, se construiu um consenso pela alteração do trajeto e integridade física e psicológica dos participantes, bem como em torno de uma perspectiva pela posterior aproximação com a localidade para parcerias futuras. No ano de 2018, o desfile ocorreu dentro do Aglomerado, tendo apenas o final do trajeto alterado para as imediações do bairro São Lucas.

Esse trecho ilustra os constrangimentos à circulação que se estabelece fruto dos conflitos entre facções envolvidas com o tráfico de drogas. Núbia, em entrevista realizada em 07/05/2018, relata que “*O pior de morar aqui é o tráfico mesmo. Mesmo que sejam poucas pessoas, são pessoas que influenciam muito negativamente na paz de quem tá aqui. Eu sempre fiquei morando aqui me sentido bem no geral*”. O relato nos auxilia a não construir uma imagem ingênua e distorcida sobre o tráfico e a comunidade. É possível perceber o descontentamento da jovem em relação ao tráfico, que influencia negativamente as relações da comunidade. No entanto, ao contrário do que anuncia a mídia, a jovem afirma que o tráfico

⁵³ Abordaremos esse tema ao longo desta pesquisa. No entanto, para contextualizar, são mães de participantes das atividades promovidas e não participantes da comunidade, com forte presença nas ações do Seu Vizinho.

representa apenas uma pequena parcela do Aglomerado. Ou seja, a mídia ao anunciar o território apenas pelo viés do tráfico e da violência, oculta a maior parte das relações que se estabelecem no Aglomerado. Com isso, gera uma imagem de que a experiência de circular e/ou viver no Aglomerado é, necessariamente, ruim e perigosa, o que contraria a afirmação da jovem de que “*sempre fiquei morando aqui me sentindo bem no geral*”.

Cabe ressaltar que, da mesma forma, o aparato repressivo do estado, produz tanto medo e receio nos moradores quanto o tráfico. Especialmente a Polícia Militar, como já sabido, produz violência contra o sujeito que detém a “marca da violência”, ou seja, *negro, pobre e favelado* (REIS, 2002). Dessa forma, independentemente de estar vinculado com o tráfico de drogas ou não, o sujeito que detém essa marca está na mira da polícia. Trata-se de uma série de violências morais, simbólicas e físicas produzidas no cotidiano do Aglomerado pela polícia que fazem com que os moradores tenham tanto receio. Não é incomum, escutarmos histórias de moradores do Aglomerado sobre jovens presos, agredidos ou mortos por policiais sem ao menos terem cometido algum crime ou delito.

Durante dois dos cortejos promovidos pelo Seu Vizinho, nos dias 14/01/2018 e 28/01/2018, houve intervenção policial. Para as manifestações nas ruas da cidade, legalmente, é necessário um registro na Central de Operações Policiais Militares - COPOM, bem como de uma licença caso haja interferência no trânsito, na BHtrans. Dessa forma, a polícia ao ver a manifestação na rua ou outro espaço público pode exigir o registro e a documentação necessária. Os jovens organizadores, sempre se preocuparam em caminhar dentro da legislação e por isso, sempre estavam com os registros e documentos comprobatórios em mãos. Foi o que aconteceu nos dois cortejos. A polícia se aproximou para pedir a documentação, no entanto, “*diferentemente do que acontece em outros blocos da cidade e outras regiões*⁵⁴, os policiais estavam com arma em punho, gerando desconforto e desrespeito em relação ao Seu Vizinho e à comunidade. Percebi nesse caso, uma atuação exagerada, uma abordagem violenta e certo desprezo pelos sujeitos presentes por parte dos policiais.

No que se refere ao tráfico, é possível dizer que há uma relação limitada entre a comunidade e o tráfico. No entanto, o tráfico ao se propor a “defender” a comunidade, em relação a roubos e assaltos, cria vínculo com os moradores e certa aceitação. Ou seja, o tráfico se estabelece localmente através da disputa direta por território com outras facções, da

⁵⁴ Caderno de Campo (22/11/2017). Trata-se do registro de uma conversa que tive com Marina após o cortejo realizado no dia 19/11/2017.

imposição de força aos moradores contrários ou que não caminham de acordo com as regras estabelecidas por eles mesmos, bem como por meio da criação de vínculos com moradores, apoio a coletivos culturais, escolas e outras ações que beneficiem a comunidade (ZALUAR, 2004).

A relação que se estabelece entre os jovens do tráfico e o Seu Vizinho, assim como com os demais grupos do Aglomerado, é limitada. No entanto, não se trata de uma competição, ou seja, ao invés de disputar o território, parecem compartilhá-lo. Trata-se de uma relação de convivência estabelecida a partir de um olhar crítico, sem associação ou colaboração entre as partes.

O olhar crítico passa por compreender o lugar social desses jovens imersos no tráfico de drogas. Segundo Chassi (07/05/2018) “[...] *faltou acesso pra eles de cultura, informação, educação, saúde pública, da educação e merenda escolar, tudo foi negado, então, as vezes a pessoa escolhe essa vida. Acaba que não teve uma referência de mãe (Cita a própria mãe) na vida, não teve acesso ao judô [...]*”. Não há um favorecimento ou um olhar ingênuo sobre o tráfico, mas há um olhar crítico e cuidadoso sobre os jovens que fazem parte do movimento. De acordo com Chassi, muitos jovens do Aglomerado da Serra ao não terem acesso a direitos básicos, acabaram por se aproximar da experiência que vivenciaram e a tomaram como exemplo. Se o Estado e as instituições privadas repelem, inferiorizam e subjagam esses sujeitos, no movimento do tráfico eles eram legitimados e reconhecidos. Diferente do próprio Chassi, que teve como referência a mãe e o judô, esses jovens tiveram como referência o tráfico de drogas e as experiências produzidas por esse movimento.

Nesse sentido, ao invés de acusar, julgar e repelir os jovens do tráfico, há um reconhecimento de que, por falta de acesso, uma parte dos jovens escolheu o movimento. Ao mesmo tempo, aqueles que faziam parte do tráfico, não inibiam as práticas propostas e compreendiam a importância das ações do Seu Vizinho. Cabe ressaltar, que o reconhecimento por parte dos sujeitos do tráfico se constrói no processo de afirmação das práticas do Seu Vizinho e de outros movimentos culturais que são construídos por sujeitos moradores do Aglomerado da Serra. Ou seja, o fato do Seu Vizinho ter reconhecimento como uma atividade positiva para a comunidade na visão dos sujeitos do tráfico, passa por um processo de afirmação, de construção de diálogo, em que o Seu Vizinho anuncia sua prática como detentora do direito ao território tanto quanto o tráfico de drogas.

Ainda sobre a relação que se estabelece entre o Seu Vizinho e o tráfico, Chassi (07/05/2018) relata: *“Eles ficam felizes ali, vendo a cultura acontecendo, as vezes filhos deles tão ali participando, parente deles tão ali. Então nunca tivemos problemas. Apesar de sentir falta deles tocando com a gente, seria incrível”*. O relato do jovem, além de afirmar a relação de compartilhamento que se estabelece entre o Seu Vizinho e os sujeitos do tráfico, revela uma limitação na interação entre as atividades. Embora, haja reconhecimento da importância das atividades e uma participação indireta, os jovens inseridos diretamente no movimento do tráfico não participavam, segundo PV (26/05/2108) *“[...] não sentem que aquilo é pra eles. [...] a mobilidade dessa galera é reduzida, os caras têm tudo de bens materiais, mas não tem liberdade. Então estar num ambiente desses [Seu Vizinho] é muito expositivo”*. No depoimento de PV podemos perceber novamente o olhar crítico que é lançado sobre os jovens do tráfico. O fato de terem uma mobilidade reduzida e do Seu Vizinho trazer certa exposição, impede que esses jovens participem diretamente das atividades promovidas.

Ao mesmo tempo, o Seu Vizinho não estabelecia vínculos com o tráfico, no que se refere a favores, empréstimos financeiros, entre outras coisas. Pois, embora, reconheçam as causas que levaram os jovens para o tráfico de drogas, sabem que as regras que regem o movimento são rigorosas, truculentas e ilegais. De acordo com Babi (16/05/2018) *“O que a gente sabe é que um dia esse favor vai voltar em forma de cobrança. Ou é pra tocar numa festa que eles vão fazer na laje ou outra coisa. A gente vai tá lá e vai estar arriscando nossa pele, porque se a polícia chegar a gente vai tá lá”*. Ou seja, há, por parte dos jovens, uma consciência dos limites necessários para manter uma relação de compartilhamento do território. No depoimento a jovem demonstra uma preocupação com a polícia, que é real. Ao mesmo tempo, o envolvimento do Seu Vizinho com o tráfico poderia gerar uma imagem negativa diante da própria comunidade, o que levaria a um processo de deslegitimação da ação promovida.

A relação que se estabelece entre o Seu Vizinho e o tráfico, passa por reconhecer os sujeitos que fazem parte do movimento do tráfico, mas não legitimar ou reconhecer o tráfico como fundamental para a existência da comunidade. A existência do tráfico de drogas na comunidade é um fato que não pode ser omitido na pesquisa, mas não pode ser negligenciado, pois há um compartilhamento do espaço por afeto e reflexividade sobre os jovens inseridos no movimento do tráfico e não por convivência ou omissão⁵⁵.

⁵⁵ A convivência não é, tampouco, ingênua. Não compactuamos com a política higienista que cria uma guerra e um genocídio dos jovens inseridos no tráfico. A guerra contra as drogas é uma discussão necessária e importante para debater com profundidade, mas isso é assunto para outra dissertação.

O que vale destacar desse trecho, especialmente, é o olhar crítico e cuidadoso que os jovens organizadores do SV, lançam sobre os jovens que estão imersos no tráfico de drogas. A partir desse olhar é possível compreender a relação de compartilhamento que se estabelece no território, com seus limites e potencialidades. Mesmo que o objetivo central do coletivo nunca tenha sido estabelecer essa relação, ela acontece, pois ambos figuram no mesmo espaço.

Esses sujeitos que fazem parte do tráfico compõem o cenário do Aglomerado da Serra, portanto são parte das vivências e das práticas do Seu Vizinho. Estão ali, mas com certas limitações inerentes às “escolhas” que fizeram. Escolhas que são fruto de um processo histórico de exclusão, segregação e de inferiorização. São a favor da cultura, das atividades que valorizam e auxiliam a construção de um senso de comunidade mais apurado. São sujeitos que também vivem, exploram e ocupam o território.

A IGREJA, OS JOVENS DA IGREJA E O SEU VIZINHO

Assim como afirmado anteriormente, as igrejas fazem parte do cenário e do cotidiano do Aglomerado da Serra. É possível perceber caminhando pelas ruas e becos da comunidade um número enorme de pessoas com Bíblias debaixo do braço, o que remete à dimensão da religião, bem como um grande número de cômodos, garagens, galpões em que se instalam comunidades religiosas. O cenário religioso do Aglomerado é composto pela cultura espírita, do candomblé, católica e evangélica. Entre essas culturas religiosas é possível destacar a evangélica, especialmente, pentecostal. Crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos fazem parte desse contexto, embora, seja possível afirmar que as igrejas vêm se destacando pelo grande número de jovens participantes (PINTO, 2012).

As igrejas que se instalaram no Aglomerado promovem grande circulação de pessoas pela comunidade. Em sua maioria, são moradores do Aglomerado da Serra e, visivelmente, circulam em grande parte a pé. As igrejas, ao contrário do tráfico, não produzem limites territoriais dentro da própria comunidade, embora possam inibir a circulação dos próprios sujeitos participantes da igreja em diversas atividades que ocorrem no Aglomerado (PINTO, 2012).

É difícil aferir, sem um aprofundamento no tema, quais culturas religiosas seguem os participantes do Seu Vizinho e mesmo os que não seguem uma especificamente ou não são crentes. No entanto, é possível dizer que havia grande restrição de participação nas atividades

do Seu Vizinho por parte da comunidade evangélica, especialmente, a pentecostal. Isso não quer dizer que não existiam restrições de outras comunidades, no entanto, essa se destacava.

O Seu Vizinho contava apenas com algumas crianças que eram de famílias evangélicas nas oficinas de percussão. Mesmo estas participações pareciam ter restrições, como é possível perceber no relato de Chassi (07/05/2018), “*Tem pessoas evangélicas que tocam no bloco. Tem, mas é pouco. Tocam durante o ano nas oficinas e nas intervenções, mas assim no carnaval não sai. No carnaval vai contra as regras lá*”. Não há um motivo explícito para essa restrição. É possível apenas dizer que, em grande parte ela se dava em função das regras da igreja que frequentavam junto com os familiares.

No caso da não participação dos sujeitos nas práticas do Seu Vizinho, é possível levantar duas hipóteses. A primeira tem raiz racista e refere-se ao preconceito com as culturas religiosas de matrizes africanas e afro-brasileiras. Na leitura de Babi (16/05/2018) “*Parece que tem toda uma coisa mística em torno dos tambores e atabaques que, principalmente as pessoas da Evangélica são contra. Você vê um evangélico e fala que tem tambor é macumba e macumba faz mal. Então a pessoa não pode participar*”. No relato é possível perceber certa relação que se estabelece entre os instrumentos geralmente usados nos cultos e ritos das culturas religiosas de matriz africana ou afro-brasileira, como o candomblé e a umbanda, que também são usados no Seu Vizinho. A cultura carnavalesca e do samba, as culturas religiosas negras que se utilizam da linguagem percussiva, musical, corporal ainda são subestimados e têm lugar inferior na hierarquia moderna (GILROY, 2012). Nesse caso, a cultura percussiva e corporal negra pode ser considerada como desviante, distante das regras e valores pregados em algumas igrejas evangélicas.

A segunda hipótese tem uma relação mais abrangente, embora seja possível encontrar uma raiz comum no racismo. Conforme Chassi (07/05/2018) “*O carnaval é muito ligado ao corpo exposto*”, ou seja, a cultura carnavalesca tem uma relação histórica com a corporeidade negra, bem como, com certa exposição do corpo, que remete ao sexo e a sexualidade. Nesse contexto de condutas morais, as práticas corporais e sexualizadas, como o *funk* e o carnaval, também são tidas como práticas desviantes. A partir do ponto de vista das igrejas, parece que os jovens necessitam serem guiados por um caminho de acordo com as regras e valores de “um caminho certo”. Nesse sentido, os sujeitos da igreja precisam ser tutelados e preservados das práticas desviantes presentes no cotidiano do Aglomerado da Serra, como o tráfico, o *funk*, o carnaval e outras práticas que remetem ao sexo e à sexualidade (PINTO, 2012).

É possível dizer que, aparentemente, o Seu Vizinho caminhava na contramão das normas e valores propostos pela comunidade evangélica. E que, dificilmente, seria possível estabelecer uma relação entre esses dois universos tão diferentes. De fato, existia uma inibição por parte da igreja enquanto instituição, no entanto, os participantes da igreja enquanto sujeitos da comunidade pareciam reconhecer as práticas do Seu Vizinho e, assim como com os jovens do tráfico, pareciam não disputar, mas compartilhar o território em que viviam. De acordo com Chassi (07/05/2018) “*Eles nunca falam não, eles falam sim até tal ponto*”, o relato releva que não é a negativa que impera nas relações entre os evangélicos com o Seu Vizinho, mas sim a resposta positiva, com certo limite.

Eu pude perceber esse “*sim até tal ponto*” quando, em uma ação do Seu Vizinho, no pré-carnaval passei, junto com outros sujeitos do Seu Vizinho, nas casas e comércios que estavam no trajeto em que o bloco desfilaria no carnaval do ano de 2018. O trajeto tinha cerca de dois quilômetros e nesse percurso, encontrei muitos evangélicos tanto nas casas como nos comércios. A ação tinha intuito de agradecer pela parceria no ano anterior, convidar os sujeitos para o desfile que ocorreria, bem como estabelecer parcerias, ou seja, avisar as casas e os comércios para ficarem abertos, emprestarem os banheiros se possível e auxiliarem na limpeza, com a colocação de sacos plásticos nas portas e, jogarem água nos foliões caso achassem interessante. As respostas eram unânimes, muitas vezes, parabenizaram o coletivo por proporcionarem essa alegria para a comunidade, e em tom sempre prazeroso afirmavam conhecer o Seu Vizinho e que poderiam ajudar. No entanto, não poderiam participar do desfile porque eram evangélicos. É possível perceber que há um reconhecimento de parte da comunidade evangélica, que não vê o Seu Vizinho como uma prática desviante ou uma concorrente, mas como um agregado das práticas que constroem a comunidade. O sim está presente nesse reconhecimento, na aceitação da prática e na colaboração “indireta” no dia do desfile, no entanto o limite ainda está presente na não participação no desfile.

A relação construída entre o Seu Vizinho e as igrejas e, especialmente, os participantes das igrejas, passava por reconhecer o trabalho um do outro, com conflitos, divergências, mas também com pontos de contato e de compartilhamento. A existência das igrejas e dos participantes das igrejas na comunidade é algo impossível de ser deixado de lado nessa pesquisa e, da mesma forma que o tráfico, não pode ser vista ou analisada de maneira ingênua, sem considerar as tensões, os conflitos e as potencialidades da relação entre a comunidade e o Seu Vizinho.

O que é importante destacar nessa reflexão é a relação de compartilhamento do território que se estabelece entre o Seu Vizinho e os participantes das igrejas. Aparentemente as igrejas como instituições se distanciam das demais práticas consideradas desviantes, o que para o Aglomerado pode representar a quebra de um senso de comunidade construído desde sua fundação. Por outro lado, os seus seguidores, pareciam ignorar a perspectiva de isolamento e, mesmo com certo limite e respeito pela doutrina que seguiam, acolhiam as práticas do Seu Vizinho, ao mesmo tempo em que eram acolhidos pelo coletivo.

4. “PORQUE JUNTOS SOMOS FORTES, NINGUÉM TÁ SOZINHO”: ESTRUTURA, COTIDIANO E AÇÕES DO SEU VIZINHO

No presente capítulo, procurou-se compreender as práticas geradas após os primeiros passos do Seu Vizinho, quando passa de uma ação pontual no feriado de carnaval enquanto bloco, para uma ação que ocorre durante o ano todo. Nessa construção que parte da prática, novos elementos se constituíram dentro da própria ação. Tendo em vista que a prática passa de uma ação momentânea para uma ação permanente, ela exigiu que fossem construídos momentos, para reuniões de planejamento, de reflexão, de organização, de deliberação, para novas atividades que escapam aos tradicionais dias de feriado da festa carnavalesca, para estratégias de financiamento e institucionalização. Procurou-se, portanto, compreender entre as práticas construídas após a sua idealização, como se constituiu e se desenvolveu, bem como se dava o cotidiano destas ações.

4.1. ESPAÇO E TEMPO: APROXIMAÇÕES COM OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO SV

Antes de falar sobre a estrutura e organização das atividades, será necessário contextualizar o percurso de transformações do Seu Vizinho. Após, o primeiro desfile em fevereiro de 2015, animados, com o desejo de potencializar a ação e depois de algumas críticas que receberam da comunidade, os jovens passaram a pensar em outras possibilidades de construção e com isso intensas transformações.

Como foi possível perceber ao longo da pesquisa, o Seu Vizinho se constituiu enquanto um bloco de carnaval, com a “intenção de trazer não só a alegria do carnaval, que já se fazia presente em outras partes da cidade, mas todo o poder de mobilização e conscientização dessa manifestação cultural para a comunidade”⁵⁶. Quando, então, em agosto de 2015, surge a primeira ação continuada. Era a oficina de percussão, que ocorreria uma vez por semana, aos finais de semana, a princípio, aos domingos à tarde. A oficina de percussão era até o momento da pesquisa a principal atividade continuada desenvolvida e ocorria durante todo o ano, com exceção do mês após o carnaval. No entanto, ao longo das oficinas e no estreitamento das

⁵⁶ Texto produzido pelos jovens para o Edital de chamamento público para a concessão de auxílio financeiro aos blocos de rua do Carnaval Belo Horizonte 2019 - Chamamento público N° 005/2018. Cedido para a pesquisa em 19/12/2018.

relações com a comunidade perceberam demandas, especialmente das famílias dos participantes, devido à ausência do poder público para a garantia de direitos básicos, como saneamento básico, saúde e alimentação dignos, informação e educação de qualidade, cultura, esporte e lazer, entre outros. Dessa maneira, passaram a refletir sobre a construção de um projeto mais amplo, que ultrapassasse os limites do carnaval e da música.

Após algumas reuniões entre os jovens organizadores, decidiram que seria possível e necessário atuar em outras frentes. A partir desse momento, passaram a cadastrar os participantes e conhecer a realidade de cada um deles, através de visitas às casas e conversas com mães, pais e responsáveis. Dessa forma, podiam ser vistas ao longo do tempo o oferecimento de oficinas, atividades e ações que fugiam às necessidades tradicionais de um bloco de carnaval e englobavam as famílias e a comunidade, como: Oficina Continuada de Acroyoga (2017); Oficina Pontual de Elaboração de Currículo, Entrevista de Emprego e Atendimento ao Público (2018); Passeios com as crianças e adolescentes - cinema, teatro, museu, praça, etc. (2016, 2017 e 2018); Doação de cestas básicas, fraldas e oferecimento, em parceria com voluntários, de atendimento dentário, entre outras de cunho assistencial, bem como a produção e apoio a eventos culturais dentro e fora do Aglomerado, como: I Festival Vizinhança (2016); Movimenta Caixa d'Água – em parceria com os projetos da Secretaria de Segurança do Estado: Fica Vivo e Mediação de Conflitos – (2017); Arraial da Serra/Quadrilha da Rua da Água - em parceria com moradores e agentes da cultura local - (2017 e 2018); Apoio ao Evento Arte, Cultura e Lazer na Quebrada - Especial Dia das Crianças (2017).

Essa característica fez com que o termo bloco parecesse restrito, devido à abrangência das ações propostas. Assim, no discurso dos jovens o termo projeto sociocultural se tornou mais usual. A partir desse momento as oficinas, as atividades de cunho assistencial e o bloco passaram a coexistir dentro do projeto social Seu Vizinho. O termo projeto, embora tenha se tornado usual entre os jovens e os participantes, nitidamente estava em processo de construção.

Nesse sentido, no decorrer das atividades e por grande influência de uma parte dos blocos da cidade, que se organizavam a partir de pautas políticas e majoritariamente com sujeitos participantes de outros movimentos – movimento estudantil, movimentos autogestionados, partidos e etc-, passaram a refletir sobre sua identificação enquanto um projeto social e outro termo apareceu, o de movimento social.

Assim, adotaram o nome Movimento Seu Vizinho. O termo movimento, representava o processo permanente de transformação e construção dos objetivos, das pautas, das oficinas e

das atividades promovidas. Ao mesmo tempo revelava uma aproximação do Seu Vizinho com as práticas políticas de afirmação e reconhecimento próprias de movimentos sociais e ativistas inseridos, especialmente, no contexto do carnaval. Essa aproximação parece ter provocado os jovens, de maneira que passaram a se identificar como um movimento e um bloco de favela. A identificação enquanto um bloco de favela, embora já percorresse as práticas, o imaginário e os ideais do Seu Vizinho, passaram a ocupar com certa ênfase o discurso dos jovens organizadores e dos demais participantes.

O termo movimento, embora tenha passado a ser utilizado com certa frequência, não fez esquecer o termo projeto, que era utilizado vez ou outra para se referir ao Seu Vizinho. Aparentemente, os termos se misturavam e os jovens empregavam ao projeto sociocultural em desenvolvimento um caráter contínuo de transformação, o que caracterizava o nome Movimento Seu Vizinho. Essas transformações ocorreram em função da assimilação dos jovens às indagações e encontros com outros ativistas e grupos engajados no campo social, político e cultural.

Nesse processo de descoberta e autoidentificação, através de inúmeros encontros com outros ativistas, grupos e em função da necessidade de organização e financiamento, os jovens passaram a questionar o real objetivo do Seu Vizinho e em quais frentes queriam atuar e se dedicar. Nesse processo, se perceberam diante de uma série de demandas e oficinas que os levavam para diversas frentes de atuação, que cada vez mais os distanciavam da música – o primeiro mote para a construção do bloco. Então, passaram a buscar um foco para às atuações nas oficinas, atividades e eventos.

Por meio de reflexões construídas e debatidas entre os jovens, a partir de reuniões e exercícios feitos em formações para agentes culturais e projetos sociais ligados à cultura, passaram a tentar encontrar um foco para as ações do Seu Vizinho. A partir do desejo comum entre eles, passaram a ter como perspectiva se tornar uma Escola de Artes, Periférica e Livre com foco em música e produção cultural. Essa perspectiva representava o foco no qual o Movimento Seu Vizinho buscava se concentrar.

Pelo que pudemos perceber, os jovens estavam dispostos a se concentrarem na perspectiva de ser uma Escola de Artes. Essa perspectiva percebida pela negação de algumas oficinas oferecidas por voluntários com focos diferentes e pelo investimento de tempo e trabalho em oficinas, atividades e ações com foco em música e produção cultural, como: Oficina Continuada de Dança e Literatura para a terceira idade – Grupo Vizinhas das C'Antigas

(2017, 2018 e 2019); Oficina Continuada de Canto em parceria com Bloco Então Brilha (2018); Oficina Continuada de Percussão em parceria com Bloco Então Brilha (Centro Cultural Lá da Favelinha, 2018).

Esse objetivo, embora bem específico, não negava o caráter social, político e cultural, pois ainda se identificavam como “uma iniciativa sociocultural, sem fins lucrativos, que visa promover a Arte, a Cultura, o Conhecimento e a Cidadania para toda vizinhança e fazer uma transformação social”⁵⁷.

Apresentar as oficinas, atividades, ações e eventos em que o Seu Vizinho estava diretamente envolvido demonstra a amplitude das transformações que ocorreram com a ação coletiva desenvolvida. Embora, compreender as nuances de cada atividade seja importante, a pesquisa dá ênfase, especialmente, na oficina de percussão e no desfile de carnaval, mas, sobretudo, nas práticas que acontecem nos bastidores, estrutura, organização e cotidiano.

É possível perceber que há uma série de atividades que exigem, especialmente dos jovens organizadores, um desprendimento grande de tempo e espaço para o planejamento, organização, desenvolvimento e avaliação das atividades. São esses tempos e espaços que serão explorados a seguir.

4.1.1. Estrutura física, manutenção financeira e institucionalização

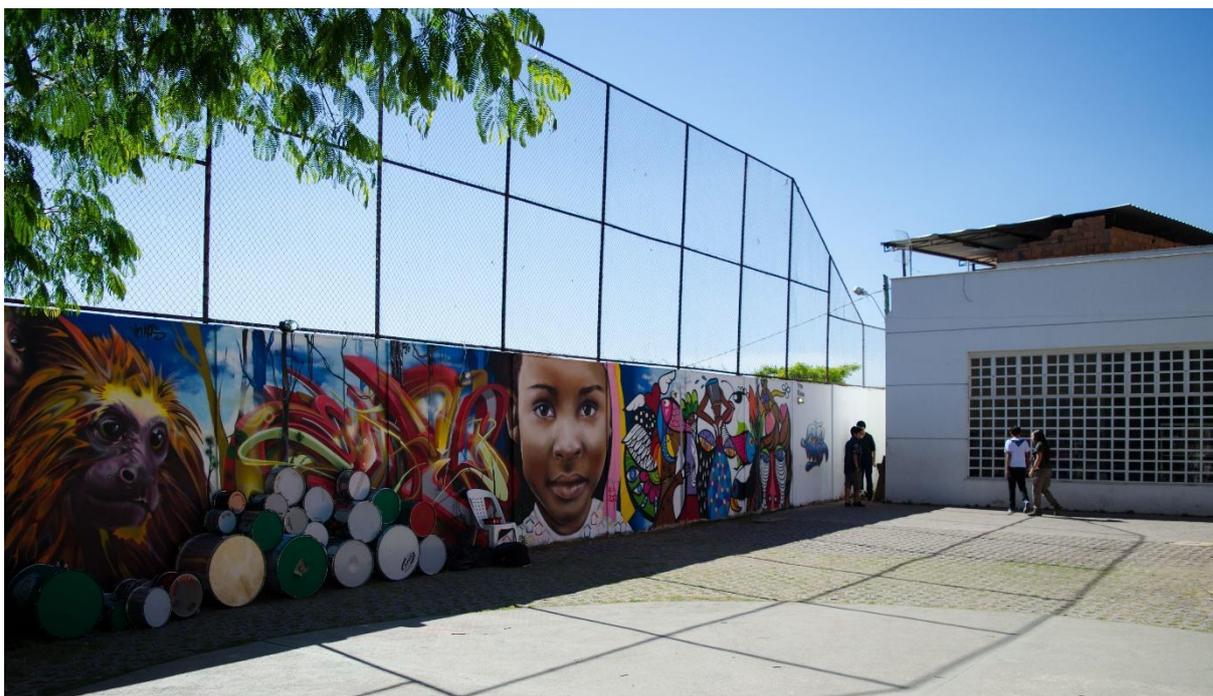
Sobre a estrutura física utilizada pelo Seu Vizinho, a princípio é necessário dizer sobre o Centro Cultural Vila Marçola - CCVM, principal parceiro do Seu Vizinho, desde os primeiros passos. O centro cultural, localizado a um quarteirão da casa da família Ribeiro, se tornou, após uma parceria estabelecida com a sua diretora o principal espaço de realização de atividades e encontros, a casa do Seu Vizinho. Alguns ensaios para o carnaval de 2015 foram realizados na ACES – Associação Cultural da Serra, no entanto, após um curto período, às atividades passaram a ocorrer apenas no CCVM.

A estrutura do Centro Cultural contava com uma sala ampla com espelhos, utilizada para aulas de dança, teatro, percussão, entre outras. Além disso, tinha uma sala com 12 computadores, dois banheiros, uma biblioteca com acervo considerável e mesas para estudo.

⁵⁷ Texto produzido pelos jovens para o Edital de chamamento público para a concessão de auxílio financeiro aos blocos de rua do Carnaval Belo Horizonte 2019 - Chamamento público N° 005/2018. Cedido para a pesquisa em 19/12/2018.

Uma cozinha e uma pequena sala utilizada para armazenamento de materiais (som, instrumentos, pedestais, microfones, cabos, entre outros) do Centro Cultural. O CCVM contava ainda com uma ampla área externa, principal espaço utilizado pelo Seu Vizinho. Aos sábados e domingos, eram poucas as atividades que ocorriam no espaço. Dessa forma, na maioria das vezes, encontrávamos apenas com os vigilantes que estavam em serviço no horário das oficinas, os quais sempre deram grande apoio às atividades.

Figura 4: Centro Cultural Vila Marçola - CCVM



Fonte: Seu Vizinho

Os Centros culturais da cidade de BH são fruto de uma política de descentralização da cultura, mais especificamente, de ampliação do acesso das periferias aos equipamentos públicos de potencialização da cultura. Esse debate teve início no final da década de 1980, após uma série de lutas dos movimentos culturais e da criação da Secretaria Municipal de Cultura. Nesse processo, atender à diversidade de experiências culturais da cidade emanava como uma diretriz central (LIBÂNEO, 2007).

Os Centros culturais tinham como um dos objetivos disponibilizar às comunidades um espaço adequado e com recursos de qualidade para a produção cultural local. Toda a verba para a construção e manutenção do equipamento público era advinda do Orçamento Participativo –

OP⁵⁸, o que dava certa autonomia à comunidade para decidir as melhorias a serem feitas e o que poderia beneficiar os coletivos locais (LIBÂNEO, 2007).

O CCVM, inaugurado em 2007, foi uma conquista da própria comunidade da Serra, através de um levantamento de dados em 2003, que identificou a necessidade desse espaço para encontro, troca de experiências e interlocução de artistas, grupos culturais e outros sujeitos da comunidade (LIBÂNEO, 2007). O Seu Vizinho era um dos grupos que compartilhava o equipamento mantido através de recursos públicos municipais. Sem dúvida, ter o espaço do CCVM disponível foi oportuno e potencializou a construção das práticas do Seu Vizinho.

Os jovens tomaram conhecimento da utilização do CCVM através de outros grupos culturais, amigos ativistas e artistas que promoviam certa movimentação nos centros culturais do Aglomerado. Assim, passaram a vislumbrar a possibilidade de se apropriarem do espaço. Então, após darem o ponta pé inicial nas atividades logo procuraram os responsáveis para uma articulação e, prontamente, conseguiram uma agenda e passaram a ocupar o espaço.

Outros espaços importantes utilizados pelo coletivo eram as casas dos jovens organizadores, devido ao processo de construção inicial e improvisado necessário. Considerando que a maior parte dos jovens eram moradores do Aglomerado da Serra, a casa da família Ribeiro se tornou a primeira sede do coletivo. Nessa “sede” improvisada, nos espaços possíveis e incômodos, ficavam os instrumentos e outros “apetrechos” – baquetas, fantasias, talabartes, entre outros objetos-, que os jovens adquiriam para o Seu Vizinho. A família, em comunhão com os primeiros passos do Seu Vizinho, acolheu a necessidade de ter a própria casa como sede e depósito dos diversos materiais utilizados nas atividades propostas, especialmente os instrumentos da bateria.

À medida que o projeto se potencializava, com uma maior adesão da comunidade e outros parceiros de fora do Aglomerado, novos instrumentos e mais “apetrechos” eram adquiridos através de doações. Com isso outros lugares da casa, espaços de convivência e até de passagem e circulação entre os cômodos, passaram a ser ocupados. Os materiais passaram a disputar espaço com o mobiliário, com outros objetos da casa e com os próprios moradores. Nesse momento, passou a se tornar um incômodo maior a utilização da casa da família como

⁵⁸ O Orçamento Participativo é um instrumento governamental de democracia participativa que possibilita aos cidadãos influenciar ou decidir sobre os orçamentos públicos, de investimentos de prefeituras municipais para assuntos locais, através de processos de participação da comunidade. No orçamento participativo, o poder de decisão se descentraliza e auxilia na participação popular nas decisões locais. Disponível em <https://prefeitura.pbh.gov.br/urbel/orcamento-participativo>.

depósito de instrumentos, que eram manuseados com certa frequência. O transporte desses instrumentos era feito em todos os dias da oficina de percussão e também, quando havia algum evento ou apresentação. Devido ao número e ao tamanho dos instrumentos o transporte era realizado por meio da Kombi de um dos integrantes ou o carro pessoal da família.

Figura 5: Kombi utilizada para transporte de instrumentos e outros



Fonte: Seu Vizinho

Na retirada dos instrumentos da casa, era preciso passar pela sala e subir um lance de escadas. Era possível, no caminho, ver instrumentos e outros apetrechos do Seu Vizinho. Ao mesmo tempo, o próprio deslocamento na casa provocava certa confusão no ambiente. Muitas reuniões entre os jovens organizadores eram feitas ali. Para desafogar o número de atividades na casa da família, os jovens passaram a fazer algumas reuniões em bares locais, como já citamos. À medida que as atividades exigiram um maior número de encontros para planejamento e concretização, as reuniões se estenderam para a casa dos outros jovens.

Como disse anteriormente, os bares também serviam como espaços para encontros e reuniões de planejamento das atividades. Os principais bares utilizados para esses encontros tinham donos moradores do próprio Aglomerado da Serra. Essa relação íntima proporcionava

momentos pouco vistos em outras localidades da cidade. Em uma reunião realizada para a organização do desfile de carnaval, cheguei com alguns minutos de antecedência e notei que o bar estava fechado. Imediatamente, fui para o bar do outro lado da rua. No entanto, quando PV chegou, o Barriga, dono do bar onde havíamos planejado fazer a reunião, chegou, não para abrir o estabelecimento, mas para pegar algumas coisas que havia deixado no local. PV, comentou sobre a reunião e Barriga, prontamente, pegou a chave, deu na mão de PV e disse: “Pode fazer a reunião aqui”. PV aceitou e fomos para o bar, sem qualquer outra pessoa responsável presente. Barriga, ainda disse que poderíamos pegar cerveja na geladeira e deixar o dinheiro no balcão, enquanto fazíamos a reunião.

Fazer reuniões em bares não gerava perda e/ou redução da capacidade organizativa. Como em qualquer outro espaço a reunião acontecia de forma séria e compromissada com as pautas estabelecidas e outras que surgiam durante as reuniões. Mesmo com algumas interrupções por parte de outros moradores passantes, as discussões prosseguiram e os assuntos eram debatidos e deliberados. Como afirma Sérgio Vaz, poeta marginal brasileiro, “Você imaginou que a gente ia se acabar tomando cachaça? E a gente transformou os bares em centros culturais”⁵⁹.

A estrutura da casa, por fim, já não suportava a quantidade de instrumentos e outros materiais que o coletivo acumulava. Dessa forma, sentiram a necessidade de ter algum outro espaço que pudesse vir a ser a “sede” do Seu Vizinho. No processo de crescimento das atividades e a entrada de alguns recursos financeiros para o Seu Vizinho, no final de 2017, foi alugada a primeira sede, nomeada “Casinha”, próxima à Praça do Cardoso, região de grande movimento. A conquista da “Casinha” desafogou a casa da família Ribeiro, bem como promoveu maior visibilidade das ações do Seu Vizinho, que agora saía de uma sede “privada”, para um espaço mais público. A “Casinha” era um pequeno cômodo com nove metros quadrados aproximadamente, onde os instrumentos e outros apetrechos eram organizados. O pequeno espaço, embora não permitisse a realização de reuniões e oficinas, significava a conquista de certa autonomia, bem como, parece ter alimentado a expectativa dos jovens de prosseguir com às ações.

⁵⁹ Sérgio Vaz, poeta marginal Brasileiro, no trailer do documentário Curtas Saraus. Disponível em: <http://artenaperiferia.blogspot.com>. Acesso em 11/02/2019.

Figura 6: Casinha 1 (Portão branco e paredes verdes)



Fonte: Seu Vizinho

Após o carnaval de 2018, da grande visibilidade e uma gama de apresentações, shows e recursos financeiros que apareceram, surgiu também a possibilidade de mudar de sede para outro cômodo, na mesma rua em que residia a família Ribeiro, mas um pouco maior e com um preço acessível. A mudança foi feita, mas o nome permaneceu sendo “Casinha”. Agora com mais espaço o local passou a sediar, de fato, reuniões, oficinas, atividades e com uma maior autonomia do Seu Vizinho. Essa autonomia parecia estar conectada também à perda de vínculos familiares, ou seja, a saída da “casa/sede” improvisada da família Ribeiro, para uma sede capaz de abrigar parte das demandas do Seu Vizinho. Da mesma forma, a nova sede, parecia alimentar ainda mais as expectativas de continuidade das ações.

Figura 7: Casinha 2



Fonte: Seu Vizinho

Em comum, os seis entrevistados apontavam a conquista de uma sede como um grande desafio para o Seu Vizinho, uma vez que eram totalmente dependentes de outros espaços para produzirem suas oficinas, atividades e eventos. Mesmo com o crescimento e transformação, a sede ainda era pequena para as oficinas de percussão que ocorriam durante todo o ano e para os ensaios de carnaval. No que se refere ao espaço físico, mesmo com o avanço considerável, instigante e importante para o coletivo, ele não foi suficiente para garantir ampla autonomia ao Seu Vizinho, que ainda era dependente, por exemplo, do espaço do Centro Cultural Vila Marçola – CCVM.

MANUTENÇÃO FINANCEIRA E INSTITUCIONALIZAÇÃO

Outro grande desafio do Seu Vizinho, apontado pelos jovens, era a manutenção financeira das atividades. O desafio era intenso e significativo, pois todas as atividades exigiam um investimento financeiro. Para o Seu Vizinho, como já narrado no capítulo anterior, não bastava apenas sugerir a construção de um bloco e convidar os participantes. Para ter a presença dos moradores do aglomerado, era imprescindível ter e oferecer os instrumentos, o que não poderia ser resolvido apenas por meio de doações. Da mesma forma, desfilar no carnaval exigia uma série de investimentos como: trio elétrico, carro de apoio, equipamento de som, figurino, entre outros. As oficinas de percussão exigiam recursos para o transporte e manutenção dos instrumentos e equipamentos de som, bem como para a compra de material didático e lanche. Ou seja, qualquer atividade projetada e realizada exigia um investimento financeiro anterior.

Além das doações, os primeiros recursos financeiros vieram de PV e Matheus. Os dois, empenhados em produzir a ação investiram dinheiro próprio para a compra de bebidas, camisetas e atendimento das primeiras necessidades. Os dois primeiros desfiles de carnaval foram realizados com recurso próprio. Com o investimento de dinheiro próprio e sem a perspectiva de obter lucro, eles estavam continuamente retirando dinheiro do próprio bolso para aplicação na ação, com retorno apenas do próprio valor. Dessa maneira, com a intensa demanda de tempo, a atividade parecia se tornar inviável para eles que precisavam de dinheiro para subsistência.

Por sorte, no início das oficinas, alertados por outra ativista cultural do Aglomerado, recorreram ao primeiro edital público para financiamento de uma oficina. A oficina de percussão então, foi a primeira atividade custeada basicamente através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura - LMIC, edital Descestra 2015⁶⁰. A verba, embora importantíssima para a continuidade da oficina, não custeava a mão de obra dos jovens, apenas materiais, lanches e manutenção de instrumentos.

Como uma alternativa para a manutenção financeira das atividades, formada após o primeiro desfile de carnaval, a banda do Bloco Seu Vizinho, passou a ser também uma fonte de renda. A banda era formada pelos jovens organizadores e mais alguns agregados, que em consonância com a proposta de continuidade das atividades, disponibilizavam todo o cachê de apresentações feitas ao longo do ano para as atividades desenvolvidas. A princípio a banda fazia poucas apresentações e o cachê não era expressivo. No entanto, assegurava o mínimo para a

⁶⁰ Descestra Cultura 2015 – Lei Municipal de Incentivo à Cultura (Projeto: Oficina de Percussão do Bloco Seu Vizinho – Projeto nº 1605/2014);

manutenção das atividades. No decorrer dos anos e em função da visibilidade conquistada pelo bloco, a banda passou a fazer mais shows e apresentações, o que garantia um fluxo maior de dinheiro. Ao mesmo tempo, os recursos passaram a remunerar os músicos da banda. Dessa forma, decidiram que apenas 30%⁶¹ do cachê seria destinado ao Seu Vizinho e 70% para os músicos.

Com um pequeno fluxo de caixa, poucas receitas e uma série de despesas, a partir do terceiro ano de existência passaram a pensar com maior seriedade em como conseguir recursos para a manutenção das atividades propostas, bem como, alimentavam a possibilidade de ter o SV como uma fonte de renda possível, com um retorno financeiro advindo do projeto mais amplamente organizado.

Nesse processo, à medida que faziam cursos e formações sobre o terceiro setor⁶², organizações sociais e tendo maior contato com outros agentes e ativistas culturais, os jovens perceberam que existiam outras fontes de captação de recursos, além de investimentos próprios e pequenas doações de pessoas físicas. Passaram então, a considerar obter recursos financeiros por meio da participação em editais municipais, estaduais e federais, patrocínios de instituições privadas e financiamentos coletivos⁶³.

A imersão nesse meio, assim como os primeiros passos do grupo, foi um processo de aprendizagem com improvisações, um jogo de acerto e erro. Estavam interagindo com uma série de aspectos burocráticos que não faziam parte do cotidiano recente deles. No entanto, pela experiência adquirida ao longo de suas trajetórias escolares, especialmente, universitárias, tiveram certa facilidade em se inserirem no mundo dos editais. A facilidade com leitura, escrita e com planilhas financeiras, garantiu a aprovação em cinco editais municipais⁶⁴. Mesmo com

⁶¹ No momento da pesquisa, a banda do bloco diminuiu 5% do repasse para o Seu Vizinho. Ou seja, repassava 25% do cachê para o Seu Vizinho.

⁶² O primeiro setor é formado por órgãos públicos, o Governo, o segundo setor é formado por empresas privadas e o terceiro setor, de maneira geral, são associações sem fins lucrativos. O terceiro setor atua, especialmente, em áreas em que o Estado não dá assistência. Parte considerável das ações promovidas pelo terceiro setor acontecem através de mão de obra voluntária. As práticas remuneradas são, geralmente, feitas através de verbas públicas destinadas à área, por meio de editais e/ou investimentos do capital privado – por vezes, oriundos de leis de incentivo fiscal ou multas por danos provocados ao meio ambiente, entre outros.

⁶³ Trata-se de um processo baseado na economia solidária e colaborativa, em que qualquer pessoa pode fazer uma doação em troca de uma recompensa oferecida pelo proponente do financiamento, através de uma plataforma online. As doações são feitas, geralmente, por pessoas que se identificam com a proposta da entidade ou artista. Disponível em: <https://meufinanciamentocoletivo.com.br/aprenda/o-que-e-financiamento-coletivo/>. Acesso em 07/02/2019.

⁶⁴

as aprovações, o dinheiro era necessariamente investido nas ações, o que fazia com que os jovens permanecessem sem recurso para subsistência.

O financiamento coletivo surgiu a partir da prática de outros blocos e outros artistas e grupos culturais, o que auxiliou nos anos de 2018 e 2019 a garantir a verba necessária, especialmente, para o desfile de carnaval. Diferentemente do recurso dos editais, o dinheiro recebido poderia ser aplicado em qualquer atividade desenvolvida. Dessa forma, ainda conseguiam aplicar uma parte pequena do valor arrecadado para o desfile de carnaval, nas oficinas, em transporte e alimentação. Ainda, em 2018, também influenciado por outros grupos culturais, passaram a vislumbrar a possibilidade de ter um financiamento coletivo recorrente, ou seja, passarem de uma ação pontual, para um financiamento mensal. Tal proposta, até o momento da pesquisa, não havia sido implementada.

Os patrocínios de instituições privadas, também figuravam entre as possibilidades de financiamento. No entanto, o SV conseguia, com maior facilidade, doações pontuais e de pequenas empresas, que doavam pequenos valores. Embora auxiliassem, esses recursos não garantiam o desenvolvimento das atividades recentes e tampouco a perspectiva de crescimento que tinham. No campo de possibilidades ainda estava a parceria com empresas de médio porte, que através das leis de incentivo fiscal, poderiam doar ao SV parte do imposto a ser pago. Até o momento da pesquisa, não haviam conseguido nenhum patrocinador com esse perfil.

Ainda sobre formas de financiamento e/ou formas de conseguir recursos financeiros, estava a produção de um brechó, intitulado “Bréshow do Seu Vizinho”, pois junto com a venda de roupas, brinquedos e acessórios doados, havia um show com os integrantes das atividades. A verba arrecadada também não era expressiva, no entanto, garantia flexibilidade na aplicação dos recursos.

Dificilmente as verbas eram destinadas para os próprios jovens organizadores das ações, o que gerava certa preocupação para eles, que precisavam dos recursos. A necessidade de captação de recursos e manutenção das atividades obrigava os jovens a permanecerem em pelo menos uma atividade que garantisse uma renda mínima a eles. Mesmo com as dificuldades, no momento da pesquisa, eles conseguiam fazer uma pequena retirada mensal, de acordo com o

Descentra Cultura 2015 - Projeto nº 1605/2014; Edital de chamamento público para a concessão de auxílio financeiro aos blocos de rua do Carnaval Belo Horizonte, nos anos de 2017, 2018 e 2019; Edital 2017/2018 da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (Projeto: Formação Cultural do Movimento Seu Vizinho – Projeto nº 0814/2017).

tempo de dedicação de cada um. As retiradas não garantiam a subsistência deles, no entanto, auxiliavam a se manterem no cotidiano.

Essa retirada era fruto de uma reflexão constante entre eles. A valorização do trabalho não estava apenas no reconhecimento das atividades desenvolvidas, era preciso ter uma valorização financeira que os estimulasse a permanecer no projeto mais amplo que estavam construindo. Dessa forma, mesmo com a escassez das verbas, resolveram fazer pequenas retiradas mensais.

PV (31/08/2017) participando de um evento afirma: *“Eu tinha medo de falar de dinheiro e não tenho mais. É necessário falar de grana, é necessário ter dinheiro, tudo cê paga!”*. O medo que ele expressava ao falar de dinheiro, no caso, estava associado ao medo de se tornar um “mercenário” do campo social, que explorava as doações, patrocínios e verbas públicas em benefício próprio. No entanto, falar em dinheiro já não o espantava mais, pois, a partir da sua experiência no Seu Vizinho, compreendeu que para desenvolver a atividade era necessário ter dinheiro e isso não poderia ser ocultado ou encoberto.

Essas questões colocavam o grupo diante de uma demanda por institucionalização. Para eles, esse processo estava diretamente conectado com a necessidade de captação de recursos. A institucionalização da ação geraria a formalização necessária junto aos órgãos públicos para a solicitação de recursos, por exemplo, através da lei de incentivo fiscal e da participação em editais públicos e privados, com maior rigor técnico. A discussão sobre institucionalização permeava as reuniões e bate papos desde o início das atividades, mas se tornou mais intensa a partir de 2017, quando então começaram a produzir documentos necessários para a formalização, como, estatuto, regimento interno, atas e outros.

A demora em concretizar a formalização era em função de dúvidas dos jovens sobre o enquadramento da entidade/instituição. No âmbito jurídico era possível enquadrar a ação desenvolvida em mais de um campo, como Organização Não Governamental – ONG, Organização da Sociedade Civil – OSC, entre outros. Os enquadramentos geravam responsabilidades e custos distintos, bem como, os colocavam diante de necessidades diferentes. Portanto, embora a institucionalização parecesse importante, havia dúvidas sobre as reais demandas que viriam após o seu enquadramento. Até o momento da pesquisa, os jovens não haviam concretizado a formalização, no entanto, estavam convictos da importância desse passo para o Seu Vizinho.

4.1.2. Planejamento, organização e tomadas de decisões

Entre os tempos e espaços existentes para o planejamento, organização e tomadas de decisões do Seu Vizinho, estava a reunião dos jovens organizadores. Após a criação e produção de uma série de oficinas, atividades e eventos, os jovens se viram diante de algumas demandas que exigiam mais tempo. Dessa forma, a partir do primeiro desfile de carnaval realizado em 2015, passaram a acontecer algumas reuniões que frequentavam, especialmente, os seis jovens entrevistados. A partir de 2017, os jovens passaram a se encontrar semanalmente, devido ao grande número de atividades em que estavam envolvidos.

As reuniões ocorriam, geralmente, às segundas-feiras, no período da noite, a partir das 19h. O espaço utilizado na maioria das vezes era a casa de um deles. Em outras ocasiões se encontravam em locais de melhor acesso a todos e, após a conquista da segunda “Casinha”, passaram a se encontrar algumas vezes nesse espaço. O tempo das reuniões era inconstante, dependia da quantidade de demandas que tinham como pauta. No entanto, era comum ter um grande número de assuntos para debaterem ou deliberarem. Por isso, era quase inevitável que às reuniões demorassem muito. As reuniões às vésperas do carnaval se acentuavam em número de encontros e em horas, devido às demandas que se acumulam no período.

As pautas das reuniões giravam em torno das experiências vividas por eles no cotidiano das ações e diziam sobre uma variedade imensa de assuntos, a saber: o transporte e armazenamento dos instrumentos, estratégias de organização das oficinas, lanche das atividades, patrocínio, parceiros para oficinas, captação de recursos, participação em editais, participação em eventos, comunicação, estratégias de organização financeira, bem como, debatiam sobre a presença das crianças, racismo, homofobia e machismo e estratégias de atuação frente a esses temas. Em comum, diziam respeito a demandas que precisavam de resolução, tanto para a semana, quanto a médio e longo prazo. Ou seja, a reunião semanal era o principal espaço de tomadas de decisões, o que colocava esses jovens na condição de referências das atividades para os demais participantes. No momento da pesquisa, quem participava das reuniões eram PV, Matheus, Marina e Babi. Quando havia algum assunto relativo ao financeiro, Núbia participava.

Sobre as reuniões, é possível dizer sobre certa paridade nas relações. Os sujeitos, como já sabido, atuavam de distintas formas, no que se refere à disponibilidade de tempo, lugar de fala, apropriação das atividades, habilidades musicais, administrativas, entre outras, no entanto,

pareciam compartilhar experiências durante a reunião. Ou seja, independentemente do tempo e forma de atuação, havia respeito e reconhecimento pela participação de cada um. Era possível notar que as decisões não estavam restritas a um sujeito específico, mas dependiam de um debate do grupo. Não havia, no coletivo restrição em relação ao acesso às informações e recursos que potencializavam as ações e havia certa delegação e rotação das tarefas realizadas, que variavam de acordo com a disponibilidade de tempo de cada um. Não era possível identificar alguém com mais ou menos autoridade, embora, fosse possível dizer que alguns possuíam mais tempo disponível para a ação, o que promovia uma maior apropriação do contexto.

Embora, as reuniões da equipe de referência fossem um importante espaço de planejamento, organização e tomada de decisões, os jovens passaram a se ver diante de algumas críticas sobre esse formato. Nem sempre aqueles que não participavam das reuniões semanais estavam de acordo quanto às decisões tomadas em relação às práticas que estavam envolvidas. Dessa forma, viu-se a necessidade de construir um espaço que propiciasse a participação de mais pessoas. Assim, em 2017 surgiu o “Papo Reto”, uma reunião aberta aos participantes das atividades do Seu Vizinho e à comunidade como um todo. Acontecia uma vez por mês, sempre nas noites da primeira terça-feira, de forma itinerante, ou seja, cada uma era realizada em um espaço diferente, geralmente, em bares. O Papo Reto era um momento propício para críticas e para sugestões, por isso, geralmente, não tinha uma pauta pré-estabelecida. Por vezes, eram sugeridas pautas como um ponto de partida para às discussões, mas poderiam tomar rumos diferentes de acordo com a necessidade de cada envolvido.

Nas reuniões abertas das quais participei, muitas pautas foram levantadas. Entre elas, a institucionalização do Seu Vizinho, a necessidade de captar mais recursos para as atividades, sugestões de oficinas e eventos interessantes para a comunidade, perspectivas de futuro, identidade, racismo, o trajeto e o desfile de carnaval, sobre o tráfico de drogas e etc.

O Papo Reto se constituiu como um importante espaço de planejamento, organização e tomadas de decisões do Seu Vizinho, de uma maneira mais ampla. Era um espaço importante de construção de diálogo entre os diversos sujeitos envolvidos. As falas dos diferentes participantes eram respeitadas e as pautas discutidas independente da prioridade e importância de cada uma. Embora se constituísse como um importante espaço de conversação, ainda era pequena a adesão dos participantes das atividades e menos ainda da comunidade. Nos encontros de que participei, o número de participantes variava entre sete e doze pessoas, entre

participantes das oficinas, equipe de referência e sujeitos da comunidade, com exceção do Papo Reto sobre o carnaval, quando foram em torno de vinte e dois participantes. Em um dos encontros foi debatida a questão da pequena adesão dos participantes e da comunidade nas atividades e reuniões do Seu Vizinho. Esse aspecto, assim como a conquista de uma sede mais ampla e a captação de recursos, estava entre os principais desafios do coletivo. Segundo os jovens, embora desde o início tenha crescido bastante o número de participantes do Aglomerado, ele ainda estava aquém do que gostariam e esperavam. Havia um enorme desejo entre eles de que a comunidade se sentisse ainda mais pertencente e responsável pela criação e crescimento da ação.

Ampliar as reuniões para além da equipe de referência tinha mais de um significado. Um deles, como já foi dito, era de estender os ambientes deliberativos, estimular a participação em espaços distintos, de construções de diálogo, de críticas e sugestões. Outro, era de estreitamento de relações com a comunidade. Outro significado ainda, era o de ampliar as referências do Seu Vizinho, uma vez que, diante das demandas, os jovens organizadores já estavam sobrecarregados de tarefas, sobretudo, porque conciliavam as tarefas do Seu Vizinho, com trabalho e outras demandas pessoais.

O Papo Reto, pela abertura do encontro, ainda era um ambiente de criação de vínculos entre os envolvidos, um ótimo espaço para conversas pessoais e trocas de experiências com outros participantes do Seu Vizinho e da comunidade. Embora houvesse ainda uma pequena adesão dos participantes e da comunidade, os jovens avaliavam o Papo Reto, como uma das atividades mais interessantes construídas, justamente pelo caráter de acolhimento e diálogo proposto.

Figura 8: Reunião de Papo Reto



Fonte: Seu Vizinho

Além das reuniões semanais entre os jovens organizadores e o Papo Reto, havia sucessivas reuniões de planejamento, organização, execução dos desfiles de carnaval, de maneira mais intensa que qualquer outra atividade organizada pelo Seu Vizinho, pois o desfile exigia maior concentração devido às inúmeras demandas. O planejamento do evento, apenas depois de dois anos de realização, foi aberto para a participação da bateria. Os jovens viram que não era possível realizar o evento com tão poucas pessoas envolvidas e decidiram ampliar a rede de colaboradores. Os participantes da bateria eram os principais envolvidos, no entanto, outras pessoas da comunidade e amigos de fora do Aglomerado apareciam para colaborar. Para os carnavais de 2018 e 2019 foram organizadas comissões que tinham certa autonomia para tomar as decisões necessárias para que o evento ocorresse. Embora as comissões auxiliassem muito na concretização do desfile, os seis jovens entrevistados ainda ficavam sobrecarregados

com demandas para o desfile. Especialmente, porque participavam de praticamente todas às comissões.

Cada comissão tinha um objetivo importante para a concepção de carnaval projetada pelo Seu Vizinho. O **Financeiro** tinha como responsabilidade organizar os orçamentos necessários e conseguir patrocínios, bem como após o desfile fazer a prestação de contas; O **Som** tratava da qualidade técnica dos equipamentos de som, especialmente do trio elétrico; A **Bateria** cuidava da organização dos ritmistas e a qualidade sonora dos instrumentos; A comissão das **Crianças** tratava especificamente dos cuidados e necessidades das crianças para o dia do desfile; a comissão dos **Órgãos públicos** se dedicava ao relacionamento com órgãos públicos, bem como preparação de ofícios à Prefeitura, a BHtrans, à polícia; a **Decoração/Figurino** tratava das alegorias e enfeites para o carnaval, não apenas do carro de som, mas dos ritmistas, dos instrumentos, das bandeiras, etc.; o **Trajeto** era responsável por sugerir o trajeto, fazer as medições para o trio elétrico, colocar faixas e passar nas casas e comércios antes e depois do carnaval; a **Alimentação** ficava responsável por orçar e propor um café da manhã para a comunidade e um jantar para a bateria; a Comissão das **Atrações** era responsável por convidar os grupos e sujeitos que fariam apresentações ao longo do trajeto, bem como, cuidava dos foguetes, sinalizadores e fumaças; a **Comunicação** tratava de divulgar os eventos do SV de forma mais ampla, desde as oficinas, ensaios, até o financiamento coletivo e parcerias.

Para o ano de 2019 ainda foram agregadas às comissões: **Tema**, responsável por organizar vídeos e notas sobre a história do Aglomerado da Serra, assunto escolhido em reunião para tematizar o desfile; e, **Produção**, responsável por organizar tudo para o dia, corda, segurança, bombeiros, trajeto e trio.

As comissões ampliavam a participação de sujeitos de dentro e de fora do Aglomerado, alargavam e descentralizavam os espaços de organização, deliberação e avaliação, bem como, agregavam muito na construção do desfile e na concepção coletiva de construção da ação. As reuniões organizadas entre as comissões se constituíam como um importante espaço de aprendizado e construção de autonomia para a produção da ação concreta. De maneira direta, inseriam os envolvidos em uma experiência de produção cultural coletiva.

Outro espaço utilizado para algumas demandas de planejamento, organização e tomadas de decisões, eram as redes sociais. Havia um grupo de *Whatsapp* restrito, em que apenas os jovens organizadores participavam. Fui inserido nesse grupo após alguns meses de participação

nas ações e ganhar certa confiança com os jovens. Esse grupo era intensamente utilizado por eles, o que demonstrava a centralidade do SV na vida desses jovens, mas também a quantidade de demandas existentes e a efetividade do grupo. Raras as vezes em que os jovens dispersavam o assunto nesse grupo; não havia figuras, vídeos ou imagens que não tivessem relação direta com o SV. Os jovens debatiam datas, convites para shows, apresentações, oficinas, desejos e demandas diversas, bem como, em muitas situações tomavam decisões por esse canal de comunicação. Mais de uma vez, fizeram reuniões através desse grupo, sempre quando havia incompatibilidade dos horários e também para descanso. As reuniões ocorriam organizadas por pautas e debatidas uma a uma, sem atropelamentos e desvios. Raras as vezes, havia dispersão. Ou seja, esse grupo era um forte canal de planejamento, de organização e de tomadas de decisões. Os jovens se comunicavam quase que exclusivamente por meio desse aplicativo.

Havia outro grupo de *Whatsapp*, em que participavam todas as pessoas que de algum modo se relacionaram com o Seu Vizinho, especialmente, aqueles que já participaram da oficina de percussão e desfiles de carnaval. O grupo era intitulado “*TodoMundoJuntoEAGLOMERADO*”. Nesse grupo, a comunicação, por vezes, era difícil, porque diversas mensagens que não tinham relação com a organização das atividades eram postadas diariamente. Mesmo quando a equipe de referência postava algum comunicado importante, essa mensagem era sobreposta por outras que não tinham relação alguma com o coletivo.

Durante um bom tempo, esse grupo serviu apenas para repasse de alguns recados, datas de ensaios e oficinas, comunicados e convites diversos. No entanto, especialmente pelo empenho de Marina, que pessoalmente, conversava com os participantes, esse grupo passou a ter um caráter mais efetivo. Ele passou a ser um espaço, mesmo que restrito, de planejamento de alguns encontros para shows e apresentações, de organização de algumas atividades, com horário e convite de alguns colaboradores. Era também um espaço para algumas sugestões, críticas, debates e tomadas de decisões, como, o repertório para o carnaval, os assessórios para figurinos e a escolha através de votação, por exemplo, da estampa do abadá do carnaval.

As comissões organizadas para o desfile de carnaval, mencionadas anteriormente, além das reuniões presenciais, se organizavam através de grupos de *whatsapp*. Estive presente em dois anos, em alguns grupos, nas comissões de financeiro, atrações e tema, nelas pude perceber maior efetividade no processo e utilização da ferramenta. Em alguns casos, se tornou tão efetiva que, por vezes, não havia necessidade de um encontro presencial. Como era o caso das atrações

e do tema, em que algumas tarefas foram delegadas presencialmente, no primeiro momento e posteriormente resolvidas e debatidas, especialmente, nos grupos. Nesses grupos, diferentemente do mais amplo, não havia postagens paralelas, de propagandas e mensagens diversas, o que garantia o foco nas discussões e encaminhamentos.

As redes sociais, especialmente, os grupos de *Whatsapp* se tornaram ferramentas importantes e foram fundamentais para o desenvolvimento do Seu Vizinho, serviam para a mobilização dos participantes, a organização das atividades, a troca de informações, o planejamento e as tomadas de decisões.

Embora fundamental para organização interna do Seu Vizinho, as redes sociais ainda pareciam ser utilizadas de forma restrita. Não havia um caráter mais amplo e externo de divulgação de pautas sociais próprias do coletivo, de organização de reuniões e de mobilização para além dos participantes diretos, de criação de debates em torno das pautas, formulação de opiniões, produção de relatos, entre outros. A utilização das redes sociais parecia restrita à rede interna de participantes diretamente relacionados às atividades do Seu Vizinho. No que se refere à rede externa, a organização parecia se restringir à divulgação de datas e horários de ensaios, shows e apresentações, solicitação de recursos e apresentação de alguns eixos de trabalho do coletivo. O Seu Vizinho, nesse sentido, parecia estar atrelado mais ao formato de organização presencial, *off-line*, do que ao formato de organização virtual, *on-line*.

É importante destacar, sobre estes espaços e tempos de organização das atividades, que não havia uma rigidez por parte dos jovens que determinasse esses lugares como espaços exclusivos para esse fim. Além de esses espaços serem também espaços de socialização e sociabilidade entre os participantes, existiam outros momentos em que havia planejamento, organização, avaliação e tomadas de decisões. No cotidiano das atividades, era possível perceber momentos de organização coletiva e pequenas reuniões que se referiam ao próprio grupo. Os jovens organizadores sempre estavam presentes nas reuniões, o que não tornava secundária a participação de outros sujeitos. Nas reuniões para o desfile de carnaval, o maior evento organizado pelo Seu Vizinho até o momento da pesquisa, havia uma efetiva participação dos integrantes das oficinas de percussão e outros que chegavam para os ensaios de carnaval. Nessas reuniões, havia forte presença de mães e crianças⁶⁵.

⁶⁵ A presença desses dois atores sociais será descrita e analisada no próximo capítulo.

4.2.O COTIDIANO E AS AÇÕES: UM UNIVERSO DE DIÁLOGO E RECONHECIMENTO

Para compreender melhor o Seu Vizinho é necessário conhecer as práticas concretas, especialmente, a oficina de percussão e o desfile de carnaval, as duas principais ações desenvolvidas. Assim como as ações, é necessário compreender o cotidiano delas, que dizem sobre as experiências dos jovens e as formas de se organizar do coletivo. Dessa forma começaremos o trecho compreendendo algumas nuances do cotidiano.

4.2.1. Acolher e conhecer: a conversa e o lanche no cotidiano

É imprescindível falar sobre o acolhimento e o diálogo no que se refere ao cotidiano das ações. Não se trata de uma acolhida exclusiva aos novatos, mas uma prática contínua exercida nas reuniões, nos encontros do “Papo Reto”, nas oficinas de percussão e outras. Durante todo o tempo de observações apreciava o modo como o cotidiano das atividades se desenvolvia. Antes de qualquer atividade, teórica ou prática, nos intervalos, entre um exercício e outro, um debate e outro, ao final dos encontros as pessoas se cumprimentavam, estabeleciam diálogos, conversam e se conheciam. Os jovens organizadores, pareciam fazer questão desses momentos, especialmente no início e no final das atividades, para conversar sobre os pais, sobre a casa, sobre o avô ou avó, sobre o trabalho ou a escola, sobre a vida.

Essa forma de se relacionar estabelecida no cotidiano, embora fosse característico dos jovens, parecia algo comum entre os demais participantes. Me remetia-me à experiência da própria comunidade, do modo “interiorano” das conversas, da criação de vínculos e da proximidade entre os participantes. Dessa forma, pareciam se conhecer, saber um pouco do cotidiano do outro, pareciam estabelecer vínculos mais próximos através das conversas, das risadas, dos abraços.

Algo que me parecia surpreendente era a continuidade desse modo de se relacionar com as pessoas. Não se tratava do primeiro dia de oficinas, nem de um dia especial, aniversário ou coisa assim. Em todos os encontros era possível perceber essa prática. Ao longo do período que estive com o grupo, o aumento das atividades não desmobilizou ou diminuiu essa característica. Os compromissos diversos promovidos através das reuniões e oficinas pareciam tempos de encontros, de conversas e de estreitamento de laços. Característica que se perpetuava através de cada um que integrava o grupo.

Marina (03/09/2017), em um diálogo durante uma das oficinas, me disse: “*Em nenhum lugar fui tão bem acolhida como aqui. Isso me fez querer continuar aqui*”. Ela destaca a forma com que foi recebida no grupo e como isso foi importante para a permanência dela no Seu Vizinho.

Essa característica de construção de diálogos se acentuava através do lanche promovido em cada uma das atividades propostas pelo Seu Vizinho. Não havia nenhuma ocasião em que o lanche era dispensado. Como afirma Babi (16/05/2018) “*Muita gente não percebe, mas é uma questão de comunhão. Um momento pra conversar coisas aleatórias, mas conversar sobre oficina e bloco também. Inclusive no dia do desfile de carnaval, antes para toda a comunidade e depois só pra bateria*”. A jovem no depoimento ressaltava a importância da convivência, da criação de laços fortes com outros participantes que a remetia à questão da prática conjunta, compartilhada e em *comunhão*. Ressaltava que esse ambiente, embora fosse importante para a socialização e a sociabilidade dos atores, era importante também para debater coisas sobre o bloco e sobre o Seu Vizinho. Ela destacava a prática coletiva e a importância do lanche para concretização desse ambiente educativo e dialógico. Ainda afirmava a presença e importância desse momento no dia do desfile de carnaval. No Seu Vizinho, construir um café da manhã que agregasse a comunidade parecia imprescindível, algo que não era comum em outros blocos da cidade. Esse momento de encontro, partilha e diálogo era central no cotidiano das práticas do Seu Vizinho.

No início das oficinas, quando muitas crianças apareceram, o lanche parecia ser importante. Como afirma Babi (16/05/2018) “*A gente percebeu que muitas crianças vinham sem almoço, sem comer nada*”. No relato, é possível perceber a sensibilidade dos jovens em relação às crianças. Independentemente se a participação da criança era motivada pelo lanche, os jovens entendiam que era importante tê-lo, pois para alguns, aquele parecia um lugar também para saciar a fome.

No entanto, após algum tempo os jovens se deram conta da importância desse espaço para o desenvolvimento das ações. O lanche se tornou um momento de encontro, de construção de diálogo, de criação de vínculos e de reconhecimento. Desta forma, o lanche passou a ser parte da metodologia de ação do Seu Vizinho. Dar-se conta das relações que se estabeleciam no cotidiano do lanche, por exemplo, revela uma postura educadora do Seu Vizinho, que para além de passar pelas coisas ou pessoas, as experimenta e vivencia, de modo que passam a

compreender a importância desse ambiente “espontâneo”, onde também “se constituem as resistências dos oprimidos” (FREIRE, 1989, p. 25).

Figura 9: Lanche após a oficina de percussão



Fonte: Seu Vizinho

A acolhida e a criação de vínculos não eram apenas um momento de diversão ou descontração, mas o modo como o grupo se constituía, com base no diálogo, no reconhecimento do outro e da história do outro. Essa forma de acolher, conhecer e reconhecer o outro ampliava os tempos e os espaços de organização para além das reuniões semanais dos jovens organizadores, do Papo Reto e das reuniões para organização dos desfiles de carnaval, ou seja, momentos específicos para isso. O cotidiano das ações, a partir desses momentos “informais” de diálogo e de sociabilidade, se constituía também como um importante espaço de construções coletivas, planejamento, debates, deliberações, avaliações para organização do Seu Vizinho.

4.2.2. A oficina de percussão, ensaio “aberto”, rolês e o desfile de carnaval

A oficina de percussão era a principal atividade construída pelo Seu Vizinho durante o ano. Ao longo das observações a oficina teve um número de participantes variados. Entre as crianças de seis a oito anos, havia em torno de quinze. Os adolescentes entre treze e quatorze anos eram em torno de dez, assim como os jovens entre quinze e trinta anos, além dos organizadores. Havia ainda os participantes que ultrapassavam os trinta anos e eram cerca de quinze participantes. A oficina, portanto, contava com a presença de cerca de cinquenta pessoas. Eram realizadas durante todo ano, com exceção do mês após o carnaval. Nesse longo percurso, os participantes, especialmente, os que já conheciam os ritmos, cadências e levadas, apareciam após o segundo semestre ou até para os ensaios de carnaval, em novembro. Dessa forma, a oficina de percussão contava com mais ou menos trinta participantes ativos.

Confesso que, inicialmente, esperava na oficina de percussão uma quantidade maior de jovens, o que parecia comum no cotidiano dos blocos de carnaval da cidade. No entanto, eles dividiam espaço com a maioria de crianças, adolescentes e adultos. No Aglomerado, os jovens estavam em grande parte inseridos em outros grupos culturais, mas também estavam em um número expressivo no movimento do tráfico e em igrejas, o que diminuía a presença de jovens no SV.

A oficina nasceu com o objetivo inicial de proporcionar uma aproximação com a comunidade, uma vez que o primeiro desfile de carnaval contou com mais pessoas de fora do Aglomerado do que de dentro. Antes do início das oficinas, houve um debate entre os jovens se o nome da atividade seria “oficina de percussão” ou outra coisa, já que tinham pouca experiência e conhecimento na música percussiva. Temiam a inscrição, participação e o questionamento de outros sujeitos da área. Matheus, ainda questionava certa apropriação da carreira, pois ao oferecer tal atividade inoportunamente poderiam desvalorizar a formação de músicos profissionais. Entre o debate e a necessidade de começar a atividade, decidiram utilizar o nome “oficina de percussão”.

Após o princípio das oficinas passaram a debater sobre o conteúdo a ser passado. A princípio, os conteúdos eram práticos e diretamente associados aos ritmos utilizados para o desfile de carnaval. Após dois anos de oficina e do ganho de experiências através da prática e de estudos paralelos, optaram por construir uma oficina com conteúdo teórico e prático. A partir desse momento, as oficinas passaram a ter um caráter formativo mais abrangente. Ou seja,

extrapolaram a prática para o desfile de carnaval e alcançaram uma formação em música mais ampla.

Figura 10: Oficina de Percussão - Teoria



Fonte: Seu Vizinho

Figura 11: Oficina de Percussão - Prática



Praticamente, a oficina para os jovens organizadores começava com um planejamento de “aulas”, semestral e semanal. Após essa construção anterior, em cada dia de oficina era preciso transportar cerca de trinta instrumentos da sede para o CCVM. Já no centro cultural preparavam o ambiente – computador, equipamentos de som e afinação dos instrumentos. Por fim, após a chegada dos participantes, as “aulas” aconteciam.

Em um dos meus primeiros encontros com os jovens do Seu Vizinho, PV (15/08/2017) me convidou para auxiliar no transporte dos instrumentos. De acordo com ele, para entender as práticas do Seu Vizinho era preciso compreender o que acontecia antes e depois das “aulas”, dos desfiles de carnaval e das atividades em geral. Me parecia um alerta e ao mesmo tempo uma abertura para o diálogo. Em primeiro lugar sobre a posição confortável do pesquisador e, em segundo, sobre a importância e dimensão das coisas que aconteciam nos bastidores.

A oficina começava, por vezes, com um jogo, para estimular que os participantes se conhecessem, se tocassem e estabelecessem vínculos. Em poucas ocasiões o jogo remetia diretamente aos estudos musicais. Em seguida, alguns componentes teóricos eram passados em slides, como andamento, ritmo, cadência e harmonia. Após essa parte, era o momento de praticar os aprendizados do dia, utilizando materiais, o próprio corpo e os instrumentos. A princípio com os instrumentos separados por *naipe*⁶⁶ ou separados entre agudos e graves. Em seguida, os instrumentos eram agrupados para um ensaio coletivo.

Pude perceber, durante as oficinas, trocas e compartilhamentos entre os participantes que não passavam necessariamente pelos educadores, ensinando um toque, uma levada, auxiliando o manuseio do instrumento e das baquetas, em conversas e brincadeiras amistosas. Sobretudo os adolescentes e as crianças auxiliavam nesse processo de aprendizagem. Pareciam fazer questão de dar alguns toques, compartilhar o que já sabiam e também “tirar uma onda”⁶⁷ com os que ainda estavam em processo inicial de aprendizagem.

Ao longo das oficinas, o desejo que circulava, era o de tocar em grupo harmonicamente, de modo que, nenhum instrumento sobressaísse, criando assim uma sincronia musical agradável. Esse desejo parecia ganhar força à medida que eram desenvolvidas as práticas. Os jovens, na condição de educadores musicais, suscitavam a todo instante a importância de

⁶⁶ Conjunto de instrumentos iguais. Por exemplo, *naipe*/conjunto de tamboris ou *naipe*/conjunto de repiques.

⁶⁷ Tirar onda trata-se uma brincadeira, uma gozação acompanhada de certa ironia.

escutar o seu instrumento e o do outro. Da mesma forma, estimulavam que os participantes entendessem o silêncio como parte da música. Ou seja, a música não se tratava apenas de som, mas também de pausas e silêncios. O diálogo estava presente também na forma de compreender e fazer música, em que a escuta e o silêncio, eram tão importantes quanto a fala e o som.

Ao final das oficinas, um lanche era oferecido. Por cerca de trinta minutos os participantes ainda ficavam no espaço conversando, ao mesmo tempo em que comiam. Ou seja, reforça o espaço/tempo do lanche como um momento de encontro que potencializa o diálogo e a relação entre os sujeitos. Os jovens ainda tinham que reorganizar o espaço do centro cultural para às próximas atividades, bem como, guardar os equipamentos e transportar de volta os instrumentos, agora do CCVM para a sede.

Os ensaios abertos para o carnaval começavam em novembro de cada ano e eram, de certa forma, uma continuidade das oficinas de percussão. Todos os sujeitos que faziam parte das oficinas formavam a bateria que desfilaria no feriado de carnaval, com o bloco Seu Vizinho. A participação na bateria era aberta até o desfile de carnaval de 2018, como era comum no carnaval da cidade. Dessa forma, a partir de novembro, chegavam inúmeras pessoas para ensaiar, com a intensão de tocar no dia do carnaval.

Figura 12: Primeiro ensaio de carnaval para o desfile de 2018



Em outubro de 2017, no último dia da oficina de percussão, apareceram, além dos trinta frequentes na oficina de percussão, outras trinta pessoas mais ou menos. Nesse momento, a sensação de aproximação com o carnaval aumentou. Nesse encontro senti um clima carnavalesco – euforia, descontração e uma sensação de estar próximo ao feriado - misturado com certo desconforto por parte dos moradores e participantes da oficina. Visivelmente, os que chegavam eram jovens, em sua maioria brancos, e não moradores do Aglomerado da Serra. Com certas exceções, a maioria interagiu apenas entre eles mesmos e/ou com os jovens organizadores que, nesse momento, estavam na condição de regentes e músicos. Pareciam chegar com certo intuito de fortalecimento das práticas e do território, no entanto, não interagiam com os ocupantes permanentes da oficina e do próprio território.

No primeiro ensaio aberto para o desfile de carnaval de 2018, um número ainda maior de pessoas chegava de fora do Aglomerado, cerca de trinta e cinco pessoas. Nesse dia, em conversa com um dos participantes frequentes da oficina e morador do Aglomerado, percebi seu desconforto. Ele afirma: *“Chega um tanto de playboy e vai pegando os instrumentos, conversam entre eles e já acham que são os donos do bloco. E nós aqui?”*⁶⁸.

De fato, era possível perceber a diferença nas relações estabelecidas durante as oficinas e após o início dos ensaios. Aparentemente, dois grupos se formavam. O grupo de participantes da oficina e os que vinham apenas para os ensaios de carnaval.

Para o segundo ensaio, após uma reunião no meio da semana em que refletiram sobre a formação desses dois grupos, decidiram voltar com alongamento e um breve jogo no início do ensaio. Para o jogo PV pediu que as pessoas se misturassem e disse que para o Seu Vizinho, era importante que todos se conhecessem, conversassem e criassem vínculos e sintonia. O jogo, de fato, ajudou. No dia, houve uma integração maior, potencializada ao longo dos ensaios. No entanto, havia uma dificuldade na criação de vínculos e até mesmo na construção de uma harmonia musical, pois a configuração da bateria era aberta, desta forma, em todos os finais de semana chegavam novas pessoas que não conheciam os ritmos e os sinais da regência.

Com uma postura acolhedora e afetuosa, os jovens não se importavam em voltar continuamente nos ritmos, nas levadas e nas viradas. Entre os ritmistas isso parecia causar certo

⁶⁸ Nota extraída do caderno de campo (05/11/2017). Conversa informal realizada na data, no momento da chegada de inúmeros participantes de fora do Aglomerado.

incômodo, especialmente para aqueles que vinham participando das oficinas de percussão ao longo do ano. A bateria aberta, não só para o Seu Vizinho, mas para um grande número de blocos de rua de Belo Horizonte, representava o caráter inclusivo e agregador ao qual o novo ciclo carnavalesco se constituiu. Representava um convite à participação e ocupação democrática dos espaços públicos da cidade. Representava o acesso irrestrito à cultura e ao carnaval. No entanto, de certa forma, impedia que a bateria avançasse musicalmente, bem como, impedia, em grande parte das vezes, que as pessoas criassem vínculos entre elas. Desta maneira, durante todos os ensaios até o desfile de carnaval, havia pessoas “desconhecidas” tocando lado a lado.

Devido ao caráter aberto da bateria, no desfile de 2018 apareceram algumas pessoas que nunca haviam participado antes das oficinas, atividades e ações do Seu Vizinho. Assim, após o desfile de carnaval de 2018 houve uma reunião de avaliação com a bateria e entre as pessoas que auxiliaram nas diversas frentes de trabalho para a realização do evento no feriado. Na reunião foi praticamente unânime o desejo de “fechar” a bateria. Ou seja, a participação no desfile de carnaval estava condicionada à participação durante o ano nas oficinas de percussão ou a ritmistas veteranos que participassem de todos os ensaios abertos para o carnaval. Dessa forma, para o desfile de 2019 a bateria seria composta apenas por esses sujeitos.

Ao longo do ano, nas oficinas foi possível ver o avanço musical da bateria mas, sobretudo da potencialização dos vínculos entre os sujeitos. Com a chegada dos ensaios abertos, diferente do ano anterior, não houve uma chegada repentina de outros sujeitos. No entanto, ainda faltavam pessoas para compor a bateria que pretendia ter 70 pessoas, 35 pessoas a menos que o ano anterior. Para agregar a bateria composta por aquelas pessoas que haviam participado durante o ano nas oficinas, foram feitos convites para aqueles que já haviam estado na bateria do Seu Vizinho. Os convites eram feitos de acordo com a necessidade de cada *naipe*. Por exemplo, se o *naipe* do instrumento “chocalho” estivesse precisando ainda de duas pessoas, então o convite seria feito para esse *naipe*⁶⁹. Para os convites, coerentemente, os jovens levaram em consideração o local de moradia de cada convidado. Desejavam e esperavam que a maioria da bateria fosse composta por pessoas do Aglomerado da Serra. Dessa forma, mais ou menos 70% dos ritmistas eram moradores da comunidade. O caráter “fechado” da bateria, sem dúvida, não destituiu o Seu Vizinho do caráter democrático do carnaval, ao contrário inseriu ainda mais

⁶⁹ O número de instrumentistas era proporcional para cada *naipe*.

sujeitos do Aglomerado, aumentou a coesão e os vínculos entre os participantes e avançou muito musicalmente.

Em meio a esse debate, sobre os ensaios abertos para o carnaval é importante destacar o caráter prático. Da mesma forma que as oficinas, os ensaios embora dispensassem o cunho teórico, exigiam um planejamento, o transporte dos equipamentos e instrumentos e a realização do lanche.

Entre os instrumentos para a formação da bateria estavam: entre os graves, os surdos de 1ª, 2ª e 3ª e o tambor mineiro; entre os agudos, a caixa malacaxeta ou tarol, o repique ou repinique, o tamborim, o agbê ou xequerê e os chocalhos⁷⁰. Os participantes da bateria eram divididos entre esses instrumentos e em boa parte dos ensaios faziam a formação para o desfile.

Durante os ensaios havia sempre a presença da banda do bloco. Enquanto tocavam as músicas, PV fazia a regência da bateria para encaixe nas músicas. Basicamente, todos os ensaios tinham o mesmo formato. A regência era algo imprescindível, pois com o alto som dos instrumentos, cada ritmo, levada ou virada precisava de um sinal próprio. A comunicação, portanto, era feita majoritariamente através de sinais.

É possível ter uma ideia do número de sinais através do número de ritmos. Entre os ritmos propostos pelo Seu Vizinho, estavam a marchinha, samba, samba-duro, samba-reggae, galope, pagodão baiano, xote, baião, *rap* 1 e 2, funk e Ijexá 1 e 2⁷¹. Ou seja, treze ritmos diferentes, além das viradas entre um ritmo e outro, bem como, levadas que antecediam os ritmos. Havia, portanto, a necessidade do estabelecimento de um diálogo atento e compromissado entre os instrumentos harmônicos, percussivos e a regência. Ensaiar, pode parecer simples, mas exigia tanto dos jovens regentes e músicos, quanto dos ritmistas, responsabilidade e disciplina.

A quantidade de ritmos presentes na bateria tinha a ver com a própria formação do Aglomerado. Embora o morro seja palco basilar para a produção do funk, do samba e do *rap*, por exemplo, no Aglomerado, por sua formação diversa com sujeitos vindos, especialmente do interior de Minas e Bahia, os ritmos não se limitavam a esses três, mas se ampliavam passando por inúmeros outros ritmos.

⁷⁰ Para conhecer a rigor a origem dos instrumentos a sonoridade e as funções que cumprem na bateria, ver em Espírito Santo (2011, p. 147-162).

⁷¹ Da mesma forma, para conhecer um pouco da origem e da sonoridade dos ritmos citados, ver em Espírito Santo (2011).

OS CORTEJOS/ROLÊS E O DESFILE DE CARNAVAL

Após dois anos de desfiles realizados com sucesso, houve por parte da comunidade certa cobrança de que o bloco percorresse outros trechos, ruas e becos do Aglomerado, de modo que, mais vilas e localidades pudessem participar, se apropriar e curtir o bloco. O Seu Vizinho, desde de a sua origem, tinha como território sede a Vila Marçola, também moradia da família Ribeiro. No entanto, como já informado, o Aglomerado contava com mais sete vilas, além desta. Ou seja, a maior parte da comunidade ainda estava alheia às atividades e ao desfile do Seu Vizinho. Após algumas reflexões compreenderam que não era possível o Seu Vizinho agregar toda a comunidade. Desta forma, assumiram uma limitação, bem como viram e incentivaram a criação de outros blocos dentro do Aglomerado.

No entanto, não contentes com a limitação, os jovens sugeriram cortejos ou “rolês”, como nomearam. Tratava-se propriamente de pré-desfiles, com trajetos e tempos mais curtos e em diferentes lugares do aglomerado. Aconteciam nos meses que antecediam o carnaval, em finais de semanas distintos. De forma que, outras partes da comunidade e outros moradores pudessem participar, conhecer e aproveitar um pouco da musicalidade e alegria do bloco carnavalesco.

Nos “rolês”, era possível ver o interesse de pessoas que ainda não conheciam o bloco, tampouco o projeto mais amplo desenvolvido, pessoas que dialogavam com os participantes e curtiam o som dos tambores. Os “rolês” eram também ensaios técnicos para o carnaval. Era onde os diversos participantes viam certas dificuldades, necessidades e possibilidades. Em preparação para o carnaval de 2018, foram realizados quatro cortejos, já na preparação para o carnaval de 2019, foram realizados apenas dois cortejos. A redução do número de cortejos, não era um desejo dos jovens organizadores, tampouco da bateria. No entanto, nesse ano, atropelados pelas inúmeras necessidades para organizar o desfile, não tiveram condições para promover mais cortejos. Tal contexto revela que a ampliação pautada na construção dos cortejos ou “rolês”, embora seja relevante, precisa ser compreendida dentro da dinâmica do SV e dos desafios que se fazem presentes nessa ampliação.

Figura 13: Pós cortejo realizado na Vila Marçola - região do "Pocinho"



Fonte: Seu Vizinho

Dessa forma, a centralidade foi a construção do desfile de carnaval, o grande evento do Seu Vizinho, realizado sempre às segundas feiras do feriado. O desfile representava o ponto de partida para outras atividades, era também o acontecimento que mais gerava visibilidade e demandava energia dos participantes. Era o evento que movia direta e indiretamente todas as outras práticas. Parecia revelar nos detalhes os modos de se organizar, de ser e se relacionar do Seu Vizinho. O desfile parecia uma síntese em forma de festa das experiências coletivas construídas e realizadas ao longo do ano.

Em 2018, a concentração para o desfile foi às dez horas da manhã, em uma praça onde há grande circulação de moradores do Aglomerado. Nela foi realizado um grande café da manhã com pães, frutas, sucos e café para a bateria, para os foliões e para a comunidade. Assim como nas práticas cotidianas, esse momento era indispensável para a construção de vínculos entre os presentes, bem como para a nutrição do corpo que enfrentaria um intenso dia. Em seguida, já em cima do trio os jovens contaram de forma breve a história do Seu Vizinho, os objetivos e às atividades desenvolvidas. Babi, no microfone, leu um texto preparado anteriormente pelo

grupo, que dizia *“Hoje é nosso grande dia! E todo mundo que tá aqui tem a oportunidade de fazer parte dessa transformação social. A festa é nossa, foi construída por nós! Vamos curtir com respeito! Não aceitamos nenhum tipo de preconceito! Machistas, racistas, homofóbico não são bem vindos! Cuide da rua! Lixo é no lixo! Respeite a Vizinhança!”*.

No trecho, o dia do desfile parecia representar o fim de uma jornada, a comemoração de um ano de práticas. Ao mesmo tempo, parecia representar o princípio, de novas construções e novas práticas continuadas. Significava o fôlego, a renovação das energias para o que viria pela frente. Ainda no trecho é possível perceber a abertura para a participação, para fazer parte da história do Seu Vizinho e das transformações sociais provocadas. A construção coletiva foi exaltada quando afirmaram que *“a festa é nossa, foi construída por nós!”*. Ainda, na continuação afirmaram algumas pautas importantes para o Seu Vizinho e para uma parte dos blocos de rua da cidade. No trecho é possível perceber que a festa só poderia ser bonita e completa, se houvesse respeito. Ao final desse depoimento, houve uma celebração com fogos de artifício, com sinalizadores, com fumaça colorida e muito barulho da bateria e dos foliões.

Antes de sair com o trio e iniciar o percurso, ainda houve uma abertura, uma espécie de “benção” dada por idosas moradoras da comunidade. Era a apresentação das idosas que faziam parte da oficina continuada de dança e literatura para a terceira idade – Grupo Vizinhas das C’Antigas, organizada pelo Seu Vizinho⁷².

Após a abertura houve a apresentação de um grupo de dança de jovens da comunidade e, em seguida, o trio saiu para percorrer mais ou menos dois quilômetros de trajeto. Ao longo do percurso os moradores da comunidade aproveitavam e participavam jogando água na bateria e nos foliões, emprestavam banheiros e auxiliavam na limpeza das ruas. Em pontos estratégicos, verificados anteriormente, algumas apresentações de dança de grupos do próprio aglomerado atraíam os olhares e davam mais brilho à festa. Ao final do desfile, após aproximadamente cinco horas de muita festa, chegavam ao local da dispersão. Antes que os participantes da bateria partissem, ainda teve um jantar, fornecido por um restaurante da comunidade.

⁷² A criação dessa atividade está relacionada a uma demanda da comunidade. No desenvolver das oficinas e aproximação com as famílias e a própria comunidade, os jovens, especialmente, Ana Luiza, companheira de Matheus, perceberam que havia muitos idosos ociosos nas casas. A partir da identificação da demanda, Ana Luiza, que é Terapeuta Ocupacional em parceria com uma professora da comunidade e participante das oficinas, organizaram as oficinas, que ocorrem às sextas feiras de cada semana, ao final da tarde. Infelizmente, não pude acompanhar essa atividade devido ao horário e sobrecarga de dados que havia acumulado com as oficinas de percussão, os ensaios e o desfile de carnaval.

Figura 14: Abertura do desfile de carnaval de 2018



Fonte: Seu Vizinho

O desfile no ano de 2019 teve uma dinâmica próxima do ano anterior, mas trouxe outros desafios e potencialidades, especialmente porque ocorreu em outro espaço. Se, anteriormente, o desfile acontecia entre ruas e becos, no presente ano devido a uma ampliação do bloco e também à possibilidade de visibilidade, o desfile ocorreu em uma avenida que perpassava o Aglomerado e os bairros do entorno. O fato de ocorrer numa rua movimentada inclusive com trânsito de carros demandava outras relações e cuidados, por isso os organizadores já haviam solicitado a presença da BHTrans para a sinalização do espaço. Aqui se verifica o primeiro desafio, a instituição não apareceu como foi acordado. PV e outros precisaram realizar pessoalmente a demarcação do espaço poucos minutos antes do horário previsto para o desfile. Os funcionários da BHTrans chegaram mais tarde, mas as pessoas e carros já estavam nas ruas, sendo difícil a organização do espaço. Tal fato não impossibilitou que o desfile ocorresse, mas nos convida a questionar qual é a postura das autoridades diante de um bloco de favela? Porque nos blocos fora das favelas as sinalizações tendem a ocorrer até em dias anteriores e no Aglomerado foi diferente? Consideramos que uma das possíveis respostas é o olhar que se tem sobre a favelas e os sujeitos que constroem esses espaços.

Contudo, consideramos que o desfile de 2019 evidenciou outros corpos, outros textos e contextos para o desfile. Vimos diversas cores e o “todo mundo junto e aglomerado” fazia ainda mais sentido. É possível dizer que houve maior participação dos moradores propriamente na rua, mas também em suas janelas, lajes, passeios embalados pela bateria e curtindo as suas maneiras àquele momento recheado de “boniteza”. Assim como no ano anterior alguns moradores jogavam água nos foliões, demonstrando que diferentes olhares e formas de participação são importantes. Além disso, a mistura de cores parece romper com a ideia de morro e asfalto, pois de fato vários sujeitos se misturaram naquele desfile.

Esse ano, já com a banda sobre o trio elétrico, a bateria chegava das ruas paralelas com os instrumentos sobre a cabeça, representando as mulheres do Aglomerado que carregavam por quilômetros água para abastecer as casas. Em seguida, já com a bateria em círculo, foi feita uma espécie de “bênção” das idosas que compõem a oficina Vizinhas das Cantigas, como no ano anterior.

Figura 15: Abertura do desfile 2019 com a "Benção" das Vizinhas das Cantigas



Fonte: Seu Vizinho

Antes do desfile começar, Babi leu um texto preparado anteriormente pelos jovens organizadores, que dizia:

Serrão! Mais de 100 anos de história e de luta! História que foi construída em comunidade, uma mão segurando a outra para suprir os vários anos ignorados pelo poder público. Pra quem não sabe, o Aglomerado da Serra foi feito por mulheres e hoje nosso desfile vai pra ELAS! Pra quem ia no parque buscar água, subia e descia ladeira com lata na cabeça! Pra quem conseguiu a primeira linha de ônibus! Pra quem lutou até chegar luz em casa! Pra quem trilhou os becos e vielas! Pra quem correu atrás dos primeiros centros de saúde! Pra quem lutou pra colocar os filhos nas escolas! Salve matriarcas da Serra que construíram esse lugar! Salve Aglomerado da Serra!!! A gente tem que valorizar e reconhecer quem veio antes. Estamos aqui hoje por causa de vocês. O tema do nosso desfile é a história do Aglomerado! É a minha história, é a sua história, é a nossa história! Porque nós acreditamos que todos somos vizinhos, seja do morro ou do asfalto, estamos todos juntos e aglomerados! Nos ajude a continuar essa história linda com respeito! Respeite a vizinhança! Não aceitamos nenhum tipo de preconceito e repressão! Racistas, machistas, homofóbico não são bem-vindos! Não é não! E, #EleNão! Cuida da rua! Lixo é no lixo! Fortaleça o negócio local! Vamos curtir o desfile com amor e respeito! Salve Salve Vizinhança! O melhor Lugar do Mundo é aqui e agora!

O texto lido por Babi representa as práticas e o modo de ser e se organizar do Seu Vizinho. Esse ano além de destacar novamente o trabalho coletivo e insistir no anúncio de uma cidade sem barreiras, construída por todos os cidadãos, fica em evidência *as matriarcas da Serra*, mulheres negras e mães em sua maioria que construíram e formaram social, política e culturalmente a comunidade. Um texto político que sugere o respeito pela vizinhança, especialmente para aqueles que chegavam de fora do Aglomerado, sugere um desfile e o cotidiano sem racismo, machismo e homofobia, em consequência, sem assédio e violência contra as mulheres, os negros e a comunidade LGBTQI+. Sugere uma rejeição ao atual presidente do país, visto como o representante de uma “política do ódio”, ao mesmo tempo em que anuncia o cuidado com o espaço público que ocupavam, o fortalecimento da economia local e um desfile com *amor e respeito*.

Figura 16: Desfile de carnaval de 2019



Fonte: Seu Vizinho

Após a leitura houve uma manifestação contrária ao atual presidente do país, fogos de artifício, sinalizadores e a primeira canção para o desfile “Serra Resiste”. Após entoar o hino do Seu Vizinho, inicia-se o desfile pela avenida. Ao longo do desfile muitas apresentações de artistas do Aglomerado da Serra, nas lajes e no trio elétrico cantando.

Após mais ou menos cinco horas e 800 metros percorridos, o desfile chegava ao fim, por volta de 19 horas da noite, como constava no alvará para o bloco Seu Vizinho e sob uma truculenta abordagem policial que exigia o desligamento do som, sem qualquer diálogo.

A euforia e alegria contagiou todos os participantes da bateria e envolvidos na organização do desfile. Após o término, ao mesmo tempo em que comiam um lanche/jantar cedido pelo bloco, comemoravam um maravilhoso dia de carnaval, cheio de experiências sociais, políticas e culturais.

5. O SEU VIZINHO: UM MOVIMENTO EDUCADOR DE FAVELA

Até aqui, a pesquisa percorreu um caminho repleto de experiências em que foi possível aproximar e compreender uma malha heterogênea que constituiu o Seu Vizinho desde a sua origem. Nesse percurso, foi possível descobrir uma ação coletiva empenhada em afirmar e construir lógicas mais democráticas de viver e se organizar, em diálogo com os diversos atores envolvidos. O SV se revelou um movimento educador, onde era possível construir conhecimento, descobrir e potencializar o lugar social de cada um e propor, a partir do exercício da ação e da reflexão, práticas comprometidas com um projeto de sociedade mais democrático, comunitário e popular.

Nesse capítulo, além de evidenciar algumas ações que ilustram bem o movimento enquanto educador, procurou-se desenvolver algumas reflexões em torno de atravessamentos vivenciados, que têm potencial para desviar o caráter social, político e cultural da ação.

O primeiro trecho apresenta as nuances que evidenciam as suas práticas como educadoras, bem como, algumas experiências práticas registradas e vivenciadas junto ao SV. Em seguida, discute-se a relação do SV com o território, ao mesmo tempo em que apresenta algumas reflexões que envolvem o lema *Todo mundo junto e aglomerado*.

Em seguida, apresentamos uma das bases da sua maneira de ser, o diálogo, bem como, além dos jovens, outros dois sujeitos que marcam o tom de organização da ação, a saber, as crianças e as *mães do bloco*.

No trecho seguinte, inicia-se uma reflexão, sobre a perspectiva de ser uma escola de arte. Por fim, o capítulo analisa as relações do SV com o movimento negro evidenciado até o momento.

5.1. RAÇA, GÊNERO E CONTEXTO POLÍTICO: REPERCUSSÕES DA EXPERIÊNCIA

Estar em contato com o SV proporcionava aos envolvidos a apropriação de valores, saberes e conhecimentos advindos da sua prática social e do exercício reflexivo sobre ela, nas oficinas, nas reuniões, no Papo Reto e no cotidiano. Com isso, a partir das relações sociais que se estabeleciam, os sujeitos tinham acesso a diferentes referenciais sociais, políticos e culturais e a uma gama de informações que os possibilitavam construir diferentes formas de ver e viver o cotidiano.

De acordo com Chassi (07/05/2018) “*O SV criou esse ambiente das diferenças de credo, de classe, racial, né? E a gente tá sempre discutindo, conversando, criando pontes e atividades aqui. A ideia é essa, criar alguma coisa, né? Não é a intenção da elite que a cultura chegue até aqui, então a gente vai criando coisas*”. A partir do trecho é possível perceber que essas experiências de formação social dos sujeitos, não se davam no isolamento ou fora das influências regulatórias de uma sociedade moderna/colonial, como os atravessamentos *de credo, de classe, racial* e, incluso, o de gênero. Portanto, elas aconteciam em meio às tensões sociais, nos conflitos inerentes às trajetórias de cada sujeito ou coletivo envolvido. No entanto, para além da adaptação⁷³ ao mundo, as experiências possibilitavam a ação sobre ele. As experiências educativas e formativas, nesse sentido, representavam esforços da construção do conhecimento crítico sobre os obstáculos, um processo gradativo, ora lento e outras vezes acelerado, de tomada de consciência do seu lugar social, das tensões e das possibilidades de transformação (FREIRE, 1987; 1996; ARROYO, 2015).

A dinâmica do SV proporcionava aos sujeitos envolvidos a possibilidade de construção de um conhecimento crítico sobre o mundo e sobre si mesmo, por meio da participação nas ações e da possibilidade de intervir naquele contexto, avaliar e compreender as tensões, as dificuldades e as possibilidades existentes para a transformação social. As experiências produzidas no SV ganhavam sentido na medida em que eram vividas (FREIRE, 1987; 2012; BONDIA, 2012). O próprio processo de vivência envolvia dúvidas, provocações, mudanças pessoais e coletivas, que é “inseparável da produção mais básica da existência, do trabalho, das lutas por condições materiais de moradia, terra, transporte, [...] de alimentação, de segurança” (ARROYO, 2011, p. 246).

Marina (18/05/2018) aponta que as transformações sociais pretendidas estão justamente nos processos e nas experiências vividas. De acordo com ela “*acessar a cidade, estar em contato com pessoas diversas, participar de uma roda de conversa e reuniões abertas, aprender coisas novas é tudo transformação social*”. O trecho remete à dimensão formativa da experiência, que perpassa o exercício da cidadania, a construção de valores e posicionamentos democráticos, bem como a capacidade para o reconhecimento, valorização e convívio com a diferença.

⁷³ Adaptar-se, neste caso, tem sentido de adequação e aprisionamento às normas socialmente impostas. Tem sentido de adaptação ao percurso civilizatório moderno/colonial, que hierarquiza tempos, espaços e sujeitos (FREIRE, 1987; 1996).

É possível dizer que as experiências educativas e formativas de participação no SV eram intensas e permanentes, que envolvia os sujeitos em suas relações com o sistema social em que estavam imersos. Dessa forma, pode-se dizer que havia um processo de formação humana e social, que se dava a partir da experimentação e do exercício da participação, do diálogo e do reconhecimento, que não impedia o atravessamento de disputas, aproximações e afastamentos de uma realidade social heterogênea passível de estranhamento e questionamento (BONDIA, 2012; MARTINS, 2016)

Em meio às transformações vivenciadas nos processos de construção e desenvolvimento do SV, os diversos sujeitos envolvidos produziram e tiveram acesso a importantes experiências, educativas e formativas. As atividades, o comprometimento e entrosamento do grupo levaram muitos deles a um grau significativo de imersão em torno das ações e dos assuntos tratados pelo SV. Desta forma, é possível dizer que essas experiências educativas e formativas estavam para além das clássicas instituições de ensino – escola ou a universidade. O SV era um local privilegiado para a produção e apropriação de conhecimento, saberes e posicionamentos que, em parte significativa das vezes, não são valorizadas no contexto moderno/colonial (ARROYO, 2011; 2012). Dessa forma, o SV se constituía como um movimento educador, a partir da produção de valores e significados em uma relação dinâmica entre os sujeitos, em seus anseios, divergências e tensões diante da realidade social.

A QUESTÃO RACIAL: NEGROS EM MOVIMENTO PELAS LUTAS ANTIRRACISTAS

Discutir relações raciais, negritude, cor/raça, ações afirmativas no desenvolvimento do Seu Vizinho não era o objetivo central. No entanto, vez ou outra os jovens organizadores se deparavam com algumas reflexões e indagações sobre esse campo do conhecimento. Na própria constituição do bloco, com a compreensão da dupla exclusão dos sujeitos negros, impedidos de produzir ou participar da manifestação carnavalesca da cidade. Ou mesmo quando foram “acusados” por alguns moradores de serem um bloco de *playboy*, pois como afirma Chassi (07/05/2018) “*Ser playboy tem a questão social, mas tem também a questão racial, né?! Ou seja, a pauta da negritude, das relações raciais e ações afirmativas estiveram presentes desde o processo inicial de constituição do Seu Vizinho.*

Os jovens compreendiam a questão racial dentro do objetivo mais amplo da ação. Ou seja, negritude, identidade negra e relações raciais eram compreendidas dentro das tramas que

envolviam o Aglomerado da Serra. Eles entendiam a importância dos debates em torno do tema e a relevância para o contexto em que estavam imersos. Dessa forma, a questão racial aparecia articulada às demais pautas do SV.

Embora houvesse essa compreensão, nas oficinas, atividades e ações, dificilmente a questão era abordada diretamente. Isso somente veio a acontecer a partir de um pré-convite para uma apresentação no Festival de Arte Negra – FAN⁷⁴, em 2017. O convite não chegou a se concretizar, no entanto, mobilizou o coletivo para debater diretamente o assunto. Motivado por ele, os jovens sentiram a necessidade de lidar diretamente com o tema, produzindo atividades que proporcionassem momentos de reflexão sobre relações raciais em nossa sociedade e no contexto da Serra. Foi quando duas mulheres negras, uma delas moradoras do Aglomerado, foram convidadas para debater “*identidade, negritude e ações afirmativas*”⁷⁵ com os participantes da oficina de percussão. Em quatro encontros, as duas educadoras auxiliaram o grupo a compreender questões pertinentes ao tema. Os encontros foram feitos no momento inicial das oficinas de percussão e tomavam cerca de uma hora do seu tempo.

Tratar do assunto tocou a todos e parece ter gerado diferentes reações nos sujeitos. As conversas reverberaram e puderam ser estendidas para além das oficinas. Babi (19/09/2017) em uma reunião dos organizadores disse ter encontrado durante a semana uma jovem que havia participado da oficina. A jovem afirmou ter pensado sobre os temas debatidos e que após as oficinas percebeu vários episódios de racismo com ela e a família.

Os próprios jovens organizadores, embora já tivessem certa aproximação com a temática, foram provocados pelos debates e reflexões feitas pelas educadoras convidadas e pelos presentes. As oficinas sobre relações raciais, identidade, ações afirmativas, negritude parecem ter desencadeado algumas reflexões sobre o tema e potencializado a apropriação dessa pauta por parte do grupo.

Durante a entrevista Marina (18/05/2018) afirmava que abordar esse tema era importante para o SV, porque auxiliava a todos os presentes a construir um senso crítico sobre o assunto. Para ela, o debate sobre o racismo possibilitava desconstruir representações e

⁷⁴ O Festival de Arte Negra - FAN é evento de grande importância para o estado de Minas Gerais, tanto no que tange à valorização das culturas de matrizes africanas quanto à democratização do acesso aos bens artísticos. Contribui, além disso, para a internacionalização da capital mineira, a movimentação da cadeia produtiva do setor e a promoção da diversidade cultural. Disponível em <http://www.fan.pbh.gov.br/o-festival/historico/>, acesso em 13/03/2019.

⁷⁵ Termos/conceitos extraídos de uma postagem nas redes sociais do Seu Vizinho em 31/10/2017.

estereótipos de inferiorização e deslegitimação de sujeitos por sua identidade, raça/cor ou fenótipo. Afirmava ainda que, após os encontros e os depoimentos sobre as diversas violências, impedimentos e distanciamentos provocados pelo racismo e relações raciais desiguais, refletiu sobre o seu lugar de privilégio como mulher branca. Ela ainda afirmava que os momentos de construção e aprendizado coletivo, os encontros, os compartilhamentos de experiências, os depoimentos, as explicações das educadoras a fizeram refletir sobre seu lugar social, os privilégios da branquitude e as possibilidades de atuação naquele contexto.

Matheus foi outro que se sentiu muito provocado pelos encontros. Ele pôde ao longo das oficinas refletir sobre sua própria construção identitária. Até o momento da sua entrevista (18/05/2018), ele ainda trazia questionamentos sobre sua identidade racial. Com o passar do tempo pode-se perceber uma maior segurança em afirmar sua identidade enquanto um “*negro de pele parda*”.

Os quatro irmãos também autodeclarados negros, com os encontros, as provocações, os debates e os depoimentos parecem ter tido a oportunidade de fazerem um mergulho nessas questões, que os tocavam diretamente. Bem como, potencializado o desejo de cada um, com maior e menor intensidade, de ter um aprofundamento também teórico sobre os temas pertinentes.

Embora fosse possível perceber os aprendizados e as potencializações nos diversos sujeitos participantes do SV, Babi (16/05/2018) ainda acreditava que a abordagem estava aquém do que desejava e era necessário. Esse contexto reforça o quanto o mito da democracia racial⁷⁶ no Brasil é ainda latente. Os diferentes depoimentos revelam o quanto situações de racismo foram identificadas após as reflexões, bem como reflexões sobre lugar de privilégio, o que contribui significativamente para o enfrentamento do racismo. Falar de negritude e racismo é uma possibilidade de descortinar um racismo institucional e debatermos acerca da temática.

Por sua trajetória e outros encontros após a imersão no SV, ela parecia compreender que o racismo e as pautas pertinentes à raça/cor estruturavam as relações sociais, políticas e culturais, por isso precisavam de maior tempo dedicado ao debate.

⁷⁶ A ideia de democracia racial foi e ainda é presente no imaginário coletivo da sociedade brasileira. Tal ideal sustenta a argumentação de que não há a existência de raças, apostando na ideia da miscigenação e da mistura, e portanto, pressupõe a inexistência de hierarquias ou conflitos raciais. Nessa perspectiva, se destaca o discurso de “somos todos iguais”, vivendo democraticamente todas as oportunidades e direitos, além de atribuir “apenas ao passado escravista as desigualdades sociais e econômicas entre brancos e negros no Brasil”. O mito da democracia racial como ficou conhecido, embora seja de fato um mito, aparece na vida social como uma realidade que sustenta muitas posições, com diversas repercussões. Esse ideal construído estrategicamente, serve como um discurso de garantia de privilégios (SILVA; ROSEMBERG, 2018, p.76).

Além dos debates, das conversas e reflexões, acredito que os jovens conseguiram dar ênfase nos assuntos que envolviam a questão racial de outras maneiras. Uma parte significativa do repertório do SV, continha letras que afirmavam o valor dos sujeitos negros e das suas culturas, como exemplo, as músicas: “Pérola Negra”, composta por três artistas negros da Bahia, Militão/Guiguió/René Veneno, que enaltece a cultura afro-brasileira, especialmente a cultura Baiana através da referência ao bloco-afro Ilê Aiyê; e, “Que bloco é esse?”, composta pelo artista negro baiano, Paulinho de Camafeu, conhecida através do bloco-afro Ilê Aiyê, que afirma a potência do sujeito negro.

Essas duas músicas faziam parte do repertório do SV que remetiam diretamente aos assuntos pertinentes à questão racial e à população negra. Após algum tempo de observação pude perceber que aos poucos os jovens davam mais ênfase nas letras das músicas ao cantá-las, especialmente em apresentações, quando faziam comentários que expressavam sua identificação racial e a própria pauta em questão no SV.

Entre estas canções outras duas se destacavam. A primeira era a música “Cota não é esmola”, de Bia Ferreira, mulher negra de 25 anos nascida no interior de Minas Gerais. A canção no SV era entoada por duas adolescentes negras de quatorze anos, acompanhadas por Babi. A música entrou no repertório após uma apresentação das duas no CCVM. Após a primeira apresentação, elas repetiram mais algumas vezes em grandes manifestações na cidade representando o SV, duas ainda durante as eleições para presidência do país. Esta canção ainda era entoada nos ensaios e no desfile de carnaval do SV. Em 2019, a bateria se agachou para que as vozes e a letra da música ficassem em evidência. A música era uma afirmação da identidade e da pauta levantada e abraçada pelo SV, ao mesmo tempo uma denúncia, uma provocação em relação à situação dos sujeitos negros na sua relação com a universidade.

A segunda canção era “Serra Resiste”, anunciada várias vezes nesta dissertação com pequenos trechos. A música de PV que se tornou hino para o Seu Vizinho dizia nas frases finais, “*Respeite a nossa cultural. Nossa carne é dura de colonizar*”. A frase carrega a marca do sujeito morador do Aglomerado da Serra, pois a afirmação refere-se ao contexto e ao objetivo central do SV. No entanto, é possível dizer que nessa frase está contida também a identidade racial que marca o contexto, o SV e o próprio país. Na maioria dos ensaios e apresentações, quando a canção era entoada, PV fazia um gesto apontando sua própria pele. A pele de um sujeito preto e morador do Aglomerado da Serra. Estava afirmando suas identidades, mas também o compromisso assumido pelo coletivo de colocar em pauta a questão racial.

Novamente é possível dizer sobre atravessamentos e induções do movimento negro e dos negros em movimento pelas lutas antirracistas e ações afirmativas no Brasil. O debate sobre a questão racial, as relações raciais, a identidade, os privilégios da branquitude ocuparam o cotidiano do SV de diferentes maneiras, extrapolando inclusive as tradicionais rodas de conversa e passando a atuar através das letras das músicas. O que demonstra que a discussão sobre a dimensão racial teve repercussões importantes e que a construção de uma identidade negra é processual, pois demanda enfrentamento de diferentes violências, especialmente um racismo estrutural.

Ao movimentar a pauta o SV deslocava, provocava e propunha o diálogo com cada um que participasse das ações, visse as apresentações ou escutasse as canções. Dessa forma, o SV era capaz de suscitar nos encontros e nos compartilhamentos a indignação diante do racismo e das relações raciais desiguais. Tornava-se, fazia parte ou era o próprio “*Movimento Negro Educador*”⁷⁷, construindo elementos para sua própria emancipação em diálogo com outros movimentos e sujeitos engajados com lutas sociais, políticas e culturais (GOMES, 2011; 2017).

A QUESTÃO DA MULHER: “A GENTE TAMBÉM FAZ”

Assim como a questão racial, os assuntos pertinentes à “mulher” no SV, não eram um objetivo central. Da mesma forma, a questão atravessava as ações desde o princípio, por meio, por exemplo, da forte presença das mães e de outras mulheres nas atividades, nos eventos e na organização do SV.

Os/as jovens organizadores/as compreendiam as questões tocantes à mulher, dentro do objetivo mais amplo da ação. Ou seja, o lugar social da mulher, as desigualdades de gênero, as violências provocadas pelo machismo eram compreendidas dentro das tramas que envolviam o Aglomerado da Serra. Eles entendiam a importância de fomentar o debate em torno do tema e a relevância para o contexto em que estavam imersos.

Embora houvesse essa compreensão, o tema dificilmente aparecia nas reuniões, nas oficinas e nas atividades. Diferentemente dos debates em torno da questão racial, a questão da mulher parecia, inicialmente, ter menos força dentro do SV. Não houve rodas de conversa sobre

⁷⁷ Movimento Negro Educador é a expressão que dá nome ao livro tese de Nilma Lino Gomes. “Movimento é educador porque gera conhecimento novo, que só alimenta as lutas e constitui novos atores políticos, como contribui para que a sociedade em geral se dote de outros conhecimentos que a enriqueçam no seu conjunto (GOMES, 2017, p. 10)”.

temas relacionados, não foram feitos convites para outras mulheres proporem debates, rodas de conversas e formações relevantes sobre o assunto. Embora houvesse, por parte dos diversos sujeitos participantes, respeito, reconhecimento e pré-disposição para a assimilação de questões pertinentes em função de suas referências maternas e das “*mães do bloco*”, o assunto ganhou força, quando Babi, Núbia e Marina, passaram a se afirmar e pontuar questões inerentes dentro das reuniões de coordenação, nas oficinas e em diferentes ações, bem como a participarem em atos públicos em defesa dos direitos das mulheres e contra as desigualdades de gênero.

Assim se manifestou Babi (16/05/2018), sobre a centralidade dada aos homens da equipe, especialmente, em lugares de representação do SV – eventos, palestras, rodas de conversa, mídias televisiva e radiofônica: “*A gente teve que chegar e mostrar a cara, teve palestra do SV que eu fui. Teve palestra que era pra mulher falar. E se não tivesse mulher? Então estamos aqui. A gente divide funções e eu acho isso muito importante, não só pela representatividade, mas porque a gente também faz*”. No depoimento, Babi afirmava a necessidade de pontuar, de questionar e *mostrar a cara* diante de um cenário social que privilegia a figura do homem, para que a questão da mulher fosse inserida no contexto, bem como para que a participação das mulheres na idealização e desenvolvimento da ação fosse reconhecida, “*porque a gente também faz*”.

É difícil estabelecer um marco temporal para a ascensão do assunto, pois vem percorrendo a ação desde o processo de idealização do Seu Vizinho. A explicitação de forma mais veemente por parte das mulheres que compõem a equipe de organizadores parece ter se intensificado à medida que as jovens e o SV se envolviam com outros grupos e pessoas engajadas com essa questão e assuntos que estão em torno desse tema.

A ação das mulheres da equipe, assim como as “*mães do bloco*” evidenciava a figura da mulher e questões que permeavam a temática. De certa maneira, essa ação deslocava a centralidade dos homens e afirmava a figura das mulheres. Elas, se afirmarem garantiam, não apenas o direito das sujeitas envolvidas no cenário do SV de participarem e serem reconhecidas, mas também de ampliarem um debate necessário sobre estruturas de poder que cercavam o Aglomerado.

A presença e o posicionamento das mulheres no SV tocou a todos e parece ter gerado diferentes reações nos sujeitos, especialmente nos homens que faziam parte das atividades do SV. A postura de reconhecimento nos diferentes ambientes de construção e organização do SV foi uma conquista, que estava relacionada às trajetórias das mulheres que compunham as ações.

Mas também é possível dizer que o movimento histórico de mulheres em suas lutas cotidianas por equidade de gênero, influenciou e influencia as mulheres do SV a se afirmarem no movimento e proporem pautas próprias (GONZALES, 1984; LUGONES, 2012).

O SV, assim como uma parte dos blocos da cidade, assumiu as questões pertinentes às mulheres em tom de denúncia das desigualdades e das violências produzidas por um sistema patriarcal, que no carnaval “é atualizado com toda sua força simbólica”. Nesse período do ano, a mulher se torna um produto erótico e exótico a ser vendido e exposto nas ruas, nas capas das revistas e nas propagandas, sobretudo a mulher negra (GONZALES, 1984, p. 228).

Existem dois exemplos da repercussão dessa experiência gerada em torno da questão no SV. A primeira é a retirada da música “Me solta”, do artista Nego do Borel, do repertório do SV. A música havia sido praticada nos ensaios para o carnaval de 2019, no entanto, após as críticas geradas na mídia e algumas reflexões sobre a temática, a equipe organizadora optou por retirar a música do repertório devido ao seu caráter misógino. Ou seja, por apresentar características de inferiorização, ridicularização e estereotipação da mulher e dos sujeitos LGBTQI+ no clipe oficial da canção e em sua letra.

O segundo exemplo, é a dedicatória do desfile de carnaval de 2019. No desfile desse ano, além da manifestação contrária ao assédio e desrespeito com as mulheres no contexto do carnaval e no cotidiano, o SV dedicou seu desfile a “Elas”, as matriarcas do Aglomerado da Serra. Um anúncio da força dessas mulheres que construíram a comunidade. Babi, antes de iniciar o desfile declara no microfone: *“Pra quem não sabe, o Aglomerado da Serra foi construído por mulheres e hoje nosso desfile vai pra Elas”*⁷⁸.

O debate sobre a questão da mulher, as desigualdades de gênero, o lugar social da mulher, as violências provocadas pelo machismo ocuparam o cotidiano do SV de diferentes maneiras, a partir da forte presença das mães, das jovens na equipe organizadora, na retirada de músicas que iam contra a forma de pensar do coletivo e por meio do anúncio da importância das mulheres na construção do Aglomerado da Serra, no desfile de 2019.

As questões pertinentes às mulheres eram movimentadas no SV fortemente através da prática e dos discursos de denúncia e afirmação. Os debates ainda não tinham sido acionados em rodas de conversas, oficinas e palestras da mesma forma com que os temas pertinentes às relações raciais e território haviam percorrido. No entanto, esse movimento prático desencadeava deslocamentos e propunha diálogos com os diversos envolvidos. Dessa forma, o

⁷⁸ Esse texto foi produzido pela equipe organizadora e apresentado na abertura do desfile de carnaval de 2019.

SV era capaz de suscitar, durante as ações, certa desnaturalização do papel social da mulher e das imposições de um sistema social machista. O SV era um espaço de afirmação e de produção de elementos para a emancipação das mulheres em diálogo com outros movimentos e sujeitos engajados com lutas sociais, políticas e culturais.

CONTEXTO POLÍTICO ATUAL: APROXIMAÇÕES COM A POLÍTICA PARTIDÁRIA

Outro tema que envolveu os sujeitos do SV foi o contexto político vivenciado. Não era foco das ações uma atuação político-partidária e o engajamento em questões que diziam respeito diretamente ao âmbito das mobilizações para pressionar o poder público por questões específicas. Mas o contexto eleitoral brasileiro trouxe para o coletivo o tema da política partidária. Embora, individualmente compreendessem a importância da aproximação com a questão, eles não cogitavam até certo momento produzirem debates ou aprofundamentos em torno do assunto no SV.

A falta de desejo pelo tema parecia estar relacionada a uma descrença por parte da população em relação a política partidária/representativa (ZIBECHI, 2015; 2017). Mas, acredito que, sobretudo, a população moradora do Aglomerado da Serra e outros sujeitos inseridos nesse contexto, não se interessavam pelos assuntos pertinentes, pois estes representavam o distanciamento e/ou a ausência do Estado ou do “político profissional” no território. Ou seja, o interesse pelo tema parecia proporcional à presença de políticas públicas de apoio ao território.

Vincular-se a uma bandeira política partidária, simbolicamente e institucionalmente, mesmo que fosse do interesse pessoal de cada um, não parecia para a coordenação uma ação democrática. Pois, acreditavam que para levantar uma bandeira antes era necessário debater o tema internamente, para saber se o coletivo tinha a mesma opinião. Ao mesmo tempo, pelo desinteresse dos moradores pela questão, acreditavam que poderia não ser uma boa estratégia de aproximação e construção de diálogo.

Até certo momento, o posicionamento dos jovens era de que somente adeririam a uma bandeira política partidária se houvesse debates em torno do tema que possibilitassem a compreensão coletiva do assunto. No entanto, pela visibilidade e crescimento das ações, eles passaram a ser indagados por participantes e outros sujeitos ativistas sobre o posicionamento do SV.

O contexto político brasileiro desde o golpe de estado em 2016⁷⁹ até as eleições de 2018, fizeram com que os jovens passassem a debater o tema, em lugares e de formas diferentes. Pude ver ao longo das observações conversas inerentes ao assunto nas reuniões dos organizadores, nas oficinas de percussão, no Papo Reto e até mesmo em eventos e apresentações do SV. O tema passou a permear o cotidiano das ações do SV e envolver os participantes. Era possível notar, por meio das redes sociais posicionamentos políticos que caminhavam na mesma direção. Mas, ao mesmo tempo, ainda era possível perceber algumas pessoas aparentemente alheias aos debates. Até que para as eleições presidenciais em 2018, um candidato ganhava destaque nas mídias e nas pesquisas de opinião e apresentava por meio de um discurso de ódio, autoritário e preconceituoso, propostas que representavam retrocessos à população de maneira geral, mas, sobretudo, à população *pobre, preta e favelada*. O que atingia diretamente o SV.

A partir desse momento, os debates e os posicionamentos coletivos passavam a ser vistos como uma necessidade. Para isso os jovens organizadores inseriram comentários e breves reflexões durante as oficinas de percussão e outras atividades que elucidavam a importância de compreender o contexto político partidário.

Num dado momento, para além das conversas e comentários, os jovens se sentiram no dever de se posicionar utilizando o nome do SV, o estandarte e falar em nome do grupo. Mesmo sem uma conversa ou um debate interno decidiram participar, após convites, das marchas organizadas por mulheres intituladas #EleNão. Nas marchas, Babi e mais duas adolescentes representando o SV subiram no caminhão de apoio para cantar “Cota não é esmola” e se posicionarem contra o então candidato à presidência Jair Bolsonaro.

Após a participação nas manifestações e a efervescência dos debates, o SV propôs uma roda de conversa sobre política partidária e convidou duas figuras públicas, o então candidato a Deputado Estadual, Rafael Barros e a candidata a Deputada Federal, Maria da Consolação, ambos do Partido Socialista e Liberdade – PSoL. Foram feitos convites para outros partidos que, no entanto, não se interessaram. A roda de conversa tinha a proposta de conversar sobre “*Política no mundo, no Brasil, na cidade, no morro, na rua, no Seu Vizinho e até mesmo dentro de nossas casa*”⁸⁰. Mas, aproveitando a presença dos candidatos era também um espaço para compreender as propostas de cada um.

⁷⁹ Para saber mais ver, Vera (2018) e Silva Filho (2018).

⁸⁰ Texto parcial publicado no *Instagram* de @oblocoseuvizinho em 02 de outubro de 2018.

A roda de conversa foi realizada no período noturno e contou com um público reduzido. De qualquer forma, foi um momento oportuno para a abertura ainda maior do diálogo em relação ao tema. Em nenhum momento foi possível reunir todos os participantes das diferentes ações do SV para uma conversa, no entanto, os jovens compreenderam que já não bastava mais esperar por uma participação e compreensão coletiva, mas de se posicionar e provocar possíveis diálogos com diferentes posicionamentos políticos.

Mesmo com o fim das eleições, as manifestações contrárias a Jair Bolsonaro permaneceram ativas no contexto do coletivo. Durante o desfile de carnaval de 2019, Babi puxou uma manifestação, repetidas inúmeras vezes no carnaval de rua da cidade, “*Ai, aiaiai, aiaiaiaiai, Bolsonaro é o carai*”, que foi entoada em coro pela bateria e por grande parte dos, aproximadamente, cinco mil foliões presentes. A manifestação representava não somente uma rejeição ao político em questão, mas também um envolvimento do SV com o contexto político atual e a abertura para discussões mais profundas em relação à experiência vivida.

O debate sobre a política partidária/representativa e assuntos inerentes, bem como a importância de um posicionamento público por parte do SV, passaram a fazer parte do dia a dia do SV. As questões pertinentes eram movimentadas através de conversas cotidianas, em reuniões e por meio de manifestações públicas, nas redes sociais e em apresentações. Ainda não havia um momento específico e contínuo para essa formação, mas esse movimento desencadeava deslocamentos e fomentava o debate com os diferentes envolvidos. Desta maneira, o SV suscitava provocações e aproximações com as questões que envolviam a política partidária/representativa. Tratava-se de um espaço não neutro, expunha certas opiniões e provocava o diálogo.

5.2. “MOVIMENTO E BLOCO DE FAVELA”: TODO MUNDO JUNTO E AGLOMERADO?

O Aglomerado da Serra e os temas que o envolviam mostraram-se, durante a pesquisa, como essenciais nos processos de idealização e desenvolvimento das ações. O SV nasceu por meio da perspectiva de produzir um bloco na comunidade e no seu desenvolvimento se identificou como um “*Movimento e um bloco de favela*”.

Pude perceber que o Aglomerado se configurava não apenas como uma localização geográfica, mas como um território vivo, expressivo e repleto de experiências sociais, políticas e culturais permanentemente em construção e desenvolvimento. Assim como a própria cidade de Belo Horizonte, um território produzido histórica e socialmente. Ou seja, inserido em uma trama social de produção de desigualdades, representações e diferentes modos de ser e viver (SANTOS, 2000; 2005).

O SV permitiu que as experiências do Aglomerado se conectassem com suas próprias ações e sujeitos. Dessa forma, buscava apresentar outra perspectiva, distante dos estereótipos presentes no imaginário social sobre esse território. Bem como, colocar em debate os estigmas que envolviam o *morro* e o *asfalto*.

Pude perceber desde o princípio que os jovens faziam comentários que levavam os demais participantes a compreenderem esse núcleo que perpassava todas as atividades. Durante as oficinas, nas reuniões entre os organizadores, no Papo Reto, nas apresentações, os jovens abriam conversas e reflexões sobre as dificuldades de desenvolver atividades e eventos no morro, sobre os estigmas negativos que acompanhavam o território, os moradores e o próprio SV e sobre a dificuldade de estabelecer relações entre morro e o asfalto. Mas, conversavam também sobre as possibilidades de desenvolver essas mesmas atividades, sobre a importância de afirmar e desnaturalizar as imagens produzidas sobre o Aglomerado, sobre a necessidade de construir pontes entre diferentes territórios e sobre fazer alianças com outras comunidades. Ou seja, o tema e seus assuntos relativos eram debatidos amplamente em diferentes tempos e espaços do SV e mesmo fora dele, como quando foram convidados para participar do evento, “Bate Papo com o Morro – Ocupações”, realizado em 2017, no bar Benfeitoria, localizado no centro de Belo Horizonte ou do evento “FEST AFRO 2018” – Festival Santa-Mariense de Cultura Afro, realizado em 2018, na Comunidade Quilombola do Barro Preto, Santa Maria de Itabira/MG, entre outros.

As conversas sobre o território provocavam constantemente os sujeitos do SV a fazerem diferentes reflexões, para compreenderem e se deslocarem de representações equivocadas, estigmas e estereótipos sobre o Aglomerado da Serra e seus moradores.

Entre os jovens organizadores, os “de dentro” pareciam a cada instante se afirmarem mais enquanto moradores do Aglomerado e a fazerem reflexões cada vez mais profundas sobre seu lugar no mundo e sobre o território. Embora, essas reflexões sobre o território já perpassassem suas trajetórias de vida, sem dúvida, foram intensificadas e ressignificadas a partir

do processo de idealização do SV. Como afirma Babi (16/05/2018) *“Quando eu era mais nova, eu realmente tinha vergonha de morar na favela. Por conta do preconceito. [...] depois eu comecei a assumir onde eu morava, porque onde moro não me define”*. Afirmar sua identidade territorial foi para ela uma construção. Acreditar que seu território de moradia não a definia a auxiliava a afirmar-se enquanto moradora e, conseqüentemente, afirmar o próprio território.

Por parte dos não moradores, pude perceber em princípio reflexões em torno dos estigmas que acompanhavam o território, como afirma Matheus (08/05/2018) *“Eu tinha outra visão, a visão de preconceito realmente e, no sentido de tipo assim, de imaginar o que cê vê no jornal, na mídia”*. No depoimento, além de reconhecer seu preconceito em relação à favela, ele demonstra construir uma visão crítica sobre as representações que esses territórios têm nas mídias comerciais.

O relato de Marina (18/05/2018), sobre uma roda de pagode no Aglomerado da Serra da qual participou, expressa um pouco essa tensão entre ser ou não do morro: *“Eu cheguei, o bar inteiro olhou pra mim. Tipo assim! O que essa menina branca de olho claro e cabelo liso está fazendo aqui? Mas, eu não julgo, porque sei que são tratados assim a vida inteira. Então eu acho que tem que ser com calma, pra eles verem que não estou ali pra sugar, que eu não estou ali pra zueira e pra tirar fotinha no morro, entendeu?”*.

Além desses registros em torno do tema, os organizadores/as se esforçavam para manter ou inserir no repertório da oficina e do desfile de carnaval músicas em que as letras remetiam a assuntos pertinentes, como exemplo, a música “Alagados”, composta por Felipe de Nobrega B. Ribeiro / Joao Alberto Barone Silva / Herbert Vianna, que problematiza a realidade vivida na favela. Além desta, no final de 2017, PV apresentava a música “Serra Resiste”, que manifesta em cada frase uma densa reflexão sobre o território e temas pertinentes, desde a formação social do Aglomerado quando fala *“Meu povão jogado às margens, aqui foi se aglomerado”*, passando pela intencionalidade e descaso do poder público na frase *“Eles lá fazem reforma, sempre nos prejudicando”*, até a afirmação do território na frase *“Repare na beleza desse meu povão. Sou bloco de favela, sou perifa sim!”*. Essa música, além de ser um hino para o coletivo, representava uma forma de pensar construída coletivamente através da própria experiência e de reflexões sobre ela. A música era apresentada constantemente nas oficinas e nos ensaios para o carnaval, mas também era entoada nas diversas mídias em que o SV participava e, em 2019 foi cantada no desfile do bloco “Então, brilha!”, que arrastava aproximadamente 500 mil foliões.

As canções auxiliavam na construção permanente de novas reflexões, necessárias para a construção de diálogos, debates e ações sobre e com o território.

Essas novas reflexões que apareciam continuamente eram fruto do cotidiano do SV e do encontro com outros agentes sociais que movimentavam a cidade. Entre as reflexões feitas pelos jovens uma delas girava em torno do lema, *Todo mundo junto e aglomerado*. O lema, embora marcasse por meio da palavra “*Aglomerado*” uma raiz cultural, poderia ocultar ou até mesmo apagar as diferenças entre os sujeitos, sobretudo, aquelas que precisavam ser ressaltadas e afirmadas.

Essa reflexão apareceu pela primeira vez através de PV e pude escutá-la em conversas pessoais e por meio de falas suas em mídias e apresentações. Em um cortejo/manifestação realizado no Aglomerado, antes do segundo turno das eleições presidenciais de 2018, na presença de um número aproximado de 300 pessoas, PV (27/10/2018), no microfone afirmava, “*Aqui é todo mundo junto e Aglomerado, mas não é todo mundo igual. Tem muitas diferenças aqui*”. Ele valorizava a presença, a participação e o compartilhamento de experiências entre as pessoas, mas fazia questão de marcar as diferenças existentes. Havia no local brancos, negros, mulheres, homens, transgêneros e outras identidades, mas, sobretudo, moradores e não moradores que não poderiam ser homogeneizados ou compreendidos de maneira falaciosa em igualdade de oportunidades e direitos.

O lema, reproduzido sem reflexão poderia potencializar uma homogeneização e, com isso, promover o apagamento ou o esquecimento de hierarquias, conflitos e tensões existentes entre os sujeitos e os territórios. O ideal de que “*somos todos iguais*”⁸¹ está fortemente presente no imaginário social brasileiro (CARVALHO, 2003). Tal ideal sustenta a noção de que não existem diferenças raciais, sociais, de gênero, territoriais, entre outras. Essa percepção da não existência das diferenças poderia impactar diretamente no reconhecimento e na afirmação da identidade e da cultura do Aglomerado e dos seus moradores, historicamente marginalizados. Nesse sentido, o lema “*Todo mundo junto e Aglomerado*” poderia sustentar uma estratégia moderna/colonial de manutenção de privilégios e controle das identidades e territórios subalternizados. Ou seja, o não reconhecimento das diferenças, poderia legitimar um discurso homogeneizador e ao mesmo tempo excludente, que inviabilizaria outras formas de ser

⁸¹ O autor refere-se ao mito da democracia racial, em que o lema “somos todos iguais” é predominante. No entanto, acredito ser possível estender a compreensão para as diferenças como um todo, por isso, o uso do termo e a afirmação.

(RIBEIRO, 2017, p. 31). Essa reflexão tinha o objetivo de valorizar as diferenças, mas sobretudo, de colocar em evidência os conflitos, as tensões e as hierarquias que envolvem o ser morador do Aglomerado.

O debate sobre as diferenças promovido através da reflexão sobre o lema remetia ao propósito do coletivo de misturar morro e asfalto e essa mistura provocava outra reflexão, que remetia à presença ambígua de não moradores no SV. Sob um olhar crítico, as ações dos sujeitos “de fora” poderiam ser vistas de duas formas⁸². A primeira, como uma ação participativa e compartilhada. Na própria história do Aglomerado era possível identificar ações deste tipo. Nesse processo alguns sujeitos contribuíram diretamente para o desenvolvimento local, como era o caso de Dona Dalila, líder carismática, que atuou junto à comunidade, especialmente na relação com o poder público e instituições privadas próximas a localidade, no processo de construção de vias (GUIA AFETIVO DO AGLOMERADO DA SERRA, 2018). O próprio Seu Vizinho, contou em sua história com um idealizador e outros colaboradores de fora do Aglomerado. Estes eram casos de pessoas de fora do Aglomerado que se integraram à realidade da comunidade e auxiliaram na construção da cultura local.

A segunda era de que algumas ações poderiam ter caráter de apropriação e/ou imposição cultural. Nesses casos, a atuação de pessoas de fora do Aglomerado poderiam não ter conexão alguma com a comunidade. Dessa forma, poderia haver a adoção de um papel paternalista, levando sua própria cultura e idealizações para territórios “vulneráveis”, como observou Paola Dias (2015), a partir de sua pesquisa junto a blocos de carnaval e compostos majoritariamente por pessoas brancas e de classes altas. Com essa relação paternalista e desconectada da realidade local, poderia não haver adesão às lutas cotidianas dos diversos atores do Aglomerado em sua forma mais ampla. Por isso, era necessário analisar com cuidado as práticas de sujeitos vindos de fora do Aglomerado, pois poderiam representar sob o pretexto da colaboração e ajuda mútua, uma imposição de poder, de domínio e exploração (FREIRE, 1987; PORTO-GONÇALVES, 2012).

PV, de alguma maneira, provocava os sujeitos que chegavam através da canção “A Serra Resiste”, no trecho: “*Hoje morro parece moda, pensem em como estão me olhando*”. Na frase, existem múltiplos significados. A primeira parte da frase representa uma percepção atual de

⁸² As duas visões destacadas não se constituem de maneira linear. São ambíguas, portanto, se articulam, se entrelaçam e estão constantemente em contato. A separação é didática e, de fato, estava presente nas reflexões dos jovens. Ao mesmo tempo, apontar a posição dos “de fora” não pretende omitir reflexões sobre os “de dentro”, no entanto, para este trabalho evidenciou-se a postura de sujeitos “de fora”.

que a favela, o Aglomerado da Serra parece estar em evidência, em ascensão e, por isso, a aproximação dos não moradores e de algumas mídias alternativas. No entanto, há uma dúvida expressa a partir da palavra *parece*, ou seja, essa aproximação pode ser interpretada como uma aproximação verdadeira, de compartilhamento do desejo por mudança ou de imposição e apropriação cultural. A dúvida representava uma desconfiança e um olhar crítico sobre a aproximação de sujeitos de fora do Aglomerado. Esse olhar crítico era expresso também na frase, “*pensem em como estão me olhando*”. Na frase, PV sugere uma reflexão, um olhar crítico sobre os estigmas e os estereótipos impostos aos moradores. Sugere que, mesmo que a afirmação das identidades e do território estivessem provocando mudanças de concepções e olhares, ainda havia um longo caminho para percorrer, pois existiam ainda muitas representações negativas sobre o território e os sujeitos que viviam no território.

Os jovens organizadores, embora problematisassem a presença de não moradores, em nenhum momento propuseram fechar as portas do SV para o ingresso destes. Os jovens para além de não se fecharem no universo do Aglomerado propunham um “embaçamento das fronteiras” existentes entre os territórios e os sujeitos. Além de afirmarem, produzirem outra imagem e lutarem pelo direito de permanecer no território dignamente, afirmavam e lutavam pelo direito de circulação e ocupação de outros territórios, queriam estabelecer pontes e anunciar aos moradores que outros espaços da cidade também pertenciam a eles.

O SV reconhecia os distanciamentos e os limites impostos histórica e socialmente sobre “Aglomerado e bairro” ou “morro e asfalto”. Compreendiam a existência de imagens produzidas e reproduzidas por grandes corporações empresariais, pelo poder público, mídias, escolas, universidades e no cotidiano, sobre o Aglomerado em oposição ao restante da cidade e, desse modo, de legalidade *versus* ilegalidade, civilidade *versus* incivilidade, entre tantas outras oposições. Ao mesmo tempo, compreendiam que entre as fronteiras estabelecidas existiam também pontos de contato, que colocavam em diálogo as vivências e saberes produzidos em cada território (HISSA, 2006). Ao idealizarem o bloco de carnaval com sujeitos de dentro e de fora, ao abrirem a bateria e outras atividades para a participação de sujeitos de fora do Aglomerado, bem como, para a construção de parcerias com grupos e coletivos de dentro e de fora do Aglomerado, se abriram para produzirem outras imagens, outras relações com a cidade (HISSA, 2006).

Encontrar os pontos de contato era importante, mesmo compreendendo que a relação de poder que se estabelecia entre as partes era desigual, pois quando o “Aglomerado e o bairro”

ou o “morro e o asfalto” se abrem para a perspectiva um do outro, são capazes de questionar e desestabilizar os distanciamentos e os limites produzidos histórica e socialmente. Assim, os territórios passam a se constituir de maneira compartilhada (HISSA, 2006; PORTO-GONÇALVES, 2012). Nesta ação na/com/sobre o território, o Seu Vizinho se colocava em posição de compartilhamento e usufruto da comunidade, o que deslocava a concepção de território exclusivo, privado, estático, de usufruto do mercado, próprias da concepção moderna/colonial (SANTOS, 2005; PORTO-GONÇALVES, 2012).

Essas reflexões ampliavam a compreensão de como a experiência social do SV se configura como um campo de produção do conhecimento e formação dos diferentes atores presentes. Ao debater, provocar e propor diálogo sobre o território, o SV politizava o tema e outros assuntos que o envolviam, expunha a sua construção na dinâmica social, desestabilizando visões equivocadas e naturalizadas sobre o Aglomerado, sua história, cultura, práticas e conhecimento. Assim, produziam outras imagens sobre os moradores e sobre o território a partir da sua prática social afirmativa (ARROYO, 2011; 2012; 2015).

Ao refletir continuamente sobre a pauta o SV deslocava, provocava e propunha o diálogo com cada um que participasse das ações, visse as apresentações ou escutasse as canções. Dessa forma, o SV era capaz de suscitar nos encontros e nos compartilhamentos certo inconformismo diante das representações, estigmas e estereótipos impostos ao território. Constituíam-se como um Movimento Educador, construindo elementos para sua própria emancipação em diálogo com outros movimentos e sujeitos engajados com lutas sociais, políticas e culturais (GOMES, 2011; 2017)⁸³.

5.3. EM DIÁLOGO: A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS E DAS “MÃES DO BLOCO”

Compreender a trajetória dos jovens, o contexto, as formas de organização do SV, nos permitiu afirmar que existia um universo de diálogo e reconhecimento que permeava todas as ações e permitia a construção coletiva de saberes, conhecimentos e das práticas educadoras.

Tratava-se de uma ação comprometida com o contexto e com os sujeitos envolvidos. Esse comprometimento permitia que cada participante fosse reconhecido em suas individualidades, lutas e possibilidades de participação. Esse reconhecimento tinha como

⁸³ É importante destacar que a autora não trata do assunto dos territórios marginalizados, vilas, favelas. No entanto, sua análise nos conduziu a fazer a mesma reflexão a partir de um tema transversal, o Movimento Negro Educador.

premissa o respeito e a valorização do outro como sujeito histórico e social, ou seja, um agente de transformação potente, independentemente da idade, do sexo, gênero, crença, classe ou raça (FREIRE, 1987; 1996). O SV, dessa forma, se constituía como um lugar privilegiado para que cada participante fosse capaz de se reconhecer sujeito da transformação e, conseqüentemente, reconhecer o outro como ser educador, transformador, pensante e criador (FREIRE, 1987; 1996).

Desse modo, uma dimensão central na forma de atuação do SV era a participação. Os organizadores, na condição de educadores, tinham papel central na abertura e incentivo à participação, em que demonstravam que todas as pessoas tinham o direito de participar em qualquer atividade, de diferentes formas e respeitando suas condições de vida atuais, em seus limites e possibilidades. Esse ambiente participativo demandava o incentivo ao diálogo entre os envolvidos no processo de construção coletiva das ações.

Na perspectiva de Freire (1982; 1987; 1996) o diálogo sugere um fluxo de significados que auxilia a construção de novos significados, códigos, conhecimentos e saberes, que ocorre sempre na interação entre sujeitos. Expressa algo que se compartilha, que se vive em comum. Assim, dialogar é diferente de transmitir. Transmitir não exige iteração, compartilhamento, participação, reciprocidade. Segundo o autor, o diálogo é comunitário e democrático. Não é simplesmente uma pessoa que fala e a outra que escuta, mas sujeitos que compartilham experiências, conhecimento, sentimentos de forma ativa e plural. O diálogo comunitário e democrático permite o reconhecimento do outro como sujeito social, a compreensão crítica da realidade vivida e dos meios para sua transformação.

Nesse aspecto, o diálogo propõe a ação coletiva, em que a escuta é fundamental para que os pontos de vista limitados e fragmentados de cada pessoa faça parte de uma construção mais ampla e complexa, algo inédito construído a partir das concepções iniciais de cada um. Desse modo, o diálogo exige desprendimento, disponibilidade para o novo, conhecimento, reconhecimento do outro, pesquisa, rejeição a qualquer forma de discriminação, inacabamento, comprometimento, liberdade, autoridade e flexibilidade para a construção de algo que seja educativo e transformador.

Nesse sentido, o SV se constituía e se organizava a partir de uma horizontalidade não linear. Isso porque a horizontalidade não pode abrir mão da autoridade⁸⁴ democrática, dos

⁸⁴ A autoridade em Paulo Freire (1987; 1989) refere-se à responsabilidade na prática educativa, por parte especialmente, dos educadores, que no caso do Seu Vizinho eram os jovens. A responsabilidade substitui a indução ou imposição pela colaboração crítica e consciente do outro, substitui a manipulação pela conversa construtiva,

códigos de ética, da regulação grupal e do diálogo. Esse andamento das atividades preservava as identidades e algumas tradições – aspectos que a modernidade/colonial tenta recorrentemente destruir. Uma horizontalidade linear poderia produzir homogeneidade ou imposição de padrões. A não linearidade da organização, baseada na efetividade do diálogo promovia movimento na participação dos sujeitos, de modo que, todos, em diferentes momentos, atividades, debates estivessem em posição de referência. De certa forma, produzia fissuras em hierarquias binárias como, homem/mulher, preto/branco, rico/pobre, criança/adulto, jovem/adulto, corpo/mente – oposições que são pano de fundo para o racismo, machismo, homofobia, entre outros (FREIRE, 1989; GILROY, 2012; FAVELA, 2014).

Nesse rico ambiente de diálogo e construção coletiva, além dos jovens, dois sujeitos se destacavam no ambiente de construção e participação, as crianças e as mães.

AS CRIANÇAS NA PRODUÇÃO DO MODO DE SER DO SV

Ver a participação das crianças nas diversas atividades propostas pelo Seu Vizinho, bem como a importância e reconhecimento das demais gerações presentes em relação a estes sujeitos, despertou interesse desde o momento em que me inseri nas atividades junto ao coletivo. Isso chamava minha atenção na medida em que participava e observava as reuniões da equipe organizadora, as reuniões abertas para a comunidade, o “PAPO RETO”, as oficinas de percussão, os cortejos e, mais tarde a partir das entrevistas feitas com os alguns jovens.

As crianças de faixa etária entre 6 e 12 anos eram, em sua maioria, moradoras do aglomerado da Serra. A maior parte delas era negra e vivia em famílias de baixa renda. Entre elas existia um equilíbrio no número de meninos e meninas⁸⁵.

substitui o olhar de cima para baixo por um olhar horizontal, que ora ensina e ora aprende. A autoridade requer compromisso com o diálogo e a participação paritária ao mesmo tempo em que requer a preservação das diferentes condições sociais, raciais, de gênero, territoriais, entre outras.

⁸⁵ Essa descrição foi possível através das vivências junto aos sujeitos desse coletivo, no entanto pode haver variações por se tratar de uma alterdeclaração. Ou seja, trata-se de uma afirmação a partir do ponto de vista do pesquisador.

Figura 17: Participação das crianças do Seu Vizinho em um cortejo



Fonte: Seu Vizinho

De modo geral, eram crianças criativas e participativas. Elas se envolviam diretamente na realização das diferentes rotinas do coletivo – organização dos instrumentos, oficinas de percussão e outros temas pertinentes, reuniões de planejamento e avaliação, apresentações, etc. Elas também tinham destaque na bateria e estavam presentes nas mais diversas atividades propostas pelo coletivo.

Esses sujeitos se conectaram com o Seu Vizinho, no processo de constituição, posterior ao primeiro desfile, durante as oficinas de percussão. A oficina foi criada como uma possibilidade de aproximação com os moradores do Aglomerado da Serra. Após as primeiras divulgações, de acordo com Chassi (07/05/2018) “*as primeiras pessoas que vieram na oficina eram crianças e a gente nem tinha pensado em criança. A gente nem tinha pensado e elas foram as primeiras a colar*”. Uma surpresa para os jovens, já que no carnaval de rua que haviam vivenciado as crianças não eram comumente vistas.

Assim a equipe de referência do Seu Vizinho sentiu a necessidade de adaptar as atividades para esse público. Já no primeiro momento era possível perceber, por parte dos

jovens, uma postura de acolhimento, de abertura para novas possibilidades e uma postura de reconhecimento das crianças enquanto sujeitos sociais, ativos, criativos e participativos.

Nesse momento, as crianças passaram a incorporar de forma ativa o coletivo. Exemplos dessa participação se estabeleceram a partir da presença delas na bateria do bloco, como referência de algum instrumento ou em posição de destaque; na participação e proposição de discussões, como a qualidade de som do conjunto de instrumentistas, nos métodos de ensino/aprendizagem de percussão; nas oficinas e eventos, dentro e fora do Aglomerado; na proposição de repertório musical e rítmico; nos processos de planejamentos e avaliação das atividades de modo geral, entre outras coisas.

O Seu Vizinho, ao reconhecer e legitimar a presença e a participação delas, abriu espaço para novos olhares sobre e com a criança, um olhar positivo para as infâncias moradoras desse território (PROUT, 2002; ARROYO, 2018). Compreender e se relacionar com as crianças como sujeitos sociais, produtores de suas histórias e ativas nos seus processos de criação e produção social, política e cultural, está distante das abordagens que, tradicionalmente, as políticas públicas e as instituições, especialmente a escola, desenvolvem sobre as infâncias negras e empobrecidas.

A partir das práticas do Seu Vizinho e desses outros olhares sobre a infância, é possível dizer que nesse contexto, as crianças não eram meras receptoras de informações vindas dos adultos, pelo contrário se apropriavam das informações acumuladas a partir das experiências vividas e, no encontro, o diálogo com os outros participantes produziam e transformavam as práticas e os modos de ser e se organizar do Seu Vizinho (CORSARO, 2009; ARROYO, 2018).

De acordo com PV: *“acho que a criança tem a cabeça e coração aberto para um novo assim, sabe!?”*. Nesse sentido, a criança parece não carregar predefinições de participação ou não, como os jovens e os adultos. Ou seja, parece que não são facilmente manipuladas pela cultura da não participação, do não pertencimento imposta aos sujeitos moradores do aglomerado, aos sujeitos negros e de baixa renda.

O cotidiano do Seu Vizinho evidenciava a posição ativa, criativa e participativa das crianças no contexto das atividades e, dessa maneira, colocava em questão uma hierarquia que poderia haver entre as demais gerações. A participação das crianças não se reduzia à mera presença, mas resultava em produção e compartilhamento de experiências com o coletivo. Nesse sentido, participando, criando e ocupando lugares na organização das ações, as crianças constituíam a produção social, política e cultural do Seu Vizinho. Elas constituíam o modo de

ser e se organizar do Seu Vizinho. As crianças não participavam das reuniões semanais com os jovens, no entanto, como foi possível perceber, essas reuniões não eram os únicos espaços de planejamento, organização e tomadas de decisões. Nas pequenas reuniões realizadas durante as atividades, o planejamento e avaliação do desfile de carnaval, organização e didática das oficinas de percussão, no “Papo Reto”, as crianças atuavam de maneira veemente, eram respeitadas e reconhecidas como sujeitos sociais.

Reconhecer esses sujeitos e legitimar a participação deles não os colocava de maneira rígida em uma mesma condição em relação aos jovens e adultos presentes. O Seu Vizinho, para além de legitimá-las reconheciam que as crianças tinham especificidades no tratamento e participação devido à sua condição etária. Mesmo que participassem ativamente de todas as atividades do Seu Vizinho, tinham sua condição infantil respeitada, por exemplo, na escolha dos instrumentos com tamanho apropriado, na escolha dos trajetos de cortejos e desfiles com distância apropriada, na preparação de área para descanso em cortejos e desfiles e na escolha da linguagem para as oficinas de percussão e outros temas.

Assim, por um lado os diversos sujeitos do Seu Vizinho reconheciam e legitimavam a participação das crianças. E, ao mesmo tempo, os mesmos sujeitos estavam atentos à sua condição infantil, que eram beneficiadas com menor cobrança na participação em longas reuniões, em longos debates técnicos musicais ou em longos ensaios para o desfile de carnaval.

É importante observar que há um grande cuidado dos jovens organizadores na inclusão de crianças nas apresentações, shows e atividades fora do Aglomerado da Serra ou em atividades remuneradas. Tratava-se, em alguns momentos, de um zelo pela integridade física delas. Em outros casos, tratava-se do respeito à autoridade dos responsáveis e, em outras passagens, da preocupação em respeitar a legislação vigente no que se refere à proteção e cuidados com a infância, no caso de atividades remuneradas, na não caracterização de trabalho infantil e/ou ilegal. Não se tratava de uma proibição, o que se estabelecia era uma relação de respeito e cuidado sobre e com as crianças, com as famílias e com o próprio coletivo.

Ao debater a presença das crianças nas atividades do Seu Vizinho, quero dar destaque ao debate sobre o lugar da criança, comumente vista como marginal, inferior, em relação a posição ocupada pelo adulto, central e superior. No universo cultural do Seu Vizinho era possível perceber outros modos de viver e se organizar que questionavam essa representação negativa da criança (ARROYO, 2018). É importante observar como os estereótipos, os discursos vazios, os *slogans*, práticas sem reflexão e deslegitimadoras, minam as possibilidades

dos sujeitos de ser e atuar no meio social (FREIRE, 1987; BHABHA, 2013). Quando encontramos perspectivas diferentes, como a do Seu Vizinho, por exemplo, em que as relações são estabelecidas com base no respeito às diferenças, passa a ser possível pensar a infância, com suas potencialidades e limites, como sujeito social.

Outro aspecto muito importante que caracteriza a relação entre os jovens e as crianças no Seu Vizinho, dizia respeito à perpetuação das práticas que eram desenvolvidas na comunidade. Era comum durante as diversas atividades desenvolvidas escutar dos jovens organizadores e outros membros mais velhos, que as crianças são o futuro do Seu Vizinho e, até mesmo, da cultura carnavalesca, percussiva e musical do Aglomerado da Serra. Trata-se de uma visão sobre a manutenção e transformação da cultura produzida no Seu Vizinho. E, de alguma maneira, reproduzir e dar sequência a uma tradição construída sobre e com o carnaval e a comunidade da Serra. Parece, de algum modo, uma perspectiva que escapa ao presente e se dirige ao futuro. Nesse sentido, de manutenção e planejamento para o futuro, é possível dizer que o Seu Vizinho, a partir do seu modo de ser, possibilita a construção de um repertório social para as diversas gerações, que dizem respeito ao reconhecimento da infância, respeito às diferenças e construção de espaços democráticos.

RECONHECIMENTO RECÍPROCO: A FORTE PRESENÇA DAS MÃES

Assim como com a presença das crianças nas atividades, me surpreendi com a presença de mães. Os demais participantes do Seu Vizinho tinham grande respeito por elas. Elas participavam das diversas reuniões e atividades propostas pelo Seu Vizinho de maneira ativa. A palavra e presença dessas mulheres eram sempre levadas em consideração com grande respeito. Em princípio as entendia como mulheres da comunidade, já com uma forte presença no coletivo. Após um tempo percebi que essas mulheres eram mães de integrantes do Seu Vizinho e também mães de outros sujeitos do Aglomerado.

As mães, assim como as crianças, chegaram após a criação da oficina de percussão. No primeiro momento, tímidas, pois muitas achavam que era uma ação específica para crianças. Mas, depois de conversas e convites dos jovens essas mães foram chegando e se percebendo sujeitas ativas do coletivo.

Elas tinham entre 40 e 60 anos, eram em sua maioria negras, moradores do Aglomerado da Serra e viviam em famílias de baixa renda. Sendo em torno de 15 mulheres, nem todas

participavam diretamente das atividades do Seu Vizinho. Algumas atuavam nos bastidores, como é o caso da mãe dos jovens organizadores.

No primeiro cortejo de preparação para o desfile de carnaval de 2018, PV (19/11/2017) em uma das pausas num comércio local para a apresentação de uma atração, pegou o microfone e parabenizou as “*mães do bloco*” que eram essenciais para o bloco e para a favela. PV falava que na favela a maioria esmagadora das famílias era de mães solo⁸⁶, sendo essa a realidade do Brasil. Era possível perceber que havia respeito e reconhecimento por parte dos jovens em relação às mães que faziam parte, direta e indiretamente, das atividades do bloco. Em seguida, afirmou que no Aglomerado da Serra era comum as mães serem referências nas casas⁸⁷.

Os jovens organizadores reconheciam e legitimavam a presença dessas mães dentro do Seu Vizinho, valorizavam a relação que construíam no cotidiano. De acordo com PV (26/05/2018), “*As mães botam fé na gente*”. Tratava-se, portanto, de um reconhecimento recíproco. Assim como os jovens afirmavam a presença das mães, as mães reconheciam o trabalho com compromisso dos jovens, especialmente na relação de respeito e cuidado com os mais novos – crianças e adolescentes.

Em relação às atividades do Seu Vizinho, além de participarem e opinarem nas reuniões de planejamento e avaliação, na configuração das oficinas de percussão, na organização dos instrumentos, na proposição de pautas, no repertório rítmico e musical, as mães tinham uma forte presença no grupo. Segundo PV (26/05/2018), “*Esse ano [2018] por exemplo, quem escolheu o final do trajeto do Seu Vizinho no desfile de carnaval foram as mães*”.

A partir do momento que há um reconhecimento das mães por parte do grupo, elas passam a legitimar, de modo geral, as mulheres do aglomerado, suas culturas e modos de ver e viver o cotidiano e, em consequência, legitimar a potência desse sujeito na sociedade (ZIBECHI, 2017). Dessa maneira, assim como nas famílias, as mães tinham certa centralidade na vida dos demais sujeitos do Seu Vizinho, eram pilares da organização e importantes para a

⁸⁶ Mães Solo é o termo utilizado para designar aquelas mães que são as principais ou as únicas responsáveis pelos filhos. Essas mulheres, por qualquer motivo que seja, não contam com os pais na criação dos filhos.

⁸⁷ A fala de PV, enquanto morador do Aglomerado, vem da sua vivência e experiência no cotidiano da favela. No entanto, a afirmação dele vai de acordo com as estatísticas de 2015 do IBGE, as mais recentes sobre o tema, que apontam que, entre 2005 e 2015 houve um crescimento de 1,1 milhões de famílias compostas por “mães solo”. Esse número se evidencia quando comparamos o percentual de mães e pais solo no ano de 2015, respectivamente representam 26,8% e 3,6%. Outro aspecto importante de ser caracterizado nesse trecho é o aumento das mulheres consideradas referências familiares, que passou de 4,8% em 2005, para 15,7% em 2015, segundo o IBGE. Trata-se de famílias que têm a presença do pai, mas mesmo assim a mãe é a referência. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/maes-solo/>. Acesso em 18/01/2019.

vida coletiva. Aos poucos e de maneira compartilhada com os jovens e as crianças elas iam se destacando e transformando seu lugar social, de sujeito passivo para sujeito ativo, a partir de atuações importantes no cotidiano das atividades do Seu Vizinho, como nas reuniões de planejamento e avaliação e, até mesmo em questões mais objetivas como, por exemplo, na relação com sujeitos do tráfico de drogas local.

As mães, ao serem reconhecidas e se posicionarem frente ao grupo, politizavam o lugar social da mulher, especialmente no contexto das mulheres das camadas populares. Ou seja, a participação delas tem o potencial de transformar o imaginário e a visão reducionista sobre a mulher, afirmando outras lógicas de ver e viver as relações, baseadas no trabalho coletivo e na defesa dos bens comuns. Dessa maneira, elas passam a ser figuras centrais no processo de formação social, política e cultural de filhos, grupos de trabalho, coletivos sociais, políticos e culturais (GONZALES, 1984; ZIBECHI, 2017).

Com isso, é necessário reconhecer que o Seu Vizinho se tornou um lugar potente para a afirmação dessas mães e mulheres negras. No reconhecimento da importância das mães, o Seu Vizinho produziu um espaço coletivo de afirmação das diferenças, mesmo diante de um sistema perverso que marginaliza as mulheres.

A partir das experiências produzidas no cotidiano do Seu Vizinho, foi possível perceber a construção de outras relações e vivências que desestabilizavam relações sociais que estabelecem um lugar subalterno para a mulher, mãe e negra (GONZALES, 1984). Cabe ressaltar que a partir do reconhecimento e do diálogo são potencializadas novas relações entre os diversos sujeitos que compõe o coletivo e as “*mães do bloco*”. A presença e participação ativa das mães no Seu Vizinho, bem como a maneira como os jovens acolheram, reconheceram e legitimaram esses sujeitos, propõe outra maneira de enxergar as mulheres, mães e negras e desnaturalizam o imaginário que marginaliza, inferioriza e deslegitima seus modos de ser e viver.

5.4.A PERSPECTIVA DE SER UMA ESCOLA DE ARTE: RISCOS E POTENCIALIDADES

Esse processo educativo de construção coletiva e transformação permanente do Seu Vizinho se deu em função de encontros e reflexões internas e com outros ativistas e grupos culturais que os indagavam continuamente sobre seu lugar e forma de atuação. Nesse percurso de intensas reflexões, era possível perceber um andamento acelerado das ações, o que causava

certos atropelamentos. Os jovens, por vezes, se perguntavam se o número excessivo de reuniões e atividades não estava sobrepondo outras esferas da vida deles, como lazer, relações afetivas (companheiros/as, família), descanso, formação pessoal e, até mesmo outras atividades importantes do Seu Vizinho, como avaliação, formações específicas para os jovens e para os demais participantes.

Esses atropelamentos pareciam estar atrelados ao crescimento do número de participantes nas atividades e, conseqüentemente, das demandas de planejamento, organização, execução, avaliação, bem como de demandas burocráticas como inscrição e participação em editais, formalização e institucionalização da ação coletiva, estas últimas condicionadas obrigatoriamente à necessidade de captação de recursos financeiros para as ações.

Com a sobrecarga de demandas – conjugada sempre com outras atividades profissionais e pessoais-, e a falta de experiência na área, surgiram alguns percalços no caminho de construção do Seu Vizinho. Com o excessivo número de atividades os jovens em alguns momentos priorizavam aspectos práticos e de curto prazo, deixando de lado, por vezes, reuniões de avaliações com os participantes das oficinas e atividades, oficinas temáticas formativas, bem como formação pessoal e profissional especializada no campo de atuação do Seu Vizinho.

Em prejuízo, era possível dizer que uma parte das reflexões e conhecimentos adquiridos através de avaliações feitas exclusivamente em reuniões fechadas aos próprios jovens, impediam o compartilhamento dessas experiências formativas com outros participantes. Essas construções feitas de forma restrita, aparentemente dificultavam a circulação de informações importantes para a formação e coesão do grupo, entre elas a própria identidade do grupo, as implicações de ser um movimento de favela e dificuldades e possibilidades de ação.

A coesão do grupo e a manutenção do caráter social estão intimamente conectadas com o compartilhamento de informações e construções coletivas (FREIRE, 1989; 1996; ZIBECHI, 2012; 2015; 2017). Dessa forma, esse afastamento poderia provocar a médio e longo prazo um afrouxamento dos vínculos construídos e falta de compreensão do contexto, das pautas e das demandas do grupo, sobretudo para os demais participantes.

Ademais, os jovens se viram sem tempo para formações específicas na área de atuação do Seu Vizinho, o que limitava o intercâmbio com outros grupos e ativistas que constituíam uma rede de produção social, política e cultural sobre a cidade. À medida que ganhavam visibilidade e se inseriam no universo cultural de Belo Horizonte percebiam esse distanciamento e a necessidade de formações específicas. Nesse caminho, os jovens, com o

intuito e a necessidade de compreender o meio social, as práticas culturais às quais estavam se inserindo e as possibilidades de captação de recursos, se envolveram a partir de parcerias e convites, em formações em empreendedorismo para projetos culturais/negócios de impacto social.

As formações ao longo de 2018/2019⁸⁸, visivelmente auxiliaram os jovens a obterem um foco para as ações do Seu Vizinho e encontrar um eixo específico para atuação, quando então surgiu a perspectiva de ser uma escola de artes, com foco em música e produção cultural. No entanto, ao mesmo tempo pude perceber algumas mudanças sutis nos discursos dos jovens, que inseriram, por exemplo, o termo “cliente” para se referirem aos participantes das oficinas ou “terceirização” para dizer sobre possíveis parcerias⁸⁹. Inicialmente, estas formações não enfraqueceram as práticas com base no diálogo e reconhecimento, tampouco esvaziou a ação de seu caráter social. Mas, de todo modo, acredito ser de extrema importância refletir sobre as formações oferecidas para grupos e ativistas culturais conectados ao campo do empreendedorismo social.

O empreendedorismo⁹⁰ tornou-se um mote para a formação de grupos e ativistas culturais e vem introduzindo e reproduzindo nas ações e nos discursos, valores próprios da cultura moderna/colonial e de uma perspectiva empresarial – “neutralidade”, racionalidade, progresso-, bem como, capacidade de gestão e liderança, de gerar impacto social a partir de metas quantificáveis. Dessa forma, é possível que os projetos sociais, políticos e culturais sejam capturados por uma engrenagem que reproduz desigualdades que dizem combater (SOVIK, 2014).

⁸⁸ Por exemplo: Programa de pré-aceleração para negócios de impacto social, NAAÇÃO – Coworking de Impacto Social, em parceria com SERBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas; Semana de empreendedorismo criativo do Consulado Britânico em parceria com o SEBRAE Nacional.

⁸⁹ Esses termos também podem ser atribuídos às trajetórias universitárias de alguns deles, que frequentaram cursos de engenharia ambiental e de produção. No entanto, se agravou após a participação nos cursos e formações referidas.

⁹⁰ É importante destacar que se trata de um possível percurso do Seu Vizinho, que estava no processo inicial de aproximação com esse meio. Da mesma forma, destaco que o termo empreendedorismo, embora carregue consigo uma intencionalidade relacionada a um determinado projeto de sociedade, por si só não garante o desvio do caráter social, político e cultural da ação, tampouco carrega apenas um sentido negativo. Tomasi (2016) pondera que os sujeitos e grupos sociais, políticos e culturais têm se apropriado do mesmo termo para produzirem riqueza material e simbólica para as periferias das mais diversas cidades do Brasil, bem como, têm feito uso estratégico do termo e das formações em empreendedorismo para ocuparem determinados espaços e recursos financeiros. De qualquer forma, o debate sobre o risco de esvaziamento social, político e cultural é importante para esta pesquisa.

O risco de influência e cooptação por parte dessa engrenagem me parece ser um aspecto relevante a ser discutido após a imersão dos jovens em formações em empreendedorismo. Ou seja, o risco de que, com o passar do tempo, o Seu Vizinho se torne um grupo cultural que, além de reproduzir valores e a lógica de organização empresarial, fosse esvaziado de seu caráter político e transformador. Mesmo que as ações gerem visibilidade e representatividade ao território e à população local, é possível que esta seja parte de uma estratégia de marketing social das empresas e do poder público que pretende pacificar conflitos e ocultar desigualdades sociais (OLIVEIRA, 2012; 2017; SOVIK, 2014).

A atenção que se deve ter em torno desse tema é do risco de desvio do caráter social, político e cultural da ação, da inserção pacífica do coletivo no circuito cultural da cidade e da possível assimilação por valores empresariais. A preocupação é de que o Seu Vizinho, passe de uma atividade produtora de outras lógicas de ação e relações sociais, para um mero produto cultural da cidade, um espaço de encontro importante para os jovens em suas condições juvenis, mas esvaziada politicamente em seu caráter coletivo e transformador (ARANTES, 2001; OLIVEIRA, 2012; SOVIK, 2014).

As formações, sem dúvida, auxiliaram os jovens na compreensão com mais nítida dos objetivos da ação. Entretanto, é possível dizer que os cursos pareciam tematizar a prática, ensinavam os jovens a fazer, a trabalhar e a lidar com as fases administrativas e burocráticas da ação, mas não se preocupavam em refletir sobre os processos históricos de produção das desigualdades nos quais estavam inseridos. O impacto social pretendido pela formação empreendedora gerou números, gráficos, estatísticas – importantes em alguns casos -, mas, não gerou ou construiu uma compreensão dos contextos e dos sujeitos participantes. Dessa forma, sem reflexão sobre as bases históricas de produção das desigualdades, o *ativismo*⁹¹ pode reproduzir lógicas de produção de desigualdades mais do que transformar e/ou provocar mudanças (FREIRE, 1987; 2012; ZIBECHI, 2012; 2015; 2017).

A busca e o envolvimento com as formações foram necessários para auxiliar na construção dos objetivos, na aproximação dos assuntos pertinentes e grupos e ativistas culturais

⁹¹ Para consolidar a práxis é necessário sair do ativismo ingênuo e saltar para uma atuação contínua de ação e reflexão. Dessa forma, a realidade deixa de ser domesticadora. A importância da tomada de consciência crítica e sua ação/imersão na realidade, bem como sua reflexão contínua, se faz importante para que, numa construção abstrata o homem não se torne distante de sua própria realidade (FREIRE, 1987, p. 21).

da cidade, mas principalmente, para auxiliar na compreensão dos limites e possibilidades da captação de recursos e da institucionalização dessa ação coletiva.

Sobre a captação de recursos, é possível dizer que as formações e cursos auxiliavam os jovens a compreenderem as formas mais eficazes de captação para o perfil do grupo, mas, principalmente, o manejo técnico de alguns modelos – editais públicos, financiamento privado a partir de leis de incentivos fiscais e etc. A maior parte das formas de captação de recursos apresentadas já fazia parte do repertório dos jovens, mas sem dúvida, algumas nuances técnicas colaboraram com a prática.

As formas de financiamento para grupos e ativistas sociais, políticos e culturais eram poucas, por isso seria difícil as formações apresentarem algo novo. O Seu Vizinho se inseriu em um campo de atuação em que as formas de financiamento são escassas e precárias. Em geral, elas dependem de doações, financiamentos de curto prazo dos órgãos públicos ou de empresas e seus programas de responsabilidade e marketing social. Essas formas precárias de financiamento submetem os grupos e ativistas a certas regras e normas, bem como os colocam em competição por recurso, reforçando os valores próprios da cultura empresarial (ARANTES, 2001; SOVIK, 2014).

Em relação ao Seu Vizinho, submeter-se a essas precárias formas de financiamento era a única maneira de dar sequência às ações desenvolvidas na comunidade. Com isso, a institucionalização foi outro desafio que se colocou para os jovens. A maior parte dos financiamentos exigia que a ação estivesse devidamente registrada junto aos órgãos competentes.

O processo de institucionalização é um processo que se tornou comum para o campo social desde a década de 80, quando então os órgãos de cooperação passaram a exigí-la como condição para o repasse de verbas para projetos desenvolvidos por organizações da sociedade civil. Esse processo gerou críticas⁹², pois as “novas” instituições serviam também para “atender interesses políticos escusos e organizações criminosas” (SOVIK, 2014, p. 179). No entanto, a norma se estabeleceu e para a captação de verbas os projetos precisavam recorrer à institucionalização. Com isso, alguns desafios parecem importantes de serem discutidos. Especialmente, por fazerem parte do presente e do futuro próximo do Seu Vizinho.

⁹² O debate em torno da institucionalização e/ou “onguização” dos grupos e ativistas, foge ao objetivo desta pesquisa. Para saber mais, ver em Sovik (2014).

A institucionalização do SV e os vínculos estabelecidos com empresas e indivíduos financiadores, indagava a autonomia e a independência do Seu Vizinho, que era relativa. Embora, não estivessem vinculados a partidos políticos, sindicatos, movimentos estudantis institucionalizados ou a qualquer instituição, o SV estava submetido, mesmo que parcialmente às normas e regras estabelecidas pela legislação que regulamentava os projetos sociais, políticos e culturais, bem como às instituições às quais o financiamento estava atrelado. Essa “dependência”, se apresentava como um desafio para o Seu Vizinho. A princípio, pelo risco de esvaziamento do caráter social político e cultural da ação em detrimento dos valores das instituições às quais estariam vinculadas, já discutido anteriormente.

Outro aspecto para o Seu Vizinho, era a própria qualificação técnica em que os jovens se envolveram. A formação especializada exigia deles um considerável investimento de tempo. Isso somado às atividades ligadas ao trabalho e à esfera das relações pessoais, pouco a pouco parecia afastá-los do cotidiano das ações. Esse processo de afastamento do cotidiano, pôde ser percebido pelos próprios jovens que se questionavam sobre a sobrecarga de trabalhos relacionados aos departamentos administrativos e “burocráticos” da ação. Os jovens, mesmo com esse distanciamento provocado, ainda estavam envolvidos com as práticas e com o cotidiano. No entanto, mesmo que involuntariamente, se tornavam as únicas referências para apresentarem, publicamente ou em rodas de conversas e mídias, com profundidade a ação coletiva em desenvolvimento, o que promovia certa personificação para a atuação neste campo (DAGNINO, 2002).

Embora, a autonomia do Seu Vizinho fosse relativa, devido a certa dependência financeira e institucional – através de formações, financiamentos e legislação-, não era possível negar sua intencionalidade para a transformação social, especialmente do contexto em que viviam, bem como sua autonomia para a produção de outras relações sociais, baseadas no diálogo e no reconhecimento dos sujeitos.

Por meio da intencionalidade de levar o carnaval para o Aglomerado, de aproximar e compartilhar experiências com sujeitos de dentro e de fora do território, de construir espaços de criação de vínculos, de reconhecer as mães e as crianças como sujeitos sociais importantes para a constituição do modo de ser do coletivo, de transformar o centro cultural e as ruas, vielas e becos do Aglomerado em lugares vivos e carregados de cultura, o Seu Vizinho assumiu o compromisso e a responsabilidade de construir outras formas de viver o cotidiano. Como foi possível observar ao longo da pesquisa nas trajetórias de vida, na idealização e concretização

da ação, na relação ao Aglomerado da Serra, nas formas de se organizar com base no diálogo e no reconhecimento dos sujeitos e no modo de viver o cotidiano, o coletivo insurgiu dentro deste contexto.

O Seu Vizinho, aparentemente, tem características semelhantes a grupos culturais que surgiram a partir do final da década de 70, como, Olodum e Ilê Aye. Esses projetos são uma faceta da transformação do espaço público nacional nos últimos 30 anos. A partir, especialmente, da década de 90, com o processo de democratização já instalado no país, esses grupos culturais, assim como o Seu Vizinho, emergiram como um processo de afirmação de uma cultura e uma população criminalizada, marginalizada e violentada, sobretudo a cultura e a população negra e moradora de favela (SOVIK, 2014). Eles apresentam alguns traços comuns ao Seu Vizinho, desde a forte afirmação territorial e racial, passando pelo envolvimento com a música percussiva, até os atravessamentos institucionais, empresariais e financeiros. Entre esses grupos, diferentes caminhos foram percorridos no que tange à cooptação pelo poder empresarial e o seu esvaziamento político. Segundo Sovik (2014), enquanto um, sem reflexão se tornou um produto cultural da cidade, servindo inclusive para a higienização de determinados espaços como o Pelourinho – região central de Salvador/BA, onde a maior parte dos frequentadores é turista, o outro, com os mesmos atravessamentos, fortaleceu as bases formativas da própria comunidade, não se deixou envolver pelos valores empresariais e construiu a partir da identidade local uma ação educativa, formativa e humanizadora.

Nesse ponto, voltamos à história de afirmação do movimento negro e de negros em movimento, que alteraram ao longo dos anos as representações negativas sobre a população. O que fez emergir a partir do autorreconhecimento uma série de outros movimentos compostos por negros e negras com confiança para enfrentar lutas por mudanças sociais (GOMES, 2011; 2017).

O Seu Vizinho parece fruto das trajetórias de vida dos jovens em constante compartilhamento de experiências com outros territórios e sujeitos. No momento da pesquisa, viam como campo estratégico para a continuidade das atividades a aproximação com o empreendedorismo. Pode ser que mesmo a longo prazo seja impossível alterar essa relação. Mas, atualmente, é possível dizer que o Seu Vizinho, adotou a música e a produção cultural como mediadores no processo de socialização e formação da comunidade. Embora, tenham circulado por outros caminhos, adotaram a arte, a cultura e a educação como ferramentas para

a transformação social. Essa característica remete à trajetória de vida dos jovens com mães educadoras e experiências significativas enquanto educandos e educadores em projetos sociais.

6. “RESPEITE A NOSSA CULTURA, NOSSA CARNE É DURA DE COLONIZAR!”: PALAVRAS FINAIS

*A cor dessa cidade sou eu
O canto dessa cidade é meu
[...]Mil voltas o mundo tem, mas tem um ponto final
Eu sou o primeiro que canta
Eu sou o Carnaval*

(Tote Gira)⁹³

Nesse momento, compreendo como Tote Gira que “Mil voltas o mundo tem, mas tem um ponto final”. Ou seja, entre os limites e as possibilidades desta pesquisa, nesse momento, procuro encerrar esse ciclo de pesquisa.

Essa trilha percorrida junto ao Seu Vizinho rendeu boas descrições e análises. Não foram muitas e nem grandes reflexões, foram condizentes com o tamanho e tempo da empreitada. Diante do empenho em compreender as experiências vivenciadas por jovens em um bloco de carnaval de rua da cidade apareceram alguns indicativos, algumas questões e indagações, que não esgotam ou geram conclusões definitivas sobre o tema. Ao contrário, esse estudo se insere em um campo de pesquisa e pretende contribuir para alargar e aprofundar o debate no cenário acadêmico. As palavras finais que serão lançadas aqui representam reflexões acerca dos diferentes aspectos compreendidos ao longo da pesquisa.

As experiências de vida dos jovens, o processo de construção, organização e transformação da ação coletiva, o território e os sujeitos que faziam parte das práticas, nos convocou a refletir e interpretar o carnaval e o Seu Vizinho como experiências diaspóricas⁹⁴. Ou seja, para compreender a multiplicidade de experiências que envolviam o Seu Vizinho, foi necessário estar atento aos encontros culturais, às trocas, aos conhecimentos construídos

⁹³ Esse trecho é parte da versão original da música composta pelo multi-instrumentista Jorge Souza dos Santos. Homem negro, nascido na comunidade do Pelourinho, Salvador/Bahia, conhecido também por seu nome artístico Tote Gira. A música ficou conhecida a partir de uma versão adaptada de Daniela Mercury. <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-gueto-a-rua-a-fe-conheca-a-historia-de-o-canto-da-cidade/> acesso em 02/10/2018

⁹⁴ Cabe apontar anteriormente que essa chave de interpretação é fornecida pelo pesquisador com base no campo de pesquisa e não pelos jovens. Sobre o termo, brevemente aponto que a diáspora, no seu contexto histórico e atualmente, está diretamente relacionada ao deslocamento de sujeitos entre continentes, países, estados e cidades de forma involuntária, resultado de guerras, na condição de escravizados, enalços políticos, religiosos ou desastres naturais, bem como uma dispersão por melhores condições de vida (SANTOS, 2008).

coletivamente, bem como aos conflitos, às hierarquias, às tensões e às relações de poder que atravessavam a ação coletiva.

Compreender de onde parte o Seu Vizinho, o carnaval de rua, possibilitou desconstruir a imagem da festa como totalmente democrática e até mesmo como símbolo de unidade nacional. Para desmontar o mito democrático que paira(va) sobre a festa, foi necessário reconhecer as discriminações, especialmente, raciais e territoriais que atravessavam a idealização do Seu Vizinho, ou mesmo sobre a marcada presença dos negros, em grande parte dos casos, como força de trabalho no feriado de carnaval. Da mesma forma, para desnaturalizar o mito da unidade nacional, foi necessário reconhecer e marcar as diferenças existentes entre os diversos foliões e participantes das atividades, especialmente, moradores e não moradores do Aglomerado. Isso evitava o apagamento de conflitos, hierarquias, identidades tão importantes para o fortalecimento de práticas coletivas democráticas. O Seu Vizinho desestabilizava uma estratégia de pacificação⁹⁵ dos conflitos, própria de um projeto civilizatório excludente, violento e homogeneizador, que apenas oculta os conflitos, as práticas de exploração, de discriminação e dominação presentes nas mais diversas esferas da vida, nos diversos carnavais e nas relações que atravessam as experiências da festa.

Dessa forma, a reflexão sobre o SV buscou trazer a multiplicidade, sem ocultar as tensões existentes no contexto. Buscou compreender que existem sujeitos, histórias, práticas de resistência e contextos que não são comumente relacionadas às nossas histórias culturais, políticas e sociais. Injunções modernas/coloniais frequentemente ocultam a grande influência das práticas, da forma de ver o mundo de sujeitos negros, mulheres, crianças e empobrecidos de territórios marginalizados (RODRIGUES, 2012). O Seu Vizinho, nesse contexto cumpre um papel importante de descortinar uma homogeneidade das práticas de resistências e do carnaval, de reivindicar o fim da marginalização e do silenciamento do Aglomerado, de trazer outros corpos, olhares e experiências da favela que são invisibilizadas e estereotipadas pela mídia, e, especialmente de articular diferentes saberes, sujeitos e pautas do movimento como ação coletiva.

Sabemos que, no Brasil, temos uma enorme dificuldade em reconhecer a cultura e as experiências diaspóricas. O imaginário moderno/colonial não nos permite pensar a partir da diferença, pois temos um modelo universal inculcado (SANTOS, 2008). Não obstante, o que o Seu Vizinho reforça é a necessidade do reconhecimento das diversas experiências, modos de

⁹⁵ Ver Oliveira (2017, p. 40-44)

ser e viver o cotidiano. Os sujeitos de diferentes classes, raças, gêneros e gerações vivenciam relações particulares de cultura para cultura. Assim, é necessário que a gente se reconheça na diferença para que não haja homogeneizações e criação de novos estigmas e estereótipos pejorativos. Pensar o Seu Vizinho, é também compreender esse processo histórico ao qual fomos nos constituindo como sociedade.

Compreender o Seu Vizinho como uma experiência diaspórica é reconhecer esse complexo agrupamento de sujeitos de diversas partes e com múltiplas formas de pensar, se organizar, de viver o cotidiano e produzir cultura. Por isso foi importante dar ênfase nas trajetórias de vida dos jovens. Nelas foi possível perceber múltiplas facetas que auxiliaram a produção da ação, como: a importância do grupo de amizades (Família Ribeiro e Matheus), o escotismo, a escola, a universidade e suas identidades territoriais, raciais e de gênero, com ênfase na centralidade das mães, na construção dos processos de escolarização dos jovens e acesso a diferentes espaços formativos. Trata de uma construção local com influências globais e ao mesmo tempo de uma construção global influenciada pelo local. Ou seja, não somos iguais por termos uma cultura comum, mas somos diversos e diferentes e construímos outras possibilidades a partir das nossas diferenças (GILROY, 2012; HALL, 2013).

Denotamos, por exemplo, como a construção do Seu Vizinho, bem como a construção identitária dos sujeitos envolvidos nessa ação coletiva, foram atravessadas pelas relações de dominação, de exploração e de discriminação, inquietando os implicados na ação a pensarem nas pautas territoriais, raciais e de gênero, a partir do diálogo e do reconhecimento. O Seu Vizinho se repensou e se afirmou como um Movimento educador diante dos atravessamentos e opressões que fazem parte de uma sociedade moderna/colonial.

No entanto, os jovens em suas trajetórias, no processo de idealização e desenvolvimento da ação foram capazes de refletir constantemente, de se colocarem sempre na posição de idealizar, colocar em prática e refletir sobre ação, reformulando permanentemente o percurso do Seu Vizinho. Assim, foi possível perceber a luta para a transformação dos estigmas pejorativos que acompanham o Aglomerado da Serra e os moradores, através do discurso, mas também da ocupação dos espaços físicos – centros culturais, ruas e bares- por meio das reuniões, do Papo Reto, do rolês/cortejos, a forma de organização baseado no diálogo e no reconhecimento dos diversos participantes e na constante reflexão sobre a ação e a movimentação de pautas que a cercavam, como: a questão racial, a questão da mulher, o contexto político, identidades e o próprio território.

Embora, essa multiplicidade de encontros seja parte da nossa formação social, existe uma base cultural predominante. No trecho da música que abre as palavras finais, o artista expressa uma matriz cultural, étnica e racial através das frases “*A cor dessa cidade sou eu, o canto dessa cidade é meu*”, que é predominante na formação social, política e cultural do país e do continente americano. Desta forma, para a interpretação do Seu Vizinho, foi necessário refletir, especificamente, sobre a diáspora Negra ou Africana⁹⁶. Assim, é imprescindível dizer que a população negra, muito além da exploração e dominação a que foram submetidos, marcaram e marcam nossa formação social, política e cultural (DOS ANJOS, 2011; GILROY, 2012).

No Seu Vizinho, essa característica diaspórica negra pode ser vista através da formação social do Aglomerado da Serra – a partir da exclusão, segregação e desterritorialização de sujeitos por melhores condições de vida na capital-, e, por meio da forte presença de sujeitos negros na ação coletiva, os jovens organizadores, as crianças, as *mães do bloco*, os sujeitos de outros coletivos, os sujeitos moradores da comunidade, bem como, a música percussiva e a corporeidade.

Pode-se dizer que o rico encontro cultural proporcionado pelo Seu Vizinho, desde sua idealização possui um modo de organização próprio, que se molda e se transforma no encontro e no compartilhamento de saberes e conhecimentos de cada um. Todavia, nota-se uma evidente base cultural à qual estavam submetidos, a cultura negra. A música percussiva, por exemplo, predominante no carnaval e principal oficina do Seu Vizinho, representa para as comunidades negras, uma maneira expressiva, autêntica e antidiscursiva de comunicação (GILROY, 2012; HALL, 2013). Nesse sentido, o carnaval, a oficina de percussão, os instrumentos, os sinais da regência e a corporeidade estão muito além do estigma do exotismo e do misticismo, estão em face e contraponto à ciência e à filosofia moderna que se utiliza exclusivamente da linguagem textual (GILROY, 2012). Essa cultura expressiva é marca de outra história possível de ser contada, para além da subordinação enfrentada ou condição de subalterno dirigida a essa comunidade.

⁹⁶ Compreendo a diáspora Negra ou Africana como a dispersão de sujeitos negros na condição de escravizados e/ou por melhores condições de vida, bem como, “os descendentes africanos nas américas e o rico patrimônio cultural construído” (LOPES, 2004, p. 237; SANTOS, 2008). É possível dizer que, o Brasil, como conhecemos hoje, se fundou a partir da diáspora Africana na relação direta com o projeto moderno/colonial europeu. Se não houvesse a escravidão no Brasil não haveria como sustentar as colônias, as oligarquias e, posteriormente, a mão de obra para a industrialização (DOS SANTOS, 2014), tampouco, seria possível perceber o rico patrimônio cultural construído por esses sujeitos.

A experiência da diáspora negra é caracterizada pelo hibridismo, se relaciona com os diversos encontros possíveis proporcionados pelos deslocamentos e no encontro com outras culturas, haja vista a presença de pessoas brancas e não moradoras da comunidade na construção da ação. Ou seja, não se trata de revelar uma “essência” da cultura negra ou colocá-la no lugar de origem da cultura musical brasileira. Ela se transforma nas relações entre as noções de enraizamento e deslocamento, de localidade e disseminação (GILROY, 2012).

A música negra, os negros, infelizmente, ainda são subestimados e sua cultura tem lugar inferior na hierarquia moderna, como foi possível perceber desde a história do carnaval da cidade, passando pelas trajetórias dos jovens, até a idealização e concretização da ação. O corpo e a música negra em detrimento da mente e da cultura branca (GILROY, 2012). A música percussiva, os tambores, a corporeidade, embora guardem a memória de uma África na diáspora, são constantemente inferiorizados, classificados como música selvagem e primitiva pelo padrão moderno/colonial. No entanto, Toni Morrison, entrevistada de Paul Gilroy, afirma que a musicalidade negra é complexa, cheia de nuances, artimanhas, te enganam, te exigem disciplina, é e está muito além do movimento, é cura, nutrição, cultura e filosofia, é tradição e modernidade (GILROY, 2012, p. 167). É nesse lugar que, ao contrário de um pensamento racionalista e absolutista, vive uma importante construção cultural e civilizatória negra, na música, na arte, no toque dos tambores, na dança, no corpo, na dramaturgia, na construção coletiva e comunitária.

Nessa perspectiva, como uma experiência diaspórica, o Seu Vizinho é aberto e se constrói no encontro, no compartilhamento das experiências culturais de seus atores. Esse modo de compreendê-lo interpela a pureza e o universalismo moderno/colonial, fornecendo-nos uma chave de interpretação teórica que aborda as diversas experiências culturais a partir da relação entre a incorporação de novos valores e a manutenção das tradições (HALL, 2013).

As práticas de resistência produzidas e organizadas pelo Seu Vizinho estão inscritas, marcadas e atravessadas, necessariamente, nos instrumentos percussivos, na corporeidade, na performance, na dramaturgia, no gesto, no sentimento comunitário compartilhado, que comunicam através da cultura expressiva, o luto e a superação das mágoas da escravização, a consciência histórica (FERREIRA, 2011), a ancestralidade, humanidade e vigor cultural (ROGRIGUES, 2012).

As experiências do Seu Vizinho representam a multiplicidade e o reconhecimento das diferenças, dos fluxos e as trocas culturais entre os sujeitos e territórios permanentes que

ocorrem, representam a própria diáspora. Representam a insubordinação das culturas negras, que insurgem com novas interpretações culturais, civilizatórias, filosóficas, políticas e culturais (GILROY, 2012; HALL, 2013).

Diante disso, é possível dizer que o Seu Vizinho e as diferentes experiências do carnaval no Brasil, são afro-brasileiras, ou seja, são africanas em sua matriz e brasileiras em sua continuidade histórica. Trata-se de uma tradição cultural resistente, no entanto, alterada, recriada, reinterpretada a partir das rupturas, das interrupções e das inovações. Trata-se de uma tradição inventada nos compartilhamentos das experiências de outra concepção de modernidade (GILROY, 2012).

Enfim, é possível dizer que elegemos um caminho para a análise da cultura popular carnavalesca, dentro dos processos, conflitos e relações de poder em que está inserida. O que nos aproxima diretamente da diáspora, negando qualquer tipo de essencialismo, universalismo, purismo que defina essa manifestação cultural de forma padronizada. Portanto, não se trata de uma cultura idealizada e enraizada, nem uma completa e plena mescla cultural (GILROY, 2012; HALL, 2013). Dessa forma, compreender o Seu Vizinho como uma experiência diaspórica expõe as tensões e os conflitos sociais, políticos e culturais que atravessam algumas experiências da festa no Brasil e, assim, nos auxilia a compreender entre os perversos desejos de dominação, exploração e discriminação modernos/coloniais outras formas de ver e viver o cotidiano, a festa.

Um balanço final nos permite dizer que algumas lacunas se apresentam, tendo em vista os limites e as condições desta pesquisa. Ela carece de um diálogo mais profundo com os estudos sobre movimentos sociais e ações coletivas no que tange a organização do movimento, à relação com outras festas populares (Folia de Reis, Congados, Reisados, Festas Juninas) e grupos tradicionais (Quilombolas, Indígenas, Ribeirinhos) diaspóricos, o que não foi possível construir. Além disso, não foi possível considerar com mais profundidade a experiência de outros atores além dos idealizadores e organizadores da ação, como as crianças, outros jovens participantes e, especialmente, as mães. No que se refere ao campo teórico, é possível dizer sobre o alargamento do uso conceitual da diáspora, do diálogo e do reconhecimento⁹⁷ como lentes interpretativas para os estudos de campo.

⁹⁷ Freire (1989; 1987; 1996); Fanon (1983), Honneth (2003; 2013), Fraser (2001; 2008).

O Seu Vizinho, nas suas experiências vindas dos jovens, das crianças, das mulheres e mães, do território, das suas formas de organização e constantes reflexões sobre as práticas e temas que faziam parte do seu cotidiano, produziram outra experiência do carnaval. Como nos diz Tote Gira, “Eu sou o primeiro que canta, eu sou o carnaval”, o Seu Vizinho não é, sem dúvida, o primeiro que canta, ele é reflexo de inúmeros outros blocos, ações coletivas e sujeitos políticos que vieram antes, mas pela expansão das práticas para além do feriado se tornou mais do que um bloco, o próprio carnaval.

Longe de se subordinar a hegemonia monótona dos poderes dirigentes, as experiências do Seu Vizinho se mostraram uma forma de existência, resistência e afirmação cultural e política de grupos sociais marginalizados socialmente, com seus corpos, territórios e modos de vida.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Elmir de. **Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências.** In: SPÓSITO, Marília Pontes (Coord). O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências e Serviço Social (1999-2006). Volume 1. Belo Horizonte: Argvmentvm: 2009.

ALVES -MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ARANTES, Oflia; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. **A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos.** Petrópolis, Vozes, 2001.

ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão (Orgs). **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Centro-sul.** Belo Horizonte, Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte - APCBH; ACAP-BH, 2008.

ARROYO, Miguel G. **Os Movimentos sociais e a construção de outros currículos.** Educar em Revista (Impresso), v. 55, p. 47-68, 2015.

ARROYO, Miguel G. **Descolonizar o Paradigma Colonizador da Infância.** In: Solange Estanislau dos Santos; Flávio Santiago; Alex Barreiro; Elina Elias de Macedo; Ana Lúcia Goulart de Faria. (Org.). Pedagogias descolonizadoras e infâncias: por uma educação emancipatória desde o nascimento. 1ed.Maceió: EDUFAL, 2018, v., p. 27-56.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** Petrópolis, Rio de Janeiro, editora Vozes, 2012.

ARROYO, Miguel G. **Pedagogias em movimento: o que temos que aprender dos movimentos sociais?** In. NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; MIRANDA, Shirley Aparecida de (Orgs.). Miguel González Arroyo: um educador em diálogo com o nosso tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BEIRÃO, Nereide. **Serra.** Belo Horizonte, Conceito, 2012, 88 p.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013, 1ª edição, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. [Online]. Tradução de João Wanderley Garaldi, 2002, n. 19, pp. 20-28.

BORELLI, Silvia Helena Simões et al. **Jovens urbanos: ações estético-culturais e novas práticas políticas.** Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez e Juventud del centro de Estudios Avanzados em Niñez y Juventud de la Universidad de Manizales y el Cinde, vol. 7, núm. 1, (enero-junio), 2009, pp. 375-392.

BRASIL, Erik. **Muitos caminhos até chegar ao samba**. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), São Francisco do Conde / BA. Revista Tempo. Vol. 23 n. 2, resenha, mai/ago, 2017.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre**. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Matéria – **História do Carnaval de BH**. Produção do Jornal da Câmara. Belo Horizonte: 2013. Disponível em: <<http://www.cmbh.mg.gov.br/node/236053>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

CARRANO, Paulo. **A Participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes**. Rio de Janeiro: O Social em questão, Ano 15, nº 27, p. 83-100, 2012.

CHAUVIN, Jean Pierre. **Anticolonialismo**. Revista de estudos de cultura, n. 03, Set.Dez.,2015.

CORSARO, W. **Reprodução interpretativa e cultura de pares**. In: Fernanda Muller, Ana Maria Almeida Carvalho (ors.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. **Aproximando-se do conceito de juventude**. In: CORTI Ana Paula; SOUZA, Raquel. Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

COSTA, Eduardo. **Vila Viva: transformando vidas**. Belo Horizonte, edição do autor, 64 p. 2008.

DAGNINO, Evelina (Org.). **Sociedade e espaços públicos no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DAYRELL, Juarez. **A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação & Sociedade; Sociedade, 2007.

DAYRELL, Juarez. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. México: Revista de Estudios Jovenes, ano 9, nº 22, enero- junio, 2005.

DAYRELL, Juarez. **Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte, Maza edições, 2017.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. **Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chaga à escola**. In: Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo, DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs). – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DIAS, Paola Lisboa Codo. **Sob a lente do espaço vivido: a apropriação das ruas pelos blocos de carnaval na Belo Horizonte contemporânea**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Escola de Arquitetura, 2015.

DOMINGUES, João Paulo M. **Juventude, Escola e Democracia: alguns indicadores para uma prática educativa libertadora**. Belo Horizonte: Monografia (Curso de Pedagogia). 2015, 87 f. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2015.

DOS ANJOS, Rafael Sanzio. **Cartografia da Diáspora Africa-Brasil**. ANPEGE, v. 7, n. 1, número especial, p. 261-274, out, 2011.

DOS SANTOS, Cláudio Emanuel. **A música percussiva: uma experiência sociocultural dos jovens do bloco Oficina Tambolelé**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Faculdade de Educação, 2003.

DOS SANTOS, Joel Rufino. **Diáspora Africana e construção do Brasil é tema de EntreLivros**, 2014. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=F9nQVL7IRsM&t=315s>>. Acesso em 15 de nov. 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983. (Coleção Outra gente; v.1)

FAVELA, Mariana. **Ontologia de la diversidad**. In: MILLÁN, Mária (Ed.). Más allá del feminismo: caminos para andar. Red de Feminismos Descoloniales, 2014.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. 421 p.

FERREIRA, Luis. **Artes musicais na diáspora africana: improvisação, chamada-e-resposta e tempo espiralar**. Outra Travessia, Revista da Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, SC, p. 55 - 70, 01 dez. 2011.

FRASER, Nancy. **Democracia Hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. In: SOUZA, Jessé de (Org.). Da Redistribuição ao Reconhecimento? Dilemas da Justiça na Era Pós-Socialista. Brasília: Ed. UnB, 2001, p. 245-282.

FRASER, Nancy. **Escalas de Justiça**. Barcelona: Herder, 2008. 294p

FREIRE, Paulo. **À sombra dessa mangueira**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educadores de Rua uma abordagem crítica: alternativas de atendimento aos meninos de rua**. 1ª Edição. Bogotá: Gente Nueva, 1989. 33 f.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 93 p. (O mundo, Hoje, v. 24).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Ao som do samba: uma leitura do carnaval carioca**. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

GILROY, Paul. **Atlântico Negro: modernidade e a dupla consciência**. Tradução Cid Knipel Moreira, São Paulo: Editora 34, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade**. São Paulo: Cortez, 2017.

GOMES, Nilma L. **O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes**. Política e Sociedade. Revista de Sociologia Política, v. 10, n. 18, p.133-154, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GONÇALVES, Adalgimar Gomes. **A liberdade inscrita nos sambas enredos cariocas (1943 – 2013)**. Belo Horizonte: Tese (Doutorado). 2016, 278 f. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2016.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In. Revista de Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244

GUIA AFETIVO DO AGLOMERADO DA SERRA. **Projeto Circuito SERRA: transitando na quebrada**, 2018.

GUIMARÃES, B.M. **Favelas em Belo Horizonte – tendências e desafios**. Análise & Conjuntura, Belo horizonte, v.7, n. 2 e 3, mai-dez. 1992

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. In: SOVIK, Liv (Org.) Tradução Adelaine La Guardia Resende [Et al.]. 2ª edição, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2013.

HEERS, Jacques. **Festas de loucos e carnavais**. Anais, nº 6, 1983, librairie Artheme Fayard. Fetes des fous el carnivals. Tradução Carlos Porto, 1ª edição, 1987.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

HONNETH, Axel. **A luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

HONNETH, Axel. **O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos**. Sociologias, Porto Alegre, ano 15, n. 33, p. 56-80, mai./ago. 2013.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através do obrar de Hélio Oiticica**. 4ª Edição, Rio de Janeiro, Casa Nova, 2011.

LIBÂNIO, Clarice de Assis (Org.). Coleção Prosa e Poesia no Morro, v. 4, **Pensando as favelas de Belo Horizonte**, Ensaios, Belo Horizonte: Favela é isso aí, 2007.

LIBÂNIO, Clarice (Org.). **Favelas e periferias metropolitanas: exclusão, resistência, cultura e potência**. Belo Horizonte: Favela é isso aí, 288 p.: il. Fot. Prosa e Poesia no Morro, v 1, 2016.

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. Selo Negro Edições, 2004.

LUGONES, María. “**Subjetividad esclava, colonialidad de género, marginalidad y opresiones múltiples**”. Pensando los feminismos en Bolivia: Serie Foros 2. 1ª ed. La Paz, Conexión Fondo de Emancipación, 2012, pp.129-140

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Analítica da colonialidade e da decolonialidade: dimensões básicas**. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES; Nelson; GROSFÓGUEL, Ramón (Orgs). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 1ª edição, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades)

MARGULLIS, Mario y URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. In: Mario Margulis (editor): La juventud es más que una palabra. Ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Editora Biblos, 1998.

MARICATO, Ermínia et al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1 ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. 112p. (Tinta Vermelha).

MARTINS, Francisco André Silva. **Vivendo e aprendendo a jogar: dimensões formativas de experiências participativas de ação coletiva e militância de jovens em uma ocupação urbana em Belo Horizonte**. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Faculdade de Educação – FaE, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método, criatividade**. 18ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNANGA, Kabelngele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Ralações Raciais e Educação. PENESB-RJ, 05/maio, 2003.

OLIVEIRA, Igor Thiago Moreira. **Sonhos diurnos em meio aos destroços do presente: o movimento Tarifa Zero e a luta pelo direito ao transporte em Belo Horizonte**. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Faculdade de Educação, 2017.

OLIVEIRA, Igor Thiago Moreira. **Uma praia nas alterosas, uma “antena parabólica” ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo**

Horizonte. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Faculdade de Educação, 2012.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; FONSECA, Maria de Jesus da Conceição Ferreira; SANTOS, Tânia Regina Lobato. **A Entrevista na pesquisa educacional.** In: MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno (Org.). Metodologias e Técnicas de Pesquisa em Educação. Belém: EDUEPA, 2010.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos.** Análise Sociológica, v. 25, n. 105-106, 1990.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro.** Porto: Âmbar, 2001. 340p.

PEREIRA FILHO, Hilário Figueiredo. **Glórias, conquistas, perdas e disputas: as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899-1936).** 2006. 225 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PIMENTEL, João. **Blocos: uma história informal do carnaval de rua.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2002.

PINTO, Geíse Pinheiro. **Juventude e Pentecostalismo [manuscrito]: participação social em contexto de favela.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 202 f., 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A reinvenção dos territórios na América Latina/Abya Yala. Conceptos y fenómenos fundamentales de nuestro tiempo,** Universidade Nacional Autónoma do México, Intituto de investigaciones Sociales, mayo, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **O maior carnaval da história da BH.** Sala de Notícias, Belo Horizonte, MG, 27 fev. 2014. Disponível em:<<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=146914&pIdPlc=&app=salanoticias>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

PROUT, Allan. **Reconsiderando a nova sociologia da infância.** Cadernos de pesquisa, v. 40, n. 141, p. 729-750, set/dez. 2010.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (Org). Coleccion Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro, 2005.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder e classificação social.** In: Epistemologias do Sul. São Paulo. Cortez, 2009, p. 84-130.

REIS, Dyane Brito. **A marca de caim: As características que identificam o “suspeito”**, segundo relatos de policiais militares. Caderno CRN, Salvador, n. 36, p. 181, jan/jun. 2002.

RESTREPO, Eduardo. ROJAS, Axel. **Inflexion decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Universidad del Cauca, Popayán, Colombia, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando, 2017. 112p.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

RODRIGUES, Ricardo Santos. **Entre o passado e o agora: Diáspora Negra e Identidade Cultural**. Revista EPOS, Rio de Janeiro – RJ, vol. 3, nº 2, jul/dez, 2012.

SANTO, Spirito. **Do samba ao funk do Jorjão: ritmos, mitos e ledos enganos no enredo de um samba chamado Brasil**. Petrópolis, KBR, 1ª edição, 2011.

SANTOS, Fabrício; MAIA, Marcos. Belo Horizonte original style. Mapa da folia, Belo Horizonte, MG, 03 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.mapadafolia.com.br/2014/03/03/belo-horizonte-original-style/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

SANTOS, José Antônio. **Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida**. In: MACEDO, JR., org. Desvelando a história da África [Online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. Em. OSAL: Observatório Social de América Latina. Ano 6 nº. 16 (jun.2005). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Milton. **Território e Sociedade**. Entrevista com Milton Santos. Entrevistado por Odette Seabra, Mônica de Carvalho, José Corrêa Leite. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2000 (2ª edição: 2000).

SEPÚLVEDA, Lucas Oliveira. **A palavra é sua! Os jovens e os Saraus Marginais em Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação – FaE da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 136 f., 2017.

SOUZA, Janice Tirelli Ponte de. **As insurgências juvenis e as novas narrativas políticas contra o instituído**. Revista Estudios sobre Juventud. Centro de Inverstigacion y Estudios. Instituto Mexicano de la Juventud. Ventana central-Mirada sobre los jovenes en Brasil, Jan-Jul, 2005, pp. 80-111 (Espanhol) e, pp. 298-331 (Português).

SOVIK, Liv. **Os projetos culturais e seu significado social**. Galaxia, São Paulo, n. 27, p. 172-182, jun. 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542914110411>.

TOMMASI, Maria Livia de. **Jovens produtores culturais de favela**. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 22, n. 47, p. 41-62, jan./abr. 2016.

ZALUAR, Alba. **Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ZIBECHI, Raul. **Descolonizar el pensamiento crítico y las prácticas emancipatorias**, Bajo Tierra Ediciones, Quimantú y Zambra-Baladre, 2014; Desdeabajo, Quimantú, 2015.

ZIBECHI, Raul. **Territórios em resistência: cartografia política das periferias urbanas latino-americanas**, Lavaca, Buenos Aires, 2008 y Zambra-Baladre, Málaga, 2012.

ZIBECHI, Raul. **Movimientos sociales en América Latina. El mundo otro en movimiento**, Desdeabajo, Bogotá, 2017.

CARTA CONVITE

DESTINADO AO MOVIMENTO E BLOCO SEU VIZINHO

Título do Projeto: Os jovens e o carnaval: a experiência da festa como expressão política

Pesquisador Responsável: Geraldo Magela Pereira Leão

E-mail: gleao2001@gmail.com / Tel: (31) 99633-0399

Pesquisador co-responsável: João Paulo Mariano Domingues

E-mail: jmarianodomingues@gmail.com / Tel: (31) 97322-0621

O Movimento e bloco de carnaval “Seu Vizinho” está sendo convidado a participar da pesquisa: “Os jovens e o carnaval: a experiência da festa como expressão política” que pretende investigar as experiências vivenciadas por jovens em um bloco de carnaval de rua da cidade de Belo Horizonte. Trata-se de uma busca por experiências de resistência de jovens que aparecem na confluência entre a festa e o enfrentamento dos condicionamentos sociais.

Serão realizadas observações e entrevistas. Apenas os pesquisadores terão acesso a esses registros

Os pesquisadores irão guardar cópias de algumas tarefas realizadas que serão analisadas no futuro. Os nomes dos participantes poderão ser retirados de todos os trabalhos e substituídos por outros, exceto se os/as entrevistados optarem por utilizar os nomes reais. No caso de haver publicações ou apresentações relacionadas à pesquisa, nenhuma informação que permita a identificação dos entrevistados será revelada.

A participação dos integrantes é voluntária, ele pode deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, bem como se recusar a responder qualquer questão específica sem qualquer punição.

A pesquisa irá tratar cada sujeito em sua dignidade e respeitá-los em sua liberdade e autonomia, comprometendo-se com o máximo de benefício e o mínimo de danos e riscos, individuais ou coletivos (beneficência). Para isso todo levantamento feito pelo pesquisador será compartilhado com os sujeitos diretamente envolvidos, a fim de evitar

danos previsíveis (não maleficência), equívocos e falsas interpretações dos dados, bem como a igual consideração dos interesses envolvidos.

Em caso de dúvidas, você pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos nesse termo. Informações adicionais podem ser adquiridas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409-4592; pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º ANDAR, SALA 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901 ou pelo e-mail: coep@reitoria.ufmg.br.

Caso esteja de acordo com os termos deste consentimento, por favor, assine:

Eu, _____,
permito que o Movimento e bloco SeuVizinho
_____ seja investigado.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do responsável pelo(a) aluno(a):

Pesquisadores:

Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões que o (a) participante colocar, da melhor maneira possível.

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do Orientador da pesquisa

Assinatura do Pesquisador Co-

responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ENTREVISTAS

O professor Geraldo Magela Pereira Leão e o mestrando João Paulo Mariano Domingues da Faculdade de Educação da UFMG têm o prazer de convidá-lo (a) a participar da pesquisa: “Os jovens e o carnaval: a experiência da festa como expressão política”.

O objetivo desta pesquisa é compreender as experiências vivenciadas por jovens em um bloco de carnaval de rua da cidade de Belo Horizonte. Trata-se de uma busca por experiências de resistência de jovens que aparecem na confluência entre a festa e o enfrentamento dos condicionamentos sociais.

A coleta de dados será feita por meio de entrevistas, que serão gravadas e transcritas. Essas entrevistas se constituirão principalmente de relatos da sua participação no “Movimento e bloco Seu Vizinho”. Os locais e horários das entrevistas serão combinados com você, respeitando sua disponibilidade e preferência. Você não terá nenhum custo com a pesquisa.

Gostaríamos de esclarecer que o uso do material coletado será destinado exclusivamente para a realização desta pesquisa. Vale ainda ressaltar que estamos disponíveis para qualquer esclarecimento no decorrer da pesquisa e que você tem a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, não tendo nenhum constrangimento por isso.

A pesquisa irá tratar cada sujeito em sua dignidade e respeitá-los em sua liberdade e autonomia, comprometendo-se com o máximo de benefício e o mínimo de danos e riscos, individuais ou coletivos (beneficência). Para isso todo levantamento feito pelo pesquisador será compartilhado com os sujeitos diretamente envolvidos, a fim de evitar danos previsíveis (não maleficência), equívocos e falsas interpretações dos dados, bem como a igual consideração dos interesses envolvidos.

Em caso de dúvidas, você pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos nesse termo. Informações adicionais podem ser adquiridas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409-4592; pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º ANDAR, SALA 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901 ou pelo e-mail: coep@reitoria.ufmg.br.

Eu _____, declaro que fui consultado (a) pelos responsáveis pelo projeto de pesquisa, Geraldo Magela Pereira Leão, telefone (31) 99633-0399 e João Paulo Mariano Domingues, telefone (31) 97322-0621 e

respon-di positivamente à sua demanda de realizar a coleta de dados de sua pesquisa por meio de entrevistas, bem como autorizo a utilização do um nome real. Terei liberdade para manifestar minha adesão ou não ao projeto, sem qualquer prejuízo. Entendi as informações fornecidas pelo pesquisador e sinto-me esclarecido (a) para participar da pesquisa. Participo da pesquisa, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido.

Assinatura: _____

Geraldo Magela Pereira Leão

João Paulo Mariano Domingues

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

2. Conte um pouco sobre você.

(Infância no Aglomerado ou relação com o Aglomerado; família; escola; trabalhos; outras experiências que você acha importante)

3. Fale um pouco sobre como é ser um morador do Aglomerado da Serra. Qual sua relação com o Aglomerado da Serra?

4. Conte como e porque você começou a participar do movimento? Como é sua participação no movimento? Sua família apoia a sua participação?

5. Como você definiria o movimento Seu Vizinho?

Coletivo cultural? Movimento Social? Movimento de Favela? Dimensão política? Dimensão comunitária? Dimensão racial? Dimensão cultural? (Como tais dimensões chegam no bloco?)

6. Como você vê as atividades e a forma de organização do movimento?

(Reuniões semanais, Oficinas, Papo Reto, Redes Sociais, Reuniões esporádicas com voluntários, o lanche, financiamento, as mães do bloco, os rolês/cortejos, institucionalização do movimento.

7. Como você vê a relação do bloco com o Aglomerado?

O território (favela); os eventos; os outros coletivos; paradigma morro x asfalto

8. Para você, quais são os maiores desafios do movimento Seu Vizinho?

(Adesão dos moradores do morro, acesso aos instrumentos, construir uma proposta política educativa?)

9. Quais os desafios na mobilização de jovens pra participação no bloco?

(Os jovens do tráfico, os jovens da igreja)

10. Como você avalia sua experiência pessoal no movimento? Houve alguma mudança? Essas mudanças refletem no movimento?